

MAJOR VASCO DE CARVALHO

---

# A 2.ª Divisão Portuguesa na Batalha do Lys

(9 DE ABRIL DE 1918)

Prefácio do Sr. General F. Tamagnini

Comandante do Corpo Expedicionário a França



Com 2 cartas e 15 gravuras extra-texto

---

LISBOA 1924 — LUSITANIA EDITORA, LIMITADA — Arco do Limpeito, 17, 1.º

*Stavros  
Panaj.*

*Stavros Luciano Stavros  
Maj. Luf.*

A 2.<sup>a</sup> Divisão Portuguesa  
na Batalha do Lys

(9 DE ABRIL DE 1918)

*Propriedade literária. Reservados  
todos os direitos.*

94 (100) 1974/18

CAR

72M

# A 2.<sup>a</sup> Divisão Portuguesa na Batalha do Lys

(9 DE ABRIL DE 1918)

Prefácio do Sr. General F. Tamagnini  
Comandante do Corpo Expedicionário a França



138851  
16725

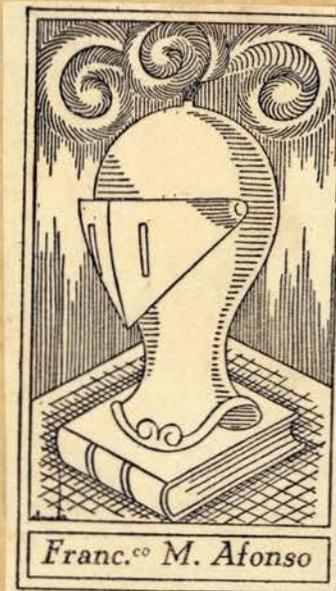


Com 2 cartas e 15 gravuras extra-texto

---

LISBOA 1924 — LUSITANIA EDITORA, LIMITADA — Arco do Limoeiro, 17, 1.º

94(1002)1194/18  
355.43 11918



---

Prefácio do Sr. General F. Tamagnini.

---

Decorridos vão já cinco anos depois que o armistício poz termo à ingente luta, que os Imperios Centraes, de Agosto de 1914 a Novembro de 1918, sustentaram contra as Nações Aliadas, em cujo grupo Portugal se fez representar.

Milhares de vidas perdidas, milhares de invalidos — — mutilados uns, phisicamente depauperados outros por lesões ou doenças adquiridas ou agravadas no cumprimento do arduo serviço de campanha — ; quasi toda a Belgica e algumas regiões da França assoladas e destruidas; a vida economica e as finanças das nações beligerantes, em geral, perturbadas; e longe, muito longe ainda, a realisação dos beneficios tão largamente apregoados para *post-belum* e a garantia da tranquillidade tão desejada.

Cincoenta e cinco mil portuguezes foram mandados para a França, constituindo um Corpo de Exercito a duas divisões, cujos quadros nunca se completaram e que não recebeu os depositos indispensaveis para suprir as baixas, ocasionadas pelas doenças e pelo inimigo, e substituir os repatriados, na maior parte minados pela implacavel tuberculose adquirida nas pantanosas planicies da Flandres.

As tropas embarcaram para a França, não mantendo o grau de disciplina, que seria mistér, nalguns batalhões do primeiro troço expedicionario.

Os soldados desconheciam os officiaes que os comandavam, pois os que haviam dirigido a sua instrucção em Tancos ficaram em Portugal, presos por implicados no movimento de Dezembro de 1916, e tinham sido substituidos por outros, transferidos das unidades mobilizadas, que seguiram para a zona de guerra e por camaradas, não atingidos pela mobilisação, que acompanharam os batalhões unicamente até ao embarque.

A substituição dos officiaes em vespersas de partida, a contrariedade dos transferidos por deixarem os soldados que bem conheciam, a má vontade com que um grande numero partiu para a guerra, affectou a confiança mutua que deve sempre existir entre uns e outros.

Esta circumstancia; a permanencia a bordo durante bastantes dias, no Tejo, sem permissão para vir a terra; a ideia da proxima viagem por mar, completa novidade para a maior parte; o receio de encontro provavel com alguma mina fluctuante ou submarino inimigo; o desembarque em Brest sob uma temperatura de bastantes graus abaixo de zero, a que não estavam habituados; a fraca acção da maioria dos officiaes; e por fim a jornada em caminho de ferro durante dois dias em carruagens nada confortaveis desmoralisaram as tropas, que desceram na estação de Aire-sur la Lys em precario estado de subordinação e disciplina.

Mas, em poucos dias, graças á dedicação e attitude energica d'alguns officiaes das missões, que precederam as tropas em França, e de uma minoria de optimos graduados dos quadros das unidades, a disciplina foi gradualmente melhorada e estava perfeitamente assegurada, quando as tropas entraram nas linhas.

Dos relatorios dos Comandos britannicos, em cujas unidades os nossos soldados receberam o complemento

de instrução, não ha um que deixe de os elogiar, de salientar a coragem com que se mantiveram no seu posto em ocasiões de perigo, e o interesse em se familiarisarem com os varios serviços exigidos pela guerra de trincheiras. Diferentes eram as informações sobre a maioria dos officiaes.

O soldado portuguez tem magnificas qualidades de adaptação, resistencia e valentia. É subordinado e obediante aos seus superiores, quando livre da influencia nefasta dos agitadores, que tem *descido á caserna*, procurando adeptos e numero para derribar governos e fazer revoluções, espalhando a indisciplina no Exercito e a perturbação no Paiz. Acompanha sempre sem a menor vacilação e para toda a parte o official que tenha verdadeiro amor á sua profissão, se lhe imponha pelo exemplo e lhe dedique a atenção e cuidado a que tem jus.

Houve grande falta destes officiaes no malogrado dia 9 d'Abril de 1918, que tão levanamente festejam hoje com sessões solenes, exposições, recitas, etc., quando deviam neste dia limitar-se a manifestações de sentimento pelos que deram a vida em serviço da Patria e escolher melhor oportunidade, por exemplo a data do armisticio ou a entrada do primeiro batalhão ou a primeira divisão nas linhas, para exaltar o *esforço da raça*, expressão agora muito em voga.

Sofreram as armas portuguezas um grande revez; mas, revezes, tem-nos sofrido os mais aguerridos exercitos do mundo.

Perdeu-se uma divisão, unica unidade de combate em que estavam englobadas todas as forças expedicionarias portuguezas, por isso cessou a nossa representação da frente da batalha; mas quantas divisões perdeu cada um dos exercitos aliados num só recontro com o inimigo?

Impressiona mais saber-se que perdeu uma unidade que tem apenas uma, do que ver perder quatro ou cinco quem tem muitas; por isso tanto se falou no revez sofrido pela Divisão portugueza! . . .

\* \* \*

Nos primeiros tempos de serviço nas linhas a acção das nossas tropas mereceu repetidas vezes o elogio dos Comandos britannicos a que o C. E. P. estava subordinado.

Depois, causas varias, que o Commando não tinha meios de remediar, como: a falta de reforços, a alteração do regimen das licenças pela Secretaria da Guerra, a demora em Portugal dos officiaes, vindos com licença, muitos dos quaes não mais voltaram à Zona de guerra, a prohibição ás praças de pret de utilisarem a via terrêstre para vir ao País, o enervamento produzido por, alguns mezes de permanencia no serviço de trincheiras sem esperança de rendição, as noticias dos jornaes portuguezes, etc., produziram um desalento geral, crescente de dia para dia.

Alguem então lembrou-se de propalar o boato de que ao cabo de um anno de serviço nas linhas seriam todos rendidos e repatriados. Isto bastou para levantar o moral das tropas que voltaram ao primitivo estado, e assim se conservaram durante o mez de Março, epocha mais trabalhosa da Campanha e que maior número de baixas causou.

Durante esse mez não lograram descanso, pois eram frequentissimos os ataques por fortes patrulhas alemãs de effectivo variavel, que obrigavam as tropas a um

àlerta quasi constante. Apresentava-se diariamente ás inspecções de saude avultado numero de praças a quem os medicos arbitravam dois ou tres dias de convalescença, que passavam a dormir nas ambulancias, regressando depois ao seu posto — prova evidente do seu extenuamento.

Apareceu alfim nos ultimos dias de Março o tão desejado decreto do *roulement*, de ha muito anunciado nos jornaes e correspondencia ida de Portugal, mas completamente irrealisavel por falta de contingentes.

A seguir, communicou a Secretaria da Guerra, que, por imposição do Alto Comando britanico, não partiria em epocha proxima, nenhum soldado para o C. E. P., e nem mesmo os officiaes, quando terminassem as licenças que estavam gozando no Paiz.

Estas noticias que desvaneceram completamente uns restos de esperança de voltar à Patria, abateu consideravelmente o moral do C. E. P..

Era critica a situação; o descontentamento era geral; os soldados diziam que o Exercito portuguez não era só o C. E. P.; e estavam condemnados a morrer em França os que tinham tido a má sorte de serem os primeiros a marchar para a guerra, não produzindo effeito sobre o seu estado de espirito as proclamações e explicações que lhes eram dadas.

Com o desanimo e o cançasso que avassalavam as tropas, a revolta de um batalhão, que se recusou a entrar nas linhas, fazia prever repetição de casos analogos, e, para os evitar, pediu-se ao Commandante do 1.º Exercito britanico a rendição da Divisão portugueza.

O General achou justificadissimo o pedido e prometeu em curto praso satisfaze-lo. Com effeito, tres dias depois expediu ordem para tropas britanicas substi-

tuirem as portuguezas nas linhas, operação que devia executar-se em 9, 10 e 11 d'Abril.

Foi exactamente n'estes dias que o exercito de Von Quast lançou o brutal ataque, que os alemães denominaram "Batalha d'Armentières,,", á parte da frente occupada por trez divisões, sendo uma a portugueza, sobre a qual incidiu a maior violencia do choque, e cujos quadros, então, estavam reduzidos a cerca de 50 % do seu efectivo de mobilisação.

A nossa 2.<sup>a</sup> Divisão foi esmagada como o teria sido qualquer outra, franceza, ingleza ou alemã, perante o infernal bombardeamento de artilharia de calibres varios e a grande superioridade numerica da infantaria.

No meio da destruição e carnificina em que se desenvolveu o ataque, foi ainda a minoria de optimos officiaes, que com o seu exemplo e prestigio levaram as fracções do seu comando á pratica de actos heroicos, fazendo frente ao impeto do inimigo, demorando-lhe o avanço e dando assim tempo ás tropas britannicas, ao lado das quais ainda combateram, de chegar ao terreno da luta e obstar a que os alemães conquistassem mais de oito kilometros de profundidade no antigo sector portuguez.

Não pretendo fazer aqui a historia do C. E. P.. Essa far-se-ha um dia completa, quando forem conhecidos factos a que as publicações, que bastantes são já, sobre a acção das nossas tropas em França se não referem, e que preciso é cheguem ao conhecimento do Paiz.

Escrevi estas mal alinhavadas paginas a pedido do auctor do trabalho que vae seguir-se, que teve para comigo a gentileza de me escolher para lhe prefaciá-lo o seu livro, onde o leitor vae encontrar uma descripção minuciosa do ataque de 9 de Abril, a narrativa circunstanciada da acção das unidades das diferentes ar-

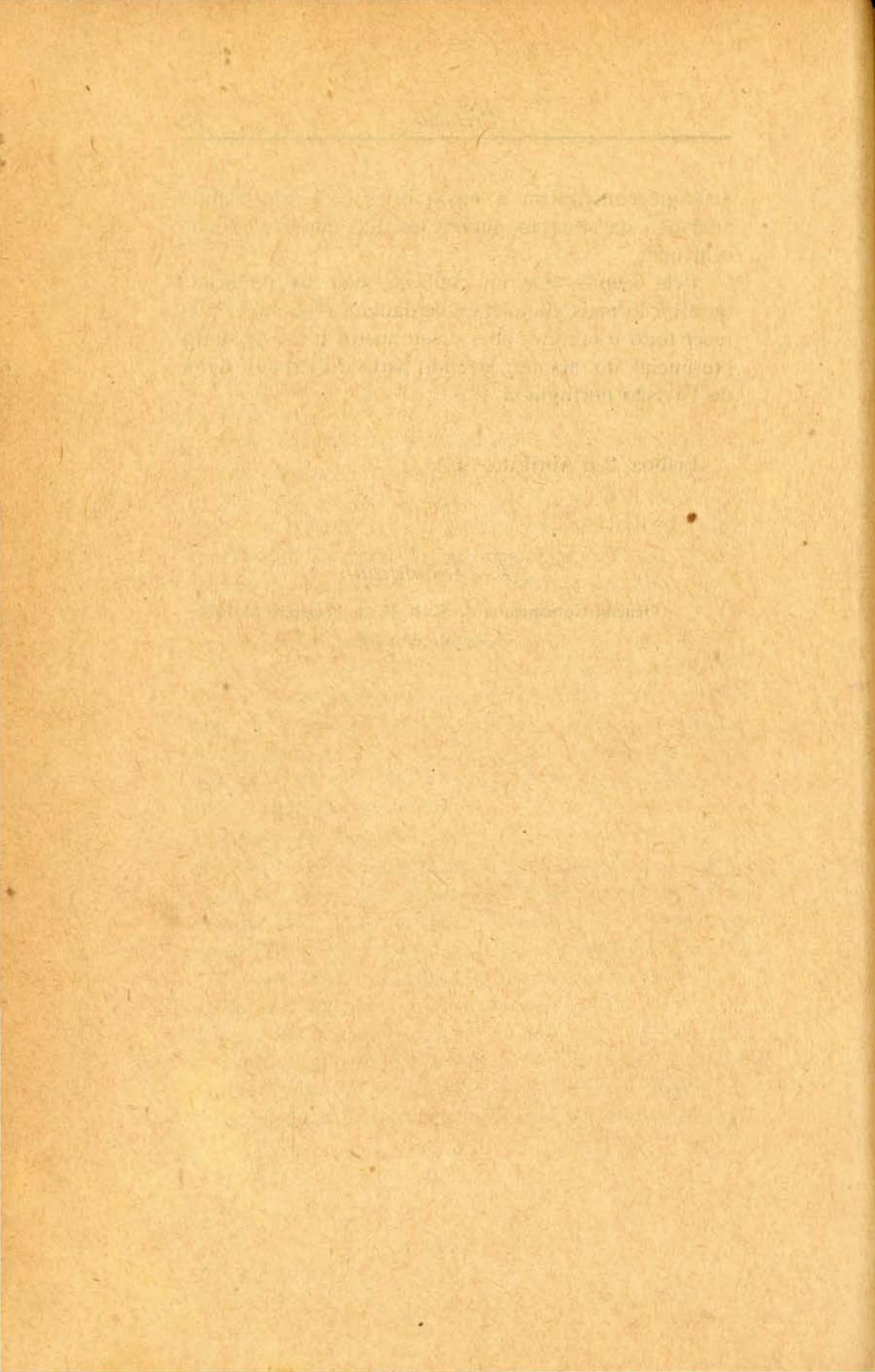
mas que constituíam a nossa divisão, e um estudo analytico da situação durante os dias que precederam o ataque.

Pelo menos, que eu conheça, não ha publicada descripção mais completa e verdadeira e que deve merecer todo o credito, pois o seu auctor foi testemunha presencial do ataque, fazendo parte do Estado Maior da Divisão portugueza.

Lisboa, 2 d'Abril de 1924.

*F. Tamagnini*

General Comandante do C. E. P., de Fevereiro de 1917  
a Agosto de 1918.



---

## Advertência do autor

---

Êste livro não tem a pretensão de ser a história definitiva da nossa participação na batalha de La Lys, nem ela se pode fazer, enquanto paixões ou considerações de ordem pessoal possam ocultar ou deformar a Verdade.

O nosso intuito ao publica-lo foi apenas fixar factos, documentos e testemunhos, dispondo-os de forma a facilitar o trabalho dos que vierem um dia a fazer essa história. Aqui terão um repositório abundante de depoimentos e impressões, colhidos *in loco*, ainda em França e logo a seguir à batalha, por quem foi testemunha presencial de muitos dêstes sucessos e viveu e sentiu tambem a tragédia da Flandres nessa manhã nevoenta de 9 de Abril de 1918.

À nossa experiência pessoal, como oficial do E. M. da 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa, juntámos a leitura e análise detalhada dos relatórios dos oficiais que estiveram na batalha, que tivemos de compulsar, quando fomos encarregados de fazer o relatório do Estado Maior da Divisão.

A síntese destes depoimentos tornou-se particularmente difícil, pelo aspecto de extrema dispersão, desconexão e individualismo, que, pelo menos quanto à nossa divisão diz respeito, esta batalha tomou.

A coordenação cronológica da batalha, feita através destes relatórios, foi especialmente difícil e melindrosa. Em geral o português não tem como o inglês

o sentido do tempo e não vê a necessidade da cronologia para fixar e coordenar os factos.

Vimos relatórios que não tinham uma única indicação horária, a não se incluírem nesta categoria as expressões adverbiais de tempo, e em muitos o mesmo facto aparecia narrado com diferença de uma e até de duas horas. Só com um exaustivo trabalho de comparação entre os numerosos e extensos relatórios individuais pudemos fazer a cronologia das acções de detalhe, harmonizando-a com a marcha geral da batalha.

O comêço do ataque que através de todos os depoimentos dos officiaes que estavam em 1.<sup>a</sup> linha nos parecia ter sido pelas 8 h. ou 8 h. e um quarto teve em realidade lugar mais tarde, precisamente ás 8 h. 45 m., segundo fontes alemãs e inglesas que tivemos occasião de consultar (V. — *Kriegsberichte aus dem Grossen Hauptquartier-Heft 31* e Suplemento da Enciclopédia Britânica na palavra: — "*La Lys*").

Bem contra nossa vontade, foi-nos indispensável escrever considerações de ordem política, sob pena de fazermos obra truncada. As vicissitudes do C. E. P. são absolutamente incompreensíveis para quem se recusa a encara-las sob esse aspecto.

O mistério em que se envolveu a nossa participação na guerra e a ignorância em que ainda hoje nos encontramos das negociações ocultas que a determinaram, impedem-nos de conhecer a verdade inteira a tal respeito.

Isto fez-nos hesitar longamente na publicação dêste livro. O receio de fazer juizos temerários em assunto de tão capital importância mandava-nos esperar que luz fôsse feita por quem tinha obrigação estrita de dar contas ao país de tanto sangue derramado, de tanta lágrima chorada, de tanto dinheiro dispendido.

Mas, como quem muito espera desespera, resolvemos-nos afinal a lançar a público este volume, onde o leitor encontrará:

*a)* a narração detalhada da acção de cada unidade (cap. VI, VII, VIII e IX);

*b)* a síntese da acção das nossas tropas e a sua integração no conjunto da batalha (cap. IV, V e X);

*c)* a análise documentada das circunstâncias morais e materiais em que as nossas tropas se encontravam à hora da batalha (cap. I, II e III).

Cuidadosamente quizemos livrar-nos de pretenciosidades literárias, de descrições fantasiosas e enfáticas com as quais é corrente fazer estilo em assuntos desta natureza, mesmo sob pena de tornarmos o nosso pensado e insulso em demasia.

Um único móbil nos orientou, a uma única intenção obedecemos da primeira à última pagina;— falar verdade sobre um dos factos da história de ontem, que mais desfigurado tem sido através de tanta literatura vaga e declamatória que dêle se tem ocupado, criando um ambiente de falso e artificial patriotismo.

Com isto não temos a pretensão de apresentar uma obra livre de erros e inexactidões, inevitáveis em trabalhos de coordenação de factos como este, cuja dificuldade só quem um dia se abalançou a faze-los póde bem avaliar.

Da benevolência do leitor esperamos que nos releve as faltas e inexactidões involuntárias que decerto nos terão escapado, não obstante o cuidado que puzemos em procurar a verdade.

*Lisboa, Abril de 1924.*

## ERRATAS

Pag. linha	onde se lê	deve lêr-se
46 29	FERME DU BOIS-3. <sup>a</sup> B. I.	FERME DU BOIS-5. <sup>a</sup> B. I.
151 20	G. O. C. 55 th. Div.	G. O. C. 50 th. Div.
152 17	uma Brigada da 51. <sup>a</sup> Div.	uma brigada da 55. <sup>a</sup> Div.
162 24	von Bernhardi (? Corpo)	von Bernhardi (LV Corpo)
175 2	em 1. <sup>a</sup> tinha	em 1. <sup>a</sup> Linha
185 13	4. <sup>a</sup> Div.	40. <sup>a</sup> Div.
183 32	A 151. <sup>a</sup> Brigada	A 152. <sup>a</sup> Brigada
190 4 e 5	frente não portuguesa	frente portuguesa
" 7	era apenas	não era apenas
201 5	as estafetas	os estafetas
224 4	uma outra estafeta foi enviada	um outro estafeta foi enviado
247 18	com que possa combater	com que pudesse combater
269 21	hoje	então
286 8	atingido também	atingido
382 22	errando o itinerário	desviando para o S. o itinerário
392 13	à 152. <sup>a</sup> Brigada (da 50. <sup>a</sup> Div.)	à 152. <sup>a</sup> Brigada (da 51. <sup>a</sup> Div.), perto de Zelobes e bem assim um outro oficial à 151. <sup>a</sup> Brigada (da 50. <sup>a</sup> Div.)
396 10	aparecer	a aparecer
" 32	com mortos	com mortos
403 18	Às 14 h. 30 m.	Às 15 h. 30 m.
414 16	CAPÍTULO VIII—Sector II	CAPÍTULO VIII—Sector III
VIII 2	que tem	quem tem
IX 17	abateu	abateram

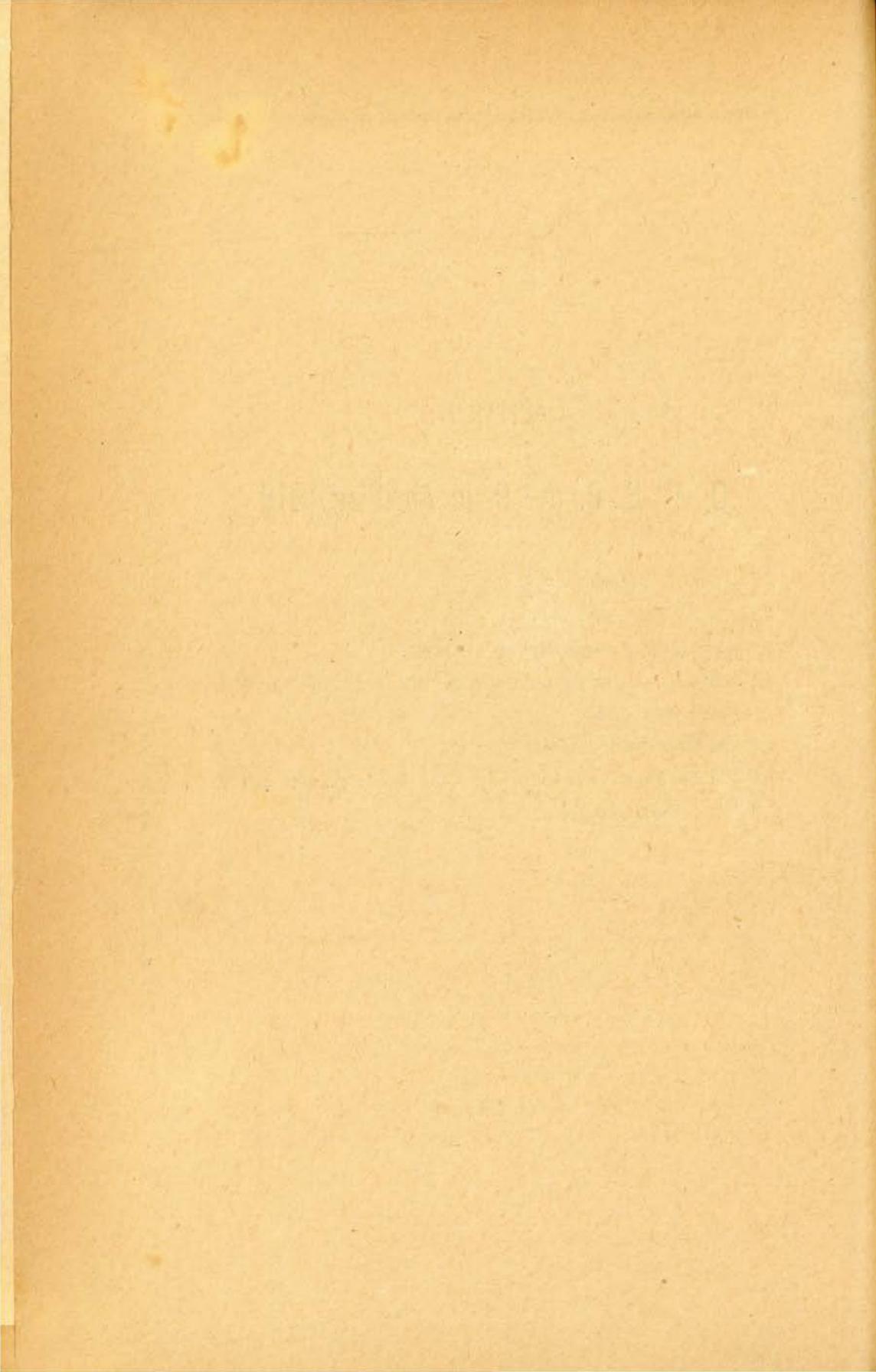


General F. Tamagnini, Comandante do Corpo Expedicionário  
Português a França.

## CAPITULO I

### O C. E. P. até 9 de Abril de 1918

- 1.º — Como se constituiu o C. E. P.
- 2.º — A 1.ª Divisão entra em linha.
- 3.º — Concentração e preparação da 2.ª Divisão.
- 4.º — O C. E. P. garante um Sector de Corpo e a 2.ª Divisão entra em 1.ª linha.
- 5.º — A Convenção de Janeiro.
- 6.º — A 1.ª Divisão retira da linha e a 2.ª Divisão garante toda a Frente Portuguesa.



---

1.º — Como se constituiu o C. E. P.

Pela declaração parlamentar de 7 de Agosto de 1914, quatro dias apenas depois da declaração de guerra da Alemanha à França e três depois da declaração de guerra da Inglaterra à Alemanha, Portugal collocava-se decididamente ao lado da sua velha aliada, a Inglaterra.

Não rompeu desde logo o governo português as relações com a Alemanha, em verdade, mas adoptou uma attitude de neutralidade hostil, chamemos-lhe assim, para com os Imperios Centrais.

Desde então e na seqüencia logica desta attitude os nossos governantes começaram alimentando o desejo de fazer intervir Portugal no conflito, que começara.

Dada a extensão do conflito, provavel era que por êle fôssemos arrastados, emquanto às nossas colonias dizia respeito. A sua defeza e porventura o seu alargamento natural à custa das colonias limitrofes alemãs era um dever, que aos nossos governos se impunha.

Duas expedições foram logo enviadas ás nossas colonias — para Angola a expedição Roçadas, para Moçambique a expedição Massano de Amorim.

A par disto, porém, as principais atenções dos governos portugueses começaram a ser dirigidas em ordem à efectivação da intervenção armada de Portugal no teatro occidental europeu.

Não queremos criticar aqui esta tendencia. Limitamo-nos a expor o facto em demasia hoje conhecido da opinião pública portuguesa.

Todos sabemos, com effeito, (o que é já do dominio da história) que nem os ataques alemães aos nossos

postos da fronteira do Cuangar, na provincia de Angola, nem os attrictos havidos por motivos de espionagem e vigilância na provincia de Moçambique foram conveniente e devidamente aproveitados, para romper relações com a Alemanha e atacar e invadir na medida do possivel as colonias do Sudoeste alemão e da costa oriental. Com a primeira destas colonias havia mesmo uma espinhosa questão de limites, com que convinha pelo menos acabar. Os pretextos não faltaram, pois, para esta guerra colonial necessária e proveitosa.

Não se aproveitaram, infelizmente. Nem mesmo a surpresa de Naulila, onde a expedição Roçadas succumbiu, pareceu aos nossos governantes sufficiente razão, para romper com a Alemanha, nem factos, como o desastre de Newala, sofrido pela expedição Gil, que succedera em Moçambique às expedições Massano de Amorim e Moura Mendes, foram bastantes, para lhes desviar as atenções da ideia fixa de fazer gastar em França tropas e recursos bem mais necessários em África na defesa e aumento dos nossos territorios coloniais.

Por motivos ainda hoje ignorados da Nação as aggressões alemãs, de que foram victimas as nossas expedições africanas logo no final de 1914 e durante 1915, ficaram impunes, sem que nem ao menos ao representante do "Reich" em Lisboa fosse pedida a mais ligeira explicação ou causado o menor incomodo.

Só em 9 de Março de 1916 e por motivo da requisição, a pedido da Inglaterra, dos vapores alemães surtos em aguas portuguezas, levada a efeito em 23 de Fevereiro, é que as nossas relações com a Alemanha foram interrompidas pela declaração de guerra desta potencia.

Durante o ano de 1915 foi tomando corpo a ideia da intervenção armada de Portugal no teatro francês.

Varios planos houve de organizar uma expedição a esse efeito destinada, enquanto uma missão era enviada a Londres a tratar dos detalhes da cooperação militar com o exercito da Gran-Bretanha.

Foi, porem, no final desse ano que a ideia se concretizou, indo-se buscar à 5.<sup>a</sup> Divisão o Sr. General Tamagnini de Abreu para o comando da força expedicionaria, cuja organização com efeito começou logo sob o nome oficial e inocente de *Divisão de Instrução*.

Em principios de Maio de 1916 chegavam ao campo de instrução de Tancos os primeiros contingentes de tropas. E todo aquele verão, cujo excessivo calor tornava quasi insuportavel a vida na desoladora e inhospita charneca de Tancos, se passou em um intensivo trabalho de instrução, que findou em Agosto por um exercicio final de combate nas alturas, a S. E. do Gavião, após o quê toda a Divisão foi desmobilizada.

No entretanto, depois de laboriosas negociações com a Inglaterra chegou-se a um acôrdo sobre a maneira de efectivar a intervenção armada de Portugal na Europa.

Pouco depois de licenciada a Divisão de Instrução, veiu a Lisboa uma Missão militar anglo-francesa.

Com os officiais dessa Missão e alguns do Estado Maior da nossa Divisão de Instrução e sob a presidencia do Chefe do Estado Maior do Exercito, Sr. General Ribeiro, se constituiu a Comissão encarregada de estudar em detalhe a entrada de tropas portuguesas na frente occidental.

Foi decidido enviar uma Divisão com efectivos maiores que os da Divisão de Instrução, reforçando esta com mais uma Brigada de Infantaria, para o quê foram concentrados em Tancos, afim de receber a necessária instrução, os contingentes para esse efeito mandados mobilisar.

Ao mesmo tempo a Divisão de Instrução, cujos effectivos haviam sido licenciados, era mandada remobilisar, mas desta vez com objectivo determinado — a ida para França.

Com os officiaes da Missão anglo-francesa havia sido acordado que a nossa infantaria seria armada em França com espingardas inglesas e que à artilharia de campanha seria attribuido material do modelo francês 7,5 T. R., requisitado à França por intermedio da Inglaterra.

Concluidos estes trabalhos preliminares, em 3 de Janeiro de 1917 foi assinada por Sir Lancelot Carnegie, ministro plenipotenciario da Inglaterra em Lisboa, e pelo sr. Augusto Soares, ministro dos Negocios Estrangeiros, o Memorandum ou Convenção, que regulava a cooperação de tropas portuguezas com as inglesas na Frente occidental.

Segundo ella, a força expedicionaria portugueza seria composta por:

- Um Quartel General de Divisão;
- Tres Brigadas de Infantaria, a dois Regimentos (18 batalhões);
- Quatro Grupos de Metralhadoras, a duas Baterias (32 Metr.);
- Quatro Grupos de Artilharia de Campanha, a três Baterias (48 bocas de fogo);
- Três Grupos de Obuses, a duas Baterias (24 obuses);
- Quatro Companhias de Sapadores Mineiros;
- Um Grupo de dois Esquadrões de Cavalaria;
- Serviços Divisionarios de Engenharia, Artilharia, Saude, Veterinarios e Administração Militar;
- Depositos.

Esta era a constituição da Divisão reforçada, destinada a seguir para França e a que se começou a chamar *Corpo Expedicionario Português* ou abreviadamente C. E. P.

Na Ordem do Exercito de 18 de Janeiro de 1917 era publicado o decreto, que ordenava a concentração do C. E. P. assim organizado, e nomeado para o comandar o Sr. General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva.

Entretanto, afanosamente se tratava dos preparativos para o embarque das tropas expedicionarias, cuja primeira Brigada partia a 30 de Janeiro de Lisboa, e chegava a Brest a 2 de Fevereiro. (1)

Segundo a Convenção o transporte das nossas tropas estava a cargo do governo inglês, a cuja disposição, de resto, tinham sido postos os navios capturados.

Já na segunda quinzena de Dezembro do ano anterior de 1916, e enquanto se remobilisavam e concentravam para o embarque os efectivos do C. E. P., haviam partido para França, por via terrestre, missões de oficiais, destinadas a preparar a recepção dos contingentes e a frequentar desde já as escolas das especialidades, para ao depois por sua vez instruirem as tropas naquella especie de guerra, absolutamente desconhecida para elas.

Por essa ocasião partiram (tambem o Chefe do Estado Maior do C. E. P., o Comandante da Artilharia, o Chefe do Serviço de Saude e ainda alguns officiais do Estado Maior.

O Snr. General Tamagnini, comandante nomeado

---

(1) Compunha-se do 1.º Regimento (Batalhões de Inf. n.ºs 7, 15 28) e do 2.º Regimento (Batalhões de Inf. n.ºs 22, 21, 34.).

do C. E. P., só seguiu para França em 21 de Fevereiro.

Em meados deste mês, tendo-se resolvido que fosse também um Corpo de Artilharia Pesada, o Ministro da Guerra resolveu dar uma nova constituição à força expedicionaria, organisando-a em Corpo de Exercito a duas Divisões normaes em vez de uma reforçada.

Para tal efeito se mandaram mobilisar mais seis Batalhões de Infantaria e dois Grupos de Artilharia de Campanha, alem das formações menores proprias do Corpo.

Foi assim alterado o prescripto no Memorandum de 3 de Janeiro. A 23 de Março era notificado ao Comandante das tropas portuguezas em França que deixava de estar subordinado ao XI Corpo britanico, passando a depender directamente do Comando do 1.º Exercito.

A 20 de Abril foi publicada a nova organização do C. E. P., em duas Divisões, ficando cada Divisão assim constituida :

- |  |                 |                 |
|--|-----------------|-----------------|
| — Quartel General;                                   |                 |                 |
| — 1.ª Brigada  | } 1.º Regimento | { 1.º Batalhão; |
|  |                 |                 |
|  | } 2.º Regimento | 3.º "           |
| — 2.ª Brigada.....                                   |                 | .....           |
| — Dois Grupos de Metralhadoras, a duas Batarias;     |                 |                 |
| — Três Grupos de Batarias Montadas, a três Batarias; |                 |                 |
| — Um Grupo de duas Batarias de Obuzes;               |                 |                 |
| — Uma Companhia de Sapadores Mineiros;               |                 |                 |
| — Três Ambulancias;                                  |                 |                 |
| — Duas Colunas de Hospitalisação;                    |                 |                 |
| — Uma Coluna de Transporte de Feridos.               |                 |                 |

A Artilharia Pesada do Corpo e o Serviço de Aviação seriam fornecidos pelos ingleses, enquanto não chegassem à zona de guerra a nossa Artilharia Pesada e os aviadores.

Para o Serviço de Aviação do C. E. P. foi mandada organizar uma esquadilha; mas dificuldades de toda a ordem, tanto da parte do Gabinete de Lisboa, como do Comando inglês, impediram que esse projecto fosse avante, tendo a aviação inglesa feito sempre serviço no nosso sector, enquanto os aviadores portugueses andaram espalhados pelas escolas de aviação francesas e inglesas. Alguns chegaram a prestar serviço em esquadilhas da frente francesa. Identica coisa succedeu com a Artilharia Pesada; de modo que, em boa verdade, o Corpo Português nunca chegou a ter essas tropas organisadas e enquadradas.

Dois dias depois da chegada a Brest do primeiro contingente de tropas começaram estas a ser transportadas para a zona de guerra.

O enorme trafico, que então havia nas linhas ferreas, tornou este transporte vagaroso. E só após três longos dias de viagem, que o frio intensissimo daquele inverno tornou ainda mais longos e mais insuportaveis, desembarcaram a 7 de Fevereiro de 1917 na zona de guerra os primeiros soldados portuguezes do C. E. P.

Eram os Batalhões de Infantaria 7 e 21.

---

## 2.º — A primeira Divisão entra em linha

Com a chegada do Sr. General Tamagnini de Abreu constituiu-se em 3 de Março de 1917 o Quartel General do C. E. P. na pequena cidade da Flandres francesa de *Aire-sur-la Lys*, nome que de agora em diante ficará impresso na nossa história, se bem que os vestígios da influência hespanhola da grande epoca dos Filipes, que abundam naquela região, fizessem logo acudir ao espirito dos nossos expedicionarios a lembrança de que soldados de Portugal teriam já palmilhado aquelas mesmas estradas e derramado o seu sangue possivelmente naqueles mesmos locais.

E provavel é tambem que logo nos começos da nossa nacionalidade a condessa Matilde, a temeraria filha do nosso primeiro Rei, por ali mesmo tivesse andado batalhando com o grupo de portuguezes, que a acompanhava nas suas correrias belicas através das terras flamengas.

! Quem adivinharia então que de novo sangue português correria tão abundantemente naquele mesmo terreno, classico teatro de tantas tragedias da história!

Tendo começado em 7 de Fevereiro a chegar a *Aire-sur-la Lys* as primeiras tropas do C. E. P., prolongou-se por muito tempo ainda, até ao final do verão, a concentração de todos os restantes elementos do Corpo Expedicionario.

De princípio foi o transporte das nossas tropas feito com sufficiente regularidade; mas a breve trecho os transportes ingleses começaram a faltar e as viagens a espaçar-se.

Depois do primeiro embarque de tropas, em 30 de

Janeiro, efectuou-se durante o mês seguinte o transporte de 338 oficiais e cerca de 12.000 praças em sete transportes ingleses e dois portugueses, tendo quatro dos primeiros feito duas viagens.

Em Março faltou já um transporte português e nenhum dos outros repetiu a viagem, tendo sido apenas transportados 179 oficiais e 6.431 praças.

Durante o mês de Abril foram conduzidos 246 oficiais e 8.000 praças.

Em Maio deixou de prestar serviço um transporte britânico, tendo sido levados para França 356 oficiais e 7.810 praças.

Em Junho já não houve transporte algum de tropas.

Em Julho dois navios ingleses e dois portugueses, aqueles em duas viagens, transportaram 153 oficiais e 7.400 praças.

Em Agosto dois navios ingleses, em duas viagens, e um português conduziram 146 oficiais e 7.444 praças.

Este foi o ultimo transporte desta serie, sem que com êle ficassem completas as unidades constitutivas do C. E. P.

A par e passo que as tropas iam chegando, eram distribuidas pelos seus acantonamentos e depois dos primeiros dias, empregados na instalação e na vacinação anti-tífica, começavam logo a sua instrução nos campos e escolas para esse fim preparados na zona de Théroutanne, que o Comando inglês marcara para acantonamento das tropas do C. E. P.

O frio excessivo daquele inverno, que chegou a -20°, a que os nossos homens não estavam de forma alguma habituados, assim como a chegada á zona de guerra dos varios troços do C. E. P. de maneira irregular, intermitente e demorada dificultou, demorou e prejudi-

cou bastante a instrução, organização e entrada em linha do conjunto das tropas.

Perto de cada séde de Batalhão organisou-se um Campo de Instrução, havendo além disso um Campo Central, por onde passavam todas as companhias de infantaria do C. E. P.

A instrução era dada por duas fases ou em dois periodos sucessivos. No primeiro recebiam os homens na zona de acantonamento da retaguarda a instrução elementar e individual; — esgrima de baioneta, tiro, lançamento de granadas, metralhadoras ligeiras e pesadas e gazes.

Os graduados que primeiro tinham vindo, em Dezembro do ano anterior, e que haviam já cursado as escolas dessas especialidades eram agora por sua vez os instructores.

No segundo periodo as tropas recebiam, mas então já nas linhas, a sua instrução complementar: — serviço de trincheiras e operações de combate peculiares daquela especie de guerra, em que o terreno se disputava sem exagêro palmo a palmo.

Para isso eram as nossas tropas encorporadas em unidades britannicas em qualquer sector da frente.

Isto era feito duma maneira progressiva.

Primeiro os quadros, depois as companhias isoladas eram intercaladas em batalhões ingleses, onde todos aprendiam como se fazia o serviço de patrulhas, de postos, etc.

As companhias permaneciam assim nas trincheiras durante quarenta e oito horas. Os quadros, officiaes e sargentos, acompanhavam os seus camaradas britannicos, aprendendo o serviço junto deles.

Logo que todas as companhias de um batalhão tivessem passado pelos batalhões ingleses, era aquele

encorporado numa brigada, guarnecendo um sub-sector da frente, mas então já com responsabilidade, permanecendo nesta situação durante seis dias. O comandante da brigada tirocinava também junto do Comando de uma brigada britânica.

Depois de todos os batalhões de uma brigada terem feito serviço encorporados em brigadas britânicas, entrava aquela em primeira linha, ocupando um sector com a responsabilidade da defesa, encorporada numa divisão inglesa. O comandante e oficiais do Quartel General das Divisões portuguesas faziam do mesmo modo a sua aprendizagem no Comando de uma divisão britânica.

Assim se procedia desta forma progressiva até que, dadas por prontas da instrução as três brigadas de uma divisão, esta estava apta a tomar conta de um sector divisional e entrava em linha definitivamente.

Tudo isto levava o seu tempo, mas era inevitável. O grau de instrução e organização, com que as nossas tropas se apresentavam a fazer uma guerra tão especial, tão fóra do previsto nos nossos regulamentos, obrigava o Comando do C. E. P. a fazer recomeçar tudo em França, como se os nossos homens fossem simples recrutas e inúteis tivessem sido as fadigas de Tancos. E tão grande importância assumiram estes trabalhos que necessário se tornou em pouco tempo criar no Quartel General do C. E. P. (abreviadamente, Q. G. C. — Quartel General do Corpo) uma nova Repartição não prevista no nosso Regulamento dos Quartéis Generais, Repartição de Instrução — R. I. —, que com o correr dos tempos se tornou também em Repartição de Organização — R. I. O. —, que não teve pouco que fazer durante todo o tempo da guerra em instruir, organizar e reorganizar constantemente as tropas do C. E. P. por virtude de erros iniciais de orga-

nisação por um lado e das necessidades especiais daquela especialíssima guerra por outro.

A-pesar, porém, de a instrução das tropas ter de ser dada por assim dizer do princípio, o Comando do C. E. P. empregou os maiores esforços, para que não se demorasse a entrada em linha de todo o Corpo mais do que o absolutamente necessário.

Se o contrario succedeu, isso se deveu à maneira irregular e tumultuaria, com que o Gabinete da Guerra em Lisboa procedia ás operações de mobilisação, concentração e transporte das tropas, apesar dos reais desejos, que tanto a sua imprensa officiosa mostrava, como as ordens instantes enviadas ao Comando do C. E. P. indicavam, de que se não demorasse a entrada em fogo dos effectivos portuguezes.

Deu isso em resultado que o C. E. P. só em Novembro de 1917 poudo entrar em linha, guarnecendo um sector de corpo, nunca tendo o Comando do C. E. P. conseguido ver completos os effectivos das suas divisões e os depositos de tropas da Base.

No desenvolvimento do programa de instrução estabelecido, a 2 de Abril, dois mēses depois da chegada a França do primeiro trôço de tropas, partiram para as trincheiras as primeiras companhias de infantaria, com o fim de se encorporarem em batalhões ingleses da primeira linha.

Depois, umas trás outras, as unidades da 1.<sup>a</sup> Divisão, companhias, batalhões, brigadas, tomaram para o mesmo effeito o caminho das trincheiras. Em breves dias, a 1.<sup>a</sup> Divisão estava pronta para guarnecer um sector divisional.

No entretanto e ao tempo em que dos primeiros escalões do C. E. P., uns estavam já na frente em contacto com o inimigo e outros se preparavam na área de

Thérrouanne, para seguir para a linha de batalha, os últimos trôços, porventura metade da totalidade dos efectivos do Corpo, estavam ainda a mobilisar e concentrar em Portugal.

Sobre a organização do C. E. P. ainda não havia também ideias assentes e resolvidas.

Primitivamente projectado para uma Divisão reforçada, depois aumentado de modo a formar três Brigadas de dois Regimentos, de novo reorganizado em verdadeiro Corpo de Exercito a duas Divisões de duas Brigadas com dois Grupos de Artilharia Pesada de Corpo, a cinco Batarías, para logo a seguir, em 29 de Abril, ser ainda, e finalmente, reorganizado em duas Divisões de três Brigadas a quatro Batalhões, á inglesa (1),

(1) Com esta nova e última organização de 29 de Abril, cada Divisão ficou assim constituída :

- Quartel General ;
- Três Brigadas de Infantaria, a quatro Batalhões ;
- Dois Grupos de Metralhadoras ;
- Três Batarías de Morteiros Ligeiros ;
- Duas Batarías de Morteiros Médios ;
- Três Grupos de três Batarías de Artilharia de Campanha ;
- Duas Companhias de Sapadores Mineiros ;
- Uma Secção de Telegrafia por Fios ;
- Três Ambulancias ;
- Duas Colunas de Hospitalisação ;
- Uma Coluna de Transporte de Feridos ;
- Uma Secção do Comboio Automovel ;
- Uma Secção Automovel de Transporte de Feridos.

Tudo isto perfazia teóricamente um total de cerca de 17.600 homens, 3750 solípedes e 570 viaturas fora os automoveis.

Segundo esta organização foram criados á semelhança das unidades inglesas os lugares de 2.<sup>os</sup> Comandantes nas Brigadas, Batalhões, Grupos, Companhias e Batarías.

A Brigada ficou assim como as inglesas, quasi uma autêntica Brigada Mixta. O seu Comando, verdadeiro Quartel General com os respectivos serviços, ficou assim constituído por :



ponsabilidade a um batalhão completo dos nossos, mas ainda encorporado numa brigada inglesa. Era o Batalhão de Infantaria 34 do comando do capitão Mota.

Passou-lhe revista em ordem de marcha no dia 5 o Comandante do 1.º Exército (Horne). Sucessivamente, nos dias subseqüentes, os restantes batalhões da 1.ª Divisão foram submetidos à mesma prova.

Simultaneamente com as unidades de infantaria as baterias de artilharia recebiam a sua instrução encorporadas nos grupos de baterias ingleses.

A 30 de Maio o sector de FERME DU BOIS era já inteiramente confiado a uma brigada portuguesa, a 1.ª B. I., e a 16 de Junho outra brigada, a 2.ª B. I., tomava igualmente conta do sector de NEUVE CHAPELLE, ao mesmo tempo que o Q. G. 1 se instalava em Lestrem, dirigindo a defesa destes dois sectores.

Uma brigada inglesa, a 148.ª B. I., constituía a reserva da Divisão, enquanto a 3.ª B. I. completava na 49.ª Divisão inglesa a sua instrução.

A 1.ª Divisão ficava tácticamente dependente do XI Corpo inglês (Haking) e apenas para efeitos administrativos e disciplinares sob as ordens do Comando do C. E. P.

Em 10 de Julho a 3.ª B. I. entrava no sector de FAUQUISSART. Assim ficava confiada á 1.ª Divisão toda a zona, que em frente da ribeira de La Lawe veio a ser depois o *Sector Português*, constituído pelos três sectores de brigada, já citados: FERME DU BOIS, NEUVE CHAPELLE, FAUQUISSART,— ainda exactamente o mesmo, em que á 2.ª Divisão estava reservado sofrer o grande ataque de 9 de Abril.

Nesse mesmo dia, 10 de Julho, o Q. G. C. transferia para a frente o seu primeiro escalão, de Roquette, *Chateau* de La Morande, para St. Venant.

---

### 3.º — Concentração e preparação da 2.ª Divisão.

À retaguarda, na área de Théroouanne, as tropas da 2.ª Divisão continuavam a concentrar-se e a preparar-se, à medida que as suas unidades iam chegando de Portugal.

O Quartel General, que de Fauquembergues se deslocara para a *Ferme St. André-Les Tourbières*, cêrca de Aire-sur la Lys, logo que a 1.ª Divisão marchara para a frente, foi depois instalar-se em Roquetoire no funebre *Chateau* de La Morande, quando o 2.º escalão do Q. G. do C. E. P. se foi juntar ao 1.º em St. Venant.

O segundo periodo da sua instrução começou a 7 de Julho com a marcha das companhias da 4.ª Brigada para sectores ingleses.

Vimos que a partir de 11 de Julho a 1.ª Divisão tomara a seu cargo a defesa de tres sectores e dispunha em primeira linha todas as suas Brigadas.

Ao receber a ordem para este alargamento de frente, o seu Comandante, General Gomes da Costa, notificara já em 8 de Julho para o Q. G. do C. E. P. que ficava em situação de não poder dispor para qualquer eventualidade de reserva alguma á retaguarda e pedira que lhe fossem dadas tropas, para constituir uma Reserva Divisionaria.

A artilharia da 1.ª Divisão já tinha sido reforçada com mais um grupo de baterias de artilharia da 2.ª Divisão, o 4.º G. B. A.; e em virtude deste pedido a 4.ª B. I. da 2.ª Divisão foi transportada em 21 de Julho de Enquin-les-Mines, na área de Théroouanne, para Vieille Chapelle, na zona da frente, e distribuidos os

seus batalhões na área da retaguarda da 1.<sup>a</sup> Divisão, onde ficou como sua Brigada de Reserva.

Ilusoria reserva esta, porque os batalhões da 4.<sup>a</sup> B. I., inexperientes ainda na guerra de trincheiras, desconhecendo completamente a organização defensiva do sector, não poderiam prestar mais que um auxílio moral bastante problemático.

De resto, enquanto as tropas da Brigada não completassem a instrução de serviço de trincheiras, os seus batalhões andavam dispersos, hoje um, amanhã outro, pelos sectores ingleses nos flancos da 1.<sup>a</sup> Divisão.

Destá forma um batalhão, pelo menos, estava sempre fora da área da 1.<sup>a</sup> Divisão, não tendo esta ao seu dispor mais que um maximo de três batalhões de reserva.

Isto mesmo o significava o Snr. General Gomes da Costa ao Comando do Corpo em 30 de Julho, pedindo que lhe fosse dada uma Reserva de Divisão, *capaz de lhe prestar um eficaz auxílio.*

Como não havia outro recurso, a 4.<sup>a</sup> Brigada continuou a acumular as suas funções de Reserva Divisio-naria com a instrução complementar das suas tropas nos sectores britannicos.

Em Agosto esta poude considerar-se terminada; e os seus batalhões, já recebido o baptismo de fogo, foram distribuidos pelos acantonamentos de Tombe Wil-lot (Batalhão de Infantaria 3), Paradis (Batalhão de In-fantaria 8), Croix Marmuse (Batalhão de Infantaria 20) e Épinette (Batalhão de Infantaria 29), com o Q. G. da Brigada em Vieille Chapelle.

Pouco tempo permaneceu a 4.<sup>a</sup> B. I. nesta situação.

De entre as tropas da 1.<sup>a</sup> Divisão algumas unida-des começavam já a dar sinais de cansaço e, sobretudo, a 1.<sup>a</sup> B. I. mostrava necessidade absoluta de ser rendida.

Fôra a primeira brigada a entrar em linha, estando nas trincheiras já desde 30 de Maio, não contando ainda os dias do mês de Abril, em que as suas tropas durante o segundo período de instrução tinham feito serviço nas trincheiras britânicas.

Tinha já, pois, três meses de primeira linha, tempo normal de trincheiras, depois do qual as brigadas britânicas costumavam ir descansar.

A sábia organização, que os ingleses tinham dado às suas forças de campanha, com a divisão constituída em três brigadas, organização que depois de varias tentativas o nosso Ministério da Guerra fôra enfim levado a adoptar para o C. E. P., preconisava naturalmente na situação de defensiva, que era a do nosso sector, o dispositivo da divisão com duas brigadas em 1.<sup>a</sup> linha e outra em reserva.

Disponha-se assim de uma fôrça na retaguarda para guarnecimento das Linhas de Reserva em caso de ataque e tornava-se facil a rendição graduada e alternada, dentro da divisão, das brigadas de 1.<sup>a</sup> linha.

Ficavam deste modo intactas as forças da divisão, Reserva do Corpo, até que o tempo chegasse de render integralmente a divisão em 1.<sup>a</sup> linha.

Não se procedeu assim com a 1.<sup>a</sup> Divisão.

No desejo patriótico, talvez, mas insensato, por desproporcionado às nossas forças, de ocupar um sector importante, quanto possível grande da frente de batalha, a 1.<sup>a</sup> Divisão dispôs, assim que isso lhe foi possível, as suas três brigadas em 1.<sup>a</sup> linha, ficando desde logo sem reservas, sem tropas suas, para substituição das que se fossem fatigando.

Teve portanto que se recorrer para este efeito às unidades da 2.<sup>a</sup> Divisão, da pobre 2.<sup>a</sup> Divisão, que por um lado era assim desfalcada das suas primeiras uni-

dades instruídas, enquanto por outro ainda de Portugal faltavam chegar os últimos batalhões e batarias, que a haviam de constituir, em harmonia com a sua Ordem de Batalha.

Foi assim que se transferiu da 2.<sup>a</sup> para a 1.<sup>a</sup> Divisão a 4.<sup>a</sup> Brigada de Infantaria, para ir logo render a 1.<sup>a</sup> Brigada no sector de FERME DU BOIS, onde entrou em 23 de Setembro.

Transferido foi igualmente o 4.<sup>o</sup> G. B. A., que de resto já ha muito fazia serviço por empréstimo na frente da 1.<sup>a</sup> Divisão.

Não foi sem grande resistencia da parte do Comando da 2.<sup>a</sup> Divisão que tal transferência se effectuou pela desorganisação, que ella produzia na preparação da Divisão, a quem iam assim tirando os melhores elementos, quando de Portugal não tinha ainda acabado de chegar o restante das suas unidades.

Era, em verdade, natural que o Comando da 1.<sup>a</sup> Divisão desejasse continuar em 1.<sup>a</sup> linha o mais tempo possível, com a maior frente de batalha possível, se bem que isto acarretasse com o tempo a transformação da 2.<sup>a</sup> Divisão numa divisão-deposito da 1.<sup>a</sup>.

Por outro lado, tal tendencia harmonisava-se com o interesse do Comando inglês, para quem assim se simplificava o problema do C. E. P., que então começava já a complicar-se-lhe. A continuidade do mesmo Comando na frente, de um Comandante de Divisão, com quem se entendia, era para elle uma garantia de boas relações e de facilidades.

Tambem, a redução da frente portugueza a um sector divisional assegurava melhor a continuidade e a regularidade do nosso esforço, pela certeza de se encontrar sempre na 2.<sup>a</sup> Divisão, assim transformada em divisão-deposito, as necessarias reservas.

Sob este ponto de vista duas orientações havia a seguir.

Ou dispor as duas divisões do C. E. P. em profundidade, de modo que uma fosse a reserva da outra, o que praticamente redundaria então em ficar a 1.<sup>a</sup> Divisão sempre na frente, visto que os efectivos da 2.<sup>a</sup> não estavam ainda completos e havia necessidade de render algumas unidades da 1.<sup>a</sup>, já fatigadas; ou tentar a todo o custo conservar a 1.<sup>a</sup> Divisão na frente e apressar a entrada da 2.<sup>a</sup> em primeira linha, para que se constituísse o Sector de Corpo, sonho acalentado e longamente preparado em certos meios político-militares, que sinceramente, queremos crel-o, julgavam valorisar assim mais o esforço português.

A primeira orientação era decerto a mais ajuizada por mais proporcionada aos esforços, que em plena desorganização social e política o nosso país era forçado a dispender na Europa e nas duas Áfricas, mas não correspondia como a segunda às intenções dos políticos e megalomaniacos, que prepararam e realizaram a intervenção de Portugal no teatro ocidental da guerra com prejuizo certo da nossa situação em África, como ao depois se veiu infelizmente a verificar.

Foi pois a segunda orientação, a que se escolheu.

O momento em que esta escolha se fêz e em que venceu a opinião do *maior intervencionismo possível*, marca na história da nossa intervenção militar em França um momento decisivo. Decidiu o futuro do C. E. P.; de então em diante o desperdicio do nosso enorme esforço em França era fatal e irremediavel.

Nesta ordem de ideias começou-se a dispor tudo de forma a levar o mais depressa possível para a frente a 2.<sup>a</sup> Div., a tempo ainda de lá emparceirar com a 1.<sup>a</sup>.

Em Portugal o Ministério da Guerra prometera

mandar reforços mensaes, calculados em cerca de 4.000 homens, e, longe de supor que estes reforços necessários viessem a faltar desde a primeira hora, o Comando do C. E. P. com êles contava, para render desde já os efectivos fatigados da 1.<sup>a</sup> Divisão, afim de que esta podesse continuar em 1.<sup>a</sup> linha e assim se viesse a organizar o Sector de Corpo, que tanto se ambicionava.

A este tempo e por motivos, que por melindrosos nos abstemos de tratar aqui, mas todos filiados na maneira como se ia desenrolando a entrada em linha do C. E. P., as condições internas do nosso Corpo não eram das melhores sob o ponto de vista moral e disciplinar.

A política de facção encetara já a sua nefasta obra de confusão e indisciplina.

Para Portugal choviam cartas, queixosas umas, cominatorias outras, de alguns officiais, que acumulavam o serviço de campanha com o serviço do seu partido.

Algumas dessas cartas, que se tornaram conhecidas, quando os revoltosos de Sidonio Paes se apoderaram em seguida á vitória, dos papeis particulares de Afonso Costa e Norton de Matos, eram bem elucidativas das intrigas, desconfianças e rivalidades, que já nos mezes de Setembro e Outubro de 1917 fervilhavam nas altas esferas do C. E. P., começando a descompor-lhe o moral e a disciplina.

Nem mesmo o nome do digno Comandante do Corpo era poupado nestas críticas descabidas e, sobretudo, inoportunas.

Em consequencia de um qualquer incidente desagradavel, surgido no Q. G. da 1.<sup>a</sup> D., em Lestrem, entre o Comandante da Divisão e o Chefe do Estado Maior, o então major Fernando Freiria, foram trocados os Chefes do Estado Maior das duas Divisões, passando

aquele para o Q. G. da 2.<sup>a</sup> D., que jazia ainda na retaguarda, quasi esquecido e desprezado no silencio sepulcral de la Morande, cerca de Aire-sur la Lys, a uns trinta quilómetros da 1.<sup>a</sup> linha.

Resolvida a entrada rapida da 2.<sup>a</sup> Divisão em linha e já sob o impulso do novo Chefe do Estado Maior, começou a apressar-se a preparação das restantes unidades, que eram, à medida que vinham chegando de Portugal, passadas pelos campos e escolas de instrução da retaguarda e despejadas logo depois nos sectores ingleses da frente em complemento da sua instrução. Um official do Estado Maior da Divisão foi para a frente, encarregado, como delegado do Comando, de as receber, acantonar e dirigir.

Tambem, depois de longas e laboriosas negociações por intermedio do Adido Militar em Paris, o falecido coronel Ortigão Peres, conseguira-se do Govêrno francês a venda do material de artilharia, que faltava. A 2.<sup>a</sup> Divisão iria pois em breve para a linha.

Mas, como o facto de dispor e conservar em primeira linha as duas unicas divisões do C. E. P., uma delas já necessitada de ser rendida, era um erro visivel, porque não assegurava a continuidade do esforço português no grau de intensidade, que se desejava, começou a correr no C. E. P. o boato, que uma 3.<sup>a</sup> Divisão ia ser organisada em Portugal com destino a França, onde constituiria a necessaria Reserva do Corpo.

*i Abyssus abyssum invocat!...*

E a-pesar-de todos conhecermos o estado de esgotamento, em que estava o país, sugado tambem pelas expedições ás colonias, todos no C. E. P. o acreditámos, avolumando-se mesmo o boato, a ponto de correr de boca em boca o nome do general, a quem seria confiado o comando — Mendonça e Matos.

Infelizmente, nem a sonhada 3.<sup>a</sup> Divisão veio nunca, nem também chegaram a vir os 4.000 homens e 500 solípedes de reforço, que por mês tinham sido prometidos e tão necessários se estavam tornando.

Desde o começo já, desde Março, que o Comando do C. E. P. mandava para Lisboa repetidos telegramas, pedindo que fossem completados os quadros e mandados seguir para França os oficiais demorados em Portugal.

Em 31 de Março pedia subalternos de engenharia para as Companhias de Sapadores Mineiros, onde entre nove subalternos havia oito milicianos.

Em 9 de Junho notificava á Secretaria da Guerra que os Batalhões-depositos da Base apenas dispunham de dois majores e dezaseis subalternos, que no Batalhão de Infantaria 22 faltavam 2 capitães e 9 subalternos, que o Batalhão de Infantaria 12 tinha seguido para as trincheiras com sete pelotões comandados por sargentos na falta de oficiais, que no Batalhão de Infantaria 35 havia uma companhia só com dois oficiais e que assim era insustentável a situação da Divisão (1.<sup>a</sup> Div.).

Em 22 de Junho já faltavam na 4.<sup>a</sup> B. I. 34 oficiais e na 1.<sup>a</sup> Divisão 49 capitães e subalternos. Nesse dia o Comando enviava para Lisboa uma relação dos oficiais demorados em Portugal, por cuja vinda instava de novo, e requisitava a vinda de 6 subalternos de engenharia, 2 capitães e 9 alferes de artilharia, 21 subalternos de infantaria, 2 oficiais de metralhadoras e 10 médicos.

Em 7 de Agosto mandava dizer que na 1.<sup>a</sup> B. I. faltavam 20 subalternos e na 6.<sup>a</sup> B. I. 30.

Em 26 de Outubro as faltas, notificadas para Lisboa, eram: 40 subalternos na 1.<sup>a</sup> Divisão, 14 capitães e 47

subalternos na 2.<sup>a</sup> Divisão, 3 capitães e 8 subalternos nas tropas de engenharia e sapadores e 3 subalternos no serviço telegrafico.

Umas vezes estas requisições eram satisfeitas, tardiamente e sempre de uma forma incompleta, outras vezes respondiam de Lisboa ao Comando do C. E. P., como em 19 de Maio, que os officiaes requisitados não seguiam, por fazerem falta á instrução dos recrutas!...

Aos instantes pedidos de pessoal e animal respondeu o Ministério da Guerra que a partir de Setembro mandaria para França 4.000 homens e 500 solípedes por mês.

Terminados em Agosto os transportes das unidades constitutivas do C. E. P., ainda em Setembro foram enviados 109 officiaes e 2.156 praças em dois navios ingleses, mas depois de efectuado este transporte o Governo inglês retirou os seus navios. Em Outubro não houve transporte algum de tropas.

Em Novembro um transporte português ainda conduziu três companhias de Infantaria 16.

Depois mais nada.

Segundo o Memorandum de 3 de Janeiro o Governo inglês parece ter-se obrigado só a transportar os effectivos do C. E. P. Terminado este serviço os seus navios retiraram e como o nosso Governo tinha cedido à Inglaterra a grande maioria dos navios apreendidos e os poucos, que ainda conservávamos, começavam a ser absorvidos pelas necessidades do abastecimento do país, não houve depois transportes suficientes para o serviço do C. E. P.

A falta de uma conveniente, regular e garantida Linha de comunicações com Portugal foi bem a morte lenta, mas certa, do C. E. P.

Para preencher as faltas da 1.<sup>a</sup> Divisão, o Coman-

do do C. E. P. esgotou a breve trecho os depósitos iniciais da Base, que por falta de reforços de Portugal não puderam ser renovados.

O C. E. P. viu-se, pois, desde o começo condenado a contar consigo mesmo, com os seus próprios recursos.

Era nestas condições que a 2.<sup>a</sup> Divisão, em vez de render a 1.<sup>a</sup>, ia tomar posição ao lado dela, para que houvesse a vanglória de ter um Corpo de Exercito em primeira linha. No intuito patriótico, queremos crel-o, de mais valorisar o esforço militar de Portugal, ia-se assim imprudentemente, insensatamente, sacrificar a continuidade e regularidade de um esforço modesto, mas serio, á illusória vaidade de uma ficção, que o primeiro ataque a fundo do inimigo faria derruir e reduzir a zero!...

Em pouco tempo a 6.<sup>a</sup> B. I. terminava a instrução das suas tropas e estava apta a entrar em linha. O seu Q. G. instalou-se em La Gorgue, enquanto os batalhões acantonavam como os da 4.<sup>a</sup> B. I. na area da 1.<sup>a</sup> Divisão:— o Bat. de Inf. 1 em Bout Devillè, o Bat. de Inf. 2 em Fosse, o Bat. de Inf. 5 em Épinette, o Bat. de Inf. 11 em Paradis — S.

No entretanto, terminada a concentração dos efectivos da 5.<sup>a</sup> B. I., eram os seus batalhões rapidamente transportados para a zona da frente em comboios de camions emprestados pelo Comando inglês e distribuidos pelos sectores ingleses, contiguos ao nosso, para complemento da sua instrução: o Bat. de Inf. 10 para Erquinghem, Inf. 4 para o sector de Houplines (Armentières), Inf. 13 e 17 para os sectores de Givenchy e do Canal, indo depois acantonar na zona da retaguarda do sector português:— o Batalhão de Inf. 4 em Tombe Willot, o Batalhão de Inf. 13 em Pont Riqueul, o Bata-

Ihão de Inf. 10 em Paradis-N. e o Batalhão de Inf. 17 em Croix Marmuse. O Comando estabeleceu-se em Vieille Chapelle.

A este tempo a 4.<sup>a</sup> B. I., transferida para a 1.<sup>a</sup> Divisão, tinha entrado já no sector de FERME DU BOIS, onde rendera a 1.<sup>a</sup> B. I.

O Q. G. 2 continuava ainda, é certo, na solidão de La Morande, lá para a retaguarda, com os restos da Divisão, formações divisionarias e os 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup> G. B. A.; mas desde este momento a 2.<sup>a</sup> Divisão estava, em verdade, pronta a entrar em linha.

---

4.º — O C. E. P. toma conta de um sector proprio  
e a 2.ª Divisão entra em 1.ª linha.

Não ha dificuldades, que uma vontade teimosa não vença; e se foram vencidas todas as que por tanto tempo contrariaram a ida de uma expedição para combater em França, menos custaram a vencer as que durante algum tempo se opuzeram á entrada do Corpo portugûes em linha com as suas duas unicas divisões na frente, lado a lado.

Em meados de Outubro estiveram no C. E. P. o Presidente, Bernardino Machado, com os seus tres ministros, da Guerra, Finanças e Estrangeiros; e compostas e aplainadas as dificuldades, a 5 de Novembro, a 1.ª Divisão portuguesa deixava de estar subordinada ao XI Corpo e passava a depender tacticamente do Comando do C. E. P., subordinado por sua vez directamente ao 1.º Exercito (General Horne, Quartel General em Lillers).

O C. E. P. entrava assim em linha com a responsabilidade da defesa de um sector proprio, que por enquanto se limitava ao sector da 1.ª Divisão. Mas o sonho longamente acalentado ia entrar agora em plena realisação.

Em La Morande o Comando da 2.ª Divisão esperava com impaciencia a ordem de se reunir na frente às suas tropas.

A 22 de Novembro a 3.ª B. I. da 1.ª Divisão é rendida no sector de FAUQUISSART pela 6.ª B. I. da 2.ª Divisão; e o Quartel General desta abandona, emfim, definitivamente a tranquila aldeia de Roquetoire, para ir instalar-se na zona da frente, em La Gorgue, onde em 26 começa a funcionar com a responsabilidade da defesa

do sector de FAUQUISSART, unico sector de Brigada, que por emquanto lhe é confiado.

Assim a 2.<sup>a</sup> Divisão entrava em linha ao lado da Divisão irmã, e esta continuava na frente, quando as suas tropas, esgotadas, cançadas por um longo serviço de trincheiras, ambicionavam já a rendição e necessitavam descansar.

No sector de NEUVE CHAPELLE as tropas da 2.<sup>a</sup> Brigada, tendo visto as 1.<sup>a</sup> B. I. e 3.<sup>a</sup> B. I. serem rendidas nos sectores de FERME DU BOIS e FAUQUISSART, esperavam agora a vez de serem substituidas tambem.

Mas qual não foi o seu espanto, quando viram a 5.<sup>a</sup> Brigada em 11 de Dezembro ir ocupar o sector de FLEURBAIX, alargando a frente da 2.<sup>a</sup> Divisão!

As duas Divisões tinham agora cada uma dois sectores de brigada a defender. Mas na 1.<sup>a</sup> Divisão a 2.<sup>a</sup> Brigada clamava pela rendição e a 4.<sup>a</sup> B. I. começava, ella tambem, em FERME DU BOIS a dar mostras de cansaço.

Quanto á 3.<sup>a</sup> Divisão, que devia constituir a Reserva do Corpo... nunca chegou a manhã de neveiro, que a havia de trazer!

Com as unidades da 1.<sup>a</sup> Divisão, fatigadas, e as da 2.<sup>a</sup> Divisão, incompletas, em quadros sobretudo, era imprudente o extenso dispositivo adoptado. O Comando inglês reconheceu-o. A fraqueza da nossa linha, assim estendida desde os arredores de Armentières até cerca de Festubert, atemorizou-o e dez dias apenas, depois que a 5.<sup>a</sup> B. I. entrava em FLEURBAIX, os ingleses reocupavam este sector, deixando ás nossas duas divisões a mesma extensão de frente, que de principio tinha sido confiada tão sómente á 1.<sup>a</sup> Divisão.

Pois que as duas Divisões portuguezas deviam continuar, ambas ellas, em 1.<sup>a</sup> linha, dividiu-se a frente ao

meio pela SUNCKEN ROAD e creou-se um novo sector, o de CHAPIGNY, pelo encurtamento dos outros três, para que cada Divisão ficasse com dois sectores de Brigada sob a sua responsabilidade: a 1.<sup>a</sup> Divisão com FERME DU BOIS e NEUVE CHAPELLE, delimitados pela MOLE STREET, a 2.<sup>a</sup> Divisão com o novo sector de CHAPIGNY e o antigo de FAUQUISSART, divididos pela ELGIN STREET.

A 5.<sup>a</sup> B. I. foi destinada ao novo sector de CHAPIGNY, que ocupou em 21 de Dezembro, deixando aos ingleses o sector de FLEURBAIX, onde, deixemo-lo aqui registado, fez uma brilhante figura, conseguindo naqueles dez dias obter a completa identificação do inimigo na sua frente, o que a brigada inglesa, que anteriormente havia guarnecido aquele sector, em todo o tempo da sua permanencia não tinha conseguido, fazendo oito alemães prisioneiros, entre os quais um oficial, o primeiro que caía em poder dos portugueses.

Cada Divisão ficou, pois, com duas Brigadas em primeira linha, assim dispostas de N. para S.:

Corpo	2. <sup>a</sup> Divisão	FAUQUISSART	— 6. <sup>a</sup> B. I.
		CHAPIGNY	— 5. <sup>a</sup> B. I.
Português	1. <sup>a</sup> Divisão	NEUVE CHAPELLE	— 2. <sup>a</sup> B. I.
		FERME DU BOIS	— 4. <sup>a</sup> B. I.

A 4.<sup>a</sup> Brigada pertencia á 2.<sup>a</sup> Divisão segundo a Ordem de Batalha do C. E. P.; e, como necessitava já de ser substituída, poucos dias depois era rendida no sector de FERME DU BOIS pela 1.<sup>a</sup> Brigada e regressava á 2.<sup>a</sup> Divisão, onde ficava na situação de Reserva Divisionaria.

Assim findou o ano de 1917 e começou o de 1918.

O mês agitado de Março de 1918 foi encontrar o C. E. P. sem alterações importantes no seu dispositivo, a não ser as devidas às naturais substituições de brigadas dentro de cada divisão.

O dispositivo do C. E. P. era o seguinte em meados de Março:

Reservas Divisionárias	Brigadas em 1. <sup>a</sup> linha
2. <sup>a</sup> Divisão { 5. <sup>a</sup> B. I. {	4. <sup>a</sup> B. I. — FAUQUISSART 6. <sup>a</sup> B. I. — CHAPIGNY
1. <sup>a</sup> Divisão { 2. <sup>a</sup> B. I. {	3. <sup>a</sup> B. I. — NEUVE CHAPELLE 1. <sup>a</sup> B. I. — FERME DU BOIS.

Situação dos Quartéis Gerais e Postos de Comando dos sectores

Q. G. do C. E. P. (Q. G. C.) . . . . .	St. Venant
" " da 1. <sup>a</sup> Divisão (Q. G. 1) . . . . .	Lestrem
" " da 2. <sup>a</sup> Divisão (Q. G. 2) . . . . .	La Gorgue.

Brigadas em 1.<sup>a</sup> linha:

1. <sup>a</sup> B. I. (FERME DU BOIS) . . . . .	P. C. em C. <sup>so</sup> du Raux
3. <sup>a</sup> B. I. (NEUVE CHAPELLE) " " "	Les 8 Maisons
6. <sup>a</sup> B. I. (CHAPIGNY) . . . . .	" " " Lavantie
4. <sup>a</sup> B. I. (FAUQUISSART) . . . . .	" " " Lavantie.

Brigadas de reserva:

2. <sup>a</sup> B. I. . . . .	P. C. em Vieille Chapelle
5. <sup>a</sup> B. I. . . . .	" " " La Gorgue.



General Simas Machado, Primeiro Comandante  
da 2.<sup>a</sup> Divisão.

---

5.º — A Convenção de Janeiro.

Ao cair da tarde de 5 de Dezembro de 1917 re-  
bentava em Lisboa novo movimento revolucionario.

Em 7 Sidonio Paes vencera definitivamente. Em 8  
a Junta Revolucionaria saía do Parque Eduardo VII e  
instalava o novo Govêrno no Terreiro do Paço.

A noticia do que se passava em Portugal e que  
chegara ao nosso conhecimento pelos jornais ingleses  
recebidos lá, logo na manhã de 9, não era indifferente  
para o C. E. P.

Era evidente que entre os assuntos importantes,  
que o novo Govêrno ia ter que resolver, a questão do  
C. E. P. occupava o primeiro plano.

Diziam os jornais, que entre as personalidades, que  
em 8, no dia seguinte à vitória, afluíram ao Parque  
Eduardo VII a cumprimentar o vencedor, foi notada a  
presença do general Bernardiston, um dos conquista-  
dores da colonia alemã de Kiao-Tcheo no começo da  
guerra e ao tempo chefe da Missão inglesa em Lisboa,  
agente de ligação e representante do War Office junto  
do nosso Ministério da Guerra.

Á cordeal entrevista, que então teve logar ali mes-  
mo no acampamento do Parque Eduardo VII entre o  
General inglês e o Chefe da revolução vitoriosa, ou-  
tras se succederam, onde foi tratado o tema, que já en-  
tão principiava a ser o problema do C. E. P.

Depois de ter dispendido uma enorme energia em  
pôr em França o Corpo Expedicionario, o que lhe le-  
vou cerca de seis meses, havia sido impossivel a Nor-  
ton de Matos completar os seus efectivos e enviar-lhe  
os reforços mensais, de principio calculados como ne-

cessários. As escolas de oficiais funcionavam, é certo, em Portugal; mas os quadros do C. E. P., que já eram deficientes desde o princípio, insuficientes continuaram a ser a-pesar disso, para o que o pesado serviço de trincheiras exigia.

Entre as outras faltas era esta a que maior importância assumia.

Começava a ser por isso afflictiva e necessitava urgente remédio a situação moral e material, em que já no final de 1917 o C. E. P. se debatia.

A 1.<sup>a</sup> Divisão tinha absoluta necessidade de ser rendida. Desde 2 de Abril que as suas tropas se tinham iniciado no serviço fatigante de 1.<sup>a</sup> linha. Desde 16 de Junho que ela tinha sob sua responsabilidade a defesa de um extenso sector, que antes da entrada em linha da 2.<sup>a</sup> Divisão tinha cerca de 12 quilómetros de desenvolvimento.

Pequenos factos preanunciavam outros mais graves, que ao depois se vieram a dar, motivados pela demora na execução das medidas, acordadas em Lisboa entre Bernardiston e Sidonio Paes, conhecidas sob o nome de — Convenção de Janeiro.

Á medida que o moral caía, os efectivos iam diminuindo numa progressão assustadora. As doenças por um lado, as licenças de campanha por outro, roubavam ás duas divisões pessoal em quantidade incomparavelmente muito maior que as perdas, mínimas em comparação, sofridas em combate.

Já em 8 de Julho, pouco tempo depois de entrar em linha e ainda antes de tomar conta da defesa de um terceiro sector de Brigada, o Comando da 1.<sup>a</sup> Divisão se queixava em nota para o Comando do Corpo, das deficiências, com que esta Divisão estava lutando, "havendo companhias comandadas por alferes mili-

cianos, apenas com um subalterno, e com os pelotões comandados por sargentos”, “enorme falta de transportes”, etc.

Ao todo, escrevia o sr. General Gomes da Costa “nos 12 batalhões, incluindo as reservas... as faltas reais são de 81 capitães e subalternos”. “O que se dá com os oficiais igualmente se dá com os sargentos e mesmo em maior escala. Não ha companhia alguma, que tenha o seu quadro completo na primeira linha em algumas faltam 50 % dos sargentos!” “Nos grupos de metralhadoras as guarnições estão a 4 praças por metralhadora e necessitam de ser elevadas a 6. Dos 16 oficiais dos seus quadros faltam atualmente 5, o que obriga a entregar secções a sargentos”. “Nas baterias de morteiros as guarnições são insuficientes; e o numero dos seus oficiais é actualmente de 13 para 6 baterias, faltando, pois, 5”. (1)

Terminava, pedindo alem do preenchimento das vagas dos quadros e pessoal o aumento do material de morteiros, metralhadoras e artilharia, julgado insufficiente. (2)

Em 30 de Julho voltava a instar nos mesmos pontos, a-pesar-de ter recebido da 2.<sup>a</sup> Divisão importantes elementos de combate, como o 4.<sup>o</sup> G. B. A., Sapadores Mineiros, etc., e a presença da 4.<sup>a</sup> B. I., como Reserva da Divisão.

Em 24 de Agosto sob o receio de um ataque inimigo o Sr. General Gomes da Costa notificava para St

(1) *A Batalha do Lys*—General Gomes da Costa.

(2) Ordinariamente cada sector de brigada tinha um grupo de baterias a protegê-lo. Mas a extensão e fraqueza da frente portuguesa levou a consagrar-lhe 4 grupos, mesmo quando ela estava guarnecida por uma só divisão e dividida portanto em apenas três sectores de brigada.

Venant: "Sua Ex.<sup>a</sup> o General Comandante do Corpo sabe perfeitamente que eu não disponho de forças á retaguarda da minha Divisão, *que não disponho de reserva alguma e que nestas condições se a minha primeira e unica linha for cortada ou repelida em qualquer ponto não tenho meios de a restabelecer!*"

Isto quanto á 1.<sup>a</sup> Divisão. No que diz respeito á 2.<sup>a</sup> Divisão, a situação era identica ; quando entrou em linha apresentava já os seus quadros bastante desfalcados. E era nestas circunstancias que se iam colocar em 1.<sup>a</sup> linha as duas unicas divisões do C. E. P. ! Havia em Portugal alem da Escola de Guerra, onde a duração dos cursos havia sido reduzida, escolas de officiaes milicianos. Todas faziam officiaes ás fornadas. Pois não obstante, eram satisfeitas com dificuldade e de uma maneira sempre incompleta as requisições de officiaes para o C. E. P.

A explicação, unica possivel, mas insufficiente, de todas estas deficiências de reforços e quadros estava no desenvolvimento, que tinha tomado a campanha de Moçambique e no guarnecimento do Sul de Angola, que requeriam mais pessoal e exigiam mais atenções que de começo supozeram aqueles que olharam a nossa intervenção em França como mais importante que a defesa directa das nossas colonias ameaçadas e invadidas.

De todos estes considerandos nasceu o acto anglo-luso, conhecido pela Convenção de Janeiro de 1918.

Segundo este acôrdo, o problema do C. E. P. era resolvido, voltando-se ao ponto de vista britânico, que em Outubro, fôra formalmente regeitado pelo Comando português sob ordem expressa de Norton de Matos e Afonso Costa, que, sobretudo êste, a todo o custo tinham

impôsto a entrada da 2.<sup>a</sup> Divisão em linha ao lado da 1.<sup>a</sup>.

O C. E. P. deixaria de funcionar taticamente como Corpo de Exército, reorganizando-se no sentido de conservar uma unica divisão na frente com as três brigadas em primeira linha, reforçada com mais uma brigada de infantaria, como reserva, e tendo a outra divisão á retaguarda, como deposito e unidade de instrução.

Assim se procurava remediar pela redução de frente a falta de efectivos e a impossibilidade, verificada já no tempo de Norton de Matos, de Portugal poder sustentar, convenientemente alimentado em pessoal e material, um Corpo de Exército em França com duas divisões em 1.<sup>a</sup> linha, ao mesmo tempo que na África e com especialidade em Moçambique tinha de olhar pela substituição e reforçamento, ali bem necessarios, das suas expedições combalidas — expedições sacrificadas e esquecidas em comparação com as tropas enviadas á França, para quem se voltavam todas as atenções dos nossos governantes e a quem eram dirigidos os tropos mais hiperbólicos da literatura jornalística na imprensa governamental.

---

6.º — A 1.ª Divisão retira da linha e a 2.ª Divisão  
guarnece toda a frente portuguesa.

A baixa de moral que já em fins de 1917 se notava no C. E. P., devida tanto às deficiências em quadros e pessoal, como às faltas em material, sobretudo transportes, ter-se-ia evitado, se em vez de se teimar em pôr o C. E. P. com as suas duas únicas divisões em 1.ª linha, se tivesse aplicado por alturas de Outubro ou Novembro o dispositivo, ao depois preconizado na Convenção de Janeiro, — ou continuando a 1.ª Divisão sempre na frente, substituindo as suas brigadas, grupos de baterias e restantes unidades, a par e passo que elas precisavam ser rendidas, pelas que a 2.ª Divisão na area da retaguarda fosse preparando e reorganizando, ou, o que era preferível, por evitar naturais rivalidades entre os Comandos das duas Divisões, fazendo a substituição integral na linha da 1.ª pela 2.ª Divisão, logo que houvesse necessidade de substituir e reorganizar as forças daquela.

Era êste o verdadeiro e unico possível *roulement*, pois que tudo o mais que sob este nome se inventou e se quiz fazer, tanto no govêrno de Norton de Matos como no de Sidonio Paes, para remediar e atalhar o enfraquecimento físico e a decadência moral das tropas do C. E. P., não passava de mero sonho de innocente ou fantasia de amator, resalvadas as boas intenções de justiça e igualdade no sacrificio, a que viçavam os legisladores.

Infelizmente, assim não succedeu. E a propria Convenção de Janeiro veio já tarde e foi aplicada mais tarde ainda, quando não só uma divisão, mas já as duas

tinham necessidade de imediata rendição pelo estado de extraordinario abatimento moral e material, em que ambas se encontravam.

Assim o veio a reconhecer o proprio Comando inglês, nas vespervas do 9 de Abril, como veremos, mas já tão tardiamente, que não houve tempo de se efectuar a rendição das nossas tropas.

Em 1 de Março chegava a St. Venant o novo Chefe de Estado Maior do C. E. P., Snr. Coronel Sinel de Cordes, que levava as necessárias instruções. A Convenção, acordada em Janeiro entre Sidonio Paes e Bernardiston, pôde só então ser regulada nos seus detalhes entre os Comandos portuguezs e britanico, para em fins de Março, principios de Abril, ter começo de applicação.

Como a 1.<sup>a</sup> Divisão era a que ha mais tempo se encontrava na frente, à 2.<sup>a</sup> cabia agora a vez de ficar em 1.<sup>a</sup> linha. A 1.<sup>a</sup> Divisão devia retirar, deixando, segundo os termos da Convenção, uma brigada, um grupo de baterias, 2 grupos de metralhadoras, etc., a reforçar a 2.<sup>a</sup> Divisão. (1) Esta passava a ficar tacticamente subordinada ao XI Corpo, nas mesmas condições, em que nos primeiros tempos do C. E. P. o tinha estado a 1.<sup>a</sup> Divisão.

(1) A 2.<sup>a</sup> Divisão ficou assim constituída por :

- a) 4 Brigadas de Infantaria a 4 Batalhões;
- b) 4 Grupos de Baterias de Artilharia;
- c) 5 Grupos de Metralhadoras;
- d) 4 Baterias de Morteiros Ligeiros;
- e) 4 " " " Médios;
- f) 1 " " " Pesados;
- g) 3 Companhias de Sapadores Mineiros;
- h) 1 Grupo de Companhias de Pioneiros;
- i) 1 Companhia Divisionaria de Telegrafistas;
- j) 2 Ambulancias e 2 Colunas de Hospitalisação;
- k) Secção Movei Veterinaria;
- l) Trem Divisionario.

Como, porem, a 2.<sup>a</sup> Divisão tinha os seus efectivos muito desfalcados, forçoso era reduzir-se a primitiva frente portuguesa, devendo uma parte do sector de FERME DU BOIS ser atribuida á 55.<sup>a</sup> Divisão britânica no nosso flanco direito (Q. G. em Locon). (1)

Era tudo o que era possível fazer-se, para remediar uma situação, que já então era gravissima por motivo do erro, consumado em Novembro, de pôr a 2.<sup>a</sup> Divisão ao lado da 1.<sup>a</sup>, quando a devia reforçar ou simplesmente substituir.

Segundo as ordens expedidas, esta mudança de dispositivo devia começar em 26 de Março, dia em que a 55.<sup>a</sup> Divisão britânica estenderia a sua frente, até englobar na sua zona cêrca de metade do sector de FERME DU BOIS e ter a sua final realisação na manhã do dia 27, em que a 1.<sup>a</sup> Divisão acabaria de sair da linha, deixando o Q. G. do C. E. P. de ter funções táticas e ficando a 2.<sup>a</sup> Divisão a depender taticamente do Comandante do XI Corpo.

Já desde 20 de Março a 1.<sup>a</sup> Divisão tinha ficado apenas com uma Brigada em 1.<sup>a</sup> linha no sector de FERME DU BOIS e recebera ordem para trasladar de Lestrem para Paradis-S. o seu Q. G., tendo sido transferida para a 2.<sup>a</sup> Divisão a 3.<sup>a</sup> Brigada, que guardava o sector de NEUVE CHAPELLE.

Em 24 de Março a 2.<sup>a</sup> Divisão recebia uma comunicação do Q. G. do C. E. P., na qual se lhe notificava que em virtude da ofensiva de 21 de Março na frente do Somme o Comando britânico resolvera suspender a execução destes acordos, cuja realisação era adiada para tempos mais pacíficos. (2)

---

(1) Nota da R. O. do Q. G. C. de 23 de Março de 1918.

(2) Nota n.º 423 da R. O. do Q. G. C. de 24 de Março.

Assim se chegou ao mês de Abril.

No Somme, a ofensiva alemã depois dos primeiros angustiosos dias, em que Ludendorff conseguira desorganizar e fazer recuar quasi até ás portas de Amiens a ala direita dos exercitos britannicos (3.º Exército, Gen. Byng, e 5.º Exército, Gen. Gough), parecia ter ultrapassado já o periodo crítico. Os alemães marravam ainda desesperadamente, mas já sem êxito, na direcção de Amiens. O ataque de fins de Março no sector do Scarpa falhara igualmente.

O Comando inglês, assim tranquilizado, julgou que o Corpo português poderia agora sem perigo tomar o novo dispositivo. Assim o foi comunicado á 2.ª Divisão pelo Q. G. do C. E. P. em 3 de Abril. Segundo esta ordem, a partir de 6 o Comando do C. E. P. deixava de ter responsabilidade na defesa, a 1.ª Divisão seguia nesse mesmo dia para a retaguarda e a 2.ª Divisão tomava conta de todo o sector português.

Por mais fatigante que se torne para o leitor o relato detalhado, que estamos fazendo, das inumeras alterações de dispositivo, mudanças e transferências de unidades de uma para outra divisão, alargamentos e encurtamentos sucessivos de frentes de sector, é indispensavel que nos acompanhe com atenção. Só assim poderá fazer ideia exacta da barafunda orgânica existente nas vésperas da batalha e será levado a desculpar mais facilmente todas as hesitações, trapalhadas e vacilações, que de outro modo seria licito extranhar na conduta de algumas unidades da 2.ª Divisão na manhã de 9.

Em 20 de Março, data em que a 1.ª Divisão ficou reduzida ao sector de FERME DU BOIS e a 3.ª B. I. passou para a 2.ª Divisão, as brigadas do C. E. P. estavam assim distribuidas de N. para S.:

2. <sup>a</sup> Divisão	1. <sup>a</sup> linha	FAUQUISSART . . . . .	4. <sup>a</sup> B. I.
		CHAPIGNY . . . . .	6. <sup>a</sup> B. I.
	2. <sup>a</sup> linha, Reserva da Divisão . . .	NEUVE CHAPELLE.	3. <sup>a</sup> B. I.
			5. <sup>a</sup> B. I.
1. <sup>a</sup> Divisão	1. <sup>a</sup> linha — FERME DU BOIS . .		1. <sup>a</sup> B. I.
	2. <sup>a</sup> linha, Reserva da Divisão . . .		2. <sup>a</sup> B. I.

Segundo propuzera, porem, o Comandante da Divisão, General Gomes da Costa, como das três brigadas da 1.<sup>a</sup> Divisão era a 2.<sup>a</sup> B. I., a que estava na retaguarda no relativo descanso, que à retaguarda das primeiras linhas se gozava, foi essa a destinada a ficar na frente com a 2.<sup>a</sup> Divisão.

A ordem do Q. G. do C. E. P., de 3 de Abril pela qual a 2.<sup>a</sup> Divisão devia tomar conta de todo o sector português, determinava que a frente portuguesa voltasse a ser dividida em três sectores e que a 2.<sup>a</sup> B. I. rendesse a 1.<sup>a</sup> B. I. na noite de 4/5, saindo a 3.<sup>a</sup> B. I. da linha na noite de 5/6, e alargando as brigadas de FAUQUISSART e CHAPIGNY as suas frentes, conforme o seguinte dispositivo, em que desaparece o sector de CHAPIGNY:

2. <sup>a</sup> Divisão	1. <sup>a</sup> linha	FAUQUISSART . . . . .	4. <sup>a</sup> B. I.
		NEUVE CHAPELLE.	6. <sup>a</sup> B. I.
	2. <sup>a</sup> linha, Reserva da Divisão . . .	FERME DU BOIS . . .	2. <sup>a</sup> B. I.
			5. <sup>a</sup> B. I.

A 1.<sup>a</sup> Divisão, reduzida às suas 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> B. I., iria em 6 de Abril para a retaguarda.

No entanto na 2.<sup>a</sup> Divisão também a 4.<sup>a</sup> Brigada estava no extremo limite das suas forças e depois dos frequentes e justificados pedidos de rendição, que o seu Comandante já fizera, não se lhe podia exigir mais. Os esforços violentos, a que nos últimos tempos tinha sido forçada no sector de FAUQUISSART, tão castigado pelos alemães durante o mês de Março, tinham-na esgotado. Era necessário rendel-a.

Conforme propunha o Comando da 2.<sup>a</sup> Divisão, a 5.<sup>a</sup> B. I. devia render a 4.<sup>a</sup> B. I.; e nesta conformidade foram elaboradas, logo em 31 de Março, as respectivas ordens de operações ainda sem indicação de data.

Esta rendição da 4.<sup>a</sup> B. I. pela 5.<sup>a</sup> B. I. estava prevista para depois da saída da 1.<sup>a</sup> Divisão para a retaguarda e da redução dos sectores a três, para 10 de Abril.

Em virtude destas ordens, os preparativos para a adopção do novo dispositivo começaram desde logo a ser tomados. Na 5.<sup>a</sup> B. I. os Batalhões de Infantaria n.<sup>os</sup> 10 e 17, que eram os destinados a ficar nas primeiras linhas de FAUQUISSART, estavam já procedendo aos necessários reconhecimentos do novo sector, quando na noite de 4/5 a 5.<sup>a</sup> B. I. recebe uma ordem urgente do Comando da Divisão, mandando executar imediatamente o reconhecimento do sector de FERME DU BOIS, que os batalhões da Brigada ocupariam logo na noite seguinte de 5/6, devendo o Comando da 5.<sup>a</sup> B. I. assumir a responsabilidade da defesa deste sector desde as 7 horas do dia 6.

Um facto gravíssimo tinha motivado esta alteração imprevista.

Depois de tantos meses seguidos de 1.<sup>a</sup> linha todas as tropas da 1.<sup>a</sup> Divisão esperavam, bem justificadamente, ir para descanço. As tropas da 2.<sup>a</sup> B. I. foram assim surpreendidas pela ordem de guarnecer FERME DU

BOIS. O desespero levava alguns dos soldados á resistência primeiro, á revolta declarada depois.

A execução imediata da ordem dada á 5.<sup>a</sup> B. I. tornava-se no entanto impossivel por falta de transportes para os officiaes que deviam fazer os reconhecimentos. A grande distância de La Gorgue ás linhas de FERME DU BOIS não lhes permitia fazer o trajecto a pé e proceder em seguida aos reconhecimentos necessários.

Combinou-se pois com o Comando da Divisão que só tres batalhões entrassem no sector na noite de 5/6, devendo o outro batalhão entrar na noite imediata e o Comando da Brigada tomar conta do sector apenas na manhã de 7.

Assim se começaram fazendo as necessárias deslocações e foi com real espanto que na manhã de 6, ao fazer o reconhecimento do Posto de Comando do sector de FERME DU BOIS, o Comando da 5.<sup>a</sup> B. I. foi lá encontrar instalado o Q. G. da 2.<sup>a</sup> B. I.

Tinha sucedido que durante os dias 4 e 5 os officiaes de três dos batalhões da 2.<sup>a</sup> B. I. haviam conseguido dominar o movimento de resistência neles esboçado e fazel-os seguir em obediência á ordem do Comando da 1.<sup>a</sup> Divisão para o sector de FERME DU BOIS, onde, efectivamente, o Q. G. da 2.<sup>a</sup> B. I. rendia o da 1.<sup>a</sup> B. I. á meia noite de 5/6. A revolta tinha ficado localizada apenas ao Batalhão de Infantaria 7, onde foi impossivel domina-la por meios brandos e suásórios.

No acantonamento do Batalhão foi o proprio Comandante da Divisão alvo de doestos e injurias da parte da soldadesca amotinada, que levou a sua audácia ao ponto de fazer fogo contra o automovel do General Gomes da Costa, quando retirava. Desaparecera por completo todo o espirito de disciplina.

No receio de um possivel assalto ao Q. G. da Di-

visão chegou mesmo a ir para Lestrem uma Companhia de Ciclistas do Corpo.

Nestas circunstâncias era impossível contar com as tropas da 2.<sup>a</sup> B. I. para o guarnecimento da linha e a-pesar dos seus batalhões terem obedecido finalmente, foram estes rendidos pelos da 5.<sup>a</sup> B. I., cujo último batalhão entrou nas trincheiras na noite de 6/7.

Estava pois efectuada sem novidade pelas tropas da 5.<sup>a</sup> B. I., a ocupação de um sector, completamente desconhecido para elas, pois nunca ali tinham estado de guarnição, apenas com um ligeirissimo reconhecimento e não obstante a alteração havida na nova divisão dos sectores da frente portuguesa.

O Comandante da Brigada, depois de ter assistido a uma conferência em Lestrem, para que tinham sido convidados todos os Brigadeiros, com a assistencia do Tenente-General do XI Corpo (Hacking), chegava ao meio dia de 7 aos abrigos de Les Facons, onde então estava instalado o Posto de Comando de FERME DU BOIS e assumia o comando do sector.

Á 4.<sup>a</sup> B. I., que devia ter sido rendida pela 5.<sup>a</sup> B. I., pediu-se mais um supremo e último esforço.

Não havia remedio senão continuar, a-pesar-de tudo, em FAUQUISSART. Seria uma questão de dias apenas, tinha-se-lhe dito. Na conferencia de 7, em Lestrem, o Tenente-General Hacking, informado de que a 4.<sup>a</sup> B. I. estava ha tanto tempo em primeira linha, prometera desde logo faze-la render e por seu turno o Comandante da 2.<sup>a</sup> Divisão sob a impressão dos relatórios, que acabava de receber dos Comandantes das unidades relativamente ao estado moral e físico das tropas, a que adeante nos referiremos, andava tambem já empenhado em fazer saír da frente toda a divisão.

A 4.<sup>a</sup> B. I. ficou, pois, ainda em primeira linha,

Com a saída da 1.<sup>a</sup> Divisão da frente o Q. G. do C. E. P. deixou de ter responsabilidade na defesa do sector português desde as 7 horas de 6, hora a que a 2.<sup>a</sup> Divisão passou a fazer parte do XI Corpo para efeitos táticos.

Na noite 6/7, com a supressão do sector de CHA-PIGNY, as 4.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> B. I. estenderam para a direita as suas posições, fazendo as deslocações necessárias em harmonia com as novas frentes, determinadas para os sectores de FAUQUISSART e NEUVE CHAPELLE, que respectivamente guarneciam desde 7. O Q. G. da 6.<sup>a</sup> B. I., até então em Laventie, foi instalar-se em Les 8 Maisons, Posto de Comando do novo sector de NEUVE CHAPELLE. Desde 7, também, a 3.<sup>a</sup> B. I. passou a constituir a Brigada de Reserva da 2.<sup>a</sup> Divisão em substituição da 2.<sup>a</sup> B. I. com a responsabilidade da conservação, manutenção e defesa de VILLAGE LINE em conformidade com o Plano de Defesa.

O seu Comando instalou-se em La Gorgue e os seus batalhões foram distribuídos pelos acantonamentos de: La Gorgue (Batalhão de Infantaria 12), Riez Bailleul (Batalhão de Infantaria 9), Pont Riqueul (Batalhão de Infantaria 14), Croix Marmuse (Batalhão de Infantaria 15).

Em 7 de Abril toda a frente portuguesa estava, pois, assim guarnecida pela 2.<sup>a</sup> Divisão :

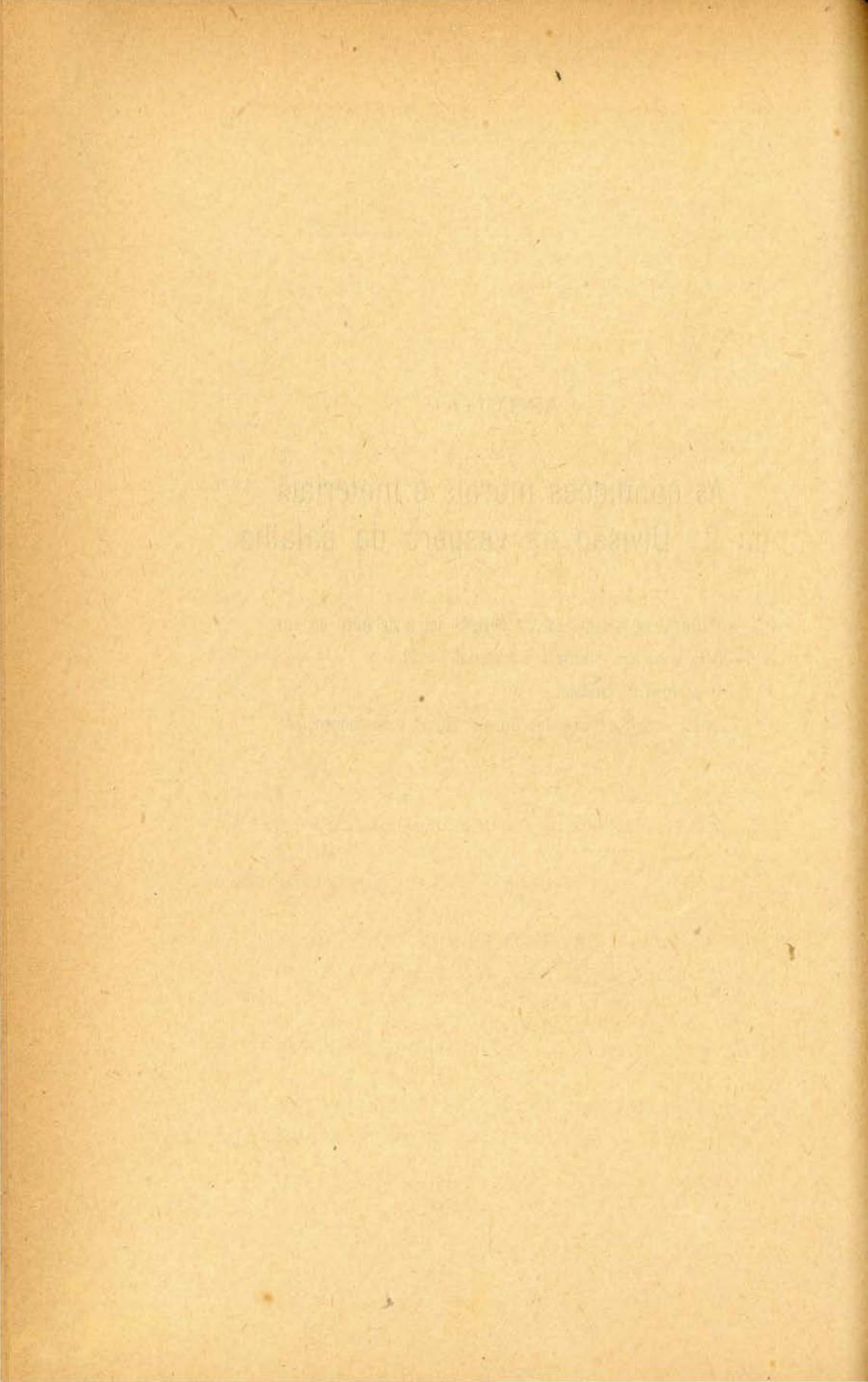
1. <sup>a</sup> linha—sectores de	{	FAUQUISSART . . . . .	4. <sup>a</sup> B. I.
		NEUVE CHAPELLE . . . . .	6. <sup>a</sup> B. I.
		FERME DU BOIS . . . . .	5. <sup>a</sup> B. I.
2. <sup>a</sup> linha—Reserva divisionária . . . . .			3. <sup>a</sup> B. I.

e foi neste dispositivo que a encontrou o inimigo na manhã de 9 de Abril.

## CAPITULO II

### As condições morais e materiais da 2.<sup>a</sup> Divisão na véspera da batalha.

- 1.º — A Ordem de Batalha da 2.<sup>a</sup> Divisão em 9 de Abril de 1918.
- 2.º — Deficiência em efectivos e material.
- 3.º — Dispositivo da Divisão.
- 4.º — Estado moral e físico das tropas. Causas e consequências.



1.º — A Ordem de Batalha da 2.ª Divisão  
em 9 de Abril de 1918.

a) — Quartel General (Q. G. 2);

b) — Brigadas de Infantaria :

3.ª Brigada de Infantaria (3.ª B. I.) :

Batalhão do Regimento de Infantaria n.º 14

" " " " " " 9

" " " " " " 12

" " " " " " 15

2.ª Bateria de Morteiros Ligeiros (2.ª B. M. L.);

4.ª Brigada de Infantaria (4.ª B. I.) :

Batalhão do Regimento de Infantaria n.º 3

" " " " " " 8

" " " " " " 29

" " " " " " 20

4.ª Bateria de Morteiros Ligeiros (4.ª B. M. L.);

5.ª Brigada de Infantaria (5.ª B. I.) :

Batalhão do Regimento de Infantaria n.º 10

" " " " " " 13

" " " " " " 4

" " " " " " 17

5.ª Bateria de Morteiros Ligeiros (5.ª B. M. L.);

6.ª Brigada de Infantaria (6.ª B. I.) :

Batalhão do Regimento de Infantaria n.º 1

" " " " " " 11

" " " " " " 2

" " " " " " 5

6.ª Bateria de Morteiros Ligeiros (6.ª B. M. L.);

- c)* — 1.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup>, 4.<sup>o</sup>, 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup> Grupos de Metralhadoras (G. M.);
- d)* — 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup>, 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup> Grupos de Baterias de Artilharia (G. B. A.);
- e)* — 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> Baterias de Morteiros Médios (B. M. M.);
- f)* — 2.<sup>a</sup> Bateria de Morteiros Pesados (B. M. P.);
- g)* — 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Companhias de Sapadores Mineiros (C. S. M.);
- h)* — 2.<sup>o</sup> Grupo de Companhias de Pioneiros (2.<sup>o</sup> G. C. P.);
- i)* — 2.<sup>a</sup> Companhia Divisionária de Telegrafistas (2.<sup>a</sup> C. D. T.) e Sub-secção de Telegrafia sem fios (S. S. T. S. F.);
- j)* — Secção Divisionária de Observadores n.<sup>o</sup> 2 (S. D. Obs.);
- k)* — Ambulância (Amb.) n.<sup>os</sup> 1, 5 e 7;
- l)* — Coluna de Hospitalisação (C. H.) n.<sup>o</sup> 4;
- m)* — Coluna Automóvel de Transporte de Feridos (C. A. T. F.) n.<sup>o</sup> 2;
- n)* — Secção Hipomóvel para Transporte de Feridos (S. H. T. F.) n.<sup>os</sup> 2, 4, 5 e 6.;
- o)* — Secção Móvel Veterinária (S. M. V.) n.<sup>o</sup> 2;
- p)* — Trem Divisionário (T. D.) n.<sup>o</sup> 2;
- q)* — 2.<sup>o</sup> Grupo Automóvel (2.<sup>o</sup> G. A.);
- r)* — Companhia de Serviços Auxiliares (C. S. A.);
- s)* — Grupo de duas Companhias de Ciclistas, menos dois pelotões.

*Observações — h)* — O G. C. P. tinha sido organizado com os pelotões de sapadores dos batalhões de infantaria, para coadjuvar as companhias de sapadores mineiros nos trabalhos da sua especialidade.

Era constituído por 4 companhias. Uma delas, po-

rêm, estava fora da Divisão, a-pesar-de em 9 de Abril ainda se encontrar em La Gorgue; tinha recebido ordem para marchar em 10 para Samer, onde se ía estabelecer também o Q. G. do Corpo.

m) — A C. A. T. F. era, como outros elementos do C. E. P., (1) de existência teórica.

n) — Do mesmo modo as S. H. T. F., que estavam adstritas ás brigadas, incompletas, como estavam, em gado e material.

r) — A Companhia de Serviços Auxiliares era de recente criação e estava em via de organização.

s) — O Grupo de Companhias de Ciclistas (2) estava fazendo serviço no Q. G. do C. E. P. Uma companhia tinha vindo de St. Venant para Lestrem por motivo da insubordinação do Batalhão de Infantaria 7.

---

(1) As Colunas de Munições, a-pesar-de estarem indicadas na Ordem de Batalha do C. E. P., também não existiam na realidade. Não tendo sido dissolvidas, os seus elementos andavam no entanto, dispersos, os serventes pelos Locais de Reabastecimento de munições, os condutores espalhados por varias formações do Corpo.

Como adiante teremos ocasião de notar, havia falta, desde o começo, de suficientes solípedes de tracção, existindo assim formações, que tinham apenas existência teórica, não correspondendo, por isso à sua missão.

(2) Depois de se ter desistido de empregar as tropas de cavalaria nas trincheiras no guarnecimento de metralhadoras, a cavalaria do C. E. P. foi dissolvida e os seus efectivos empregados em serviço de ligações e de policia, tendo-se com elles constituido 2 Grupos de Companhias de Ciclistas.

## 2.º — Efectivos da Divisão.

Por ter desaparecido na desordem da retirada a maior parte do arquivo da 2.ª Repartição do Q. G. 2, foi difícil, assim, na carência quasi absoluta dos mapas relativos aos últimos dias, apurar de uma forma exacta os efectivos reais, de que dispunham as unidades e formações da 2.ª Divisão no dia da batalha.

Por averiguações posteriores, coligidas em vista de informações obtidas e de alguns mapas do pessoal de data ainda recente, que foram encontrados na parte do arquivo que se pôde salvar, podemos calcular que, salvas as pequenas diferenças dos últimos dias imediatamente anteriores a 9 de Abril, devidas a baixas por doença e a licenças, os efectivos da 2.ª Divisão eram, segundo a média dos apuramentos feitos, de 689 oficiais e 19.374 praças, ou, em numeros redondos, de 700 oficiais e 20.000 praças. (1)

Devemos lembrar que a 2.ª Divisão á data de 9 de Abril era uma divisão reforçada, segundo atrás vimos, por unidades da 1.ª Divisão (uma brigada e um grupo de artilharia, além de outras formações de menor importância); e, portanto, estes efectivos presentes representam uma quebra importante.

---

(1) No seu livro "A Batalha do Lys" o sr. General Gomes da Costa apresenta avaliações diferentes: — a pags. 34 : 627 oficiais e 18.000 praças, a pags. 43 : 689 oficiais e 20.350 praças. Por aqui se vê a incertesa sobre os efectivos exactos, ocasionada pela perda quasi total do arquivo da 2.ª Repartição. Adoptando a avaliação média, acima referida, que foi de resto a da 2.ª Repartição do Q. G. 2, ou, os numeros redondos de 700 oficiais e 20.000 praças, julgamos não nos afastarmos muito da realidade.

Efectivos de mobilisação da Divisão reforçada .....	}	1.102 oficiais
		25.582 praças.
Efectivos presentes em 9 de Abril. ....	}	689 oficiais
		19.374 praças.
Faltas .....	}	413 oficiais
		6.208 praças.

As faltas eram, pois, grandes e, relativamente a oficiais, podiam considerar-se enormes: 37 % em oficiais e 24 % em praças na totalidade das tropas da Divisão.

Referindo-nos apenas ás brigadas e aos grupos de baterias, que constituíam a grande massa de combate, as faltas eram as constantes do seguinte quadro :

BRIGADAS DE INFANTARIA	Efectivos de mobilisação		Presentes em 9 de Abril		Faltas	
	Oficiais	Praças	Oficiais	Praças	Oficiais	Praças
3. <sup>a</sup> B. I.....	168	4492	89	3590	79	902
4. <sup>a</sup> B. I.....	"	"	103	3167	65	1325
5. <sup>a</sup> B. I.....	"	"	105	2949	63	1543
6. <sup>a</sup> B. I.....	"	"	87	2912	81	1580
<b>Total da Infantaria</b>	<b>672</b>	<b>17968</b>	<b>384</b>	<b>12618</b>	<b>288</b>	<b>5350</b>
<b>Artilharia :</b>						
1. <sup>o</sup> , 2. <sup>o</sup> , 5. <sup>o</sup> e 6. <sup>o</sup> G. B. A.....	180	3196	118	2771	62	425

Portanto, só nas tropas de infantaria e de artilharia o desfalque era aproximadamente de:

na infantaria.... 43 % em oficiais e 30 % em praças  
na artilharia.... 34 % em oficiais e 13 % em praças.

A percentagem de faltas era sobretudo elevadíssima em oficiais, ausentes como estavam bastantes, em licença, hospitais, ambulâncias.

Nos batalhões de infantaria, excepção feita dos Comandos de brigada, para 340 oficiais presentes faltavam 242.

Nas baterias de artilharia, excepção feita igualmente dos Comandos dos grupos, para 93 oficiais presentes faltavam 53.

Nas unidades de infantaria a deficiência de oficiais era, pois, de cêrca de *metade*.

Nas baterias de artilharia era um pouco menor, mas, ainda assim, de um *terço*.

Não nos foi possível colher os necessários elementos, para com uma certa exactidão apreciar a deficiência, que havia, de quadros inferiores.

Vimos atrás o que a êste respeito se dava na 1.<sup>a</sup> Divisão já por alturas de Julho de 1917, apenas meses depois da sua concentração em França.

Pois com mais intensidade essa deficiência se notava na 2.<sup>a</sup> Divisão, que desde o início teve sempre os seus quadros mais desfalcados que os da 1.<sup>a</sup> Divisão e que, como ela, tinha acabado de passar nas trincheiras os meses rigorosos de inverno e entre êles o agitado mês de Março, em que desde o dia 2, data da primeira demonstração inimiga de toda a série, que precedeu o 9 de Abril, não se passou quasi uma noite sem alarmes e sobresaltos, bombardeamentos ou *raids*.

Mas, se a falta de graduados muito se fazia sentir, a qualidade dos que havia deixava bastante a desejar. Tal é a opinião do Sr. General Gomes da Costa, que, tendo comandado na frente, sucessivamente, as duas divisões do C. E.P., tem, para falar, especial autoridade.

“Grande parte dos graduados existentes, diz êle,

não eram pela sua qualidade de molde a oferecer boas garantias; havia uma grande percentagem de oficiais milicianos e, embora alguns dêles se tenham distinguido pela sua bravura e maneira de proceder, as melhores referências merecendo, o certo é que a muitos faltavam os conhecimentos e o treino indispensável; pelo que diz respeito aos do quadro permanente, a par de elementos de valor reconhecido, havia infelizmente uma percentagem relativamente elevada, que por diversas circunstâncias nada valia» (1).

*Estas diversas circunstâncias*, que, prudentemente, o Sr. General Gomes da Costa se abstem de concretisar, affectavam na realidade o corpo de oficiais e oficiais inferiores, só escapando a essas deletérias influências os raros, a quem foi dado possuir um espírito superior de têmpera especial e que, indiferentes ao tumultuar das paixões, passam através da vida, serenos e constantes, olhos fitos no seu Ideal, os pés pisando sempre o caminho escabroso do Dever.

Veremos, ao tratarmos do estado moral das tropas da Divisão, o que foram estas *diversas circunstâncias* e as razões, que as motivaram.

Por agora, constatemos, apenas, que por virtude de-las houve sempre no C. E. P., desde o princípio e depois cada vez com mais agravamento, deficiência de efectivos e falta de quadros. Estas deficiências eram ainda maiores na 2.<sup>a</sup> Divisão que na 1.<sup>a</sup>; sobretudo a falta de quadros era nela verdadeiramente exagerada, como vimos. Com effeito, quasi 50% de faltas nos efectivos de oficiais nas unidades de infantaria era, em verdade, aterrador para um Comando com consciência das suas responsabilidades.

---

(1) «A Batalha do Lys», a pags. 44.

Quási diariamente, nos últimos tempos antes da batalha, os Comandos das unidades expunham êste estado de coisas ao Comandante da Divisão, e eram por seu turno freqüentes e instantes as exposições, que sôbre o mesmo ponto eram por êste último feitas junto do Comando do Corpo.

Á falta de outra solução remediou-se provisoriamente a crise de quadros na 2.<sup>a</sup> Divisão, mandando fazer serviço nas suas unidades alguns oficiais da 1.<sup>a</sup> Divisão, quando esta retirou da frente, e outros, vindos do extinto Grupo de Esquadrões de Cavalaria e das Escolas, que voluntariamente se haviam oferecido, para prestar serviço nos batalhões de infantaria.

De resto, isto a pouco chegava.

Como veremos no decorrer da batalha, a falta de quadros era tão grande que muitas companhias de infantaria (talvez a maior parte) e bastantes batarias de artilharia eram, na falta de capitães, comandadas por subalternos, muitas vezes simples alferes milicianos. Os sargentos eram poucos e ainda na falta de subalternos os veremos freqüentemente à frente de pelotões.

Á deficiência de efectivos e de quadros acrescia a insuficiência do serviço de transportes, que, pela falta angustiosa de gado e camiões, era, mesmo em ocasiões normais, motivo de dificuldades e aborrecimentos para os Comandantes das unidades e formações, e no dia da batalha e seguintes muito contribuíu, para dar um aspecto desastroso à retirada da Divisão.

Ainda no período da preparação, a falta de gado levou o Comando a tirar às unidades todas as viaturas inúteis, para as quais não dispuzessem de solípedes de tracção, que foram concentradas no vasto parque de La Morande.

Ao ir a Divisão para a frente, lá ficaram amontoa-

das e abandonadas, juntando-se mais êste espectáculo triste à própria tristeza do local.

O serviço automóvel, concentrado no Grupo Automóvel do Corpo, mal chegava por seu lado para as necessidades.

Os automóveis ligeiros de passeio abundavam; mas de camiões houve sempre apenas o número suficiente, para quebrar a cabeça aos chefes dos serviços de transportes das divisões com as combinações e arranjos, que era preciso cada dia engendrar, para satisfazer na medida do possível as exigências do serviço. (Como era de invejar o luxo dos britânicos, que até para transportes de tropas faziam por vezes desfilar deante dos nossos olhos cubiçosos combóios intermináveis de camiões!

Foi em virtude destas faltas que o serviço de transportes nunca pôde corresponder totalmente às necessidades, por mais organizações, por que êsse serviço tivesse passado (e não foram poucas), e que várias formações divisionárias, que atrás foram enumeradas na Ordem de Batalha, nunca tiveram mais que uma existência teórica.

---

### 3.º — Dispositivo da Divisão.

Vimos como pela grande demora, que houve, na aplicação da Convenção de 21 de Janeiro, só em 6 de Abril às 7 h. a 2.ª Divisão, encorporada no XI Corpo, passou a guarnecer toda a frente portuguesa. Encontrava-se assim com a responsabilidade da defesa de uma frente tão extensa, como a que de princípio tinha sido atribuída à 1.ª Divisão e que posteriormente veio a ser guarnecida pelas duas divisões do Corpo, linearmente colocadas.

É verdade que a infantaria da 2.ª Divisão tinha sido reforçada com uma brigada, a 3.ª B. I., mas não é menos verdade que esta ultima brigada de nada servia para a defesa do sistema frontal (Linhas «A» e «B»), pois tinha a missão, previamente fixada, de guarnecer, manter e defender a VILLAGE LINE, não constituindo por isso propriamente uma reserva à disposição do Comando. Era antes a guarnição de uma 2.ª Linha de defesa.

A Convenção de Janeiro pretendia resolver o problema do C. E. P., mas referido aos fins do ano de 1917. A situação em fins de Março, principios de Abril de 1918 era porém já muito diferente, para pior.

Como já tivemos ocasião de dizer, o que se tornava agora necessário não era render uma divisão pela outra, mas sim retirar as duas para a retaguarda, com o fim de as reorganisar, como ao depois se resolveu fazer, porque uma e outra estavam igualmente cansadas e desfalcadas. (1)

---

(1) Já em fins de Janeiro de 1918 e enquanto em Lisboa o General Bernardiston e o Ministério da Guerra reconheciam a necessidade de remodelar a frente portuguesa, retirando uma divisão da linha, o Tenente-General Anderson, Chefe do Estado Maior do XI Corpo, em conferência com o Comandante do Corpo português propunha

Assim, em virtude de todas estas circunstâncias, 16 batalhões ficaram na situação paradoxal de guarnecer a mesma frente, que de Novembro de 1917 até então tinha sido guarnecida como sector do Corpo pelos 24 batalhões do C. E. P., e que se estendia desde a SHETLAND ROAD ao S., até BOND STREET ao N., numa extensão de 8560 metros, mas com o desenvolvimento rial de cêrca de 11,5 km, frente demasiada para os reduzidos efectivos da Divisão.

O dispositivo da Divisão na noite de 8/9 de Abril era o constante do esquema seguinte :

o dispositivo do C. E. P. em profundidade, apenas com uma divisão na linha, subordinada táticamente ao Comando do XI Corpo e a outra divisão à retaguarda sob a autoridade imediata do Comandante do C. E. P., que ficava tambem tendo ingerência nos assuntos disciplinares e administrativos, que dissessem respeito à divisão em 1.<sup>a</sup> linha.

O Tenente-General Anderson afirmava que era essa a única maneira possível de resolver o problema do C. E. P..

Ficar o Corpo português na linha com um sector divisional, apenas, era inconveniente sob o ponto de vista das disposições da artilharia e por outras razões táticas ; e retirar todo o C. E. P. da frente, durante algum tempo, para descansar, era tambem inconveniente por se mudar muito freqüentemente de sector de Corpo. Acrescentava que supunha que o Govêrno português não deixaria de aprovar êsse dispositivo.

Efectivamente era esta a sùmula da Convenção de Janeiro, que então se acabava de negociar em Lisboa, como vimos.

Contudo, o novo Chefe do Estado Maior do Corpo português, o então coronel Sinel de Cordes, propôs, logo que chegou a França, uma outra solução que harmonisava perfeitamente as necessidades táticas da defesa, que o Comando inglês alegava, com o duplo interesse português de dar descanso às nossas tropas fatigadas, sem o C. E. P. retirar da linha. As duas divisões seguiriam em 1.<sup>a</sup> linha, mas com as suas brigadas em profundidade, — uma brigada em 1.<sup>a</sup> linha, uma em apoio e a terceira em reserva.

Foi pena que esta interessante e sensata solução não fosse adoptada. Se o tivesse sido, o Comando português em 9 de Abril teria encontrado reservas suficientes, para resistir e continuar na linha.

Sectores.....	FLEURBAIX	FAUQUISSART		NEUVE CHAPELLE		FERME DU BOIS		GIVENCHY
Brigadas.....	119. <sup>a</sup> B. I.	4. <sup>a</sup> B. I.		6. <sup>a</sup> B. I.		5. <sup>a</sup> B. I.		165. <sup>a</sup> B. I.
Infantaria } dos } sectores } Apoio..... Reserva.....	da 40. <sup>a</sup> Div. Ingl.	S. S. II	S. S. I	S. S. II	S. S. I	S. S. II	S. S. I	da 55. <sup>a</sup> Div. Ingl.
		Inf. 8	Inf. 20	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 17	Inf. 10	
		4. <sup>a</sup> B. M. L.		6. <sup>a</sup> B. M. L.		5. <sup>a</sup> B. M. L.		
		Inf. 29		Inf. 11		Inf. 4		
		Inf. 3		Inf. 5		Inf. 13		
Morteiros Medios.....		4. <sup>a</sup> B. M. M.		6. <sup>a</sup> B. M. M.		2. <sup>a</sup> B. M. M.		
Artilharia.....		6. <sup>o</sup> G. B. A. — 2. <sup>o</sup> G. B. A. — 1. <sup>o</sup> G. B. A. — 5. <sup>o</sup> G. B. A.						
Morteiros Pesados.....		2. <sup>a</sup> B. M. P.						
Metralhadoras.....		4. <sup>o</sup> G. M. — 3. <sup>o</sup> G. M. — 1. <sup>o</sup> G. M. — 5. <sup>o</sup> G. M.						
Sapadores Mineiros.....		4. <sup>a</sup> C. S. M.		3. <sup>a</sup> C. S. M.		1. <sup>a</sup> C. S. M.		
Pioneiros.....		2. <sup>o</sup> G. C. P.						
Reserva da Divisão.....		3. <sup>a</sup> B. I.						
		2. <sup>a</sup> B. M. L.						
A' retaguarda em situação não utilisavel }		5. <sup>a</sup> B. M. M.						
		6. <sup>o</sup> G. M.						

Á 3.<sup>a</sup> Brigada, impropriamente chamada de reserva, competia, não o papel de reserva á disposição do Comando, tal qual o entendem os nossos regulamentos militares, mas a missão préviamente determinada, de guarnecer e defender a VILLAGE LINE.

Não contaremos, pois, com ela para o cálculo da densidade de ocupação da frente do sector divisional e tão somente com as três brigadas em 1.<sup>a</sup> Linha: 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> B. I..

Os efectivos destas brigadas somavam um total de 295 officiaes e 9028 praças, havendo pois uma quebra de 209 officiaes e 4448 praças relativamente aos efectivos de mobilisação (504 officiaes, 13476 praças).

Com estes efectivos a densidade de ocupação do sistema frontal da defesa não passava de 0,8 por m., não chegando, portanto, a um homem por metro corrente!

Mas a realidade da situação apparecerá ainda mais afflitiva, se considerarmos que aquelle número não correspondia de forma alguma ao número de espingardas.

Como os serviços se iam diferenciando cada vez mais e multiplicando, á medida que a guerra se prolongava, tomando um certo character de permanência e o aspecto de uma verdadeira burocracia, no que diz respeito ao funcionamento dos Comandos, estes absorviam geralmente um grande número de praças, que excédiam, em regra, os respectivos quadros de mobilisação (1). E, se os efectivos de combate das unidades

---

(1) O Q. G. da Divisão devia ter, como efectivos de mobilisação 48 officiaes e 306 praças. Pois segundo os dados, que o Sr. General Gomes da Costa apresenta a pags. 69 do seu livro — A Batalha do Lys —, contando com o pessoal do destacamento da policia de trânsito, os seus efectivos subiam ao respeitavel núme-

estavam desfalcados, os dos Comandos e Quartéis Generais estavam sempre completos e mesmo excedidos. Para as vagas, que houvesse, não faltavam nas trincheiras os candidatos com pedidos, recomendações e tudo!

Excluindo as tropas dos Quartéis Generais e Comandos e as empregadas nas companhias de infantaria nos varios impedimentos indispensáveis, o General Gomes da Costa calcula que não houvesse nas três brigadas mais de 4.800 espingardas utilisaveis!

Adoptando êste número, a densidade em espingardas era apenas de 0,4 por metro corrente para os 11.500 metros de desenvolvimento de frente, o que equivale a ter uma espingarda aproximadamente para 2,4 m. de frente!

Quanto á VILLAGE LINE, a cargo da 3.<sup>a</sup> Brigada, basta considerar que ao seu efectivo de 3590 praças deviam corresponder pouco mais de 2000 espingardas, proporcionalmente ao número calculado para as três brigadas de 1.<sup>a</sup> linha, para se ter uma ideia da insuficiência do guarnecimento daquela série de 21 postos, que ía desde o posto EPINETTE no extremo S. do sector, até ao posto LA FLINQUE ao N., junto a Lavantie, e da ténue linha de tropas, que nesta extensa frente de cêrca de 9 quilómetros se poderia opor a qualquer offensiva inimiga.

Faziam ainda parte da chamada Reserva Divisionária, segundo as determinações do Plano de Defesa do Corpo, as Companhias de Sapadores Mineiros e de

---

ro de 51 officiaes e 528 praças, quasi o efectivo de um batalhão! Avaliando por aqui o que tambem se passava nos restantes Quartéis Generais de Corpo, Divisão e Brigada e Comandos de unidades inferiores, não é de admirar que os effectivos das companhias de infantaria estivessem, assim, tão reduzidos.

Pioneiros, que no conjunto perfaziam ainda um total de 34 oficiais e 737 praças, o que levava teoricamente os efectivos da Reserva Divisionária a 4220 praças.

Teoricamente, dizemos, porque na situação em que estas forças se encontravam, dispersas pelos vários sectores da frente, não era fácil ao Comando da Divisão dispor delas na batalha. (1)

Quanto a artilharia, dispunha a Divisão de 4 grupos com 12 baterias de tiro tenso e 4 baterias de obuzes com um total de 61 bocas de fogo de tiro tenso e 12 de tiro curvo (2), que representavam, em verdade, uma sufficiente proporção de artilharia de campanha.

Antes de virem de Inglaterra as nossas tropas de artilharia pesada, o Comando inglês tinha posto á disposição do Comando do C. E. P. seis grupos de artilharia pesada como artilharia de corpo.

Em Abril já estavam na nossa frente fazendo serviço algumas baterias da nossa artilharia pesada, mas em dependência ainda do Comando britânico, fazendo parte da artilharia do XI Corpo.

Relativamente a metralhadoras, cada pelotão de infantaria dispunha organicamente de uma metralhadora ligeira (Lewis) e a Divisão contava com quatro grupos

---

(1) Estas unidades, que podiam ter sido empregadas com vantagem pelos Comandos dos sectores durante a batalha, não chegaram a ser utilizadas nem mesmo pelo Comando da Divisão, não tendo, pois, tomado parte na batalha senão passivamente, para lhe sofrer as conseqüências! Teria sido preferível ter deixado estas tropas á disposição dos Comandantes das brigadas (tanto mais que os seus estacionamento estavam cêrca dos Q. G. das B. I.), se não havia mesmo ideia de as empregar com a Brigada de Reserva na defesa da VILLAGE LINE.

(2) As baterias de tiro tenso eram a seis bocas de fogo, e as de obuzes a quatro; as que faltam para êste número estavam em reparação, á data.

de metralhadoras pesadas, a duas baterias de 6 metralhadoras cada. Fazia isto um total de 48 metralhadoras pesadas, das quais apenas 36 estavam em 1.<sup>a</sup> linha, devendo fazer parte da guarnição da VILLAGE LINE segundo o Plano de Defesa 6 secções (12 metralhadoras), fornecidas pelos grupos nos respectivos sectores.

Três baterias de morteiros médios com um número de 18 bocas de fogo e uma bateria (a 2.<sup>a</sup>) de morteiros pesados com 4 bocas de fogo completavam, juntamente com as três baterias de morteiros ligeiros, adstritas ás três brigadas em 1.<sup>a</sup> linha, o material de fogo da 2.<sup>a</sup> Divisão.

---

4.º — Estado moral e físico das tropas.  
Causas e conseqüências.

Em fins de Fevereiro de 1918 teve o nosso Comando conhecimento de factos, que denunciavam a existência nas fileiras do C. E. P. de um grande mal-estar, comêço de desmoralisação e indisciplina.

Em boa verdade, os motivos vinham já de longe, desde o princípio, mas o sentimento do dever, o brio e patriotismo do soldado português tinham triunfado até então de todos os maus factores, tanto de ordem moral e política, como militar, que tinham prejudicado a preparação das nossas tropas.

O relatório do Marechal britânico, referente ás operações de 1917 refere-se com efeito em elogiosos termos á acção do C. E. P.:

“Durante o corrente ano a Força Expedicionária Portuguesa entrou em linha e guarneceu durante muitos meses um sector da frente britânica. Se bem que não tivesse entrado em operações ofensivas de envergadura, no entanto, em numerosos *raids* e pequenas acções os officiaes e soldados da Força Expedicionária Portuguesa mostraram-se soldados valorosos e activos”.

Depois, com a duração da guerra o cansaço e a saudade, o sofrimento físico e moral começaram a corroer o espirito do soldado, fazendo-se então sentir com todas as suas desastrosas conseqüências o êrro de não se ter iniciado a nossa intervenção na guerra por uma séria e *bem nacional* preparação do espirito público. A guerra não era popular, porque não era sentida, nem compreendida pela massa do país.

Por isso mesmo foi maior e mais nobre o sacrificio

do soldado português, sofrendo os horrores da guerra (e que guerra!) em simples obediência ao dever militar, sem o entusiasmo, que levanta o espírito, defendendo interesses, que desconhecia, em terras, que não eram portuguesas, vítima inocente de escuras combinações políticas.

E por isso ainda, todo o português que souber avaliar bem a grandeza dêste holocausto, ha-de sentir pelo pobre soldado que na Flandres se bateu, uma infinita gratidão e reconhecer que, verdadeiramente, não foi culpa dêle, se o C. E. P. esteve prestes a sossobrar num tremendo desastre moral e material.

Sob pena de alongarmos demasiado êste capítulo, não nos podemos furtar a inserir aqui algumas transcrições, as mais elucidativas, dos relatórios que por ordem do Comando do C. E. P. os vários comandantes das unidades fizeram sobre o estado moral e fisico da sua gente. Tendo dado entrada no Q. G. da 2.ª Divisão em 4 de Abril (cinco dias apenas antes do dia fatal!), fornecem-nos sôbre o assunto uma documentação preciosa.

Escritos na linha de batalha sob a impressão daqueles terríveis dias, que precederam a tragédia de 9 de Abril, êles refletem com exactidão e sinceridade o estado moral da nossa gente nas vésperas da mais temerosa batalha, em que tropas portuguesas jámais entraram.

---

Todos os relatórios eram unânimes em considerar como muito deprimido o moral das tropas e urgentemente necessário um repouso imediato e prolongado longe dos perigos e agruras da frente.

“Só um longo descanso pode levantar-lhes o moral.”  
(Inf. 14).

“O Batalhão não se encontra presentemente em estado de resistir a um ataque mais forte do inimigo, devido á funda depressão moral em que se encontra, sendo altamente perigoso conserva-lo por mais tempo na frente pelo seu nulo valor ofensivo e pouca capacidade de resistência.”  
(Inf. 15).

“... — Será muito difícil e árduo, sem um repouso absoluto e prolongado para todos, com elementos fracos, enervados e esgotados física e moralmente, arcar com a responsabilidade da defesa do sub-sector e de quaisquer operações que tenham de executar-se...” (Inf. 9).

“Cumpre-me informar que julgo impossível continuar a dispendir a mesma energia física, porque o limite da resistência está excedido e é natural que nestas condições o moral comece a resentir-se, já porque os oficiais e graduados faltam, já porque as praças não resistirão, desde que lhes falte o exemplo dos seus superiores, que hoje ainda veem sacrificar-se ao seu lado, mas que em breve deixarão de ter junto de si, porque o excesso de fadiga os prostrará... e, se ao fim de dois meses, como estava prescrito e prometido, se não der a esta gente o necessário descanso, direi que dificilmente, sem querer ser agourento, poderemos contar com esforços eficientes seus no desempenho da honrosa missão que nos foi confiada. Por isso, com antecedência, para que depois me não sejam assacadas em assunto de tal magnitude responsabilidades, que desde já por esta forma repudio, levo ao conhecimento das instâncias superiores tal estado de coisas, para com tempo se prevenirem, e não remediarem, os factos desagradáveis que podem advir...” (Comando da 4.<sup>a</sup> B. I.).

“... Forçoso é dizer que se torna necessário um longo período de descanso para reconstituição de forças esgotadas e retemperar a energia...” (Inf. 3).

«...E' minha opinião que sem um repouso imediato, prolongado e reparador, as praças não podem resistir... Os graduados de uma maneira geral não constituem excepção; mesmo nêles tenho observado idêntico abatimento.» (Inf. 20).

«...Ha um só remédio; mandar as tropas para a retaguarda, para lugar, onde possam esquecer um pouco a guerra, e aí aproveitar o tempo para cuidar da sua hygiene e instrução, incutindo-lhes espirito militar...» (Inf. 13).

«...O estado moral, tanto dos officiais, como das praças não é bom.» (3.<sup>a</sup> Bateria do 1.<sup>o</sup> G. B. A.).

«O estado moral do pessoal desta bateria não é de molde a poder-se exigir dêle para o futuro o esforço que se lhe tem pedido até ao presente...» (2.<sup>a</sup> Bateria do 6.<sup>o</sup> G. B. A.).

A correspondência para Portugal reflectia com exactidão este estado de espirito. E a censura do Comandos das unidades tornava-se ultimamente já impotente, para suprimir e esconder estas manifestações de desalento.

A fraqueza moral e a astenia entraram a seguir com o nosso soldado, produzindo nele por um lado a par de uma grande decadência de espirito o relaxamento da disciplina, o desleixo, a relutância ou indiferença no serviço, motivando por outro inúmeras baixas ás ambulancias e hospitais.

O nível moral dia a dia descia de uma forma assustadora, notando-se frequentemente como sintomas desse estado patológico :

- a dificuldade em conduzir as praças para os varios serviços de 1.<sup>a</sup> linha, alegando constantemente doença;
- a recusa para os serviços, para que são nomeados, mesmo da parte dos mais corajosos e obedientes, sob o mesmo pretexto;

— o receio pelo perigo, manifestado ao menor preságio de qualquer alteração da situação e evidenciado pela saída da 1.<sup>a</sup> linha para a retaguarda sob pretextos futeis;

— a falta de apetite, resultante de uma forte astenia, que leva as praças a não comerem uma grande parte da sua ração, chegando ha dias numa companhia em 1.<sup>a</sup> linha a serem inutilizadas cantinas completas, quando ha cêrca de mês e meio o achavam deficiente, não tendo sido aumentada a ração;

— o não acatarem, quási sem murmurarem, as ordens dos seus chefes immediatos, quando bem sabemos ser o nosso soldado, principalmente o provinciano, obediente, sofredor e sóbrio;

— o não se importarem com a acção disciplinar e já não manifestarem o orgulho, que era apanágio do nosso soldado, de manter a sua folha de registo limpa...” (Inf. 9)

... abandono, desleixo e indiferença pelas punições, não affectando êste ponto, por emquanto, uma forma grave pela excelente índole e qualidades de subordinação das praças da brigada...” (Comando da 3.<sup>a</sup> B. I.).

“... Os comandantes de companhia queixam-se com frequência do desânimo que lavra nos seus subordinados. Os homens não apresentam já aquella energia que é preciso manter nas emoções de um combate. Facilmente se deixam suggestionar pela violência de um ataque, caindo num estado de espirito bastante para temer. Ha casos já de êles terem de levar homens para as trincheiras, apelando para a camaradagem, necessidade de defesa, etc, impotentes em conseguir o cumprimento do dever militar pelas normas disciplinares. Um dos sintomas do desalento é a pouca efficacia da repressão disciplinar, que ultimamente tem aumentado muito, havendo um número exageradíssimo de punições, existindo além disso pendentés quatro autos por deserção, quando dantes eram muito raros os casos de repressão disciplinar...” (Inf. 15).

“... uma outra cousa hoje se vem notando nos nossos homens; é a falta de vontade para as cousas mais insignificantes.” (Inf. 20).

"... diminuição bastante sensível na sua correspondência para Portugal, dizendo que já não tem gosto em escrever."

... morosidade no cumprimento dos serviços."

Como algarvios já não se lhes nota o seu principal característico, falar muito, a contrastar com o seu presente silêncio e tristeza." (Inf. 4).

"... Tem-se alcançado aquele estado de indiferentismo, que aparentemente se não vê, mas que logo se manifesta, desde que tenha que se dispensar um pouco mais de energia que a habitual." (Inf. 13).

"... o relativamente grande número de faltas e uma certa morosidade, com que se realizam as formaturas dos batalhões em dias de rendição...

... relutância na ocupação dos pontos fracos da linha e postos que, por desmantelados, não oferecem a menor segurança." (Comando da 6.<sup>a</sup> B. I.).

"... começa a sentir-se no seu espírito o aparecimento de uma revolta contra a falta de descanso e as esperanças perdidas." (2.<sup>a</sup> Bateria do 1.<sup>o</sup> G. B. A.).

"... na verdade nota-se nas praças da bateria um abatimento moral que não é muito próprio dos nossos soldados." (3.<sup>a</sup> Bateria do 2.<sup>o</sup> G. B. A.).

"... vários factores tem contribuído para que o moral não seja tão levantado, como era natural na nossa raça e como o era de começo..." (4.<sup>a</sup> Bateria do 2.<sup>o</sup> G. B. A.).

"... O moral das praças desta bateria não é bom. No período agitado do mês de Março findo, para as poder manter no seu lugar, era preciso estar um oficial junto de cada guarnição nas ocasiões de fogo. Nos últimos pedidos de S. O. S. no fim de alguns tiros caíam extenuados e desanimados, havendo ocasiões em que os oficiais, para os animar, tiveram de fazer de serventes..." (4.<sup>a</sup> Bateria do 6.<sup>o</sup> G. B. A.).

Acompanhando êste estado de abatimento moral, havia uma profunda prostração física, um estado de fadiga permanente, de que se resentia profundamente a saúde das tropas.

A elevada percentagem de doentes, as freqüentes e numerosas baixas ao hospital denunciavam e reflectiam êste mal-estar moral e o extenuamento físico, a que poucas unidades escaparam.

No seu relatório o Comando de Infantaria 9 denunciava :

"... um grande número de baixas ao hospital, que são nesta data de 7 oficiais e 234 praças, tendo ainda convalescentes em número de 43, e ainda o facto de quasi toda uma companhia em 1.<sup>a</sup> linha ter ido á revista de saúde."

Sobre o estado sanitário dêste batalhão o médico relatava o seguinte :

" — O abatimento físico e moral vem aumentando de dia para dia e chegou neste momento a atingir o máximo que podia atingir. É freqüente queixarem-se-me homens de sintomas, que pelo meu exame clínico sou levado a attribuir ao extremo grau de fadiga em que se encontram... Como contra-prova alguns ha, a quem tenho dado uma convalescença contínua e prolongada, ao fim da qual todos os sintomas, de que a principio se me queixavam, desapareciam. A êstes homens não fiz eu qualquer medicação. E isto succede com a maioria dos homens; aqueles, para quem posso obter uma justificação, tenho-os baixado á ambulância. Homens aparecem por vezes em estado febril, sem que nada no seu passado patológico ou no seu estado actual possa justificar a sua temperatura. O exame do hábito externo dá-nos o quadro da maior miséria, que eu jamais tenho visto. Dêstes homens, uns tenho-os baixado á ambulância, voltando no dia seguinte ou dois dias depois, com seis e oito dias para convalescer, o que prova que os meus colegas da ambulância foram de opinião que a convalescença, isto é, o repouso por si só era sufficiente. Os

outros sujeito-os à convalescença, verificando ao fim dela que o seu estado melhorou. Deve-se concluir do exposto que os homens deram o máximo de energia que podiam dar e que, não podendo dar mais, um desequilíbrio se produziu, de que o organismo se começa a defender, reagindo por formas variadas, que são outros tantos sintomas de que se veem queixar e nos quais predominam os estados febris, *cefalias* etc. É por conseguinte urgente um repouso prolongado, afim de os homens se refazerem das energias que já não possuem, sem o quê eu não me responsabilizo pelo estado sanitário do batalhão." (Relatório do médico de inf. 9).

O mesmo sucedia no geral com as praças das outras unidades :

" — As praças deste Batalhão estão excessivamente extenuadas, não podendo esperar delas qualquer esforço maior que o habitual, que com dificuldade se consegue já.

— ...além dos que se encontravam nos hospitais quási um terço dos efectivos das trincheiras se conservou em convalescença durante a última estada nelas.

— ...reconhece-se o estado de fadiga nos trabalhos mais simples, em que empregam um esforço desproporcionado, cansando rapidamente com os mais simples exercí-cios e dando um mínimo de rendimento." (Inf. 15).

" — O estado de miséria física, que encontrei em todos os homens deste batalhão, impressionou-me de tal maneira que julgo de toda a oportunidade levar tal facto ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup>, pois o estado dos homens que apareciam a queixar-se-me era tal que me deixava perplexo sôbre a maneira de proceder. O recurso de que disponho, para obviar a tal estado, é sòmente a convalescença e neste caso todo o batalhão teria de ficar convalescente. Não é com comprimidos de tinctura de iodo que se fazem desaparecer sintomas, que um estado de fadiga elevado ao máximo produz. É necessário um repouso absoluto e prolongado, para fazer destes homens soldados capazes de permanecer nas linhas com a responsabilidade que cabe a um

soldado. De contrário, declaro que, não sendo dado ao batalhão o repouso, que é o único medicamento, chamemos-lhe assim, que o seu estado reclama, não me posso responsabilizar pelo estado sanitário do batalhão." (Relatório do médico de inf. 15).

"... grande abatimento físico, que por enquanto apenas se traduz na quantidade enorme de baixas e convalescenças." (Comando da 4.<sup>a</sup> B. I.).

"... as tropas estão cansadas e doentes; tem ultimamente baixado ao hospital grande número de soldados com o diagnóstico de astenia e estou convencido de que as baixas vão aumentar consideravelmente." (Médico de Inf. 20).

"... nos oficiais e praças deste batalhão tem-se notado um certo exgotamento físico que, sobretudo ha dois meses para cá, se tem manifestado pelo número de baixas ás ambulâncias e hospitais, que é de 117 praças e 6 oficiais." (Inf. 3).

"... Ultimamente, porêm, o número de doentes que veem à revista de saude aumenta de dia para dia... quasi todos os homens se encontram completamente depauperados, estropeados... Estes homens não precisam por enquanto de hospitalização, mas sim de um grande repouso... Acho demasiado perigoso não só para êles, como para a defesa do sector, conservar por mais tempo estes homens nas linhas." (Médico de Inf. 29).

"... as tropas encontram-se fisicamente fatigadas." (Inf. 15).

"... o seu cansaço é visível, a fadiga é grande. Uma grande parte do pessoal encontra-se nos hospitais e ambulâncias, outra em convalescença... Pelo enervamento do pessoal desta bateria é para recear do estado mental dalguns homens." (2.<sup>a</sup> Bateria do 6.<sup>o</sup> G. B. A.).

"... quasi todas as praças que baixam ao hospital, é com o diagnóstico de tuberculose pulmonar." (1.<sup>a</sup> Bateria do 6.<sup>o</sup> G. M.).

"... os homens estão fatigadíssimos, a ponto de a companhia ter mais de 40 no hospital, doentes, e cêrca de 20 convalescentes por dia." (2.<sup>a</sup> C. S. M.).

"... as tropas sofrem de uma apatia e atonia acentuadas... Executam o trabalho que se lhes determina sem más vontades, mas sem nenhum interesse e com igual indiferença, quer se trate de um abrigo no acantonamento da companhia exclusivamente para êles destinado, quer no trabalho das trincheiras, absolutamente resignados á vida que levam e aos sacrificios que se lhes exigem, mas sem qualquer estímulo na execução do que lhes é determinado." (3.<sup>a</sup> C. S. M.).

"... uma certa depressão no seu estado moral, que se tem feito notar pelos casos de neurastenia que teem apparecido, casos que até chamaram a atenção do facultativo, a quem as praças teem sido presentes pelo estado de fraqueza moral, em que algumas se encontram." (3.<sup>a</sup> Companhia do 2.<sup>o</sup> G. C. P.).

"... contudo a diminuição progressiva do rendimento de trabalho e o aumento de praças que comparecem à revista de saúde, faz-me prever talvez o início do esgotamento físico." (4.<sup>a</sup> companhia do 2.<sup>o</sup> G. C. P.).

Múltiplas eram as causas que originavam este estado de coisas e entre elas os Comandos das unidades apontavam principalmente as seguintes :

*a) — A larga e demasiada permanência na frente; excesso de trabalho e falta de repouso.*

A 1.<sup>a</sup> Divisão tinha retirado em 6 de Abril depois de mais de nove meses seguidos de 1.<sup>a</sup> linha.

A 2.<sup>a</sup> Divisão, que entrara na linha em 26 de Novembro, ía já no quinto mês de frente, quando se deu o ataque alemão.

Durante êste tempo conhecemos no nosso flanco direito, no sector do Canal, três divisões inglesas, a 25.<sup>a</sup>, a 42.<sup>a</sup> e a 55.<sup>a</sup>, e no flanco esquerdo, em Croix du

Bac, a cavaleiro sôbre o Lys, a 38.<sup>a</sup>, a 12.<sup>a</sup> e a 57.<sup>a</sup>, não contando com a 40.<sup>a</sup>, que á data de 9 de Abril guarnecia aquele sector, mas que tinha vindo directamente da frente do Somme dias antes apenas.

Acresce ainda que êstes cinco meses foram de inverno, um inverno rigoroso, que fazia esmorecer de frio nas trincheiras lodacentas daquela pantanosa região os próprios soldados, oriúndos das serranias da Beira e de Trás-os-Montes.

Dentro de cada brigada os batalhões de 1.<sup>a</sup> linha eram, em verdade, regularmente rendidos (não sucedia assim nas unidades de artilharia, morteiros e sapadores, onde se atingiu, decerto, o *record* da permanência seguida nas trincheiras, como veremos); mas muitas vezes a rendição significava aumento de trabalho para as tropas que saíam da linha.

Nos ultimos tempos, sobretudo, em que os efectivos estavam já muito reduzidos e as companhias de sapadores não bastavam para acudir a todas as necessidades, as unidades em repouso eram empregadas em vários trabalhos da defêsa dos sectores e além disso as noites eram freqüentemente interrompidas por constantes alarmes, em que eram chamadas a guarnecer as linhas de reserva ou a reforçar as tropas em 1.<sup>a</sup> linha.

Estes alarmes tornaram-se habituais nas noites intranquillas e enervantes do terrível mês de Março. Os bombardeamentos e *raids* violentos acabaram de arrasar a nossa gente, habituada ao relativo sossêgo que até ali tinha havido na frente do Lys.

De todas as brigadas da Divisão a 3.<sup>a</sup> e a 4.<sup>a</sup> B. I. eram as que com mais razão se podiam queixar de demasiada permanência na frente.

A 3.<sup>a</sup> B. I., que viera da 1.<sup>a</sup> Divisão, contava já perto de nove meses de frente e continuava agora a li-

car em linha, enquanto via ir para descanso as outras brigadas que com ela tinham entrado nas trincheiras. Assim, com razão as suas tropas se queixavam de:

"... falta de repouso em lugares, onde não estivessem sujeitos aos perigos e trabalhos violentos; esta brigada ainda não teve descanso nestas condições e é a brigada que tem mais tempo de linha e menos de repouso..." (Comando da 3.<sup>a</sup> B. I.).

"...encontrando-se na frente ha proxivamente nove meses, sómente com um descanso de 54 dias, descanso apenas *in nomine*, pois que esteve como reserva da Divisão e muito próximo da frente, onde a maior parte do tempo era empregado em diferentes serviços, como reparações na Linha das Aldeias, descarga de combóios, trabalhos com tropas de engenharia, etc, serviços que obrigavam a longas e fatigantes marchas debaixo de uma temperatura bastante áspera..." (Bat. de Inf. 9.)

A 4.<sup>a</sup> Brigada tinha entrado em linha com responsabilidade em 22 de Setembro e de então em diante esteve sempre nas trincheiras com excepção única do mês de Janeiro, passado na área de La Gorgue, como reserva da Divisão.

"... num *soi-disant* descanso, que pela continuação, diversidade e imprevisto dos trabalhos muito arrasou os meus homens." (Comando da 4.<sup>a</sup> B. I.).

"— O descanso aqui foi uma ficção, porque, em vez de ser reparador das forças perdidas na árdua tarefa das trincheiras, foram as praças obrigadas a trabalhos variados desde a descarga do carvão até á construção de valas para o cabo enterrado." (Inf. 8).

Esta brigada voltou para as linhas em 11 de Fevereiro, guarnecendo o sector de FAUQUISSART, onde as suas tropas assim fatigadas mal podiam suportar as

penosas fadigas que lhe estavam reservadas no mês de Março.

Incluíndo o tempo que passou em instrução nos sectores ingleses, os efectivos desta brigada contavam cêrca de oito meses quási seguidos de serviço de trincheiras.

Quanto à 5.ª Brigada, as suas unidades tinham permanecido oitenta e sete dias (três meses, de 10 de Dezembro de 1917 a 7 de Março de 1918) seguidamente nas trincheiras de 1.ª linha e isto na fase mais rigorosa do inverno, o que foi sobretudo penoso para os soldados dos batalhões de Inf. 17 (Alemtejo) e Inf. 4 (Algarve), que não estavam habituados a tais temperaturas.

Em 7 de Março vieram para a retaguarda (Comando da brigada em La Gorgue), como reserva da Divisão, para descansar.

Mas, que descanso eles tiveram naquele inesquecível mês de Março, sujeitos de noite aos constantes alarmes e conseqüente guarnecimento dos postos da VILLAGE LINE, forçados de dia aos frequentes pedidos de trabalhos que lhes eram exigidos.

“—acontecendo muitas, mas muitas vezes, chegarem do serviço das trincheiras mortos de cansaço e sono e serem nomeados para trabalhos de abertura de valas, enteramento de cabos, etc.” (Inf. 4).

Podiam dizer com razão que os períodos de descanso se tornavam assim em períodos.

“de mais intenso trabalho e fadiga, do que propriamente os de estada nas linhas.” (Comando da 5.ª B. I.).

Se da infantaria passarmos às tropas de artilharia, o mal atingia ainda maiores proporções.

O tempo de permanência em 1.<sup>a</sup> linha foi para algumas baterias verdadeiramente exagerado.

Á data do 9 de Abril as baterias do 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> G. B. A. estavam na frente desde Maio de 1917 (*onze meses!*), tendo tido apenas 45 dias de descanso, que o pessoal do 2.<sup>o</sup> Grupo passou ainda em trabalhos de construção de linhas Decauville.

A 4.<sup>a</sup> Bateria do 2.<sup>o</sup> G. B. A. esteve na frente *consecutivamente* perto de *oito meses*, voltando de novo para a frente depois de 32 dias de descanso apenas.

O 3 G. B. A. contava cêrca de *dez meses* de 1.<sup>a</sup> linha, quando foi rendido. Em contraste, as baterias do 4.<sup>o</sup> G. B. A., que tinham tomado posição muitos meses depois, tinham sido rendidas antes.

A bateria de mais recente constituição do 3.<sup>o</sup> G. B. A.— a bateria de obuzes —

“—permaneceu em posição durante 261 dias, tendo notado nos últimos tempos que as praças visivelmente apresentavam uma grande fadiga.” (4.<sup>a</sup> Bateria do 3.<sup>o</sup> G. B. A.).

A tensão moral, própria de quem tinha de intervir rápida e prontamente nos momentos mais imprevistos, a seqüência de noites passadas a vigilar, a acudir aos sinais de S. O. S. (1) ou a suportar o fogo das contrabaterias inimigas, e isto durante longos e seguidos meses, devia fatigar muito as tropas de artilharia. Os numerosos bombardeamentos que houve durante o mês de Março tinham acabado de os extenuar, tanto mais que a deficiência de efectivos, que se tornara nos últimos tempos um pesadelo para os Comandantes das baterias, obrigava a trabalho dobrado o pessoal das guarnições.

(1)— Iniciais das palavras inglesas: “*save our souls*”, com que a infantaria pedia socorro à artilharia de apoio.

O mesmo sucedia com as tropas de metralhadoras, porventura em piores condições ainda que as de artilharia.

“ — As praças e oficiais desta unidade acham-se bastante cansadas por efeito do trabalho excessivo que tem tido, especialmente desde o princípio do mês findo (Março). Esta unidade tem todas as suas metralhadoras em serviço e como pelo quadro orgânico o numero de serventes é apenas o suficiente, para guarnecer as metralhadoras, não podendo pois fazer alternar o pessoal da bateria no serviço das bocas de fogo... todas as praças se acham constantemente nas trincheiras. Quási o mesmo succede com os officiaes que, a-pesar-de doentes na sua maioria, tem feito esforços, para desempenhar o seu serviço, com o fim de estimular os subordinados ao cumprimento dos seus deveres... Julgo de toda a conveniência que a esta unidade seja dado algum tempo de descanso ; tem sido com essa esperança e com o exemplo dos officiaes que tenho conseguido conservar-lhes a força moral que ainda possuem”. (3.º G. M.).

“...O estado moral não é bom devido ao cansaço proveniente do excessivo trabalho a que são obrigados. Praças ha que permanecem nas posições de combate, onde são obrigadas a uma rigorosa e aturada vigilância, vinte e trinta dias seguidamente e que depois veem para os postos da Linha Intermedia.” (4.º G. M.).

“—Informo que o pessoal deste Grupo se encontra num estado de esgotamento fisico extraordinário, não podendo contar com êle para qualquer eventualidade, visto que já têm *oito meses e meio* seguidos de permanência nas trincheiras... Isto é um Grupo encravado que nasceu em mau dia.” (5.º G. M.)

No entanto, sob êste ponto de vista, de todas as tropas foram talvez as de sapadores as mais duramente provadas, não só pelo muito tempo de 1.ª linha, que tiveram, como ainda pela violência dos trabalhos que

lhes eram exigidos e pelas condições penosas em que estes se faziam nas trincheiras.

A 2.<sup>a</sup> C. S. M., contou dez meses de trabalho constante com três semanas de descanso apenas e a 3.<sup>a</sup> C. S. M. teve quasi oito meses de trabalho contínuo nas trincheiras sem qualquer período de descanso.

As companhias do 2.<sup>o</sup> G. C. P. eram de mais recente criação; mas contavam já umas seis, outras cinco meses de trabalho ininterrupto.

As más condições do terreno no nosso sector e a necessidade de constantemente reforçar as organizações defensivas, melhorar os abrigos existentes e construir outros novos originaram tal quantidade de trabalho que não só não foi possível dar ás companhias de sapadores e pioneiros repouso com a regularidade e frequência necessárias, como também os batalhões de infantaria não foram descarregados da obrigação bem penosa de empregar os períodos de descanso em trabalhar nas trincheiras.

Para melhorar a situação das tropas de sapadores, o Comando de Engenharia da Divisão chegou a propor que fossem criadas mais companhias de sapadores mineiros em número suficiente, para se renderem por períodos de dois meses, como era hábito fazer-se com as brigadas de infantaria, passando então a haver seis companhias de sapadores, uma por brigada.

«Os homens estão fatigadíssimos e vivem numa contínua tensão nervosa, produzida pela falta de lugar, onde possam completa e descansadamente repousar, visto o acantonamento da companhia ou as suas proximidades serem quasi diariamente bombardeadas, não dispondo ainda de abrigos suficientes e fortes, por não se terem ainda recebidos os materiais que para esse efeito se têm requisitado».

«Uma unidade nestas condições e já com dez meses de serviço de linha tem fatalmente de ser rendida em curto

prazo, por ser materialmente impossível conservar nela o moral, a união e a disciplina indispensáveis. Pode-se esperar assim pela rendição durante um mês, dois meses... O que se não pode é continuar sem esperança de rendição indefinidamente». (2.<sup>a</sup> C. S. M.).

« — A causa que mais julgo actuar neste estado de espírito é a falta de descanso e sobretudo a impressão de que não o virão a ter. Às palavras de estímulo dos oficiais e á segurança que lhes dão que o descanso virá, como já o tiveram a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> companhias, sente-se da parte dêles o retraimento e a desconfiança de que tais promessas se não cheguem, a realizar e, sem esperança, resignados, seguem a sua vida habitual». (3.<sup>a</sup> C. S. M.).

*b) — As licenças de campanha.*

Em princípios de Setembro de 1917 foi concedido aos militares do C. E. P. o gozo de licenças de campanha, á semelhança do que já então se fazia em todos os exércitos.

O primitivo regulamento concedia sómente um máximo de quinze dias, tempo que apenas permitia vir a Portugal a quem disso tivesse imprescindível necessidade. Mas, sucessivas alterações, arbitrariamente introduzidas pelo Ministério da Guerra, foram alongando cada vez mais êste tempo de licença, facilitando assim a vinda a Portugal de um maior número de militares.

Em 19 de Setembro aumentou-se de 15 a 20 dias o tempo de licença e logo em Novembro a 30. Em princípios de 1918 ainda foi de novo elevado a um máximo de 40 ou 45, não contando os dias de viagem.

Deste modo foi desnaturado completamente o pensamento primitivo do Comando, que bem sensata, bem proféticamente pretendia, ao contrário, dificultar a saída de França aos militares do C. E. P..

Com efeito, deve-se a esta malfadada questão das

licenças uma grande parte da baixa de moral que afectou o C. E. P..

Primeiro teve que se proibir, por inconveniente, a vinda das praças via Hespanha. Mas, a insuficiência da nossa linha de comunicações por mar, mal e irregularmente servida de transportes, não dava vasão ao grande número de praças, que pretendiam vir de licença a Portugal. O número calculado de 150 que por quinzena podia obter lugar nos barcos em Brest, resultava, depois de distribuido por todos os elementos do C. E. P., insufficiente e irrisório. Haveria praças que só passados anos poderiam gozar a primeira licença.

Desde, porém, que em 16 de Janeiro se permitiu aos soldados utilizar a via terrestre, a falta de efectivos começou a agravar-se com a enorme quantidade de militares que vinham de licença, a ponto tal, que o Commando do C. E. P. teve de tomar a iniciativa de moderar a concessão de licenças, sob pena de ver em pouco tempo as unidades reduzidas a um estado esqueletico.

O regulamento de licenças reconheceu-se logo como praticamente irrealisável, a não ser que os efectivos do Corpo fossem correspondentemente aumentados, para que fosse possível haver continuamente tão grande vaivém de militares do C. E. P., sem que a segurança da frente soffresse.

Depois, a situação complicou-se ainda pelo demasiado número daqueles que, tendo vindo de licença, conseguiram desmobilizar e não mais voltaram. Como por outro lado não partiam reforços, os efectivos iam diminuindo cada vez mais na frente e com mais difficuldade os Comandos concediam licenças.

Os que estavam nos Quartéis Generais e escalões da retaguarda, ouvindo mais do que sentindo, a guerra

ainda as obtinham com suficiente regularidade, perto, como estavam, daqueles que em última instância as podiam conceder e das Repartições por onde esse assunto corria. Mas nas trincheiras, onde havia deficiência de efectivos e onde se fazia mais falta ao serviço da defesa, já não sucedia o mesmo. E assim, aqueles que mais precisavam das licenças eram justamente os que com mais dificuldade e irregularidade as obtinham.

E quantas vezes, depois de deferidos os pedidos, não sucedia vir contra-ordem e as licenças serem suspensas indeterminadamente, ou porque fechava a fronteira, ou porque não havia em Brest transporte para Portugal!

„O moral dos meus soldados era bom. Tinha aparecido um decreto sobre licenças, publicado na Ordem de Serviço da Divisão, que os animou, elevando o seu moral. . . Foram 70 praças para Portugal e as que ficaram tinham a promessa de que também iriam matar saudades. . . Começa depois a queda vertiginosa do seu moral. As licenças foram suspensas e as praças que foram para Portugal diz-se agora que não voltam; mas, ainda que nada disto se tivesse dado, as dificuldades teem aumentado tanto, que só os privilegiados da sorte poderiam aproveitar tal concessão.” (1.º G. B. A.)

Assim, custosa e irregular a viagem por terra, raros os lugares disponiveis nos transportes em Brest, não é de admirar que o regulamento de licenças viesse a ser considerado pelo soldado do C. E. P. como um lôgro e uma “história”, em que ultimamente já não acreditava.

O seu moral começou então a declinar visivelmente, a antiga e habitual alegria a desaparecer-lhe da frente, a neurastenia a invadi-lo. A sua correspondência para Portugal denunciava uma saudade dolorosa, doentia do seu lar e dos seus, desesperado já de os voltar a ver, tão impossível lhe parecia que chegasse a

gozar uma licença, a que, de resto, pelo respectivo regulamento tinha direito de três em três meses.

Podiam os oficiais explicar-lhe longamente, carinhosamente os motivos porque as licenças não podiam ser concedidas com a pressa e regularidade, que desejavam. Era tudo inútil.

„O soldado ingénuo e mal avisado acreditou que poderia num curto praso gozar a sua licença, que periodicamente ela lhe estava garantida. As restrições começaram, porém, e hoje todo o pessoal da minha bateria descrê absolutamente das promessas de licença, que o respectivo regulamento estabelece. E, como já se habituou a não encontrar fim á guerra em que anda empenhado, desesperou de voltar á sua terra e ao seu lar. Para homens que não podem atingir as razões de ordem social da guerra não ha nada que possa contra-bater o profundo mal-estar, resultante do facto exposto. A saudade dos seus, a preocupação constante de uma licença, a que tem direito, mas que lhe não é concedida, assoberba-lhes inteiramente o espirito. Sabem bem os motivos porque não vão de licença, mas isso não beneficia o seu estado moral.» (4.<sup>a</sup> Bateria do 1.<sup>o</sup> G. B. A.).

*c) — A deficiência de efectivos.*

Vimos já como eram desde o princípio bastantes as faltas nos efectivos das unidades do C. E. P. e principalmente da 2.<sup>a</sup> Divisão.

Estas deficiências iniciais foram depois pelo tempo adiante aumentando consideravelmente, devido já ao grande numero de hospitalizados e convalescentes por excesso de trabalho, já ao número, tambem elevado, dos que em Portugal ficavam indefinidamente de licença e eram desmobilizados.

A diminuição dos efectivos nas vésperas da batalha era tal, que os Comandantes da Divisão, primeiro o

sr. Coronel Barbosa, como Comandante interino, e depois o sr. General Gomes da Costa, por muitas vezes se queixaram ao Comando do C. E. P. e em 7 de Abril ao próprio Comandante do XI Corpo, que prometeu a imediata substituição da Divisão.

A 4.<sup>a</sup> Brigada já durante o trabalhoso mês de Março enviara ao Q. G. da Divisão várias e instantes comunicações a esse respeito.

Em 15 de Março :

“... termino informando V. Ex.<sup>a</sup> que só oficiais faltam 29, dos quais 5 capitães e 1 provisor, sargentos e mais graduados um mínimo de 36 e soldados 300, porque conto como no efectivo alguns centos de praças que se encontram em várias situações.»

E logo em 18 est'outra :

“Informo V. Ex.<sup>a</sup> para conhecimento de S. Ex.<sup>a</sup> o General, que na Brigada do meu Comando faltam actualmente as seguintes praças : 1.<sup>os</sup> sargentos 7, 2.<sup>os</sup> sargentos e 1.<sup>os</sup> cabos 123 e soldados 1037. Se acrescentar a isto as faltas nos corneteiros, sinaleiros, maqueiros e enfermeiros, ha um total de 1196 praças em falta.»

E em 24 ainda esta :

“Tendo agora baixado ao hospital o Comandante do Batalhão de Infantaria n.º 20 e encontrando-se doente, mas ainda ao serviço, o Comandante de Infantaria n.º 29, tendo baixado ao hospital dois officiaes, Comandantes das Secções de Sinaleiros (Inf. n.º 29 e Inf. n.º 20), faltando 41 officiaes para o completo do efectivo desta Brigada de Infantaria, assim o comunico a V. Ex.<sup>a</sup>, rogando se digne solicitar de S. Ex.<sup>a</sup> o General as providências adequadas principalmente na parte respeitante a Comandos.»

De então em diante a situação piorou ainda e nas vésperas da batalha o Comandante da 4.<sup>a</sup> Brigada escrevia :

“Assim, a redução dos efectivos é tão grande que, devendo estar (segundo o Plano de Defesa) em Lavantie um batalhão de reserva e uma companhia do batalhão de apoio, há muito que é necessario mandar reforçar desde o “a postos” da tarde até ao “a postos” da manhã as forças nas trincheiras, sucedendo que em reserva neste espaço de tempo apenas há normalmente duas companhias, do que resulta haver trabalho seguido para as forças, que nem sequer podem aproveitar o período em reserva para a sua limpeza pessoal.”

Nas restantes brigadas sucedia pouco mais ou menos a mesma coisa.

Esta exiguidade de efectivos trazia como consequência um grande aumento de trabalho, dificuldade nas reparações de trincheiras, falta de repouso para ás tropas de reserva, que tinham que reforçar as unidades de 1.<sup>a</sup> linha, e uma menor confiança na segurança e defesa do sector.

O reduzido número de oficiais e sargentos causava por seu turno o relaxamento da disciplina pela impossibilidade de exercer a fiscalisação dos serviços.

Na artilharia as faltas de pessoal conservavam proporção idêntica á da infantaria, mas era principalmente em relação á insuficiência de graduados que os Comandantes das unidades de artilharia mais faziam ouvir as suas queixas. Pela qualidade especial do serviço desta arma eram aqui muito mais sensíveis as consequências tanto da falta de quadros, como das contínuas transferências, que havia, de oficiais de bateria para bateria. Distó amargamente se queixavam os Comandantes dos grupos, pelos inconvenientes que para a disciplina e para o serviço tais factos produziam numa arma, onde, mais do que em qualquer outra, convem que haja permanência dos graduados nas unidades.

Grande parte das baterias de artilharia eram comandadas por subalternos, chegando mesmo, como veremos na narração da batalha, a haver algumas baterias comandadas por alferes milicianos. Além disso, a percentagem de oficiais milicianos em relação aos do quadro permanente era grande nesta arma, o que não contribuía decerto para lhes levantar o moral, tanto mais que conheciam o facto de

“...existirem já cinco cursos de artilharia de campanha saídos da Escola de Guerra, já alferes, o menor dos quais era de 40 alunos e o maior de perto de 200 e cuja maioria se encontra ainda em Portugal, o que revela para os milicianos uma flagrante injustiça e não dá o enquadramento preciso de oficiais permanentes e milicianos, que deve existir.”

“... a falta constante de oficiais, tendo chegado esta bateria a ficar unicamente comigo e outro oficial, o que dá motivo a que o serviço se não possa fazer convenientemente, e o desaparecimento sucessivo de oficiais, que, indo de licença, nunca mais voltam de Portugal.” (1.<sup>a</sup> Bateria do 3.<sup>o</sup> G. B. A.).

O 6.<sup>o</sup> G. B. A. tinha sido o último grupo a ser constituído e a entrar na frente, mas dentro em pouco as suas deficiências iniciais de pessoal estavam também agravadas. Os bombardeamentos do mês de Março causaram-lhe grande número de baixas nas baterias, principalmente por intoxicação de gazes. Nas vésperas do 9 de Abril o seu Comandante queixava-se

“...de falta muito sensível de oficiais e sargentos. A 2.<sup>a</sup> Bateria dos seus oficiais tem actualmente ao serviço na posição um só. Por êste motivo fazem serviço nesta Bateria um alferes da 1.<sup>a</sup> Bateria, um alferes do 2.<sup>o</sup> Grupo e outro do 3.<sup>o</sup>. Escusado é encarecer os inconvenientes desta constante mudança de oficiais.

Sargentos desta Bateria também actualmente se encontram ao serviço unicamente uns dois, encontrando-se ali a fazer serviço alguns sargentos da 1.<sup>a</sup> Bateria, que está em posição recuada. Cabos e soldados serventes da Bateria estão actualmente em serviço uns dez ou doze, estando a substituir as faltas 30 cabos e soldados seventes do 4.<sup>o</sup> Grupo de Baterias. (1) A 3.<sup>a</sup> Bateria também está bastante desfalcada em pessoal, tendo permanecido durante uma grande parte do período agitado de Março, unicamente com dois alferes, além do tenente que a comandava.» (6.<sup>o</sup> G. B. A.).

Do pessoal da 4.<sup>a</sup> Bateria escrevia o seu Comandante:

“O moral das praças desta Bateria não é bom.

No período agitado do mês de Março findo, para as poder manter no seu lugar, era preciso estar um oficial junto de cada guarnição nas ocasiões de fogo. Nos últimos pedidos de S. O. S. no fim de alguns tiros caíam extenuados e desanimados, havendo ocasiões em que os oficiais, para os animar, tiveram de fazer de serventes.

Acontece, porém, que esta Bateria tem actualmente no seu efectivo sómente três subalternos, quando no seu quadro orgânico figuram seis.

Em operações futuras não será, pois, possível colocar um oficial junto de cada guarnição, como até aqui se tem provado ser indispensável.”

A crescer ás deficiências de pessoal, as de gado e material:

“...uma das razões que mais tem influido na constante e crescente depressão moral do pessoal desta Bateria é o facto de faltarem muitas vezes os artigos quasi indispensáveis ao serviço das bocas de fogo, como sejam óleo mineral (razão porque já se partiram duas molas recuperadoras), artigos de reserva, pilhas especiais para iluminação

---

(1) Este Grupo estava então em descanso á retaguarda.

de aparelhos de pontaria, balizas e, por vezes, *munições*. Os soldados, não compreendendo as dificuldades com que lutam os serviços da retaguarda, deixam-se influenciar por estes factos que, inevitavelmente, são do seu conhecimento. Depois, a falta de material e gado (esta Bateria conta no seu efectivo menos de metade do gado que lhe fixa o seu quadro orgânico, redundando sempre num aumento de trabalho para o pessoal, verdadeiramente extenuante). (4.<sup>a</sup> Bateria do 6.<sup>o</sup> G. B. A.).

As unidades de metralhadoras queixavam-se mais da continuidade e intensidade do esforço que lhes era exigido, do que da falta de efectivos. As suas guarnições não podiam, com efeito, ser muito desfalcadas sem perigo para a segurança do sector, porque os seus efectivos orgânicos eram apenas os suficientes para o serviço das metralhadoras; não tinha por isso o seu pessoal ocasião de obter licenças senão com muita parcimónia. As faltas que nelas havia eram quasi só as provenientes das baixas ás ambulancias.

No 5.<sup>o</sup> G. M. faltavam contudo 4 subalternos.

Nas unidades de engenharia tambem a maioria das faltas era devida ao grande numero de convalescentes e hospitalizados. Os esforços intensos e continuados, a que as tropas de Sapadores Mineiros eram forçadas, motivavam em grande parte estes desfalques. A 2.<sup>a</sup> C. S. M., por exemplo, contava no comêço de Abril mais de 40 praças doentes e tinha uma média de cerca de 20 convalescenças por dia!

*d) — A falta de reforços e o decreto de "roulement".*

A falta de reforços ou de novas unidades, que fossem render as que em França combatiam, contribuiu tambem muito para a desmoralisação dos soldados do C. E. P., sobretudo depois de se ter espalhado entre

êles que seriam rendidos no fim de um ano de permanência em França.

“... convencidos de que teem o mesmo direito que as forças enviadas á África, que são rendidas no fim de um ano de expedição.” (Inf. 12).

Fortemente arraigada esta ideia no espirito simplista e sugestionável do nosso soldado, pode calcular-se o estado de desesperação e desânimo que pouco a pouco nêle se foi creando, à medida que o tempo corria, sem que, nem os reforços chegassem, para cobrir as baixas, nem novas unidades viessem, para substituir as já fatigadas. Espalhada em Portugal e propagandada pelos que vinham de licença esta aspiração dos que estavam na frente, depressa se começou aqui com a habitual leviandade a falar do necessário *roulement* em artigos e entrevistas de jornais tão insistentemente que, a breve trecho, o Govêrno foi obrigado a publicar o chamado decreto do *roulement*, que não tinha exequiibilidade alguma, nem soluções práticas apresentava ao problema que pretendia solucionar e apenas sacrificava a um funesto espírito de justiça e igualdade absolutas a realidade das coisas.

O êrro inicial da falta de uma linha de comunicações de sufficiente capacidade, constante e garantida, impossibilitava todas e quaisquer veleidades de substituição de forças.

A carência de transportes, derivada de se terem alienado os navios apresados aos alemães, era, pode dizer-se, total. Os poucos navios que nos ficaram não bastavam para o abastecimento do país, quanto mais para render as unidades do C. E. P..

Se Norton de Matos demorou cêrca de oito mêses em pôr em França o total das forças expedicionárias

por falta de transportes, que não por carência de vontade ou de energia, é como seria possível andar sempre neste vai vêm de unidades, desde que quatro ou cinco meses, apenas, depois de concentrado todo o C. E. P. em França, elas fossem sucessivamente completando um ano de campanha?

Seria preciso que a Inglaterra voltasse a ceder os transportes, que lhe havíamos graciosamente fornecido e por causa dos quais a Alemanha nos declarou a guerra! (1)

Evidentemente, nem estas, nem outras razões acudiam ao espirito do soldado. E que acudissem, não o consolavam nem o tiravam do desalento, em que pouco a pouco começou a cair, á medida que se ía desfazendo o sonho da rendição e as licenças se tornavam cada vez mais difíceis de obter.

"... a situação indecisa e as esperanças sempre perdidas em que o pessoal tem vivido, contando com uma licença ou rendição, e que provieram da sua longa permanência no "front" e do que tem sido dito e regulamentado têm-lhe preparado um abatimento moral digno de atenção..." (2.ª Bateria do 1.º G. B. A.).

"Há dias apareceu nos jornais portugueses, aqui chegados, um decreto de "roulement". O soldado discute-o acaloradamente e a maior parte vive da ilusão de que o decreto se cumpre. Chegado o dia em que o "roulement" do pessoal da Bateria deveria fazer-se, a Bateria continua aqui, a decepção é grande e o mal-estar agrava-se".

---

(1) Telegrama do Ministério da Guerra para o Comando do C. E. P. em resposta ao pedido de reforços e oficiais, confirmado em nota n.º 139-M de 2-5.º-1918 :—"Referência telegrama C. E. M. pedindo reforços e oficiais... continuo dispondo unicamente "Pedro Nunes" e "Gil Eanes", que não dão suficiente rendimento... Tendo-se pedido á Inglaterra navios, esta recusa da-los, porque diz que são poucos os que tem para as suas necessidades."

„Não ha nada que mais choque a alma do soldado e que mais abale a sua confiança em quem a deve ter, do que ver que não são integralmente cumpridas as promessas que lhe fizeram, nem garantidos os direitos que os regulamentos lhe atribuem.” (4.<sup>a</sup> Bateria do 1.<sup>o</sup> G. B. A.).

Vendo-se atirado para França “como uma coisa” (2), de que ninguém queria saber, vítima de uma diplomacia misteriosa, e por razões para êle incompreensíveis, tirado ás suas occupações e á sua família e em seguida abandonado em terra estrangeira com a incerteza absoluta do futuro, que admira que o nosso soldado se deixasse invadir pelo desânimo e caísse assim no desleixo e abandono de si mesmo!

e) — *A leitura dos jornais portuguezes.*

Pela quási completa liberdade e absoluta leviandade, com que a imprensa do país falava das coisas do C. E. P., teve ela largas culpas na desmoralização das tropas.

“... a leitura dos jornais portuguezes, que expõem a necessidade da rendição das forças que estão em França há mais de um ano.” (Inf. 12).

“... a leitura dos jornais que falam em *roulements* que não se realizam.” (Inf. 14).

“... contavam ser substituídos no fim de um ano de campanha, principalmente depois que os jornais começaram a falar em *roulement*.” (Inf. 29).

“... para que falam ou deixam falar em coisas que se não podem realizar.” (1.<sup>o</sup> G. B. A.).

Mal idêntico, senão maior, faziam, a nosso ver, as querelas violentas e apaixonadas que se reflectiam na

---

(2) São as próprias palavras de alguns relatórios.

linguagem facciosa dos jornais. A política, entendida como ela é nos regimens parlamentares, como a luta entre partidos que se entre-disputam o poder, é a instituição mais anti-patriótica, mais anti-nacional, que tem aparecido na vida das Nações, porque é a guerra civil legalisada, elevada a processo de govêrno.

Como se não havia de reflectir no C. E. P., naquello pedaço vivo de Portugal, que se movia na Flandres, a intriga, a calúnia e o ódio, que fervilhavam aqui, soprados pelos facciosos dos partidos, para quem o Interesse Nacional é nada e subir ao Poder é tudo?

Se bem que em teoria e na melhor e mais sincera das intenções todos resolvêsemos deixar em Portugal as nossas quisílias míseras de facção, lá ía ter conosco o jornal, lançando sem escrupulos no nosso espirito o veneno da política partidarista.

Que desânimos, que irritações, que atritos se não teriam evitado, se uma censura inteligente e enérgica tivesse retido, e assim impedido de circular, os jornais de Portugal entre os officiais e soldados do C. E. P., já que em Lisboa nunca houve um Govêrno, que intelligentemente soubesse anular todo o aspecto partidário, que presidiu á nossa intervenção em França, e dêsse á guerra uma feição absolutamente nacional, com que adquirisse a necessária autoridade moral, para reprimir a imprensa e fazer calar á força a voz das facções!

O jornal! A política! Como estas duas coisas envenenaram o moral do C. E. P.

*f) — As razões da nossa intervenção militar.*

E era tanto mais fácil este envenenamento produzir-se e espalhar-se rapidamente, quanto o espirito do expedicionário português estava apto a ser trabalhado

e manobrado pela política partidária. Por infelicidade, os homens, que levaram a cabo a nossa intervenção no teatro europeu da guerra, não tiveram o cuidado de levantar, de preparar o espírito público e trabalhar a opinião no sentido de que a guerra na Flandres tivesse aquele aspecto "nacional", que de todo lhe faltou. Parece até que timbraram em mostrar publicamente o desejo de tirar para o seu partido, só, as honras de uma vitória, que havia de ser ganha com o sangue de *todos*.

Pela não publicação do Livro Branco ocultaram-se as razões da nossa intervenção e o acirramento da luta política, que daí resultou, impediu a criação de uma atmosfera de patriotismo sob a forma de uma não fermentida, mas *verdadeira União Sagrada* e a subida ao poder de um Governo *bem nacional*, que por todos dividisse as responsabilidades e, consubstanciando *toda a Nação*, conduzisse a guerra *nacionalmente*.

"... Os efeitos destas causas de desmoralização ficariam atenuados, se os homens tivessem verdadeiro entusiasmo pela causa por que combatem.

O soldado não compreende as razões de ordem social, que são as principais determinantes da guerra, e não é possível conseguir que ele as compreenda.

"... há-de sacrificar-se até ao último esforço por espírito de disciplina, por brio e por se lembrar da sua Patria, que quer honrar, mas não encontra na causa, por que se bate, o entusiasmo que compense a incerteza, em que se encontra, de poder gozar licença ou de regressar á sua terra." (4.<sup>a</sup> Bateria do 1.<sup>o</sup> G. B. A.).

"... o nosso soldado... não compreende a necessidade da sua estada tão longe da sua terra, num país estranho, fazendo guerra, faltando-lhe portanto na sua alma um Ideal, pelo qual queira vencer ou morrer." (1.<sup>o</sup> G. M.).

"... Quando as tropas não tem por completo o coração cheio da causa que defendem, ou melhor, de um sen-

timento de ódio pelo adversario e os invade o cansaço, só uma disciplina de ferro os mantêm firmes.» (Serviço de Saude).

Foi esta uma das causas mais profundas da decadência moral que o nosso soldado sofreu em França.

*g) — Causas materiais; deficiências de alimentação, vestuário, higiene.*

Decerto que o nosso soldado não ambicionava ter em guerra, comodidades e abundância. No entanto era-lhe lícito desejar o conforto compatível com as condições, em que a guerra se fazia. Em guerra parada, de posições quasi inalteráveis, como aquela que de principio vinhamos fazendo, difficilmente êle achava explicação para certas deficiências, de que profundamente se queixavam vários Comandos das unidades nos seus relatórios e que ainda mais sentia pelo confronto com o que via nas tropas britânicas, onde, em verdade, o conforto e bem-estar do soldado pareciam ser a primeira preocupação dos Comandos.

O conhecido estribilho de trincheira — *«um pão para quatro»*, que ás vezes ainda era para *seis*, concretizava as queixas que sobre alimentação se faziam ouvir :

«... alimentação diferente da que em território pátrio lhes forneciam.» (Inf. 20).

«... alimentação diferente dos seus hábitos por tempo muito prolongado.» (Inf. 4).

«... a alimentação, como repetidas vezes expuz a V. Ex.<sup>ª</sup>, é insufficiente. Na frente o fornecimento de legumes atenua um pouco o mal, mas a alimentação a que o soldado está habituado é muito diferente daquela que lhe é

fornecida e a esta não se adapta. A limitada ração de pão, a sua substituição por bolacha contraria muito o soldado." (4.<sup>a</sup> Bat.<sup>a</sup> 1.<sup>o</sup> G. B. A.).

"...a alimentação, que eu julgo, como várias vezes tenho informado, deficiente em quantidade e imprópria em qualidade..." (3.<sup>a</sup> Bat.<sup>a</sup> 3.<sup>o</sup> G. B. A.).

"...a alimentação que é dificilmente adaptável aos nossos hábitos..." (4.<sup>a</sup> Bat.<sup>a</sup> 2.<sup>o</sup> G. B. A.).

"...alimentação diferente daquela a que as nossas forças estavam habituadas..." (4.<sup>a</sup> Bat.<sup>a</sup> 3.<sup>o</sup> G. B. A.).

"...insuficiente e imprópria..." (G. C. P. 2.<sup>a</sup> Comp.<sup>a</sup>).

O rigor de um clima inhóspito, a que se não se estava habituado, conjugado com a falta de conforto nos acantonamentos e com faltas ou demoras na satisfação de requisições de artigos de vestuário, tiveram também a sua natural influência.

"...falta de conforto nos acantonamentos de descanso, como succedeu em La Gorgue, onde a lotação das casas foi o dôbro da que costuma ser para os ingleses." (Inf. 8).

"...rigores de um clima, a que não estão habituados, falta de agasalhos e hygiene precária por falta de tempo para lavarem a roupa." (Inf. 4).

"...alojamentos sem conforto e enxergas sem palha. Os péssimos acantonamentos da retaguarda produzem o mau estado sanitário." (Inf. 20).

"...a morosidade na satisfação das requisições de fardamentos (já tem acontecido não mandar para o serviço as praças a quem competia, por se encontrarem descalças), fazendo com que por vezes os homens se apresentem miseravelmente, o que os deprime e vexa, quando se comparam com os ingleses." (3.<sup>a</sup> Bat.<sup>a</sup> 1.<sup>o</sup> G. B. A.).

“...o facto da reserva de fardamento e calçado não ser de molde a eles poderem trazer o seu uniforme nas condições convenientes.” (3.<sup>a</sup> Bat.<sup>a</sup> 2.<sup>o</sup> G. B. A.).

“...não foram distribuidos capotes novos, por os não haver, e muitas dificuldades houve em fornecer-se calçado novo em substituição do velho.” (2.<sup>a</sup> Comp., 2.<sup>o</sup> G. C. P.).

As condições tumultuárias, em que a expedição a França foi organizada e embarcada, explicam as dificuldades, com que lutaram em França os serviços administrativos do C. E. P..

Como pela diferença de padrão e de côr nos não podíamos fornecer de uniformes nos abundantes depósitos ingleses, lá andaram os nossos soldados longo tempo sujos, remendados, com um aspecto miserável, que mais deprimente era pelo contraste com as tropas britânicas.

Bem ou mal os oficiais iam-se arranjando, mandando vir de Portugal o pano que necessitavam e vestindo-se nas cantinas inglesas de agasalhos, cujo padrão teve de ser consentido pelo Comando superior, ou sortindo-se no commercio local de fazendas encontradas ao acaso entre as menos azuis e as mais cinzentas dos vários tipos adoptados no exército francês. Em vista desta deficiência não havia, pois, remédio senão encher as malas e aumentar desmesuradamente a *impedimenta* com esta *reserva* de natureza particular, que supria as que devia haver, mas que não havia, de natureza official.

Perante a inação dos Governos de Portugal a tal respeito, o Comando do C. E. P. tomou depois, quasi já no final da guerra, a iniciativa de recorrer directamente aos ingleses, para obter bom calçado e pano para renovar os uniformes das tropas. Antes havia feito instalar em La Gorgue uma lavandaria com alfaiataria anexa, onde na falta de pano para manufacturar uniformes

novos se lavavam, remendavam e aproveitavam os usados, tendo feito assim o possível para acudir à crise de fardamentos.

Na lavanderia havia ainda uma casa de banhos que prestou bons serviços, mas os constantes trabalhos que ultimamente se exigiam às unidades em reserva impediam-as muitas vezes de

“...poderem aproveitar esses períodos para a sua higiene e limpeza pessoal.” (Comando da 4.<sup>a</sup> B. I.).

Para muitos estes simples confôrto era ainda infelizmente vedado pelo demasiado tempo que permaneciam seguidamente nos abrigos das trincheiras, 20 a 30 dias por vezes, como vimos que sucedia, por exemplo, com as tropas de metralhadoras.

“...O viver muito tempo em abrigos, onde não é possível ter os devidos cuidados de limpeza e higiene, é prejudicial física e moralmente.” (4.<sup>o</sup> G. M.).

#### *h) - Motivos especiais.*

Em algumas unidades o enfraquecimento físico e a depressão moral tinham, além destas, razões especiais.

Havia-as que tinham feito já campanha em África nesta mesma guerra e algumas de lá tinham vindo havia pouco, quando foram mobilizadas para o C. E. P., levando assim para França o paludismo e as doenças próprias dos climas africanos.

O seu estado sanitário resentia-se naturalmente da passagem do extremo calor ao frio excessivo. Os tuberculosos abundavam.

Por outro lado as injustiças, as situações de favor, as desigualdades, tão naturais de resto nestas ocasiões, em que á lei e ao direito se sobrepõe o arbítrio dos homens, motivavam queixas e recriminações.

A mobilização para o C. E. P. de unidades que já tinham feito campanha em África, emquanto outras nem para um ou outro lado tinham ainda sido mobilizadas, constituia, em verdade, uma injustiça. Era o caso, por exemplo, do 3.º Batalhão de Infantaria n.º 17, que tinha feito já, e brilhantemente, durante o ano de 1915 a campanha contra os cuanhamas, tendo regressado a Portugal e desmobilizado em Fevereiro de 1916.

"Pois este mesmo batalhão tornou a mobilizar em 1917 com destino ao C. E. P., ao passo que os outros batalhões do mesmo regimento não mobilizaram ainda vez alguma. Esta injustiça indis põe as praças." (Inf. 17.).

"... para a vinda de alguns graduados para o C. E. P. não foram seguidos todos os preceitos de justiça." (5.ª B. M. M.).

As situações de favor eram uma das maiores pedras de escândalo. Era natural nascer o espírito de crítica e o egoísmo numa guerra, para a qual se foi sem entusiasmo e onde por isso, em vez de se timbrar em ocupar os postos e lugares mais arriscados, se procurava em geral cumprir o mínimo possível do Dever, pondo-se todas as influências em jogo para obter os bons e seguros lugares da retaguarda, o que dava origem a invejas e murmurações. Desconhece-se geralmente e, sobretudo quando falta o espírito de sacrifício, que não pode haver igualdade nem justiça absolutas neste mundo.

Os oficiais milicianos tinham razões particulares de queixa, ou por terem ficado em Portugal muitos oficiais do quadro permanente sem terem sido mobilizados, ou pela desigualdade de situações entre uns e outros em desfavor dos primeiros.

"... esta companhia conta no seu efectivo sete oficiais milicianos dos nove que constituem o seu quadro. Se é certo

que todos êles teem desempenhado o seu serviço com imensa dedicação e zêlo, excedendo tudo o que seria para esperar em officiaes que não são de carreira, em regra tenha notado no último mês que os officiaes milicianos de engenharia desta unidade se encontram um pouco descontentes por varios motivos que passo a expor. De todos os serviços que a arma de engenharia tem a desempenhar é sem dúvida o mais penoso o que compete aos sapadores mineiros. Ha um ano feito, que estes officiaes estão a trabalhar em França, sendo dez meses de trincheiras, e reconhecem que raro é aquelle official do quadro permanente que hoje se encontra nas tropas de sapadores mineiros, e mesmo dos que foram mobilizados com estas unidades já há exemplos de alguns comandantes de secções de trabalho nas trincheiras, embora se encontrem há menos tempo em França, terem sido transferidos para melhores situações, dando assim um cheque nos milicianos... Tendo vindo ultimamente de Portugal reforços em officiaes, entre os quaes vinham officiaes do quadro permanente, estes não foram colocados em companhias de sapadores, tendo ficado em lugares menos arriscados e estes meus officiaes pensam que, se na realidade havia lugares vagos em situações menos arriscadas, talvez êles tivessem mais direito por o seu esforço já ser bastante grande. Os officiaes milicianos da minha companhia teem reconhecido que em questões de promoção não teem sido equiparados aos officiaes do quadro permanente, pois que teem visto ser promovidos officiaes mais modernos ao posto de tenente...” (1.<sup>a</sup> C. S. M.).

Para as unidades da 1.<sup>a</sup> Divisão que tinham ficado na linha, adstritas à 2.<sup>a</sup>, havia ainda como razão de grande descontentamento o terem de continuar na frente, ao passo que as outras unidades da mesma divisão iam para o descanso da retaguarda. Isto causara já a insubordinação de parte das tropas da 2.<sup>a</sup> Brigada, como vimos.

“... a esperança perdida de irem para a retaguarda descansar com os camaradas da 1.<sup>a</sup> Divisão, a que pertencem.” (1.<sup>a</sup> Bat.<sup>a</sup> do 1.<sup>o</sup> G. M.).

"...ter-lhes constado que a 1.<sup>a</sup> Divisão ía descansar para a retaguarda e estarem convencidos de que não vão, por terem passado à 2.<sup>a</sup>" (2.<sup>a</sup> Bat.<sup>a</sup> do 1.<sup>o</sup> G. M.).

Era, pois, êste o estado físico e moral duma divisão, sôbre a qual Ludendorff ía desencadear uma das mais formidaveis ofensivas executadas na frente ocidental.

Quem conhece bem o soldado português, a sua mansidão, pundonor e amor pátrio, pode afirmar terminantemente que não lhe competem as responsabilidades do que sucedeu.

Vão as culpas a quem devem ir. A desorganização moral e política em que temos vivido, agravada pelas doutrinas sociais correntes em política, acabou com a antiga tradição militar, rebaixou o Exército, fazendo do oficial um simples burocrata ou funcionário do Estado, desprezado, quando não odiado, e afastando-o do antigo amor das armas.

Se a isto acrescentarmos a maneira como pelos nossos governantes foi conduzida a política da guerra, como que apostando-se a torna-la propositadamente impopular pela atmosfera partidária em que a envolveram, teremos a explicação verdadeira e fundamental da desmoralização e indisciplina, que íam vitimando o C. E. P..

O procedimento do soldado é o resultado da acção do oficial, esta o reflexo da ordem ou desordem no govêrno do Estado. De uma forma esquemática é segundo esta ordem ascendente que devem ser distribuidas as responsabilidades do que sucedeu.

The first part of the book is devoted to a general history of the United States from its origin to the present time. It is divided into three volumes, the first of which contains the history of the thirteen original states, the second the history of the territories, and the third the history of the United States as a whole.

The second part of the book is devoted to a general history of the United States from its origin to the present time. It is divided into three volumes, the first of which contains the history of the thirteen original states, the second the history of the territories, and the third the history of the United States as a whole.

The third part of the book is devoted to a general history of the United States from its origin to the present time. It is divided into three volumes, the first of which contains the history of the thirteen original states, the second the history of the territories, and the third the history of the United States as a whole.

The fourth part of the book is devoted to a general history of the United States from its origin to the present time. It is divided into three volumes, the first of which contains the history of the thirteen original states, the second the history of the territories, and the third the history of the United States as a whole.

The fifth part of the book is devoted to a general history of the United States from its origin to the present time. It is divided into three volumes, the first of which contains the history of the thirteen original states, the second the history of the territories, and the third the history of the United States as a whole.

The sixth part of the book is devoted to a general history of the United States from its origin to the present time. It is divided into three volumes, the first of which contains the history of the thirteen original states, the second the history of the territories, and the third the history of the United States as a whole.

The seventh part of the book is devoted to a general history of the United States from its origin to the present time. It is divided into three volumes, the first of which contains the history of the thirteen original states, the second the history of the territories, and the third the history of the United States as a whole.

The eighth part of the book is devoted to a general history of the United States from its origin to the present time. It is divided into three volumes, the first of which contains the history of the thirteen original states, the second the history of the territories, and the third the history of the United States as a whole.

The ninth part of the book is devoted to a general history of the United States from its origin to the present time. It is divided into three volumes, the first of which contains the history of the thirteen original states, the second the history of the territories, and the third the history of the United States as a whole.

## CAPÍTULO III

### O sector português

- 1.º — Ideia geral da organização defensiva da frente de batalha.
- 2.º — Organização do sector português.
- 3.º — A missão da Divisão e o Plano de Defesa do sector.

0 section potting

---

1.º — Ideia geral da organização defensiva  
da frente de batalha.

Quando as tropas portuguesas do C. E. P. tomaram sob a sua responsabilidade a defesa de uma parte da frente de batalha, herdaram das forças inglesas, que renderam nesse sector, todo um conjunto de princípios e doutrinas, concepções e planos, determinações gerais e de detalhe, que serviam para orientar a defesa e conservação do sistema defensivo do sector.

Tudo isso constituia o chamado Plano de Defesa do Sector, espécie de Alcorão ou Cartilha, cujas regras, bastante detalhadas e apertadas por vezes, tinham que ser fielmente obedecidas.

Estes planos de defesa passavam de umas para outras divisões no acto da rendição e constituíam uma como Ordem de Operações permanente para uma atitude de defensiva preparada e cuidadosamente regulamentada.

Não deixavam esses planos de defesa muita iniciativa aos Comandos das unidades, visto que em caso de ataque nada mais tinham a fazer que cumprir literalmente o que neles estava determinado.

Nesta enorme e contínua batalha de quatro anos seguidos de duração as divisões em primeira linha nos sectores defensivos eram consideradas como divisões em postos avançados daqueles grandes massas de exércitos. Competia-lhes pela sua resistência garantir ao Alto Comando o tempo suficiente para concentrar as reservas nos sectores que, porventura, fossem atacados.

Era em harmonia com êste princípio que estavam

organizados os planos de defesa das divisões em primeira linha.

Segundo êles, a defesa de um sector era assegurada :

a) pela ocupação de sucessivas linhas de defesa, como adiante veremos, que deviam ser mantidas a todo o transe e nas quais se deviam empregar, apenas os efectivos exigidos pelas necessidades táticas ;

b) pela execução de enérgicos e repetidos contra-ataques, todas as vezes que o inimigo conseguisse entrar na área de defesa da divisão, para os quais se procuraria ter sempre disponível o máximo efectivo.

A eficácia da defesa baseava-se principalmente na estrita observação dos seguintes princípios :

1) Constante observação do terreno entre trincheiras (*No man's land* ou *terra de ninguém*) e do ocupado pelo inimigo e transmissão rápida aos diversos Comandos de todas as informações obtidas, segundo o seu grau de importância ;

2) Actividade á frente dos obstáculos de fio de ferro (por meio de patrulhas e "raids"), com o fim de obter informações e manter o espírito ofensivo das tropas ;

3) Estreita ligação entre a artilharia, metralhadoras, morteiros e infantaria, tanto para imediatas represálias, como para realização de barragens e contra-ataques ;

4) Existência de fortes obstáculos de arame farpado e seu devido flanqueamento pelo fogo de metralhadoras bem situadas e bem protegidas; estas, defesas, eram dispostas em profundidade e colocadas de modo a canalizar o avanço do inimigo segundo direcções bem batidas pelos fogos da defesa ;

5) Ocupação de uma linha de trincheiras avançada, — *Linha "A" — FRONT LINE —*, que só seria abandonada, quando se tornasse insustentável pela acção de um forte bombardeamento ;

6) Ocupação de uma linha mais à retaguarda — *Linha de Suporte* — SUPPORT LINE — constituída por trincheiras ou postos isolados, permanentemente guardados por tropas de apoio, destinadas a proteger a retirada das tropas que guarneciam a linha da frente e a bater com a máxima eficácia os caminhos e fexas de terreno, que o inimigo pudesse utilizar para proseguir no seu ataque;

7) Ocupação de uma linha contínua de trincheiras — *Linha principal de resistência* ou *Linha B*”, bem protegida por defesas de arame farpado, onde as tropas do sector resistiriam até á ultima.

8) Emprêgo das tropas de apoio, que, concentradas à retaguarda, seriam destinadas no momento oportuno a ocupar a *Linha “B”* ou a realizar contra-ataques;

9) Emprego das tropas de reserva dos sectores, que pelos Comandantes das brigadas seriam utilizadas segundo as circunstâncias:—ocupação da *Linha “C”*, realização de contra-ataques.

O sistema das defesas consistia, pois, essencialmente numa série de linhas defensivas, simples ou múltiplas, constituídas por trincheiras ou obras fechadas e escalonadas da frente para a retaguarda como segue:

— 1.<sup>a</sup> *Linha de Defesa, compreendendo:*

a) 1.<sup>a</sup> *Linha, Linha Avançada, ou Linha “A”;*

b) 2.<sup>a</sup> *Linha, Linha de Apoio ou Linha “B”;*

c) *Linha de Reserva ou Linha “C”;*

— *Linha Intermédia, Linha das Aldeias, (ingl. VILLAGE LINE);*

— 2.<sup>a</sup> *Linha de Defesa ou Linha do Corpo;*

— *Zona de Defesa à Retaguarda.*

— a) A *Linha "A"*, também chamada *Avançada* ou *1.ª Linha* (ingl. FRONT LINE) era uma trincheira de combate com postos intercalados, tendo a apoia-la imediatamente á retaguarda, a 100 ou 200 metros, pequenos postos ou elementos de trincheira, que constituíam a *Linha de Suporte* (ingl. SUPPORT LINE).

Esta *Linha Avançada* era protegida em toda a sua frente por uma espessa e múltipla rêde de arame farpado, normalmente composta de três faxas, de três metros de largura cada uma, distanciadas de dez metros.

O seu acesso era feito por trincheiras de comunicação, em cujas embocaduras, assim como nos salientes desta linha frontal, havia ordinariamente pequenas obras ou postos, onde se instalavam guarnições mixtas de metralhadoras ligeiras e granadeiros.

Os flancos destes postos eram também protegidos com redes de arame, dispostas obliquamente.

Á retaguarda, nas trincheiras de suporte, também defendidas por faxas de arame, abrigavam-se os restantes efectivos que sobravam ás companhias do guarnecimento dos postos avançados da linha da frente.

De um modo geral esta linha era considerada como uma linha de vigilância, linha de postos de combate e era pouco densamente guarnecida.

— b) A *2.ª Linha, Linha de Apoio* ou *Linha "B"* (ingl. "B" LINE) era uma trincheira de combate travessada, de perfil mais forte, com uma orientação geral paralela à anterior e em média a 400 metros à sua retaguarda.

Era em grande parte contínua, protegida geralmente por uma só faxa de arame de cêrca de 6<sup>m</sup> de largura e bem flanqueada por fogos de metralhadoras pesadas.

Nela havia abrigos para pessoal, paiões de muni-

ções e para instalação de morteiros e metralhadoras pesadas.

Constituia vulgarmente a *Linha Principal de Defesa* ou *Linha de Resistência*, que devia ser defendida a todo o transe pelas tropas do sector. Por vezes, contudo necessidades locais impunham à *Linha Avançada* êsse caracter de linha de resistência; assim sucedia no sector de NEUVE CHAPELLE, como adiante diremos.

—c) A *Linha "C"*, também chamada de *Reserva*, a 500 ou 800<sup>m</sup> à retaguarda da precedente, era por assim dizer uma *posição de socorro* para as tropas que houvessem de retirar da *Linha "B"*, servindo ás fracções de reserva dos sectores para pontos de reunião e de partida para contra-ataques.

Era em geral, permanentemente ocupada pelas companhias dos batalhões de apoio.

Constituia-a uma linha de postos ou pequenos reductos, obras de construção ligeira, protegidas à frente por uma larga faixa de arame farpado.

Estas três linhas, que no seu conjunto constituíam o *Sistema Frontal* ou *1.ª Linha de Defesa*, apresentavam em média uma profundidade de 1500 a 1800 metros e eram ligadas transversalmente por trincheiras de comunicação travezadas, para permitir a circulação a coberto das vistas do inimigo. No entanto, como a sua situação era perfeitamente conhecidas pela observação aérea do inimigo, que por meio da fotografia podia referenciar de uma forma exacta os nós de comunicações ou determinados pontos e impedir portanto a circulação, quando o quizesse, estas trincheiras de comunicação eram muitas vezes postas de parte e utilizados os *caminhos de emergência*, que, embora descobertos, não tinham tanta probabilidade de virem a ser conhe-

cidos pelo inimigo, oferecendo por isso, principalmente de noite, uma ligação mais segura que as trincheiras de comunicação entre os diferentes elementos das linhas.

Na *Linha "B"* estavam os Comandos das companhias de 1.<sup>a</sup> linha, na *Linha "C"* ficavam, em regra, os Comandos dos batalhões que guarneciam os sub-sectores.

Para a retaguarda da *Linha "C"* as ligações entre os batalhões em 1.<sup>a</sup> linha e os batalhões, reservas dos sectores, geralmente situados na VILLAGE LINE eram normalmente feitas pelas estradas, havendo também caminhos de emergência, para utilizar, quando aquelas fossem batidas pelo fogo inimigo.

— A *Linha Intermedia, Linha das Aldeias* ou VILLAGE LINE, era constituída, 2.600 ou 3000 metros à retaguarda da 1.<sup>a</sup> Linha, por uma série de postos ou ruínas de casas fortificadas com bons abrigos para morteiros e metralhadoras.

Estas obras eram organizadas em grupos, verdadeiros centros de resistência, tudo cercado por uma rede de arame, e ligados entre si por faxas de arame descontínuas, servindo as aberturas não só para facilitar a saída dos contra-ataques, como para canalizar as colunas de ataque inimigas segundo direcções convenientes.

Era uma linha múltiplice com postos suplementares, que constituíam *posições avançadas e flancos defensivos*. Destinava-se a sustar a marcha das forças inimigas que tivessem forçado o sistema frontal da defesa, demorando-as o tempo necessário, para que acudissem e organizassem o contra-ataque as tropas da Reserva do Corpo, estacionadas à retaguarda, a grande distância.

Era em geral nesta Linha, ou entre esta e a seguinte,

que estavam situados os Postos de Comando dos sectores ou Q. G. das brigadas.

—A 2.<sup>a</sup> *Linha de Defesa*, chamada mais vulgarmente *Linha do Corpo*, por ser a sua defesa e conservação da responsabilidade já do Corpo de Exército, era formada por uma série de grandes postos ou redutos de maior desenvolvimento, protegidos por rêde de arame.

Geralmente organizados em grupos, eram os postos ligados ou por uma faixa de arame, ou por um entrincheiramento contínuo, como cortinas ligando baluartes.

Esta Linha distava cerca de 6000 m. da linha da frente e os seus agrupamentos defensivos estavam organizados de forma a poderem fazer face a quaisquer direcções de ataque, havendo por vezes para esse efeito linhas flanqueantes de entrincheiramentos, que ligavam esta linha à *Linha Intermedia* e que eram conhecidas por *Linhas Alternativas ou de Concordância* (ingl. SWITCH LINES).

A *Linha do Corpo* era destinada a poder ser utilizada como base para a organização e ponto de partida da contra-ofensiva.

—*Postos isolados*. Além destas linhas defensivas existiam ainda na zona de defesa dos Corpos de Exército postos ou redutos isolados, que, não fazendo parte de qualquer dos sistemas já descritos, serviam no entanto como pontos de apoio das linhas de defesa ou como locais de reunião de reservas para caso de ataque.

—*Zona de Defesa à Retaguarda*. A frente de batalha era considerada dividida em tres zonas: *Zona Avançada*, que compreendia as defesas frontaes, *Zona de Batalha*, onde se desenvolviam os agrupamentos defensivos da *Linha do Corpo*, participando a VILLA-

GE LINE das duas, e *Zona da Retaguarda*, que abrangia todas as obras de fortificação à retaguarda da *Linha do Corpo* e que, ou eram postos isolados destinados a defender estradas importantes ou nós de comunicações, ou constituíam verdadeiras linhas defensivas em esboço, cuja organização estava a cargo das tropas do Exército e que eram o esqueleto de uma nova Frente, para servir, quando a ofensiva inimiga se tivesse apoderado das defesas da zona frontal.

Nesta zona estavam situados geralmente os Quartéis Gerais das Divisões em 1.<sup>a</sup> linha.

No sentido da frente era esta dividida em sectores, cada um guarnecido por uma brigada com dois batalhões em 1.<sup>a</sup> linha, correspondendo cada um deles a um sub-sector e os outros dois, um em apoio imediato e outro em reserva do sector, mais á retaguarda. Dentro de cada sector os batalhões da brigada alternavam-se de 6 em 6 dias nas suas respectivas situações.

---

## 2.<sup>a</sup> — Organização do sector português.

A região compreendida entre o canal de Aire a La Bassée e o curso canalizado do Lys, onde era o sector português, é uma planície baixa, entrecortada de cursos de água, valas e drenos, desoladoramente chata e sujeita por isso a faceis inundações, sobretudo na sua zona S., junto ao canal.

É dominada a E. pelas alturas de Herlies — Aubers, donde os alemães, empoleirados nos seus observatórios, a podiam vigiar a seu bel-prazer.

Os dois canaes, que a N. e a S. a limitam, convergem para O. em Aire-sur la Lys, dando-lhe uma forma triangular e afunilada.

Por tudo isto e pela natureza do seu sólo, que as primeiras chuvas fazem logo pantanoso e lamacento, tornando de difícil trânsito as estradas, parecia, em verdade, pouco propícia para o desenvolvimento de uma ofensiva de grande estilo.

Talvez por isso a organização defensiva do nosso sector era mais fraca, não apresentando a solidez e a abundância das defesas que tinham sido acumuladas nos dois sectores laterais.

No sector do nosso flanco esquerdo, entre Fleurbaix e Armentières as defesas da retaguarda, sobretudo, eram fortes. A VILLAGE LINE era ali tríplice e a *Linha do Corpo* era a linha de testas de ponte, que defendiam as passagens do Lys em Le Nouveau Monde, Sailly-sur la Lys, Bac St. Maur, Erquinghem e Armentières. Imediatamente à retaguarda do Lys corria uma outra linha de postos, já organizada, a linha ESTAIRES-LYS, a que o curso do rio servia de fôssó natural.

No flanco direito as defesas concentravam-se mais na zona avançada e as fortes organizações estabelecidas nas ruínas das aldeias de Festubert, Givenchy e Le Plantin, junto ao canal, faziam o devido *pendant* com o baluarte, em que os alemães tinham transformado as ruínas de La Bassée. Ligavam-se pela linha de concordância de Le Hamel à linha do canal, que com o curso do Lys ao N. dava àquela região a forma afunilada.

Entre estas poderosas organizações dos flancos, onde a par de fortes entrincheiramentos havia esplêndidos abrigos, o nosso sector era uma região quasi aberta, fácil ao ataque. E, se não fossem alguns agrupamentos fortes da *Linha do Corpo*, como LACOUTURE, HUIT MAISONS, RIEZ BAILLEUL, tendo à sua retaguarda o curso em zig-zag da ribeira da Lawe, pareceria não um sector defensivo, mas antes um corredor propositadamente deixado entre as poderosas defesas dos flancos, para por ali canalizar as colunas inimigas de ataque.

O sistema de linhas de defesa da frente portuguesa estava organizado em harmonia com os princípios atrás expostos.

A *Linha "A"* era considerada como uma linha de vigilância. Mas, porque o Comando inglês ligava muita importância à posse das ruínas de Neuve Chapelle, ganhas depois de grandes esforços em Maio de 1915, e receava o efeito moral de as poder vir a perder, a *Linha "A"* era nesta parte da frente a linha principal de defesa ou de resistência.

O seu parapeito era por isso organizado aqui mais fortemente e de uma maneira contínua. Pelo mesmo motivo, dos postos de apoio imediatamente à retaguarda da *Linha "A"*, tinham maior importância os postos

HILL, CHURCH e CHATEAU, em que principalmente se devia apoiar a defesa imediata daquela localidade.

A *Linha "B"* era uma trincheira contínua, apenas interrompida no sector de NEUVE CHAPELLE junto ás ruínas da povoação, onde deixava de ser a linha de principal resistência. Esta passava para a *Linha "A"* pela trincheira de comunicação BALLUCHI ROAD, que havia tenção de organizar para esse efeito com banquetas para fogo, e pelo posto SIGN POST KEEP, que devia ser restaurado.

No sector de FERME DU BOIS e para a defesa das ruínas de Richebourg l'Avoué a *Linha "B"* era dupla; GUARD TRENCH era o ramo avançado, BUTS STREET o recuado.

Esta *Linha "B"* desenvolvia-se ao longo de uma antiga linha de postos, que agora constituíam verdadeiros fortins de campanha, pontos de apoio desta linha de defesa:— os principais eram TUBE STATION, DEAD COW, FACTORY ou ALMOROL, CURZON, GRANT'S, DREADNOUGHT, A. I. Este último era um posto internacional com guarnição mixta de ingleses e portugueses, situado justamente no limite dos dois sectores de FAUQUISSART e FLEURBAIX.

A *Linha "C"* era uma linha de postos, organizados imediatamente à retaguarda da *Linha "B"*, e à qual serviam de apoio.

Os principais eram da direita para a esquerda: Z. ORCHARD, ALBERT, DOGS, EDWARD, HENS, LANS-DOWNE, ao S. de Neuve Chapelle; TILLELOY S. e N., MIN, WINCHESTER, LONELY, ROAD BEND, WANGERIE, MASSELOT, HOUGOMONT, DEAD END, PICANTIN ao N.

A *Linha Intermédia* ou VILLAGE LINE era constituida pelas seguintes séries de postos, ligados por

defesas de arame com aberturas entre as várias séries:

- a) os três postos ÉPINETTE S., E. e N;
- b) o grupo dos postos CHAVATTES, fechados em tórno por arame;
- c) a série SCOTT, HUNTER, RICHEBOURG, RAGS, BONES, GROTTO, ANGLE;
- d) CROIX BARBÉE, RUE DU PUIITS, ROUGE CROIX E. e W., ligando-se este último ao posto MIN da *Linha "C"* por uma faixa de arame;
- e) PONT DU HEM, ligado do mesmo modo ao posto avançado CHARTER HOUSE da *Linha do Corpo*;
- f) LA FLINQUE, COCKSHY HOUSE, LAVANTIE E. e N..

À frente desta linha havia, como nas posições avançadas, postos isolados: S. VAAST, LORETTO, EUSTON e ESQUIN.

A 2.<sup>a</sup> Linha de Defesa ou *Linha do Corpo* tinha os seguintes fortes agrupamentos :

- a) MESPLAUX — PASSERELLE;
- b) LACOUTURE;
- c) o grande grupo de HUIT MAISONS, que se estendia desde o canal da Lawe, junto a Vieille Chapelle, até à OXFORD STREET, junto a Bout Deville;
- d) o grupo não menor de CLIFTON—RIEZ BAILLEUL, que se ligava pelo CARTER'S na estrada de La Bassée ao grupo de LE DRUMÉZ e MUDDY LANE, ligado por sua vez ás defesas de Le Nouveau Monde.

Esta Linha tinha como postos avançados: LE TOURET N., ETON e CHARTER HOUSE.

Entre esta e a *Linha Intermédia* existia na direita do sector português o entrincheiramento contínuo de PENIN MARIAGE SWITCH, que na direita se apoiava

no agrupamento de postos de LE TOURET, sendo por isso também conhecida por *Linha Alternativa* de LE TOURET, indo ligar-se na esquerda, em CROIX BARBÉE, á *Linha Intermédia*.

Esta Linha estava em mau estado e era quasi inútil. Parte dela passava por um terreno pantanoso e impraticável.

Prolongava-se para o S. pela área da Divisão á direita da nossa.

O curso da Lawe e o canal que liga esta ribeira ao canal de La Bassée constituía uma linha de defesa, esboçada com uma irregular faixa de arame á retaguarda da Lawe e alguns postos isolados de ambos os lados desta linha de água.

Muito mais atrás, ligando a linha defensiva do canal de La Bassée ao curso canalizado do Lys, um esboço de entrincheiramentos fechava entre as povoações de Robecq e St. Floris esta espécie de funil. Contra esta linha veio ao depois chocar-se a ofensiva alemã, não tendo conseguido ultrapassá-la.

A frente portuguesa, que, quando era guarnecida pelas duas divisões do C. E. P., estava dividida em quatro sectores, com a retirada da 1.<sup>a</sup> Div. tinha voltado á antiga divisão em três sectores, assim delimitados com estas referências cartográficas:

— *Sector da Direita* — FERME DU BOIS — desde SHETLAND ROAD S. 22. c. 40. 20. a OXFORD ST. S. 5. c. 35. 40..

— *Sector do Centro* — NEUVE CHAPELLE — desde este ponto a M. 24. c. 75. 10., junto á Chapigny Farm.

— *Sector da Esquerda* — FAUQUISSART — desde aqui até BOND ST. N. 8. d. 05. 85..

A cada um destes sectores competia uma brigada de infantaria a 4 batalhões, sendo-lhe atribuidas mais



as seguintes unidades : — um G. B. A., uma B. M. M., uma B. M. L., um G. M. e uma C. S. M..

Na ocasião da batalha havia em 1.<sup>a</sup> linha mais um G. B. A. e um G. M., que tinham ficado na linha depois da reorganização da frente.

Estes sectores de brigada eram sub-divididos em dois sub-sectoros de batalhão: S. S. I (o da direita), S. S. II (o da esquerda).

Cada brigada dispunha assim de dois batalhões em 1.<sup>a</sup> linha. Os outros dois estavam dispostos, um em apoio imediato junto dos postos da *Linha "C"*, o outro na situação de reserva do sector.

A cargo dos primeiros estavam a duas linhas de trincheiras, "A" e "B". Um batalhão guarnecia a sua frente com duas ou três companhias, distribuídas em secções ou pelotões pelos postos da *Linha Avançada* e trincheiras da *Linha de Suporte*. As restantes companhias eram conservadas em reserva na *Linha "B"* à disposição do Comando do batalhão.

A *Linha das Aldeias* ou VILLAGE LINE era destinada a ser ocupada por fracções da Reserva Divisionária, devendo ali haver permanentemente núcleos das respectivas guarnições e três secções de metralhadoras pesadas, fornecidas por cada um dos grupos dentro do respectivo sector. As restantes forças da Reserva Divisionária ocupavam posições de espera à retaguarda.

Os postos da VILLAGE LINE deviam estar sempre providos da água e víveres necessários para um dia, 100 cartuchos por espingarda da guarnição, 5000 cartuchos por metralhadora, 50 cunhetes com granadas de mão e de espingarda por cada 100 praças.

Entre a *Linha das Aldeias* e a *Linha do Corpo*, as distâncias da frente inimiga, que variavam de 1500 a 3500 metros, estavam as posições da artilharia, estabe-

lecionadas de forma a poderem bater dentro do respectivo sector de tiro toda a zona para lá da VILLAGE LINE. Apenas simples secções (uma boca de fogo) ou divisões (duas bocas de fogo) podiam, para missões especiais, estar destacadas para a frente desta linha. Eram as peças *anti-tanks*.

Cada grupo mantinha sempre uma bateria em posição recuada. Era a chamada bateria silenciosa, especie de reserva de fogo, que não podia ser utilizada senão com autorização do Comando do grupo.

As outras baterias em ligação imediata com os batalhões dos sub-sectores, para cujos Comandos destacavam oficiais de ligação, estavam assim á disposição das unidades de infantaria, para repelir ataques de patrulhas, "raids" ou mesmo bater as linhas inimigas em represália do fogo adverso.

As bocas de fogo eram, em geral, colocadas em abrigos. As posições a céu aberto eram constituídas por simples plataformas com uma ligeira protecção de sacos de terra, tudo disfarçado por "camouflage".

Habitualmente, porém, uma posição era um conjunto de abrigos: — abrigos para as peças, geralmente enterrados, abrigos para munições, para o posto telefonico, para o oficial de serviço. O do paiol era o abrigo mais resistente, geralmente de *béton*, os outros eram construídos com chapas de ferro onduladas (chapa "elefante") com uma cobertura de carrís e troncos de madeira, tudo coberto de sacos de terra com um revestimento exterior de terra solta e torrões de relva.

Na construção de uma posição de artilharia devia atender-se a que os abrigos das peças permitissem o tiro em toda a frente e profundidade do sector a bater e que ficasse coberta contra os fogos e vistas do inimigo. Para isso escolhiam-se locais de fácil disfarce,

debaixo de árvores, dentro de sebes ou bosques ou, o que era preferível, dentro de casas.

A artilharia de campanha tomava assim o papel de verdadeira artilharia de posição.

Afim de dificultar ao inimigo a referenciação da posição, era habitual destacar-se uma boca de fogo que podia fazer fogo de posições diversas na vizinhança da verdadeira posição da bateria. Êste processo tinha também a vantagem de poder bater objectivos fora do sector de tiro para que a posição da bateria tinha sido construída.

Os observatórios, designados pelas iniciais O. P. (ingl. *Observation Post*), eram estabelecidos na zona das trincheiras, aproveitando-se para isso casas arruinadas, árvores, ou em abrigos á prova, para tal fim organizados.

Nas posições das baterias havia como dotação de munições 450 tiros por peça e 350 por obuz. O material usado era a peça francesa de 7,5 cm. T. R. e o obuz inglês de 11,4 cm.

As metralhadoras pesadas (material VICKERS, fita para 250 tiros) eram escalonadas em profundidade nos postos da VILLAGE LINE, e á sua frente, e dispostas de forma a fazer o tiro indirecto e a executar fogos de barragem sobre toda a frente, como a artilharia.

Havia, além disto, morteiros, destinados a bater com tiro vertical pontos atrás de massas cobridoras, destruir abrigos e outras defesas a pequena distância e barrar em caso de ataque as trincheiras de comunicação inimigas. (1)

---

(1) Os morteiros eram de três espécies, ligeiros, médios e pesados. Destes havia na Divisão uma só bateria, cujas bocas de fogo estavam distribuídas por toda a frente do sector divisional.

Os morteiros ligeiros atiravam um projétil de 5 quilos a um

Para as baterias de artilharia, como para as metralhadoras pesadas e morteiros, havia várias posições de alternativa.

A unidade tática da defesa era a brigada, verdadeira unidade mixta, cujo Comando podia dispor não só da infantaria, como dos morteiros, metralhadoras pesadas e até artilharia, que no seu sector existiam.

As baterias de artilharia e de morteiros médios e a bateria de morteiros pesados dependiam, é certo, normalmente do Comando da Artilharia da Divisão (C. A. D.), mas estavam em ligação imediata com a infantaria de 1.<sup>a</sup> linha, podendo receber directamente dos Comandos de brigada e dos batalhões pedidos de fogo para casos de defesa imediata.

As Companhias de Sapadores Mineiros e o Grupo de Pioneiros pertenciam à Reserva Divisionária, mas podiam também ser utilizados na defesa imediata do sector, onde estivessem em serviço.

No entanto, em 26 de Março com a retirada da 1.<sup>a</sup> Divisão da linha o Comando do C. E. P. tinha ordenado que estas tropas ficassem dali em diante sob as ordens directas do Corpo, não podendo pois ser empregadas pelos Comandos dos sectores.

---

alcance máximo de 700<sup>m</sup>., abrindo no terreno uma cratera de cerca de 0,5<sup>m</sup> de profundidade e 1<sup>m</sup> de diâmetro. A sua máxima velocidade de fogo era de 30 tiros por minuto.

Os morteiros médios atiravam um projétil com cerca de 6 quilos de explosivo a 500<sup>m</sup>, abrindo uma cratera de maior diâmetro (4<sup>m</sup>) e igual profundidade.

Os morteiros pesados atiravam um projétil alongado com cerca de 30 quilos de explosivo e 69 de peso total, fazendo crateras enormes de cerca de 10<sup>m</sup> de diâmetro e 3,5<sup>m</sup> de profundidade a uma distância de 100 a 1500<sup>m</sup>.

---

### 3.º — A missão da Divisão e o Plano de Defesa do sector.

Como o sector agora occupado só pela 2.ª Divisão portugueza, tinha estado até então guarnecido pelas duas divisões do C. E. P., o Plano de Defesa da Divisão nesta nova situação devia resultar da conjugação e síntese dos três Planos de Defesa dos sectores da 1.ª Div., da 2.ª Div. e de todo o sector do C. E. P. em vigor até á saída da 1.ª Divisão da linha.

Não houve, porém, tempo para o organizar e como, no entretanto, se seguiam conjuntamente as determinações dos três Planos, que haviam caducado, resultou uma sobreposição de principios antagónicos e confusão de doutrinas, que muito prejudicou a acção do Commando, sobretudo relativamente ao emprego da Reserva Divisionária na batalha.

Em primeiro lugar, os Planos de Defesa, que nós adaptámos do modelo inglês, não apresentavam sobre a utilização das reservas uma doutrina definida e harmonica com o sentido que os nossos regulamentos dão à palavra — *reserva*. Regulamentavam e determinavam com tal detalhe e precisão o seu emprego que pequena margem deixavam á acção e iniciativa dos Comandos.

Em segundo lugar, o Plano de Defesa do Corpo (C. E. P.) attribuia à *Linha "B"* a função de *Linha de Principal Resistência* (excepto, como vimos, em parte da frente do sector de NEUVE CHAPELLE) para as divisões em primeira linha. A Linha Intermédia ou VILLAGE LINE, considerava-a a cargo já do Commando do Corpo assim como a 2.ª Linha de Defesa, que também, e por isso, se chamava Linha do Corpo.

As divisões de 1.<sup>a</sup> linha deviam, pois, resistir a todo o transe na *Linha "B"*, afim de dar ás tropas da reserva do Corpo o tempo suficiente, para guarnecer a Linha Intermédia. Esta determinação dos Planos de Defesa era geral para as divisões em 1.<sup>a</sup> linha, que assim eram consideradas como totalmente em postos avançados.

Ordinariamente os Corpos de Exército ingleses eram formados de pelo menos três divisões, duas das quais se estabeleciam em 1.<sup>a</sup> linha, ficando a outra na situação de Reserva do Corpo.

O caso do C. E. P. era, porém, diferente, por ser constituído apenas por duas divisões. E, como ambas elas haviam sido colocadas na linha com dois sectores de brigada cada uma, não tinha o Comando do C. E. P. ao seu dispor tropas algumas para constituir a Reserva do Corpo.

Remediou-se êste inconveniente considerando como tropas à disposição do Comando do Corpo um batalhão de cada divisão <sup>(1)</sup> as companhias divisionárias de sapadores mineiros e pioneiros e ainda as companhias de ciclistas, e atribuindo às divisões a defesa da Linha Intermédia, a ocupar pelas respectivas Brigadas de Reserva.

Assim as reservas deixavam de ser *reservas*, tal como os nossos regulamentos entendem esta palavra, para tomar o papel de tropas destinadas a uma segunda linha defensiva. Era, afinal, a adopção encoberta do prin-

---

(1) — A Ordem de 3 de Abril do C. E. P. pela qual a 2.<sup>a</sup> Divisão tomava conta de todo o sector português (saindo a 1.<sup>a</sup> Divisão da linha) determinava também que dois batalhões da Brigada de Reserva seriam destinados á defesa da VILLAGE LINE, ficando os outros dois para a defesa da Linha do Corpo.

cípio da defesa em duas linhas, há muito condenado em táctica. Tinha-se uma linha de principal resistência, que devia ser defendida pelas guarnições dos sectores até à última, diziam os Planos de Defesa, que acrescentavam logo adiante: — " Em caso de ataque os postos da Linha Intermédia de Defesa (VILLAGE LINE) serão imediatamente ocupados por forças da Brigada de Reserva" !

Com a saída do C. E. P. da linha na manhã de 6 de Abril e a transferência da 2.<sup>a</sup> Divisão para o XI Corpo inglês, que, ao contrário do nosso, tinha uma divisão em reserva e ainda tropas especiais para a cobertura da VILLAGE LINE (cavalaria e ciclistas), a nossa 2.<sup>a</sup> Divisão ficou com a dupla e contraditória missão de por um lado oferecer o máximo de resistência na linha principal de defesa, Linha "B", e por outro de fazer guarnecer e defender a VILLAGE LINE com a sua Brigada de Reserva.

Esta confusão de doutrinas foi ainda mais grave por motivo da enorme e demasiada extensão do sector da Divisão que, como já deixámos dito, ficou, ela só com a obrigação de defender uma frente que tinha sido anteriormente guarnecida pelas duas divisões do C. E. P..

A doutrina que os ingleses costumavam consignar nos Planos de Defesa dos seus sectores e que de certo era também a do Plano de Defesa do XI Corpo, de cujo efectivo a nossa 2.<sup>a</sup> Divisão fazia parte desde as 7 horas de 6 de Abril, foi directa e claramente exposta pelo próprio Comandante do XI Corpo (Tenente-General Haking) logo na sua primeira visita ao Quartel General da 2.<sup>a</sup> Divisão, que teve lugar no mesmo dia 6 pelas 10 horas.

Acêrca dela o Chefe do Estado Maior da Divisão,

o então Major Vitorino Godinho, escreveu o seguinte no seu relatório (1):

“Como resultado desta primeira conferência, o Sr. Comandante da Divisão deu-me a *orientação a seguir* e que, em resumo, era a seguinte:

1.º — A Divisão procura melhorar as defesas da “B” LINE, onde, em caso de ataque, *oferecerá o máximo de resistência.*

2.º — A Divisão não se preocupa com a organização defensiva da VILLAGE LINE nem com a sua guarnição. Isto não implica a não ocupação da VILLAGE LINE.”

Estas orientações do Comando do XI Corpo alteravam pois um pouco, no que diz respeito à VILLAGE LINE ou *Linha Intermédia*, o disposto no conjunto dos Planos de Defesa da 2.ª Divisão e do Corpo português e acentuavam por outro lado e tornavam ainda mais rígido o carácter linear do dispositivo defensivo preconizado nos Planos de Defesa até ali seguidos.

A fixação da linha de principal resistência numa linha tão avançada como a Linha “B” e o conceito que o Comando inglês formava da função das divisões em 1.ª linha, levavam estas, na realidade, a adoptar o principio da defesa linear nos respectivos sectores.

Em 8 esteve de novo o Tenente-General Haking em Lestrem, onde também se reuniram os Comandantes das brigadas. E perante êles repetiu, continua o Chefe de Estado Maior, o seu ponto de vista acêrca do emprego da Divisão, sintetizando-o nesta frase significativa:

“A Divisão tem de morrer na “B” LINE”.

---

(1) -- Foi publicado no livro, já citado, do Sr. General Gomes da Costa, a pag. 236.

Tal insistência sôbre a defesa *sobretudo* da "B" LINE pareceu ao Chefe de Estado Maior de extrema gravidade, por forçar a 2.<sup>a</sup> Divisão a adoptar um dispositivo tão *rigidamente linear*, abandonando por completo toda a ideia de defesa em profundidade e pediu "*instruções claras e precisas*", afim de introduzir as modificações necessárias no Plano de Defesa do sector, que se estava organizando. "Estas instruções não chegaram a vir." Não deu o inimigo tempo a isso, nem mesmo foram precisas, em boa verdade.

Praticamente a ordem do Comandante do XI Corpo foi literalmente cumprida. As Brigadas de 1.<sup>a</sup> linha souberam "*morrer na "B" LINE*" e dos seus Comandantes um, o Tenente Coronel Mardel da 4.<sup>a</sup> B. I., caiu gravemente ferido no seu posto de Comando e os outros dois, da 5.<sup>a</sup> e da 6.<sup>a</sup> B. I., mesmo depois de saberem as suas brigadas aniquiladas, preferiram também a alternativa da morte ou da prisão a abandonar os seus postos de Comando na obediência demasiado rígida áquela ordem do Comandante do XI Corpo

A esta confusão de ideias e de princípios táticos atribue o Sr. General Gomes da Costa o desastre.

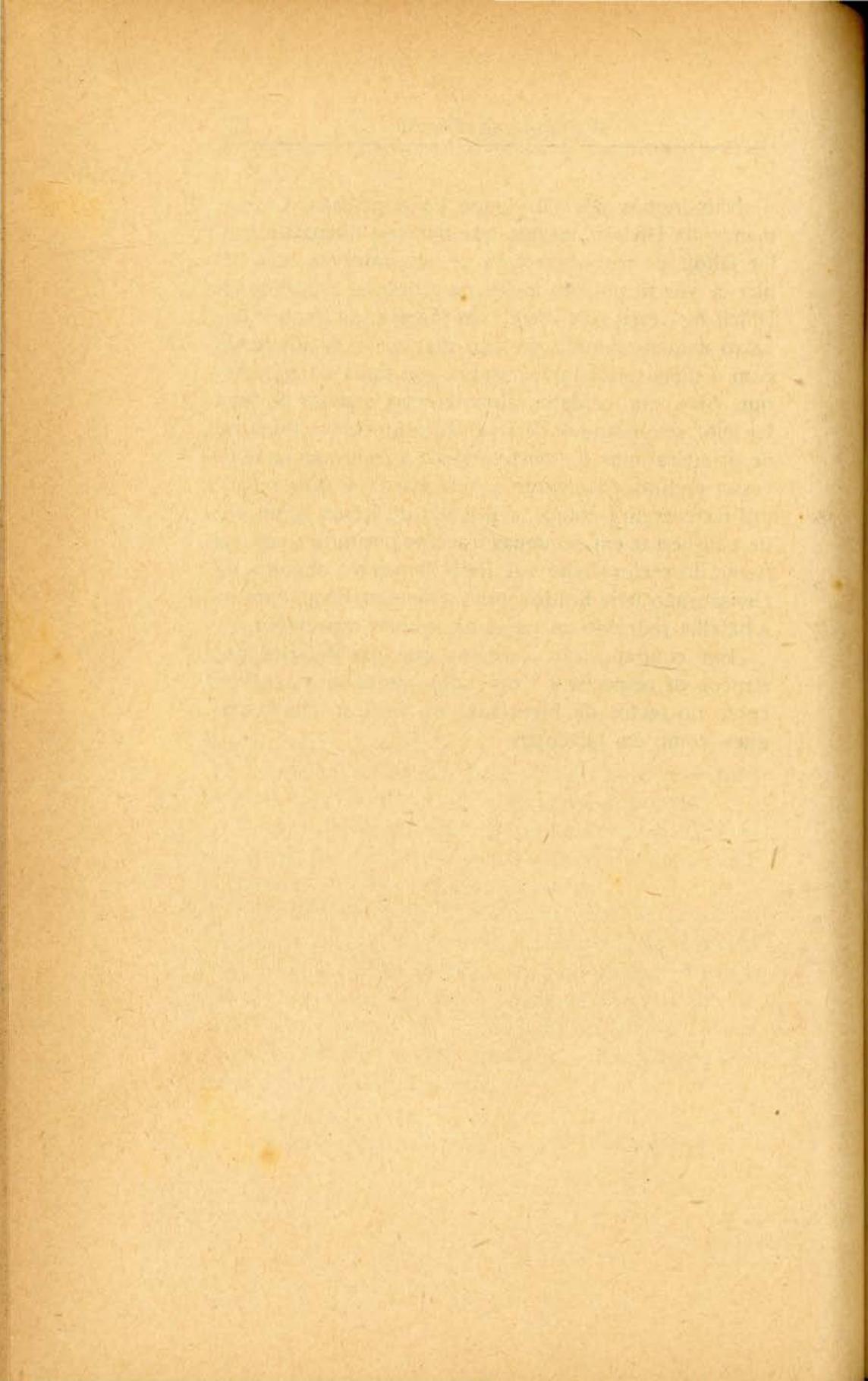
Realmente, se a *Linha "B"* era a linha de principal resistência da Divisão, é para que se lhe impunha o guarnecimento de outra linha á retaguarda?

"Foi esta a origem da confusão, conclue êle que no espírito de todos se estabeleceu pelo facto de por um lado se dizer que a linha de principal resistência era a *Linha "B"* e por outro se impor á chamada Reserva da Divisão o guarnecimento da VILLAGE LINE; e foi esta confusão, finalmente, que produziu o resultado da batalha de 9 de Abril. Era fatal." (1).

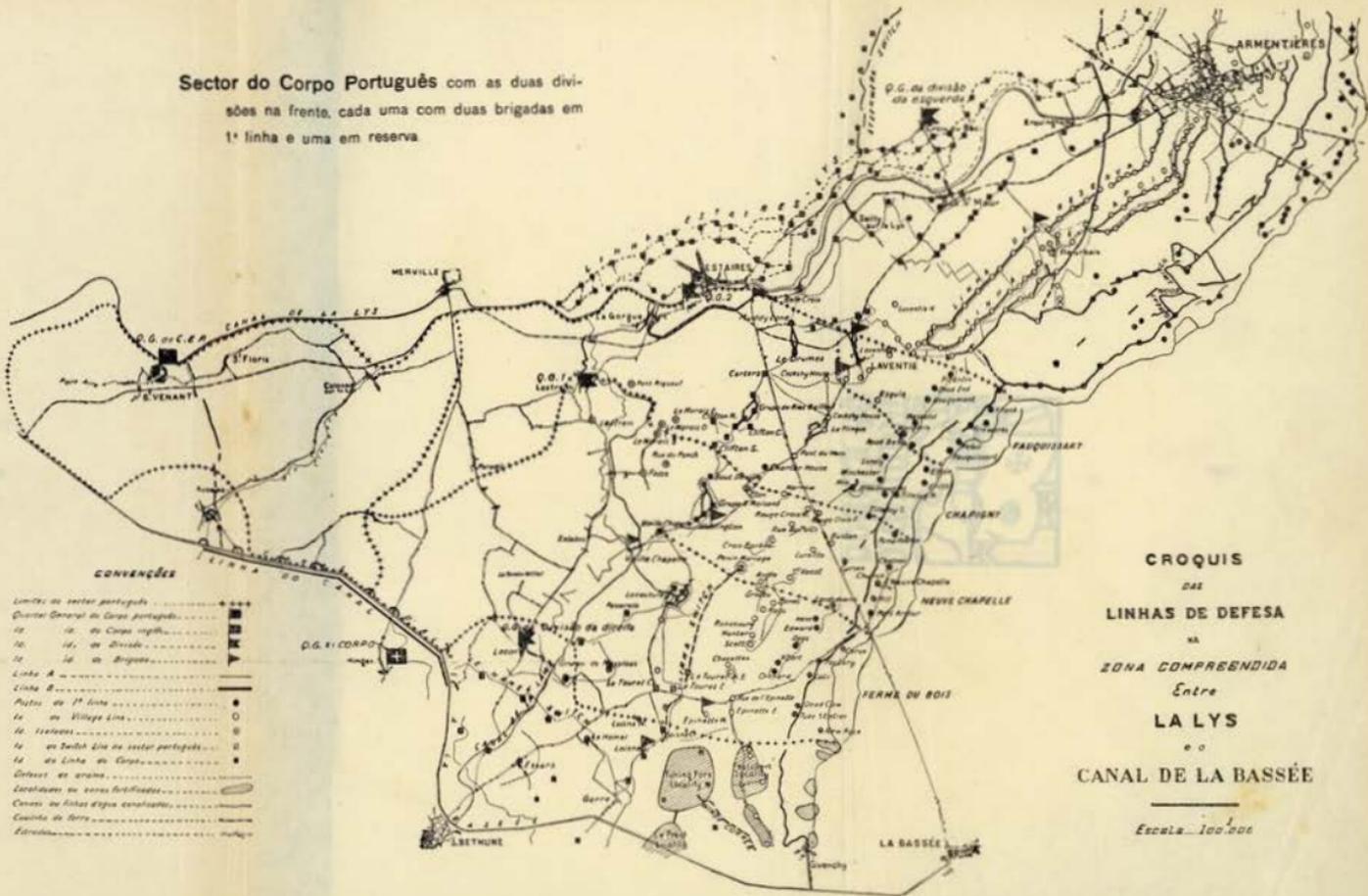
(1) A Batalha do Lys, General Gomes da Costa, pag. 69.

Não iremos nós tão longe na conclusão. O Comando da Divisão, mesmo que tivesse a liberdade, que lhe faltou, de manobrar com as suas reservas, não tinha á sua disposição meios para desviar a fatalidade. Difficil lhe seria, com efeito, em tão extensa frente e de baixo daquele dilúvio de fogo manobrar devidamente com a unica brigada de reserva que tinha ao seu dispor. Mas, em verdade, alguma coisa mais se poderia ter feito, se o Plano de Defesa não obrigasse as brigadas de primeira linha a "*morrer*" tanto á frente ou se se tivesse podido concentrar à retaguarda e dispor para um forte contra-ataque a Brigada de Reserva, em vez de a dispersar em pequenas fracções por toda a extensa frente do sector divisional. Pelo menos o Comando da Divisão não teria ficado, como realmente ficou, durante a batalha reduzido ao papel de simples espectador.

Em contraposição, veremos que nas divisões dos flancos os respectivos Comandos puderam manobrar, como no sector de Fleurbaix, ou realizar contra-ataques, como em Givenchy.



Sector do Corpo Português com as duas divisões na frente, cada uma com duas brigadas em 1.<sup>a</sup> linha e uma em reserva



CONVENÇÕES

- Limites do sector português ..... - - - - -
- Quilom. General do Corpo português ..... [Symbol]
- 1.<sup>a</sup> Div. do Corpo português ..... [Symbol]
- 2.<sup>a</sup> Div. do Corpo ..... [Symbol]
- 3.<sup>a</sup> Div. do Corpo ..... [Symbol]
- Linha A ..... [Symbol]
- Linha B ..... [Symbol]
- Postos de 1.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de Village Line ..... [Symbol]
- Id. de 2.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 3.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 4.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 5.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 6.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 7.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 8.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 9.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 10.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 11.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 12.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 13.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 14.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 15.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 16.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 17.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 18.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 19.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 20.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 21.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 22.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 23.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 24.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 25.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 26.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 27.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 28.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 29.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 30.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 31.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 32.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 33.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 34.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 35.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 36.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 37.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 38.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 39.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 40.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 41.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 42.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 43.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 44.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 45.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 46.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 47.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 48.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 49.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 50.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 51.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 52.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 53.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 54.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 55.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 56.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 57.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 58.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 59.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 60.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 61.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 62.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 63.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 64.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 65.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 66.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 67.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 68.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 69.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 70.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 71.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 72.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 73.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 74.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 75.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 76.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 77.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 78.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 79.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 80.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 81.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 82.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 83.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 84.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 85.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 86.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 87.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 88.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 89.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 90.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 91.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 92.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 93.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 94.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 95.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 96.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 97.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 98.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 99.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]
- Id. de 100.<sup>a</sup> linha ..... [Symbol]

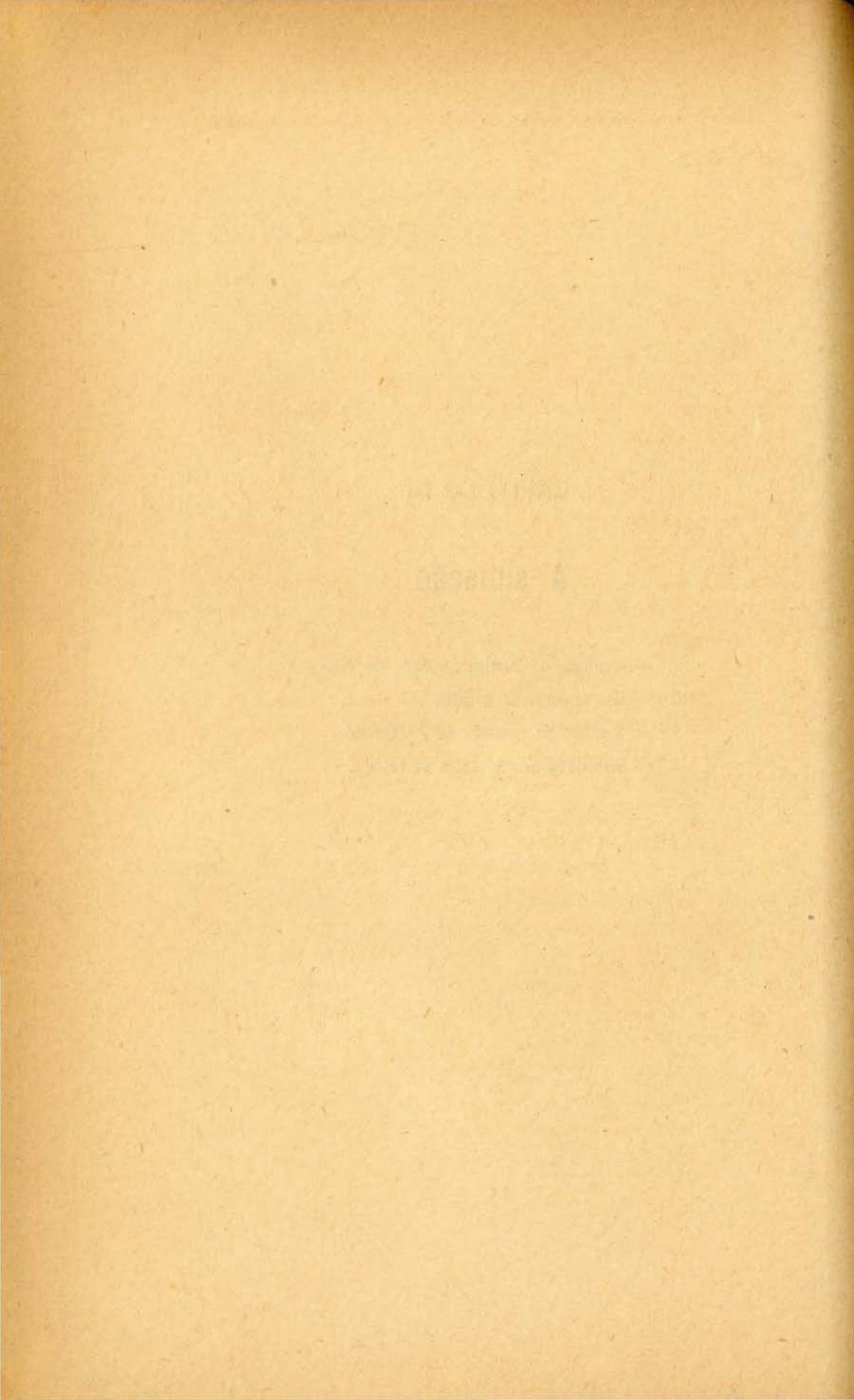
CROQUIS  
 DAS  
 LINHAS DE DEFESA  
 NA  
 ZONA COMPREENDIDA  
 Entre  
 LA LYS  
 e o  
 CANAL DE LA BASSÉE

Escala 1:100,000

## CAPÍTULO IV

### A situação

- 1.º — A atitude do inimigo até Abril de 1918.
- 2.º — Nas vésperas de batalha.
- 3.º — A ordem de rendição da 2.<sup>a</sup> Divisão.
- 4.º — Dispositivo alemão antes da batalha.



---

1.º — A atitude do inimigo até ao mês de Abril de 1818.

Nunca até esta época o inimigo tinha mostrado intenção de executar operações ofensivas de grande envergadura na frente Armentières-La Bassée; e desde a tomada de Neuve Chapelle pelos ingleses em 1915 nenhuma outra operação de vulto fôra levada a cabo nesta área.

Além dos dois violentos bombardeamentos que os alemães executaram sôbre Armentières nos meados de 1917, provavel represália do desastre de Messines, as operações nesta parte da frente limitaram-se aos "raids" de objectivos limitados e aos fogos de artilharia, "*harassing fire*", sôbre os centros de movimento e áreas da retaguarda.

No entanto, já desde a segunda quinzena de Janeiro a actividade do inimigo tinha aumentado de uma forma desusada, tendo executado um violento "raid" em 17 sôbre o sector de CHAPIGNY e lançado fortes patrulhas de combate contra a nossa frente de NEUVE CHAPELLE na noite de 18/19 e contra a frente de FERME DU BOIS em 25. A actividade da infantaria inimiga continuou de Fevereiro em diante, maior que de costume, tendo havido ataques ás nossas linhas por fortes patrulhas em 6, em 9, em 11 e nas noites de 17/18, 24/25 e 27/28, que incidiram principalmente sôbre os sectores de CHAPIGNY e NEUVE CHAPELLE no centro do sector português.

A actividade da artilharia aumentou igualmente nos primeiros dias da segunda quinzena de Janeiro, tendo tido o seu máximo em 19 e 20, reduzindo-se a partir de 24 ao trabalho de contra-batarias e voltando a ser

superior ao normal desde os meados de Fevereiro, conservando-se assim de então em diante.

Data de 21 de Fevereiro de 1918 o primeiro aviso que a Divisão teve quanto a intenções ofensivas do inimigo na nossa frente e consta da seguinte nota, enviada pelo 1.º Exército ao Q. G. do C. E. P., transmitida por este ás Divisões, contendo declarações de prisioneiros:

C. E. P.  
Q. G.—R. I.  
SECRETO

Em 21-2-1918

Tradução da nota do 1.º Exército n.º 2.027 (I. M.)

„Dois prisioneiros do 269.º R. I. R., 81.ª Divisão de Reserva, capturados pelos portugueses em 18 de Fevereiro, deram as seguintes informações quando submetidos a um interrogatório especial:

Declararam terem chegado ultimamente ao sector da sua divisão 30 baterias novas. Quando se encontravam em Wicres, no principio de Fevereiro, viram uma grande quantidade de artilharia atravessar esta povoação. Uma parte desta nova artilharia é austriaca. Um dos prisioneiros fez a seguinte declaração, que parece confirmar este facto:

Uma bateria austriaca de 15 c/m parece estar em posição á retaguarda do 269.º R. I. R., tendo regulado o tiro nos dias 16 e 17. O tiro foi curto e o Comandante da companhia, a que pertenciam os prisioneiros, mandou um agente de ligação com esta comunicação. Disse a este respeito que provavelmente a bateria austriaca estava regulando o seu tiro.

O aumento de artilharia nesta frente é confirmado pelo seguinte:

I—O número de regulações de tiro feitas pelos aeroplanos inimigos desde 16 do corrente tem aumentado consideravelmente neste sector. No dia 16 foram feitas 5 regulações na frente entre NEUVE CHAPELLE e BOIS GRENIER e em 17 e 18, 4 por dia. O número normal de

regulações nesta frente nos últimos três meses tem sido aproximadamente de um em cada dia de boa visibilidade.

II — As localizações de baterias inimigas feitas durante os últimos dois ou três dias mostraram um aumento, especialmente no número das não confirmadas. Êste aumento é mais notavel ao N. e ao S. do sector guarnecido pela 81.<sup>a</sup> Divisão de Reserva, mas pode ser que o mesmo suceda nesse sector. Não se deve confiar demasiadamente nestas localizações, enquanto não houver novas confirmações.

III — Durante a semana passada houve aumento geral de actividade na frente do Exército, ao N. do canal de La Bassée. Este acréscimo não é muito considerável e corresponde ao aumento geral da actividade na frente do Exército; é devido provavelmente ao facto de terem melhorado consideravelmente as condições de visibilidade."

(a) *R. S. RYAN*

Lieut. Col.

For M. G., G. S., First Army

No entanto, a-pesar deste aviso e talvez porque se esperava uma importante ofensiva alemã em qualquer outra parte da frente ocidental, que não nesta, pareceu-nos que o Comando inglês olhava o recente aumento de actividade inimiga como demonstração destinada a fixar efectivos e atrair as atenções, enquanto noutro sector se adiantavam os preparativos para a grande ofensiva. Quando muito, admitia-se que os alemães tentassem aqui um ataque de fins limitados, constituindo uma simples diversão.

Em 1 de Março dois desertores do 269.<sup>o</sup> R. I. R. vieram afirmar que em breves dias os alemães fariam um ataque executado por um batalhão de cada regimento da 81.<sup>a</sup> Divisão de Reserva, com o fim de melhorarem as disposições das suas linhas.

A informação vinha ao encontro desta hipotese; e o do Comando inglês pareceu agir em consequência, como se tal fosse realmente a intenção do inimigo.

E assim foi que, para o contrariar, a actividade da artilharia luso-britânica aumentou de súbito e activa se conservou durante todo o mês de Março, ora cooperando nos "raids", ora executando violentos fogos sobre as organizações, estradas, centros de comunicação, acantonamentos e zonas da retaguarda do inimigo.

Os "raids" da infantaria aumentaram também com o duplo fim de obter identificações e atrair as atenções do Comando alemão, incomodando os seus preparativos para a esperada ofensiva da primavera.

Por seu lado o inimigo proseguia na orientação anterior, mas agora com bastante mais energia.

Na manhã de 2 depois de grande preparação de artilharia e morteiros executa um "raid" violento sobre CHAPIGNY.

Na manhã de 7 uma patrulha de 80 homens ataca o posto de LANSLOWNE em NEUVE CHAPELLE (frente da 1.<sup>a</sup> Divisão).

Na noite de 10/11 sobre a protecção de uma intensa barragem de morteiros atira-se contra a direita de FERME DU BOIS (frente da 1.<sup>a</sup> Divisão).

Na manhã de 12 lança três vagas de assalto num efectivo aproximado de 400 homens contra a direita de FAUQUISSART e esquerda de CHAPIGNY (frente da 2.<sup>a</sup> Divisão).

Na noite de 13/14 fortes efectivos alemães executam "raids" sobre as nossas linhas nos três sectores de FERME DU BOIS (1.<sup>a</sup> Divisão), CHAPIGNY e FAUQUISSART (2.<sup>a</sup> Divisão).

Em 14, em pleno dia, ás 14 horas, uma forte patrulha alemã tenta aproximar-se da 1.<sup>a</sup> linha de FERME DU BOIS (1.<sup>a</sup> Divisão).

Em 19 uma patrulha de combate de 30 homens

procura entrar no centro de CHAPIGNY (2.<sup>a</sup> Divisão).

Na noite de 20/21 uma força de cerca de 30 inimigos tenta penetrar no posto PIONEER (sector de NEUVE CHAPELLE, 1.<sup>a</sup> Divisão); outra também de grande efectivo ataca a 1.<sup>a</sup> linha de FERME DU BOIS (1.<sup>a</sup> Divisão).

Em 24 ás 16 horas lança uma patrulha de reconhecimento á nossa 1.<sup>a</sup> linha no posto MOLE (2.<sup>a</sup> Divisão).

Em 25 a 1.<sup>a</sup> linha de FERME DU BOIS é atacada por três patrulhas de forte efectivo.

A sua actividade de artilharia e morteiros conservou-se em paralelo com a da infantaria, tendo atingido um grau muito elevado nos meados do mês e assim se conservando, activissima, até ao final de Março.

¿Quais seriam, na realidade, as intenções do inimigo?

Não era, certamente, crível que fizessem incidir o esforço principal desta primavera de 1918 neste sector. A ofensiva na direcção de Paris, de resultados mais decisivos, era, por isso mesmo, mais provável. Por outro lado, a maneira gradual como a sua actividade se manifestava na nossa frente era contrária á doutrina da surpresa.

Podia-se, pois, supôr que o inimigo com esta atitude procurasse desviar as atenções do sector escolhido para a grande ofensiva. Assim o compreendeu o Comando inglês que opôs diversão a diversão, uma finta a outra finta, engano a engano.

Quanto a nós, portugueses, habituados, como estamos, á guerra relativamente calma e tranqüila dos passados meses, o que vimos e sofremos neste terrível Março de 1918, bastava para que aos nossos espíritos enervados se apresentasse, como um presentimento, a ideia de que os alemães, conhecedores porventura da fraqueza

e deficiência da nossa frente, viessem tentar sôbre nós a ofensiva, esperada com anciedade.

Tivemos, pois, um momento de alívio, quando em 21 de Março os alemães atacaram na frente do Somme.

E se bem que o inimigo continuasse activissimo na nossa frente, a tranqüilidade e o descanso, com que os officiaes de ligação ingleses, que nos assistiam, encaravam a situação, afastando toda a ideia de uma ofensiva alemã nesta região, comunicaram-se-nos também, á medida que no Somme os alemães diminuiam por falta de fôrças a intensidade dos seus ataques.

No entanto, continuavam a acumular-se as más informações com respeito ás intenções do inimigo na nossa frente.

As declarações de prisioneiros por um lado, as observações directas por outro, concordavam e convergiam cada vez mais, de tal modo que em princípios de Abril a hipótese de uma ofensiva alemã sôbre o nosso sector começou a assustar-nos sèriamente.

---

## 2.º — Nas vésperas da batalha.

As declarações dos prisioneiros, feitos nos "raids" do mês de Março, eram um tanto contraditórias no respeitante ás reais intenções do inimigo. Atribuíam uns o character de finta ou *bluff* á actividade por êle demonstrada últimamente, admitindo quando muito a possibilidade de um ataque de fins limitados; falavam outros, pelo contrário, de uma forma peremptória da probabilidade de uma ofensiva a fundo.

Havia, porém, pontos concordantes nas suas declarações e convergentes com as informações enviadas á Divisão pelo serviço de informações do 1.º Exército, obtidas por observação directa (aeroplanos, observadores), e que diziam respeito a movimento de combóios e de tropas pelas estradas, chegada á area de Lille de grandes contingentes de artilharia, incluindo artilharia austríaca e bávara, evacuação de povoações da frente pelos civis e presença de novas tropas, de origem propositadamente ocultada.

Tudo isto era dia a dia confirmado, á medida que novas informações se recebiam e que o inimigo ía desenvolvendo a sua actividade.

Desde a recepção da nota do 1.º Exército de 21 de Fevereiro, já citada, e que foi o primeiro aviso, a artilharia inimiga não cessou de aumentar na nossa frente tanto em actividade como em material ligeiro e pesado, aparecendo cada dia novas posições activas, tendo sido referenciadas 60 na primeira quinzena de Março e 80 na segunda.

E tão grande e anormal era o número de posições, não confirmadas por observações posteriores, que se

foi levado a suspeitar que o inimigo fazia fogo de pontos diversos, deslocando as suas bocas de fogo com o fim de nos iludir sobre a quantidade de artilharia de que dispunha.

Êste vaguear de bocas de fogo por diferentes posições era certo, mas em vez de ou além de servir, para nos iludir, tinha por fim fazer regulações, preparando posições para material que oportunamente chegaria.

De resto, era perfeitamente escusado que os prisioneiros o declarassem.

O aumento de artilharia sentia-se e o seu tiro de regulação via-se claramente, sobretudo, nos meados de Março, quando a artilharia inimiga fazia séries de tiros sobre o Q. G. da Divisão, então em La Gorgue, e sobre os Comandos das brigadas e batalhões. O centro de comunicações de La Gorgue, as pontes sobre o Lys e saídas para Lestrem, Merville e Le Nouveau Monde, os cruzamentos de estradas e estações de caminho de ferro de La Gorgue, Lestrem, Merville, St. Venant, as posições de baterias, os postos de Comando alternativos do Q. G. da Divisão e das brigadas e os depósitos pareciam ser especialmente visados nestes bombardeamentos intermitentes.

O transporte desusado de munições para a frente, de granadas de gases e de morteiros, de que os prisioneiros falavam, justificava-se também, é claro, no caso de se tratar de uma simples demonstração de artilharia, mas, conjugado com o aumento observado ultimamente no número de bocas de fogo, começou a levantar suspeitas.

A confirmar estas informações, os nossos observadores davam freqüentemente notícia de um movimento anormal na frente inimiga durante a noite, que indica-

va transportes numerosos de material, munições, etc, para as linhas.

Ao mesmo tempo a actividade aérea do inimigo em serviço de reconhecimento, notada pela primeira vez em 7, começou a aumentar notavelmente da primeira quinzena de Março em diante, conservando-se muito grande até ao dia 25. Os seus aeroplanos voavam a pequena altura por sobre as nossas organizações defensivas e alguns eram claramente notados a regular o tiro da sua artilharia. Esta actividade aérea continuou assim intensa até final de Março e ainda durante os primeiros dias de Abril.

No entretanto, nas áreas da retaguarda o Comando alemão ia concentrando tropas, cujo numero mal se podia apreciar pelas informações dadas pelos prisioneiros sobre as localidades, que iam sendo evacuadas pela população civil (Wavrin e arredores, Lomme, Le Marais, Santes e arredores, bairros a O. de Lille, Englos, Meurchin, Tourcoing, Annoeulin, Carvin, Berclau, Billy, Provin e no geral povoações a O. do canal de Haute Deule), à medida que novos contingentes iam chegando.

A respeito da proveniência destas tropas os prisioneiros nada sabiam dizer. Afim de manter o maior segredo na preparação dos seus ataques, os alemães tinham por hábito fazer cobrir nas platinas dos dolmans os numeros indicativos das unidades às tropas que tinham interesse em esconder; e, segundo informavam os prisioneiros, em Tourcoing ainda lhes proibiam sair dos acantonamentos ou misturar-se com tropas de outras unidades.

Por prisioneiros se soube igualmente de reconhecimentos feitos nas linhas nos últimos dias por oficiais e sargentos extranhos ás divisões allí em guarnição, (também com os numeros das platinas cobertos para

não serem identificados), de ordens dadas para o aligeiramento do equipamento, como preparação para movimento ofensivos, e ainda da chegada á região de tropas especiais de assalto.

Ao mesmo tempo, a poder de um fogo intensivo de artilharia e morteiros, o inimigo esforçava-se visivelmente por destruir as nossas defesas de arame, sobretudo as da primeira linha.

Contemporaneamente e dia a dia, o Sumário de Informações do 1.º Exército trazia-nos a confirmação destas noticias e acrescentava outras que, conjugadas com aquelas, fortaleciam em nós cada vez mais a suspeita de que o inimigo se preparava para qualquer ataque sério: — trabalhos intensivos e gerais de reparação de estradas, construção activa de pontes e passagens sôbre os canais e linhas de agua, organização de novas "camuflagens" nas estradas em frente das nossas linhas, alargamento de estações de caminho de ferro, principalmente das de Don e Fournes, producção de nuvens de fumo para ocultar movimentos de combóios, etc.

A suspeita de que os preparativos inimigos na nossa frente e os seus movimentos enigmáticos podiam bem significar intenções ofensivas não escapou, pois, ao Comando da 2.ª Divisão portuguesa, se bem que a segurança que o Alto Comando inglês mostrava ou parecia mostrar quanto ás suspeitosas atitudes do inimigo, nos mantivessem até ás vésperas da batalha na confiança de que a acção e actividade do inimigo não passariam de uma diversão, ligada com os ataques na frente do Somme e, portanto, sem consequências de maior.

Segundo o que Ludendorff nos diz agora nas suas memórias, a ideia de uma ofensiva nesta região tiuha já

sido examinada ao estudar-se a campanha de 1918, tendo sido resolvido diferir a sua execução para depois da ofensiva no Somme em conformidade com os resultados que esta tivesse, porque o terreno na região do Lys, baixo e pantanoso, não era praticável senão com bom tempo, sêcas as terras, portanto desde os meados de Abril, apenas.

Sustada a ofensiva na frente do Somme, o Comando alemão decidiu atingir Amiens pelo N., atacandó em 28 do mesmo mês em frente de Arras no sector do Scarpa. (1)

A ausência do nevoeiro, com que os alemães contavam para a surpresa, facilitou logo desde as primeiras horas da manhã ás tropas do XIII Corpo britânico (Tenente General de Lisle) a eficaz resistência, que opuzeram ás divisões alemãs de ataque. (2)

Ao fim do dia o ataque podia considerar-se completamente fracassado e o Comando alemão punha definitivamente de parte os seus planos sôbre Amiens.

Foi então que voltou as suas atenções para a planície do Lys, onde se havia de desenrolar a operação, que no começo desse ano de 1918 tinha sido proposta pelo Príncipe Ruprecht da Baviera, Comandante do Grupo de Exércitos do Norte, e que tinha por objectivo alcançar os portos da Mancha.

---

(1) Êste ataque estava previsto e projectado como uma extensão da ofensiva de 21 de Março.

O 17.º Exército devia-se apoderar do planalto a N. E. de Arras. O 6.º Exército (von Quast) devia, em ligação, com êle, atacar no dia seguinte na região de Lens e apoderar-se por seu lado também das alturas em frente. *Deutschland's Heldenkampf — 1914-1918\**, F. von Bernhardi.

(2) Von Bernhardi atribue o fracasso dêste ataque à deficiência da preparação de artilharia.

O tempo bom e sêco, que tinha feito durante quasi todo o mês de Março, favorecia a antecipação da ofensiva nesse sector, onde além disso os ingleses se encontravam enfraquecidos por motivo dos sucessos na frente do Somme. Com efeito, o V Exército (Gough) ficara quasi totalmente aniquilado nos primeiros dias da batalha e o Comando inglês vira-se forçado a empenhar sucessivamente naquele sector um grande número de divisões (46 num total de 58, que tinha o Exército britânico!). A maior parte das divisões que guarneciam a planície do Lys entre a nossa 2.<sup>a</sup> Divisão e o canal de Ypres—Comines (40.<sup>a</sup>, 34.<sup>a</sup>, 19.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> Divisões) tinham já tomado parte nas batalhas daquela frente e para ali tinham vindo transferidas, cansadas e enfraquecidas.

O 6.<sup>o</sup> Exército alemão (Von Quast) preparara cuidadosa e infatigavelmente o ataque.

Com um reduzido numero de tropas de trabalho o seu Chefe de Estado Maior, tenente coronel Lens, adiantara tanto os trabalhos preparatórios, que foi possível ao Comando alemão antecipar a data do ataque, que primitivamente fora fixado para a segunda quinzena de Abril.

O Coronel Bruchmuler, o célebre artilheiro que em 19 de Julho de 1917 dirigira o emprego da artilharia na rutura da frente russa da Galícia, e que na ofensiva de 21 de Março tinha também dirigido com êxito a artilharia do 18.<sup>o</sup> Exército, foi encarregado nos primeiros dias de Abril de inspeccionar os preparativos efectuado pelo Comando da Artilharia do 6.<sup>o</sup> Exército, tendo encontrado tudo em ordem.

O essencial, a preparação material do ataque, estava, de resto, já quasi completa no final de Março.

O transporte das tropas não encontrava difficulda-

des naquela região admiravelmente servida por uma excelente rêde de caminhos de ferro, que permitia concentrar em breves dias as divisões necessarias para a ofensiva.

Hindenburg tinha iniciado nas campanhas da Polónia a tática que se concretisava em sucessivas marteladas ou ataques em diferentes sectores, que impunham ao adversario uma contínua submissão de vontade e davam a iniciativa das operações ao Comando alemão. (1)

Ludendorff empregou no Ocidente idêntico sistema; e assim, enquanto a batalha do Somme se preparava e se desenvolvia, no sector do Lys faziam-se demonstrações com "raids" e violentos bombardeamentos de artilharia, ao mesmo tempo que as tropas disponiveis de trabalhadores executavam e preparavam o sector para prováveis ataques futuros.

Durante muito tempo, pois, o Comando inglês viu claro no jogo alemão, considerando tudo o que se passava na região de Lille como actos puramente demonstrativos, destinados a desviar as atenções da frente do Somme.

Tal parece ter sido de princípio a intenção de Ludendorff, até Abril. Nesta data, porém, tendo decidido abandonar o objectivo de Amiens depois do último fracasso no Scarpa, resolveu aproveitar os projectos e trabalhos executados no sector do 6.º Exército

---

(1) "O alto Comando alemão teve desde os principios a ideia de, no caso em que o primeiro ataque por surpresa não conduzisse á guerra de movimento, atacar em outros pontos, afim de por golpes consecutivos abalar a situação do inimigo e quebrar a sua vontade. No entretanto mandavam-se ir preparando os futuros ataques."

"*Deutschland's Heldenkampf 1914-1918*", F. von Bernhardt.

alemão, que mandou activar, determinado já a transformar a demonstração num ataque a sério e a fundo.

O Sumário de Informações do 1.º Exército só nos começou a dar notícia dos trabalhos que se estavam executando à retaguarda das linhas inimigas em 19 de Março, quando já nessa altura a frente do Lys entrara em ebulição.

O Comando inglês parecia não lhes ligar importância demasiada, hipnotizado, como se encontrava pelo drama, que então se desenrolava no Somme.

O 1.º Exército britânico, cuja frente se estendia desde Arras a Armentières, parecia preocupar-se mais com a situação do seu flanco direito, onde receava pela segurança da posição de Vimy, ganha em Abril de 1917 à custa de tantos esforços.

Desde 2 de Março que recebia informações referentes a preparativos de ataque na frente de Cambrin, ao S. do canal de La Bassée, informações que continuou a receber até às vésperas do 9 de Abril e que bem podiam significar da parte do inimigo a intenção de se apoderar da colina de Vimy e da região mineira a O. de Lens em conjunção com o ataque na frente de Amiens.

Era natural, pois, que a obsessão deste perigo continuasse, ainda mesmo depois do ataque fracassado de 28 de Março no sector de Arras, entre Oppy e Gravelle.

Desconhecemos quando a possibilidade de um ataque no nosso sector começou a ser encarada pelo Comando inglês. Talvez só nos começos de Abril, quando decidiu render as divisões portuguesas, fatigadas e desmoralizadas por uma larga permanência na frente.

Nos últimos dias de Março a actividade inimiga tanto de artilharia como de patrulhas e "raids" de infan-

taria diminuir consideravelmente e assim se conservou até ao dia da batalha.

As regulações do tiro deviam ter acabado então, assim como a preparação das posições que numerosas bocas de fogo deviam ocupar no dia da batalha. Quanto à infantaria, palpada a nossa frente, identificada a sua guarnição, conhecido o seu estado moral e material, voltou a estar tranqüila, para melhor preparar a surpresa.

No entanto, as informações continuavam chegando, cada vez mais concordantes com as anteriores, aumentando a intranqüilidade do nosso espírito.

O movimento observado no sistema ferro-viario de Lille fez nascer a suspeita da chegada de tropas novas. Notava-se também movimento anormal nas estradas em volta de Aubers e grande actividade de tropas e combóios na estação de Fournes. O inimigo procurava ocultar por meio de nuvens de fumo os movimentos nas linhas férreas e estradas da retaguarda.

De 31 de Março em diante e a-pesar da produção de nuvens de fumo nos dias de boa visibilidade e do mau tempo que fez nos primeiros dias de Abril, as informações amontoavam-se, relativas a movimentos anormais nas áreas da retaguarda, tanto de combóios, como de transportes pelas estradas.

A actividade nas linhas férreas e o movimento de viaturas e transportes denunciavam a concentração na região de Lille de forças vindas do S..

A marcha das informações, fornecidas pelo Sumário do 1.º Exército de 1 de Abril em diante, parecia indicar que o inimigo, tendo desistido do ataque no Scarpa, transferia para o N. as suas massas de ataque.

Por outro lado, desde 3 de Abril os nossos observadores das trincheiras começaram também dando

informes detalhados de movimentos anormais nas linhas inimigas.

No Boletim de Informações da Divisão de 4 de Abril, que se refere ao dia 3, lê-se :

“Tem-se notado movimento superior ao dos passados dias, acusando os últimos relatórios dos sectores bastantes transportes de materiais e volumes em direcção à 1.<sup>a</sup> Linha e o aparecimento de oficiais, que pareciam reconhecer as nossas linhas. O movimento de viaturas pesadas e automoveis também tem sido superior, tratando-se provavelmente de uma rendição”.

Mas, em frente das informações transcritas no Boletim seguinte, de 5 de Abril, já não havia lugar para esta hipótese. A anormalidade local notada, generalizava-se e aumentava. O movimento extraordinário de grupos inimigos, transportando volumes e material para as linhas, continuava a ser maior, o movimento de viaturas e wagonetas à retaguarda era do mesmo modo superior ao normal. Tratava-se, evidentemente, de coisa diferente de uma simples rendição.

No Boletim de 6 de Abril :

“Movimento superior ao normal na frente de FAUQUISSART, tendo-se notado grande movimento de homens armados na RUE DANTE e DELEVAL e na frente de NEUVE CHAPELLE. Continua o movimento de wagonetas e o transporte de volumes em direcção à 1.<sup>a</sup> Linha.”

No Boletim do dia 7 :

“Continua a notar-se movimento ao superior normal tanto nas trincheiras de comunicação da zona da frente, como nas estradas à retaguarda da 2.<sup>a</sup> Linha inimiga.

“O transporte de volumes e o movimento de viaturas de Aubers para as linhas e vice-versa e o vai-vem anormal e contínuo de wagonetas nos Decauvilles (principalmente em FAUQUISSART ROAD) continuam a ser notados.”

Segundo as informações transcritas no Boletim do dia 8 de Abril o inimigo devia ter completado nesse dia em frente da nossa esquerda os seus preparativos, pois o movimento era considerado já quasi normal. Apenas foram vistos muitos grupos de alemães nas estradas em tórno de Aubers.

Em frente da nossa direita, porém, é que foi observado grande movimento de tropas e de viaturas principalmente na estrada de La Bassée e na de Lorgies, nos dois sentidos.

Êste Boletim de 8 de Abril referia-se às 24 horas decorridas desde as 8 h. do dia 7 ás 8 h. do dia 8, faltando, pois, as observações referentes à véspera da batalha.

A actividade aérea do inimigo nestes dias anteriores à batalha era duma insistência e de uma ousadia estranhas, voando alguns aeroplanos de reconhecimento bastante baixo por sôbre as nossas linhas.

Tambem nos últimos dias os nossos observadores notavam com demasiada frequênciã trabalhos de reparação e colocação de fios telegraficos.

A contrastar com a actividade de Março, a frente inimiga conservava-se agora, desde o começo de Abril. extranhamente inerte e silenciosa.

Pelo nosso lado a actividade de artilharia mantinha-se no mesmo gráu de intensidade. Havia-se determinado nos últimos dias que os observadores dos sectores comunicassem immediatamente todos os movimentos notados na frente alemã aos respectivos grupos de baterias, que mandavam logo fazer fogo sôbre os pontos localizados.

O fogo sobre os grupos e movimentos do inimigo era assim feito últimamente muitas vezes por dia, o que o devia ter incomodado bastante nos seus preparativos.

Além disso, foram executados ainda vários bombardeamentos intensivos por toda a artilharia do nosso sector e sectores ingleses laterais sobre as áreas da retaguarda inimigas. O último foi executado na véspera mesmo do dia da batalha sobre o famoso Bois du Biez.

Em frente desta grande acumulação de informações sobre as intenções ofensivas do inimigo, fornecidas pelos Sumários de Informação do 1.º Exército e obtidas pelos nossos próprios observadores, todas elas assustadoramente convergentes, as suspeitas transformaram-se na angustiosa certeza de um perigo iminente de que só pela rendição imediata nos salvaríamos. Se a 2.ª Divisão estivesse em estado de poder resistir com eficiência ao choque inimigo, nenhum de nós, estamos certos, se afligiria pelo dia seguinte, contentes mesmo por ter ocasião de honrar no campo de batalha o nome português. Infelizmente não era este o caso por erros que de longe vinham.

Por seu lado, o Comando inglês, que, hipnotizado pela perigosa situação no Somme, não presentira tão próxima esta nova tempestade, adquiriu enfim a noção exacta do perigo e resolveu apressadamente substituir a nossa pobre 2.ª Divisão.

Era já tarde.

Ludendorff tinha conseguido a surpresa, apanhando-nos ainda por cúmulo de pouca sorte em preparativos de rendição.

A 2.ª Divisão ia "pagar, e caro, todos os erros de organização, de tática, de previsão, de que não era culpada, a pobre!" (1)

---

(1) — General Gomes da Costa. — A Batalha do Lys.

---

### 3.º — A ordem de rendição.

Na reunião do dia 7, em Lestrem, o Tenente General Haking tomou conhecimento da propria boca dos Comandantes de Brigada das faltas de efectivos e deficiência de quadros que havia nas unidades da Divisão e pôde, pelo que eles lhe disseram, avaliar bem o estado moral e material da nossa tropa.

Tinham-se recebido, havia pouco, no Comando da Divisão os relatórios dos Comandantes de unidades, a que atrás nos referimos. E, parece que no proposito de os confirmar, sucedera na véspera, em 6, a lamentável insubordinação de parte das tropas da 2.ª Brigada.

Todos os Comandantes de Brigada insistiram na necessidade de immediata rendição.

Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. General Haking encerrou a reunião com uma curta alocução, em que prometeu interessar-se para que viessem reforços e fossem completados os efectivos e quadros das unidades da Divisão.

Elogiou a conduta da nossa gente, reconhecendo o serviço prestado ao Exército britânico por tão longa permanência na linha.

Não falou, contudo, em rendição para breve, pedindo pelo contrário mais um pouco de sacrificio. Era necessario, afirmou, continuar na frente por mais algum tempo ainda.

Os nossos Comandantes inclinaram-se submissos perante este pedido, que todos sabiam tanto mais justificado, quanto nenhum dos presentes desconhecia que a tremenda batalha do Somme tinha causado ao Exército britânico grandes perdas e continuava a exigir as suas atenções.

Todos se resignaram a esperar mais um pouco.

O espanto foi, pois, enorme, quando no dia seguinte em 8, surgiu no Quartel General de Lestrem a Ordem do XI Corpo para a 2.<sup>a</sup> Divisão ser rendida e retirar para a retaguarda.

Que se teria passado ao certo?

¿Teria o Comando britânico recebido informações sôbre a iminência do ataque inimigo e, julgando perigoso fazer suportar o primeiro golpe por uma divisão desmoralizada e enfraquecida, como a nossa, resolvera rende-la o mais depressa possível? ¿ ou teria o Comandante do XI Corpo reconhecido simplesmente a necessidade de render a Divisão, em vista do que lhe tinham representado os nossos Comandantes e do que tinha acontecido na 2.<sup>a</sup> Brigada?

A ordem de rendição indicava:

1.<sup>o</sup> — Que a 50.<sup>a</sup> Divisão em Neuf Berquin passava do XV Corpo (Lisle) para o XI (Haking).

2.<sup>o</sup> — Que a Divisão 55.<sup>a</sup> (em linha à direita da nossa) estenderia a sua frente para o N., conglobando na sua área o nosso sector de FERME DU BOIS, rendendo nêle a 5.<sup>a</sup> B. I. na noite de 9/10 de Abril.

3.<sup>o</sup> — Que a Divisão 50.<sup>a</sup> renderia as nossas Brigadas do centro (NEUVE CHAPELLE), da esquerda (FAUQUISSART) e de reserva nas noites de 9/10 e de 10/11.

4.<sup>o</sup> — Que o Comando da 2.<sup>a</sup> Divisão seria rendido em Lestrem pelo da 50.<sup>a</sup> Divisão às 10 h. de 10, retirando a nossa Divisão para a situação de Reserva do Corpo com o Quartel General em St. Venant.

5.<sup>o</sup> — A nossa artilharia ficaria ainda na linha.

Em vista desta determinação todas as Repartições do Quartel General receberam ordem de preparar os documentos do sector para os entregar ao Q. G. da 50.<sup>a</sup>

Divisão e mandou-se às Brigadas aviso para prepararem a rendição e a marcha para a retaguarda.

A deslocação devia começar a fazer-se no próprio dia 9 em que os alemães atacaram!...

A ordem de rendição

XI Corps Order n.º 328 8/4/18

1.º) — 50th. Division is transferred from XV Corps to XI Corps.

2.º) — 55th. Division will relieve the Right Inf. Bde. of 2nd. Portuguese Division in the line on the night of 9/10th. April, under arrangements to be made by G. O. C. 55th. Div. with G. O. C. 2nd. Portuguese Div..

Comand of FERME DU BOIS Section to pass to G. O. C. 55th. Div. on completion of relief.

3.º) — 50th. Div. will relieve the Centre and Left and Reserve Inf. Bdes. of 2nd. Portuguese Division on 9th./10th. and 10th./11th. April.

Comand of NEUVE CHAPELLE and FAUQUISSART Sections to pass to G. O. C. 50th. Div. at 10 a.m. on 10th. April.

H. Q. 50th. Div. will be established at LESTREM at 10 a. m. on 10th. April.

H. Q. 2nd. Portuguese Div. will be established at St. VENANT at 10 a. m. 10th. April.

LA GORGUE area is placed at disposal of 50th. Div. as staging area.

4.º) — Brigade boundaries will remain temporarily on at present.

5.º) — The artillery at present covering 2nd. Portuguese Div. front will remain in action for present.

6.º) — All air photographs, maps and intelligence files will be handed over complet at Headquarters of all units.

7.º) — On relief, Brigades of 2nd. Portuguese Div. will move into XI Corps Reserve Area in accordance with attached table. One Portuguese Battalion per Brigade will remain under the orders of G. O. C. 50th. Div. for salvage work until further orders.

8.º) — ACKNOWLEDGE.

tel 212

Issued at 9.15 p. m. 8/4/18

a) J. Brind

B. G., G. S.

Estas determinações foram ainda na madrugada do próprio dia 9 comunicadas às tropas da 2.<sup>a</sup> Divisão na seguinte ordem de operações :

Ordem n.º 46

1.º) — A Divisão (menos a artilharia divisionaria e morteiros) é rendida a partir do dia 9 pelas 50.<sup>a</sup> e 55.<sup>a</sup> Divisões, marchando em seguida para a área de reserva do XI Corpo em harmonia com o quadro junto.

2.º) — *Infantaria:*

a) — A 3.<sup>a</sup> B. I. marcha para a área fixada no quadro junto em 9/10.

b) — A 4.<sup>a</sup> B. I. é rendida no sector de FAUQUISSART na noite de 10/11 do corrente por uma Brigada da 50.<sup>a</sup> Divisão.

c) — A 5.<sup>a</sup> B. I. é rendida no sector de FERME DU BOIS na noite de 9/10 do corrente por uma Brigada da 5.<sup>a</sup> Divisão.

d) — A 6.<sup>a</sup> B. I. é rendida no sector de NEUVE CHAPELLE na noite de 9/10 por uma Brigada da 50.<sup>a</sup> Divisão.

e) — Comandos dos sectores :

1) — O de FERME DU BOIS será assumido pelo General Comandante da 55.<sup>a</sup> Divisão depois da rendição estar completa.

2) — Os de NEUVE CHAPELLE e FAUQUISSART serão assumidos pelo General Comandante da 50.<sup>a</sup> Divisão pelas 10 horas do dia 10 do corrente.

f) — Todos os detalhes referentes à rendição serão fixados por acôrdo entre os Comandantes das Brigadas.

g) — Todas as Brigadas excepto a 3.<sup>a</sup> deixam um batalhão para trabalhos de salvados até ordens posteriores, os quais ficam sob as ordens do General Comandante da Divisão 50.<sup>a</sup>.

h) — A 5.<sup>a</sup> B. I. deixará nos posto da Linha Intermédia e da Linha do Corpo as guardas necessárias, as quais regressarão ás unidades, depois de rendidas pelas unidades correspondentes das Divisões 50.<sup>a</sup> e 55.<sup>a</sup>.

3.º) *Artilharia:* A artilharia divisionária, que guarnece os sectores da Divisão continua na linha até nova ordem.

4.º) — *Metralhadoras:* Os 1.º, 3.º, 4.º e 5.º Grupos de Metralhadoras são rendidos pelas unidades correspondentes das Divisões 50.<sup>a</sup> e 55.<sup>a</sup> nas seguintes datas :

Sector de FERME DU BOIS.....	noite de 9/10
" de NEUVE CHAPELLE.....	noite de 10/11
" de FAUQUISSART.....	noite de 9/10

Os Grupos de Metralhadoras marcham para a área indicada no quadro junto depois de completamente rendidos.

5.º) — *Sapadores Mineiros*: A 2.ª C. S. M. será rendida no dia 9. A 3.ª C. S. M. e a 3.ª companhia do 2.º G. C. P. serão rendidas no dia 10 pelas tropas correspondentes.

6.º) — *Serviço de Saude*: As brigadas serão acompanhadas pelas Secções H. T. F. que lhe estão adstrictas.

7.º) — Todas as cartas, fotografias aéreas e documentos de informações serão entregues por completo aos Comandos de todas as unidades que as veem render.

8.º) — *Secções de Quartéis*: Devem comparecer nos seguintes locais e horas, onde se apresentarão os delegados deste Q. G. — (Diz respeito ás seguintes unidades: — 3.ª B. I. — 5.ª B. I. — 5.º G. M. — 4.º G. M. — 6.ª B. I.).

9.º) — Local do Q. G. da Divisão em St. Venant a partir das 10 horas do dia 10 do corrente.

10.º) — Queira acusar a recepção.

O Comandante da Divisão  
(a) Gómes da Costa  
General.

### Quadro para acompanhar a ordem n.º 46

Unidades	Dia	Horas	Locais
3.ª B. I. . . . .	9	10 h.	Igreja de Calonne s/Lys (Q. 3. d. 60. 60.)
5.ª B. I. . . . .	9		
5.º G. M. . . . .	9	15 h.	Vieille Chapelle (R. 34. a. 10. 70.)
4.º G. M. . . . .	9		
6.ª B. I. . . . .	9	17 h.	Pont Riqueul (R. 10. b. 00. 60.)

10 de Abril de 1918:

4.ª B. I. — Do sector de Fauquissart — para — La Gorgue — Bout de Ville — Riez-Bailleul — Pont Riqueul.

*Itinerários* — Fixados pela Brigada.

---

4.º — Dispositivo alemão nas vésperas da batalha.

O Grupo de Exércitos do príncipe Rupprecht da Baviera constituia a extrema direita da frente alemã. Estendiã-se desde o mar ao Oise. A ele pertencia o 6.º Exército (von Quast) que guarnecia a frente quasi correspondente à do 1.º Exército inglês (Horne), desde o Lys (Armentières) até Acheville, a S. E. de Lens.

As suas divisões estavam normalmente assim agrupadas: Grupo de Lille (2 Divisões), Grupo de Aubers (2 Divisões), Grupo de Loos (2 Divisões), Grupo de Souchez (3 Divisões). O nosso sector confrontava com o Grupo de Aubers.

A frente alemã entre Armentières e o canal de La Bassée estava guarnecida na véspera da batalha, em 8 de Abril, pelas seguintes divisões em 1.ª linha, de N. para S.: — 38.ª Div., 32.ª Div., 10.ª "Ersatz" Div., 81.ª Div. de Reserva, 44.ª Div. de Reserva.

Na frente correspondente de Armentières a Béthune os ingleses tinham apenas 4 divisões em 1.ª linha: a 34.ª Div., a 40.ª Div., a 2.ª Div. portuguesa e a 55.ª Div..

Faziam frente à nossa divisão quasi toda a 81.ª Div. de Reserva (Regimentos 269.º, 268.º e parte do 267.º) e ainda cêrca de metade da 44.ª Div. de Reserva (Regimento 206.º e parte do 208.º).

Em virtude da falência do ataque de 28/29 de Março na frente de Arras o inimigo parece ter transferido um grande número de baterias e morteiros daqui para a frente de Bois Grenier-La Bassée, destinadas ao ataque de 9 de Abril. Ao mesmo tempo, divisões que em 28 de Março estavam alí em apoio foram igualmente transferidas para o Norte.

Composição normal de uma Divisão alemã.

- |    |  |   |   |
|----|--|---|---|
|    |  |   | 1. <sup>a</sup> secção<br>(Korporalshaft)                           |
|    |  | 1. <sup>o</sup> pel.<br>(Zug)   | 2. <sup>a</sup> secção  |
|    | 1. <sup>a</sup> Companhia<br>(Kompagnie)   |   | 3. <sup>a</sup> "   |
|    |  |   | 4. <sup>a</sup> "   |
|    |  | 2. <sup>o</sup> pelotão   |   |
|    |  | 3. <sup>o</sup> "   |   |
| a) | 1. <sup>o</sup> Bat.   | 2. <sup>a</sup> companhia   |   |
|    |  | 3. <sup>a</sup> "   |   |
|    |  | 4. <sup>a</sup> "   |   |
|    |  | 1. <sup>a</sup> "   | de metralhadoras, 3 secções a 2 metr. (Maschinen-Gewehr-Kompagnie). |
|    | 2. <sup>o</sup> Bat. (5. <sup>a</sup> , 6. <sup>a</sup> , 7. <sup>a</sup> e 8. <sup>a</sup> comp. e 2. <sup>a</sup> comp. de metr.). |   |   |
|    | 3. <sup>o</sup> " (9. <sup>a</sup> , 10. <sup>a</sup> , 11. <sup>a</sup> e 12. <sup>a</sup> comp. e 3. <sup>a</sup> comp. de metr.). |   |   |
|    | 2. <sup>o</sup> Reg. ....  |   |   |
|    | 3. <sup>o</sup> " .....  |   |   |
| b) | Grupo de 3 comp. de metr. (Masch.-Gew.-Scharfsch.-Abteilung).  |   |   |
| c) | Uma comp. de morteiros de trincheira   |   | 3 morteiros pesados   |
|    |  |   | 6 " médios  |
|    |  |   | 12 " ligeiros.  |
| d) | Reg. de art.   | 1. <sup>o</sup> Grupo<br>(Abteilung)  | 1. <sup>a</sup> Bateria--2 secções (Zug) a 2 peças de 7,7 c/m.      |
|    |  |   | 2. <sup>a</sup> " .....   |
|    |  |   | 3. <sup>a</sup> " .....   |
|    |  | 2. <sup>o</sup> Grupo—4. <sup>a</sup> , 5. <sup>a</sup> , e 6. <sup>a</sup> Baterias, idem, idem. |   |
|    | 3. <sup>o</sup> " —3 Baterias de Obuzes, 7. <sup>a</sup> , 8. <sup>a</sup> e 9. <sup>a</sup> a 2 secções de 2 obuzes de 10,5 c/m.    |   |   |
| e) | Tropas montadas  | a)  | cavalaria — 2 esquadrões.   |
|    |  | b)  | companhia de ciclistas.   |
| f) | Tropas de engenharia   |   | 2 companhias de sapadores mineiros.                                 |
|    |  |   | 1 secção de pontes.   |
|    |  |   | 1 " de telefonistas.  |
|    |  | 1 " de projectores.   |   |
| g) | Serviço de saúde — 1 comp. sanitaria (Sanitäts Kompagnie).   |   |   |
| h) | Trem de combate di-<br>visionário  |   | 2 col. de munições de infantaria.                                   |
|    |  |   | 3 " " " " artilharia.   |
|    |  |   | Col. autom. para transporte de feridos.                             |
|    |  |   | 2 ou 3 hospitais de sangue.   |
|    |  | Padaria de campanha.  |   |

The first part of the report  
 deals with the general  
 situation of the country  
 and the progress of  
 the various branches  
 of the service.  
 It is followed by a  
 detailed account of  
 the operations of the  
 different departments  
 and the results of  
 the various measures  
 adopted for their  
 improvement.  
 The report concludes  
 with a summary of  
 the principal  
 facts and figures  
 relating to the  
 administration of  
 the service during  
 the year.

## CAPÍTULO V

# A Batalha

- 1.º -- Dispositivo e plano do ataque.
- 2.º -- Síntese do ataque do dia 9.
- 3.º -- A 2.ª Divisão portuguesa.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

A BULLETIN

OF THE  
DEPARTMENT OF THE HISTORY OF ARTS  
AND ARCHITECTURE

---

## 1.º — Dispositivo e plano do ataque.

A ofensiva do Lys, que os alemães chamam batalha de Armentières fracciona-se em tres partes ou períodos distintos:

1.º — Ataque de 9 de Abril, em que o 6.º Exército alemão (von Quast) assalta as posições anglo-portuguesas na frente Bois-Grenier — Givenchy.

2.º — Ataque de 10 de Abril, em que o 4.º Exército (Sixt von Armin) se apodera das posições inglesas entre Hollebecke e Armentières, conjugando desde o dia seguinte em diante os seus movimentos com os do 6.º Exército numa mesma e única ofensiva.

3.º — Ataque de 16 de Abril, que foi uma extensão do anterior para o N. até ao sector belga e que acarretou como consequência a redução do arco de Ypres.

Destes três é apenas o primeiro aquele que directamente nos interessa.

O objectivo alemão era alcançar a planície de St. Omer, cortando o sector da Flandres da frente central do teatro da guerra e ameaçando as bases inglesas de Dunquerque, Calais e Boulogne.

A tomada do massiço montanhoso do Kemmel devia depois dar a posse da região de Ypres e ter como resultado o fazer ir até ao mar as tropas anglo-belgas do sector setentrional.

A região, em que o ataque se ía desenvolver, é um dédalo de canais e linhas de agua, semeada de povoações, logarejos e *fermes*. O caracter] baixo e pantanoso de terreno, se por um lado dificultava à defesa a

construção de entrancheiramentos, tornava também difícil para o ataque os movimento das tropas, artilharia e viaturas, logo que caísse alguma chuva.

Depois do magnífico tempo que tinha feito e que havia levado o Comando alemão a antecipar a ofensiva, vieram alguns aguaceiros nos dias que precederam o 9 de Abril, o que ocasionou depois dificuldades ao avanço dos alemães, sobretudo na zona das trincheiras, onde as estradas estavam interrompidas e onde o terreno empastado de lama e revolvido pelas granadas, não oferecia consistência suficiente para a passagem de viaturas e artilharia.

No entanto, a maior dificuldade da região consistia para os alemães nos cursos do Lys e da Lawe que, cortando a região de N. a S. transversalmente à frente de ataque, ofereciam aos defensores uma linha de defesa natural. O Comando alemão tinha, pois, todo o interesse em regular o primeiro movimento de avanço de forma a alcançar logo no primeiro dia aquelas linhas de agua, ultrapassando-as n'alguns pontos, para estabelecer testas de ponte que facilitassem o avanço do segundo dia. De outra forma, dando tempo ao Comando inglês para juntar tropas detrás daquela linha, as divisões alemãs de ataque ficariam condenadas a patinhar na zona lamacenta e revolvida das trincheiras.

Como vimos, em 8 de Abril a frente alemã entre Armentières e o canal de La Bassée estava guarnecida de N. para S. pelas seguintes divisões em primeira linha: — 38.<sup>a</sup> Div., 32.<sup>a</sup> Div., 10.<sup>a</sup> "Ersatz" Div., 81.<sup>a</sup> Res. Div., 44.<sup>a</sup> Res. Div..

Na noite de 8/9 de Abril as divisões destinadas ao ataque marcharam para a frente, para as respectivas posições de partida. A sua concentração e preparação,

pouco dificultadas pela artilharia anglo-portuguesa, fizeram-se rapidamente. (1)

No ataque do dia 9, que abrangeu toda a frente desde o canal de La Bassée a Bois Grenier, tomaram parte as seguintes divisões alemãs, assim dispostas da direita para a esquerda ou do N. para o S.:

*Em primeira linha:* — 32.<sup>a</sup> Div., 10.<sup>a</sup> «Ersatz» Div., 8.<sup>a</sup> Bav. Res. Div., 1.<sup>a</sup> Bav. Res. Div., 18.<sup>a</sup> Res. Div., 43.<sup>a</sup> Res. Div., 4.<sup>a</sup> «Ersatz» Div..

*Em apoio:* — 11.<sup>a</sup> Div., 42.<sup>a</sup> Div., 35.<sup>a</sup> Div., 16.<sup>a</sup> Div., e 44.<sup>a</sup> Res. Div..

A 81.<sup>a</sup> Res. Div. que tinha estado em linha no sector de Aubers em frente das nossas tropas tinha sido rendida, estando então em reserva à retaguarda, em Annoeulin.

Tanto quanto nos é dado ainda hoje conhecer esta batalha nos seus pormenores, podemos dizer que o ataque alemão do dia 9 foi realizado por sete divisões em 1.<sup>a</sup> linha e cinco em apoio imediato contra uma frente guarnecida apenas por três divisões em primeira linha: — a 40.<sup>a</sup> Div., a 2.<sup>a</sup> Div. portuguesa e a 55.<sup>a</sup> Div., e duas em reserva: — a 51.<sup>a</sup> Div. (reserva do XI Corpo) e a 50.<sup>a</sup> Div. (reserva do XV Corpo).

As divisões alemãs não eram, decerto, divisões frescas, nem mesmo tão fortes como aquelas que tinham sido lançadas contra a frente aliada na anterior ofensiva de 21 de Março (2); mas do lado de cá o Comando inglês também não tinha para lhes opôr senão divisões esgotadas. A 40.<sup>a</sup>, a 50.<sup>a</sup> e a 51.<sup>a</sup> tinham estado já na grande batalha do Somme; a primeira tinha sido retirada daquele sector havia quinze dias com cinco mil

(1) Kriegsberichte aus dem Grossen Hauptquartier—Heft 31.

(2) Ludendorff—Meine Kriegserinnerungen 1914-1918.

baixas, as restantes duas tinham apenas acabado de chegar, tendo igualmente perdido em média quatro a cinco mil homens, e estavam então a ser reorganizadas com reforços recentemente vindos de Inglaterra, constituídos por jovens recrutas, inexperientes da guerra. (1)

Quanto à 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa, sabemos já que se encontrava num estado de grande enfraquecimento físico e moral e ainda em preparativos de rendição, que se devia efectuar nos próprios dias 9 e 10 de Abril. (2)

As divisões destinadas ao ataque do dia 9 foram organizadas em quatro colunas ou Corpos de Exército, não contando com o Corpo ao S. do canal de La Bassée que não participou directamente no ataque, mas que para êle contribuiu, sem se mexer das suas posições, entretendo as tropas da ala S. do 1.<sup>o</sup> Exército inglês com uma grande actividade de fogo de artilharia.

Esta demonstração produziu os seus efeitos, porque fez realmente acreditar o Comando inglês numa extensão do ataque para o S. com o objectivo de Béthune, como se depreende dos Sumários de Informações do 1.<sup>o</sup> Exército n.<sup>os</sup> 1182 e 1183 dos dias 10 e 11 de Abril.

As quatro colunas de ataque eram comandadas pelos generais: von Kraewel (IV Corpo), von Bernhardi (LV Corpo), von Carlowitz (XIX Corpo) e von Stetten (II Corpo Bavaro).

(1) — «Sir Douglas Haig's Despatches»; «The British Campaign in France and Flanders», Conon Doyle (5.<sup>o</sup> vol.).

(2) Infelizmente a 1.<sup>a</sup> Divisão do C. E. P. havia sido mandada seguir no dia 8 para a zona da retaguarda e encontrava-se lá longe, em Desvres; a sua presença na zona da frente, mesmo como reserva, teria sido utilíssima, para prolongar por mais tempo a acção das tropas portuguesas na batalha, substituindo ou reforçando a 2.<sup>a</sup> Divisão.

Emquanto o Corpo ao S. do Canal se destinava a entreter os ingleses, o Corpo de von Kraewel devia romper para O. sobre Locon por Givenchy, Festubert e Richebourg l'Avoué.

No centro von Bernhardi e von Carlowitz tinham como objectivo atingir rapidamente a linha da Lawe e do Lys, orientando o seu movimento para N. O. sobre Meruille e Hazebruck. O Corpo da ala direita (von Stetten) devia seguir von Carlowitz em escalão e depois encurvar para N. E. a linha de ataque, sobre Bailleul, procurando ganhar terreno a O. de Armentières com o fim de cortar a retirada á guarnição desta cidade em combinação com o ataque do dia 10.

Entre estes dois ataques conjugados a 38.<sup>a</sup> Divisão não atacaria, competindo-lhe fixar na frente de Armentières a 34.<sup>a</sup> Div. britânica que defendia a cidade e que assim viria a ser cercada. (1)

O flanco esquerdo, depois de se apoderar das passagens do canal em Gorre, viria a ser alargado também para o S., sobre Béthune, e a demonstração do Grupo de Loos viria então a transformar-se em ataque efectivo.

No centro o inimigo atingiu completamente os seus objectivos, destruindo toda a divisão portuguesa e a V. direita da 40.<sup>a</sup> Divisão inglesa (sector de FLEURBAIX), e, em obediência à ordem que havia de avançar o mais possível, conseguiu não só encostar-se à Lawe, mas até

---

(1)—A 38.<sup>a</sup> Div. alemã tinha vindo para a frente de Armentières recentemente, em 7. Um prisioneiro desta divisão declarou depois que havia ordem de não atacar Armentières de frente. Havendo apenas a idea de executar sobre a cidade um grande bombardeamento com granadas de gaz, tinha-se ordenado às tropas da 38.<sup>a</sup> Div. alemã que não entrassem no dia 9 na cidade sob qualquer pretexto, mesmo que ela fosse evacuada. V. "Sumário de Informações do 1.<sup>o</sup> Exército" n.º 1182 de 10 de Abril.

atravessar o Lys em Bac St. Maur. Na direita não pôde, porém, nem atingir a ponte sobre o Lys em Erquinghem por virtude da resistência tenaz que teve de vencer em Fleurbaix, nem rodar para o N. na margem esquerda do Lys por motivo dos reforços dirigidos a tempo pelo Comando inglês sobre Croix du Bac.

Assim, o inimigo não pôde logo cortar a retirada à guarnição de Armentières, como projectava. No entanto, os seus objectivos topográficos não deixaram aqui de vir a ser alcançados na sucessão da batalha. Armentières veio efectivamente a cair no dia 11.

Na extrema esquerda é que o ataque alemão falhou de uma maneira completa, tendo o inimigo sido repellido após o seu sucesso inicial e mantido e fixado depois pela corajosa resistência da 55.<sup>a</sup> Div. inglesa na linha Givenchy — Festubert — Loigne, não obstante os progressos feitos no sector português e os furiosos e repetidos ataques da 4.<sup>a</sup> "Ersatz" Div., cujos regimentos foram reforçados com companhias do 6.<sup>o</sup> Batalhão Bávaro de Assalto. (1)

A ofensiva exerceu-se sobre a ala norte do 1.<sup>o</sup> Exército inglês (General Horne), guarnecida pelo XI Corpo (Tenente General Haking) e pelo XV Corpo (Tenente General Du Cane).

O XV Corpo tinha duas divisões em 1.<sup>a</sup> linha — a 40.<sup>a</sup> (Major General Ponsonby) em Croix du Bac com dois sectores de brigada (FLEURBAIX e BOIS GRENIER) e a 34.<sup>a</sup> (Major General Nicholson) que guarnecia Armentières e uma em reserva, a 50.<sup>a</sup> (Major General Jackson), em Merville.

Destas tropas do XV Corpo só a 40.<sup>a</sup> Divisão foi atingida no ataque de 9.

(1) — V. "Sumário de Informações do 1.<sup>o</sup> Exército" n.<sup>o</sup> 1182 de 10 de Abril.

A maior parte do peso da batalha deste dia recaiu, pois, sobre o XI Corpo, que guarnecia a frente Lavantie—canal de La Bassée com a 2.<sup>a</sup> Div. portuguesa (General Gomes da Costa) na esquerda com três sectores de brigada, a 55.<sup>a</sup> Div. (Major General Jeudwine) na direita com dois sectores de brigada, e a 51.<sup>a</sup> Div., escocesa, (Major General Carter-Campbell) em reserva a O. de Hinges e ao S. do canal de Aire a La Bassée. (1)

Situada exactamente no centro da frente de ataque, a 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa foi assim naturalmente aquela contra quem os alemães lançaram o principal núcleo da sua massa de tropas, que um famoso general, von Bernhardt, comandava.

(1)—A frente inglesa era guarnecida de N. para S. pelo II Exército (General Plumer) desde a sua junção com o Exército belga cêrca da floresta Houthulst até ao Lys cêrca de Armentières, pelo I Exército (General Horne) desde Armentières até ao Scarpa, em frente de Arras, pelo III Exército (General Byng) desde o Scarpa até ao Somme e pelo IV Exército (General Rawlinson) ao S. desde o Somme até Hangard, onde começava a frente francesa no final da batalha do Somme. O V Exército (General Gough) tinha sido retirado da frente da batalha e substituído pelo IV.

Em virtude do III Exército ter sido forçado a tomar a seu cargo no decurso da batalha do Somme parte da frente do V Exército, encostando o seu flanco direito ao Somme, desde Curlu, a N. O. de Péronne, o I Exército tinha extendido igualmente a sua frente para o S. de Arras. Estava projectada do mesmo modo a extensão para o S. da frente do II Exército, que era restrita em comparação com a frente enorme com que tinha ficado o I Exército. O XV Corpo, cuja 50.<sup>a</sup> Divisão devia entrar em linha e render as nossas 6.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> B. I. por uma das suas divisões em 9 e 10 de Abril, passaria ao II Exército, cuja frente se extenderia, pois, até ao S. de Neuve Chapelle, ligando-se ali com a 55.<sup>a</sup> Div. (do XI Corpo), que devia tomar conta do restante da nossa frente (sector da 5.<sup>a</sup> B. I. — FERME DU BOIS). (V. Sir Douglas Haig's "Despatches"). Assim, a ofensiva alemã surpreendeu o Comando inglês em plena remodelação da sua frente.

## Ordem de Batalha alemã no ataque de 9 de Abril:

Como documentação transcrevemos dos Suplementos aos Sumários de Informação do 1.º Exército dos dias 10 e 11 de Abril as identificações das unidades alemãs, obtidas no decurso da batalha, por meio das quais o Comando inglês teve imediato conhecimento do número, constituição e qualidade das divisões alemãs empregadas no dia 9 e do seu lugar na frente de batalha:

*38.ª Div.*

95.º Reg. Inf. — identificado em 9 de Abril a E. de Armentières por prisioneiros.

94.º Reg. Inf. — idem, por declaração de prisioneiros.

96.º Reg. Inf. — idem.

Também por declaração de prisioneiros se soube que a 38.ª Div. rendera a 32.ª Div. e o 369.º Reg. Inf. da 10.ª Div. „Ersatz“ em 7 de Abril.

*32.ª Div.*

102.º Reg. Inf. — identificado em 9 de Abril a S. E. de Armentières, por prisioneiros.

177.º Reg. Inf. — idem, em linha a S. de Armentières, por declarações de prisioneiros.

103.º Reg. Inf. — idem, na área de Fleurbaix, por prisioneiros.

12.º Bat. de Pion. — Idem, como adstrito ao 103 Reg. Inf., por prisioneiros.

Depois da rendição pela 38.ª Div. esta divisão e o 369.º R. Inf. da 10.ª „Ersatz“ Div. após apenas um dia de descanso voltaram para a linha na noite que precedeu o ataque. Parece terem-se disposto abrigados nas crateras de granada ao longo da 1.ª linha no sector ocupado pelos 370.º e 371.º Reg. Inf. da 10.ª Div. „Ersatz“, aproximadamente entre O. 1. e N. 9. (referências cartográficas).

*10.ª „Ersatz“ Div.*

369.º Reg. Inf. — identificado em 9 de Abril em Fleurbaix, por prisioneiros.

371.º Reg. Inf. — idem, em Croix du Bac, por prisioneiro.

370.º Reg. Inf. — idem.

O 369.º Reg. Inf. veio do descanso com a 32.ª Div. para tomar

parte no ataque. O 370.º e 371.º ficaram em primeira linha e tomaram igualmente parte no ataque.

*11.ª Div. Res.*

22.º Reg. Inf. — identificado em 9 de Abril em Croix du Bac, por prisioneiro.

156.º Reg. Inf. — idem, por declaração do prisioneiro do 22.º Reg.

10.º Reg. Inf. — idem.

Esta divisão estava em apoio imediato na retaguarda da 32.ª Div. e seguiu esta no ataque. Só o 22.º Reg foi identificado por contacto, mas o prisioneiro deste regimento declarou que o 156.º Reg. Inf. e 10.º Reg. Inf. entraram em linha desde as 3 horas da tarde de 9.

*8.ª Bav. Res. Div.*

Identificada em 9 de Abril apenas por declaração de prisioneiros de outras divisões, que afirmavam estar em 1.ª linha ao N. da 1.ª Bav. Res. Div. Em 10 de Abril foi feito um prisioneiro desta Div. e assim identificada em Fosse. Segundo o que êle declarou, a divisão depois de oito dias de repouso em Cortrick tomou parte no ataque desde o principio. Apenas, pois, um único regimento desta divisão foi identificado. Este prisioneiro foi o único que lhe foi feito nos dois primeiros dias de batalha.

*1.ª Bav. Res. Div.*

2.º Reg. Inf. Bav. — identificado em 9 de Abril na área de Vieille Chapelle, por prisioneiro.

1.º Reg. Inf. Res. Bav. — idem, em linha na área de Vieille Chapelle, por declaração do prisioneiro anterior.

3.º Reg. Inf. Res. Bav. — idem, em apoio na área de Vieille Chapelle, por declaração do mesmo prisioneiro.

Segundo declaração deste prisioneiro o 1.º e 2.º Regimentos atacaram na primeira vaga, seguidos do 3.º em apoio.

*42.ª Div.*

17.º Reg. Inf. — identificada em 10 de Abril a S. de Bac St. Maur, por declaração de prisioneiros.

138.º Reg. Inf. — idem, a N. E. de Estaires, por prisioneiros.

Esta divisão, em apoio em 9, entrou em linha ao S. da 10.ª Div. "Ersatz" na madrugada de 11.

*16.ª Div.*

29.º Reg. Inf. — identificado em 10 de Abril a O. de Fosse, por prisioneiros.

28.º Reg. Inf. — idem.

68.º Reg. Inf. — idem.

Esta divisão era de apoio; entrou em linha ainda em 9.

*35.º Div.*

141.º Reg. Inf. — identificado em 10 de Abril, a O. Estaires, por prisioneiro.

17.º Bat. de Pioneiros (1.ª Companhia) — identificado em 10 de Abril, em Lestrem; exame de um morto.

Desta divisão foi o 141.º o único regimento, que parece ter entrado em combate no segundo dia de batalha, parecendo que a divisão seguiu o ataque na situação de apoio imediato.

*18.º Res. Div.*

86.º Reg. Inf. Res. — identificado em 9 de Abril em linha em Le Casan por documento apreendido, e em 10 a S. O. de Fosse, por prisioneiro.

31.º Reg. Inf. Res. — idem. Em 10 a E. de Locon, por prisioneiro.

84.º Reg. Inf. Res. — identificado em 10 de Abril, por declaração de prisioneiros; em linha no flanco S. do 31.º Reg. Inf.. Em 9 parece ter seguido em apoio o ataque.

*43.ª Res. Div.*

201.º Reg. Inf. Res. — identificado em 9 de Abril na área de Festubert, por prisioneiro.

203.º Reg. Inf. Res. — idem, por prisioneiros.

Nenhuma identificação se obteve do 202.º Regimento, que parece ter seguido estes dois provavelmente em apoio.

*4.ª „Ersatz“ Div.*

360.º Reg. Inf. Res. — identificado em 9 de Abril em Givenchy, por prisioneiros.

362.º Reg. Inf. Res. — idem.

361.º Reg. Inf. Res. — idem, em apoio em Givenchy, por declaração de prisioneiros.

304.ª Comp. Pioneiros — identificada em 9 de Abril em Givenchy, por prisioneiros.

*44.<sup>a</sup> Res. Div.*

Esta divisão, que estava em primeira linha ao N. do canal de La Bassée antes do ataque, foi identificada por declarações de prisioneiros como continuando no sector.

Nenhuma identificação se obteve por contacto com ela.

Esteve em reserva durante os primeiros dias de batalha, tendo só em 11 entrado novamente em linha entre a 18.<sup>o</sup> Div. Res. e a 43.<sup>a</sup> Div. Res. em Le Casan, a E. de Locon.

*6.<sup>o</sup> Batalhão Bay, de Assalto.*

Identificado por declaração de prisioneiros; cada uma das suas companhias estava adstrita aos regimentos da 4.<sup>a</sup> Div. "Ersatz", em 1.<sup>a</sup> linha: 360.<sup>o</sup> Reg. Inf. e 362.<sup>o</sup> Reg. Inf., parecendo que a outros regimentos em primeira linha foram igualmente atribuídas companhias deste batalhão de assalto.

---

## 2.º — Síntese do ataque do dia 9.

Durante toda a noite de 8/9 a artilharia alemã executou sobre as áreas da retaguarda e com especialidade sobre as nossas baterias várias séries de tiros, num bombardeamento lento e intermitente.

De madrugada, justamente ás 4 h. e 15 m., começou o seu fogo de preparação, rompendo num bombardeamento intensíssimo sobre toda a frente de Béthune a Armentières. Este bombardeamento prolongou-se depois pela manhã adiante, continuamente, apenas com pequenas intermitências de intensidade.

Depois de quatro horas e meia desta violenta preparação de artilharia, ás 8 horas e 45 minutos precisas, (1) a infantaria alemã lançou-se ao ataque.

A coberto de um espesso nevoeiro, que tornava impossível ver para além de uma centena de metros, as divisões alemãs de ataque tiveram um fácil trabalho diante de si. Atravessando rapidamente o terreno entre trincheiras, assaltaram as primeiras linhas, penetrando nelas sob a protecção daquele formidável bombardeamento.

A surpresa da infantaria anglo-portuguesa que guarnecia aquela frente foi completa; as unidades de 1.ª linha foram absolutamente submergidas pelas vagas de assalto alemão que, surgindo de repente no meio de um densíssimo nevoeiro, lhes não deram tempo para resistir.

Assim começara também, havia pouco, em 21 de

---

(1) V. "Kriegsberichte aus dem Grossen Hauptquartier", — Heft 31.



hora, pelas 10 h., a sua infantaria tinha atingido a 3.<sup>a</sup> Linha (Linha "C") em toda a frente do ataque.

Depois começaram os embaraços de toda a ordem.

A necessidade de fazer acompanhar com a artilharia as colunas de infantaria obrigou o atacante a arrastar a todo o custo as suas baterias através do terreno revolvido e lamacento das trincheiras.

Pioneiros e os trabalhadores disponíveis passaram o dia inteiro a refazer ou melhorar as estradas.

No próprio dia 9 os alemães á força de trabalho ainda conseguiram fazer passar para cá da zona das trincheiras algumas bocas de fogo pesadas.

Paralelamente e enquanto a sua artilharia mudava de posição, as guarnições transportavam-se rapidamente para as baterias apreendidas em bom estado e com as nossas próprias munições e peças continuavam a proteger o avanço da sua infantaria e batiam as resistências locais que ela ia encontrando.

Ao que parece, a ofensiva foi simultânea ou paralela em toda a frente de ataque.

No centro, porém, a progressão foi mais rápida que nos flancos. (1) Os ingleses faziam boa guarda às cidades de Armentières e Béthune. Ao S. o Corpo ou Grupo de divisões de v. Kraewel conseguiu ainda apoderar-se de Richebourg l'Avoué e avançar na sua ala direita até junto de Le Touret. Mas a sua esquerda não pode ultrapassar nem Givenchy, nem Festubert.

No sector português as tropas de v. Bernhardt assaltaram Richebourg S. Vaast e Lacouture e á tardinha alcançavam a Lawe em muitos pontos.

Pela primeira vez envolvidos numa grande batalha,

(1) — Parece que os alemães notaram uma menor actividade de artilharia ao meio da sua frente de ataque — *"Kriegsberichte aus dem Grosen Hauptquartier."*

os nossos soldados, esgotados por tantos meses de frente, enfraquecidos e cansados, esmagados ainda por um intensivo bombardeamento de quatro longas e pesadas horas, não puderam resistir à pressão inimiga e, á parte heróicos episódios de resistências locais, a 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa, sem efectivos para executar contra-ataques na extensíssima frente que guarnecia, foi no seu conjunto aniquilada ou subjugada logo nas primeiras horas do ataque.

Na direita as divisões de v. Carlowitz irromperam também com relativa facilidade sôbre Lavantie e Saily sur la Lys.

Parece terem penetrado em cunha na direita do sector da 40.<sup>a</sup> Divisão inglesa no ponto fraco que era a ligação dos sectores português e inglês, separando-os logo, um do outro, e espraíram-se depois em leque sôbre o sector português de FAUQUISSART de um lado, o sector inglês de FLEURBAIX do outro, enquanto na sua frente procuravam rapidamente alcançar o Lys em Saily, Le Nouveau Monde e Estaires. (1)

---

(1) — Sir Douglas Haig nos seus «Despatches» diz: «Um pouco depois das 7 horas a Brigada da direita da 40.<sup>a</sup> Divisão informou que se fazia um ataque sôbre a sua frente, que tinha sido detido, mas que as guarnições de metralhadoras da sua extrema direita viam o inimigo avançar rapidamente no sector ao S. do seu.»

Este sector era já o sector que a nossa 4.<sup>a</sup> Brigada guarnecia; e estas palavras dão a entender que os alemães entraram no nosso sector primeiro que no inglês.

Ora, nem os alemães começaram tão cedo o ataque, como acima deixamos dito, nem, como adiante teremos ocasião de ver, o inimigo penetrou no nosso sector de FAUQUISSART antes de ter conseguido entrar no sector inglês de FLEURBAIX, (todos os relatórios dos officiaes portugueses que estavam em 1.<sup>a</sup> linha na extrema esquerda do nosso sector e as próprias communicações enviadas pela 40.<sup>a</sup> Div. inglesa ao nosso Comando no início do ataque contrariam em abso-

Seguindo v. Carlowitz em apoio de flanco, o Grupo de v. Stetten desenvolveu depois para o N. e N. O., na frente Bois Grenier — Fleurbaix — Bac St. Maur.

Na linha da Lawe e do Lys as reservas do XI e XV Corpo obrigaram os alemães ao primeiro alto na sua ofensiva.

As tropas de von Bernhardi e de von Carlowitz não puderam durante o dia estabelecer-se na margem esquerda.

Os ingleses haviam feito saltar todas as pontes e mostravam-se determinados a impedir a passagem com um nutrido fogo de metralhadoras.

No entanto, pela tarde, em Bac St. Maur, a E. de Saily, a brigada do coronel Höfer (do Corpo de v. Stetten) consegue n'um golpe de mão atrevido passar o rio aproveitando-se de uma eclusa, sob o fogo das metralhadoras inglesas e organiza uma testa de ponte, que vai até às proximidades de Croix du Bac.

Só sob a proteção da noite os alemães conseguiram transpôr os cursos do Lys e da Lawe em mais pontos, estabelecendo novas testas de ponte: — uma sôbre o Lys a E. de Estaires e duas sôbre a Lawe, em Le Marais e ao S. de Vieille Chapelle, — como base para continuar o ataque no dia imediato.

---

luto essa suposição — V. „A Brigada do Minho na Flandres”, do Coronel Eugenio Mardel, que na ocasião do 9 de Abril comandava precisamente em FAUQUISSART), nem o cerrado nevoeiro que havia ainda áquela hora permitia vêr fácilmente o que quer que fôsse para lá de uma ou duas centenas de metros.

Sem pretendermos fazer *chauvinismo* inútil e porque nos basta o simples exame dos factos não podemos com toda a sinceridade deixar de olhar como menos exata a informação que o illustre Marechal britânico reproduz.

Seja isto dito com o respeito devido a tão alta personalidade,

Ao N. da nossa 2.<sup>a</sup> Divisão a 40.<sup>a</sup> Divisão inglesa tinha em 1.<sup>a</sup> linha duas brigadas, a 119.<sup>a</sup> I. B. (18.<sup>o</sup> Welsh, 21.<sup>o</sup> Middlesex, 13.<sup>o</sup> East Surrey) na direita, no flanco da nossa 4.<sup>a</sup> B. I., e a 121.<sup>a</sup> I. B. (20.<sup>o</sup> Middlesex, 12.<sup>o</sup> Suffolks, 13.<sup>o</sup> Yorks) na esquerda, que se ligava com as tropas da 34.<sup>a</sup> Divisão (Nicholson) que guarnecia a frente de Armentières igualmente com duas brigadas em 1.<sup>a</sup> linha (a 103.<sup>a</sup> na direita, a 102.<sup>a</sup> na esquerda) e uma em reserva (a 101.<sup>a</sup>).

Tendo conseguido tomar pé nas primeiras linhas, a onda dos inimigos, à medida que subia para Rouge de Bout, atacava de flanco e de revés a direita das posições da 119.<sup>a</sup> Brigada inglesa ao longo da RUE PETILLON e da RUE DU BOIS. A 119.<sup>a</sup> I. B. ainda tentou contra-atacar, logo que soube que o inimigo tinha penetrado no sector. No entretanto, o Comando da 40.<sup>a</sup> Divisão dava á brigada de reserva, 120.<sup>a</sup>, composta de tropas escocesas, ordem de formar por Rouge de Bout flanco defensivo, afim de obstar ao envolvimento completo das posições da frente da divisão.

A progressão do inimigo na direita do sector divisional já não deixou, porém, que isto se fizesse. A unidade mais avançada desta brigada, o 10/11.<sup>o</sup> Highland Light Infantry Batt., viu-se completamente envolvida e toda a brigada teve que retirar sobre as posições-testa de ponte, que cobriam a passagem do Lys em Le Nouveau Monde.

Lá em baixo, nas linhas, o batalhão da direita da 119.<sup>a</sup> Brigada resistiu o mais que pôde, tendo contra-atacado e conseguido demorar um tanto a progressão do inimigo na esquerda sôbre Fleurbaix, de modo que já este tinha alcançado pelas 10 h., 15 m. Rouge de Bout e tomado contacto com a brigada de reserva e ainda se combatia na RUE PETILLON junto a EATON HALL, antigo posto de comando do S. S. I.

Não pôde, porém, a 119.<sup>a</sup> Brigada resistir à dupla pressão na frente e no flanco direito e depois de sangüinolentos combates e grandes perdas foi forçada a retirar sobre o Lys.

O 2.<sup>o</sup> Scots Fusiliers, da 120.<sup>a</sup> Brigada, na testa de ponte de Le Nouveau Monde protegeu a passagem dos restos da 119.<sup>a</sup> e 120.<sup>a</sup> Brigadas para a outra margem do Lys.

As perdas de 119.<sup>a</sup> Brigada, sobretudo, foram enormes. O 18.<sup>o</sup> Welsh Batt. ficou apenas com 5 oficiais e 120 praças. (1)

Na esquerda desta divisão a 121.<sup>a</sup> Brigada sustentou a sua frente de Bois Grenier e com o retirar da 119.<sup>a</sup> Brigada formou flanco defensivo ao S..

Às 11 h. e 30 m. já os alemães atacavam Fleurbaix por E. Nesta povoação, cheia de ruínas, o 12.<sup>o</sup> Suffolks, ajudado pelo 12.<sup>o</sup> Yorkshires Pioneer Batt., opôs ao inimigo uma heróica resistência até cerca das 6 h. da tarde.

Cerca das 12 h., portanto, a 40.<sup>a</sup> Divisão repelida das suas posições avançadas, ocupava uma linha face ao S. entre Sailly e Bois Grenier por Bac St. Maur e Fleurbaix.

Com a continuação da pressão inimiga a 40.<sup>a</sup> Divisão acabou de se desfazer.

A maior parte à 1 hora da tarde tinha atravessado o Lys em Bac St. Maur, Sailly e Le Nouveau Monde em completo aniquilamento; as pontes sobre o Lys desde Estaires até Bac St. Maur eram, logo após, destruídas.

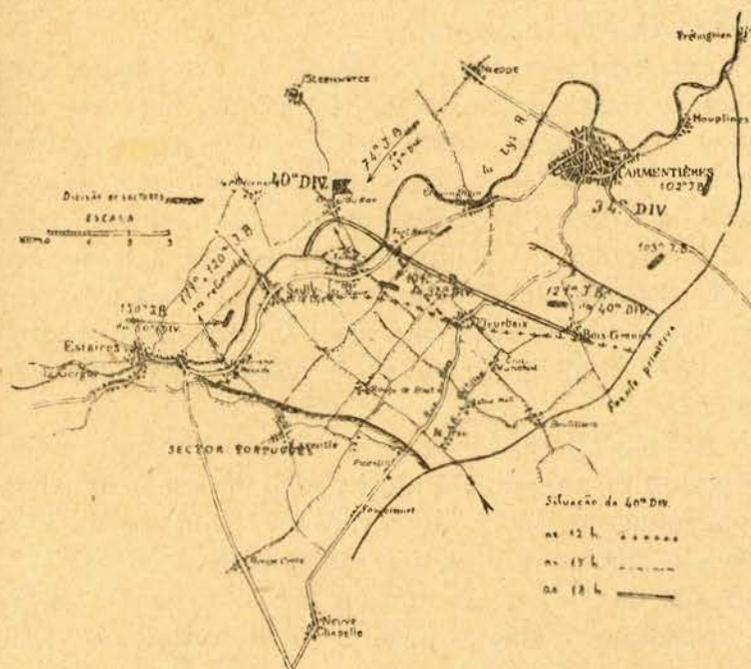
Emquanto a direita e a reserva da 40.<sup>a</sup> Divisão eram assim aniquiladas e repelidas para a margem esquerda do Lys, a brigada da esquerda ficava isolada nas po-

---

(1) — "The British Campaign in France and Flanders," Conon Doyle (5.<sup>o</sup> vol.)

sições de Bois Grenier, onde o 20.º Middlesex e o 13.º Yorkshires mantiveram tenazmente a linha, apesar de atacados também de flanco pelo inimigo que avançava sobre Fleurbaix.

A 34.ª Divisão, incorporando em si as forças desta brigada, tomou-as como flanco defensivo e reforçou-as



com a sua brigada de reserva, que foi cobrir Bac St. Maur, destacando um batalhão, o 11.º Suffolks, para a defesa de Fleurbaix.

Este batalhão, o 12.º Suffolks e o 12.º Yorkshires Pioneer defenderam Fleurbaix com heroísmo e eficácia durante muito tempo, até cerca das 6 horas da tarde a-pesar-de atacados não só por E. e S., mas depois ainda por O., logo que o inimigo, continuando a pressão, se apoderou de Bac St. Maur.

Os outros dois batalhões da brigada de reserva da 34.<sup>a</sup> Divisão, o 15.<sup>o</sup> e o 16.<sup>o</sup> Royal Scots, lutaram desesperadamente, conseguindo evitar que o inimigo, progredindo ao longo do Lys, caísse sôbre a retaguarda das posições da divisão.

A 34.<sup>a</sup> Divisão britânica não foi atacada de frente; mas teve assim de sustentar duros combates, para se cobrir no seu flanco direito.

Pela tarde, forçada a passagem do Lys em Bac St. Maur, o flanco defensivo da 34.<sup>a</sup> Divisão fixava-se na linha Fort Rompu, sôbre o Lys, um pouco a juzante de Bac St. Maur, por Bois Grenier até à *Linha Avançada* da antiga frente; e era guarnecida na direita pela 101.<sup>a</sup> Brigada, no centro pelos restos da 40.<sup>a</sup> Divisão (121.<sup>a</sup> Brigada) que tinham ficado ainda nesta margem do Lys e na esquerda pela sua 103.<sup>a</sup> Brigada, que teve de fazer também frente ao S. com o batalhão de reserva.

As forças da 40.<sup>a</sup> Divisão, repelidas para a outra margem do Lys, aniquiladas e esgotadas, foram mandadas concentrar em Le Pt. Mortier. A 150.<sup>a</sup> Brigada da 50.<sup>a</sup> Divisão tomava o lugar dela na linha do Lys e a 74.<sup>a</sup> Brigada da 25.<sup>a</sup> Divisão era mandada vir do N. e posta à disposição do major general Nicholson (da 34.<sup>a</sup> Divisão) com a missão de contra-atacar em Croix du Bac e retomar ao inimigo a passagem de Bac St. Maur.

Conseguiu ainda esta brigada limpar Croix du Bac das patrulhas alemãs; mas a noite chegou e já não pôde repelir para o S. do Lys os grupos de inimigos que se tinham fixado na margem N., donde era de resto difícil desalojá-los. Com o fogo das suas metralhadoras, instaladas nas casas de Bac St. Maur, dominavam completamente a planície chata e nua da margem oposta até à casaria de Croix du Bac.



tência que opôs logo ás primeiras horas do ataque e em que se conseguiu manter depois na sequência da batalha.

A divisão foi fortemente atacada em toda a frente, tendo sofrido dois terríveis assaltos, um no flanco esquerdo sôbre Festubert e Loisne, outro no flanco direito sôbre *Windy Corner* e *Le Plantin*.

O primeiro assalto foi suportado pela 165.<sup>a</sup> Brigada (Boyd-Moss), formada pelos 5.<sup>o</sup>, 6.<sup>o</sup> e 7.<sup>o</sup> Batalhões do King's Liverpool Reg. (os dois últimos em 1.<sup>a</sup> linha, o outro em apoio); o segundo pela 164.<sup>a</sup> Brigada, que guarnecia o sector da direita, junto ao canal.

Não obstante a tenaz resistência dos postos da 1.<sup>a</sup> Linha, pelas 9 h. 30 m. os alemães tinham forçado o sistema frontal da defesa nos dois sectores de brigada.

Ás 9 h. 45 m. a 165.<sup>a</sup> Brigada, perdidas as 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> linhas, resistia já na VILLAGE LINE. Não obstante, alguns pontos da 2.<sup>a</sup> Linha mantiveram-se ainda até cêrca das 10 h. 30 m.

O seu flanco direito não se deslocou de Festubert mas no flanco esquerdo a sua linha de batalha foi cedendo, acompanhando a progressão do inimigo no nosso sector de FERME DU BOIS.

Pelas 10 h. 30 m. ou 11 h. a 165.<sup>a</sup> Brigada, completamente repelida das suas posições avançadas, encontrava-se praticamente estabelecida em flanco defensivo, frente a N. E., desde Festubert por CAILLOUX NORTH KEEP até LOISNE CENTRAL POST, onde depois veio a estabelecer contacto com as tropas da 51.<sup>a</sup> Divisão. (1)

(1) *Comunicações recebidas pelo nosso Comando e emitidas:*

Ás 9 h. 50 m.: "O batalhão da direita refere que o inimigo se apoderou das linhas FRONT e "O BL" e que está resistindo na VILLAGE LINE.—165.<sup>a</sup> Brigada."

A's 10 h.: "O inimigo penetrou na frente da brigada da di-

Mas, enquanto estas não chegaram e para cobrir este flanco e a retaguarda da divisão, foi mandado estabelecer ao N. de Loigne um batalhão da brigada de reserva, o 5.<sup>o</sup> South Lancashire da 166.<sup>a</sup> Brigada, a fim de se opôr aos grupos inimigos, que depois do aniquilamento da nossa guarnição de FERME DU BOIS avançavam ao longo da Rue du Bois, e tão rapidamente e tão ousadamente que algumas patrulhas conseguiram internar-se no sector inglês até mesmo à retaguarda do próprio posto de comando da 165.<sup>a</sup> Brigada, cêrca de Loigne.

Durante os combates, que neste flanco se travaram, o posto ROUTE "A" KEEP foi logo tomado por um forte grupo de alemães, que, emergindo de repente do denso nevoeiro, surpreendeu a sua guarnição. Daqui a onda dos inimigos atacou o posto LOISNE CENTRAL, guarnecido por tropas da 166.<sup>a</sup> Brigada, mas inutilmente. Um após outro, todos os furiosos assaltos dos alemães foram repelidos e a posição foi mantida.

Em CAILLOUX NORTH e Festubert não foram os alemães mais felizes. Todos os ataques que a estas posições fizeram foram do mesmo modo repelidos.

Simultâneamente, os alemães atacavam na direita da divisão e nela penetravam ao longo do canal, apo-

---

reita e está atacando o Comando do batalhão da esquerda; esta comunicação é das 9, 30.

Uma comunicação da brigada da esquerda, emitida às 9, 30 refere que o inimigo está atacando a linha "O B L" na sua frente.—55.<sup>a</sup> Divisão..»

A's 10 h. 10 m.: "O batalhão da direita da brigada da esquerda (165.<sup>a</sup>) refere às 9,45 que as linhas FRONT e "O B L" estão perdidas e que resiste na VILLAGE LINE. Não há notícias do batalhão da esquerda.—55.<sup>a</sup> Divisão..»

derando-se de Givenchy e de *Windy Corner*, donde caíam sôbre Le Plantin, procurando tomar pela retaguarda os defensores de Festubert, centro do sector divisional.

A situação esteve aqui deveras crítica. Os alemães chegaram a tomar Le Plantin S. e a atacar Le Plantin N. Um pouco mais e toda a VILLAGE LINE em toda a frente do sector divisional caía em seu poder.

Os restos do 6.<sup>o</sup> e 7.<sup>o</sup> King's Liverpool, a-pesar-de esgotados, salvaram a situação por um enérgico e determinado contra-ataque que repeliu os alemães para *Windy Corner*, donde com a ajuda da 2.<sup>a</sup> companhia do 5.<sup>o</sup> Lancashire Fusiliers da 164.<sup>a</sup> Brigada (Stockwell) conseguiram depois dum violento combate desalojá-los, fazendo-os voltar às suas posições de partida.

No fim dêste brilhante e feliz contra-ataque, em que foram feitos cêrca de 750 prisioneiros e apanhadas algumas metralhadoras, a frente da divisão ficou aqui como era no comêço da batalha.

A 55.<sup>a</sup> Divisão manteve depois na continuação da batalha a sua frente em forma dum L com o braço menor voltado para o inimigo, desde Givenchy por Festubert, vértice do L, até ao LOISNE CENTRAL POST, ao S. de Le Touret.

No centro do ataque, no sector português, das 9 horas para as 9 e 30 minutos, todo o sistema frontal da defesa, Linhas "A" e "B", tinha caído e as tropas de 1.<sup>o</sup> linha estavam totalmente aniquiladas.

Cêrca das 11 horas o inimigo tinha ultrapassado facilmente a quási inteiramente desguarnecida VILLAGE LINE e apoderava-se de Lavantie, Rouge Croix Richebourg St. Vaast.

Das 12 para as 14 estava já atacando os postos da Linha do Corpo, guarnecida por uma mistura de fra-

ções inglesas do XI Corpo e companhias portuguesas dispersas da brigada de reserva, e a nossa 2.<sup>a</sup> Divisão encontrava-se como a 42.<sup>a</sup> Div. praticamente fora do campo de batalha. Em seu lugar entravam em linha as 50.<sup>a</sup> e 51.<sup>a</sup> Divisões britânicas.

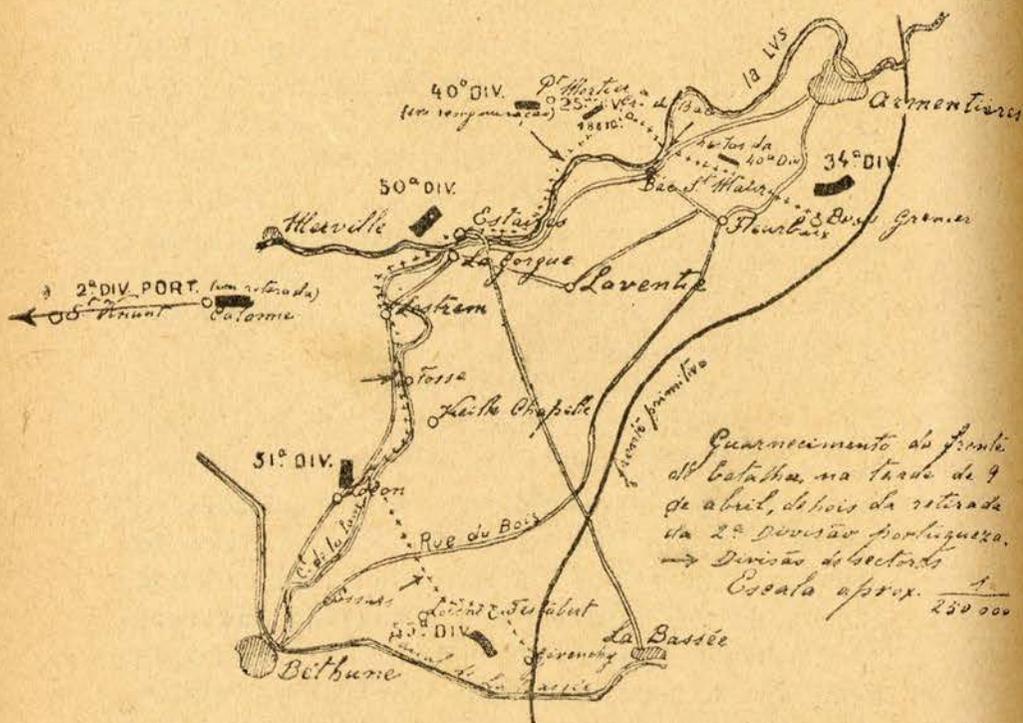
Por motivo da enorme força do ataque e mais ainda do quasi total desguarnecimento dos postos da VILLA-GE LINE (veremos que a grande maioria das unidades da nossa brigada de reserva, a êles destinadas, os não chegaram a atingir) a progressão dos alemães foi tão rápida que o Comando do XI Corpo apenas pôde dispor do tempo necessário para fazer ocupar pelas suas tropas de cavalaria e de ciclistas os postos principais da Linha do Corpo, a fim de cobrir o desenvolvimento e entrada em acção das divisões de reserva.

Á heróica resistência do 1st. King Edward's Horse e do 11.<sup>o</sup> Batalhão de Ciclistas em Le Marais, HUIT MAISONS POST, Vieille Chapelle e Lacouture de mistura com tropas portuguesas das nossas unidades de reserva se deveu, com efeito, o importante serviço de demorar a progressão inimiga, o suficiente para que aquelas divisões guarnecessem a linha da Lawe entre Estaires e Loisne, impedindo assim a rutura da frente que de outro modo teria sido fatal e de gravíssimas consequências.

Na esquerda a 50.<sup>a</sup> Divisão teve bem cedo de entrar em linha com a sua 151.<sup>a</sup> Brigada à retaguarda de Lavantie, logo que, como veremos, pelas 11 h. o Comando da nossa 4.<sup>a</sup> B. I. era alí feito prisioneiro.

No outro flanco nosso a 51.<sup>a</sup> Divisão teve também de entrar logo em combate, à medida que as suas unidades iam chegando. A 152.<sup>a</sup> Brigada já não pôde tomar posição na Linha do Corpo, tendo ficado na linha da Lawe em Fosse e Vieille Chapelle.

A 50.<sup>a</sup> Divisão (1) pôs-se em movimento cêrca das 8 horas para os postos da Linha do Corpo:— A sua 151.<sup>a</sup> Brigada (Durham) foi colocar-se na direita, a S. da linha Estaires-Lavantie, e a 150.<sup>a</sup> (Yorkshire) na esquerda com a missão de prolongar a linha de batalha



para N. de Estaires, ligando-se com a 40.<sup>a</sup> Divisão e defendendo as passagens do Lys. A 149.<sup>a</sup> Brigada (4.<sup>o</sup>, 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup> Northumberland) ficou em reserva em Estaires, tendo no entanto destacado um dos seus batalhões,

(1) Esta divisão tinha chegado da batalha do Somme na propria véspera, em 8 de Abril, ainda sem a sua artilharia. Havia perdido 50 por cento dos seus efectivos que tinham sido ultimamente preenchidos por recrutas. Estava acantonada em Merville e Neuf-Berquin com dois batalhões da sua 151.<sup>a</sup> Brigada em Estaires.

o 4.º Northumberland, para reforçar a direita da frente de combate.

Pela tarde, 2 horas depois do meio dia, a 151.ª Brigada, que guarnecia a Linha do Corpo à frente de Estaires desde Bout Deville a Lavantie, (enquanto o 4.º Northumberland da brigada de reserva, defendia as passagens da Lawe a N. de Fosse) até à ponte improvisada junto a Le Marais) era desesperadamente atacada desde Lavantie pelo inimigo que procurava a todo o custo atingir Lestrem, Estaires e Le Nouveau Monde, para passar para a outra margem do Lys.

Com a queda da direita da 40.ª Div., a este tempo já completamente repelida para O. do Lys, e o aniquilamento da nossa 4.ª B. I. em FAUQUISSART, a pressão alemã sobre esta brigada tornou-se enorme e pelo cair da tarde teve que ceder, abandonando ao inimigo todo o terreno para lá da Lawe, desde Fosse a Estaires-La Gorgue.

No final do dia e durante a noite a batalha foi extremamente rude nestas duas últimas povoações, que o 5.º Durham, flanqueado ao N. pelo 5.º e ao S. pelo 6.º Northumberland Fusiliers da brigada de reserva, defenderam com heróica tenacidade.

Ao N. de Estaires a 150.ª Brigada, não tendo chegado a tempo de passar para a margem direita do Lys que o inimigo já tinha ultrapassado, estabeleceu os seus batalhões, 4.º, 5.º e 6.º Yorks, na linha de defesa Estaires-Lys, procurando o contacto com as forças de Croix du Bac e tapando conjuntamente com a brigada destacada da 25.ª Divisão, a brecha aberta na frente de batalha pelo desmoronar da 40.ª Divisão, cujos restos se estavam no entretanto concentrando e reorganizando em Le Pt. Mortier no propósito de voltar a combater.

Enquanto estes factos se passavam ao N. da frente de ataque e no S. a 55.<sup>a</sup> Divisão se mantinha firme nas suas posições de Givenchy e Festubert, as três brigadas da 51.<sup>a</sup> Divisão, dispostas de Fosse para o S. ao longo do canal da Lawe, eram violentamente atacadas pela tarde, logo que foram vencidas as últimas resistências na Linha do Corpo no sector da 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa.

O canal, que levava pouca água, oferecia uma fraca linha de defesa; mas em frente dela as tropas desta divisão fizeram estacar o inimigo, que só a pôde forçar no dia seguinte, em 10, conseguindo depois de violentos ataques em Vieille Chapelle passar o canal e tornear o flanco esquerdo da 153.<sup>a</sup> Brigada.

Feita esta ligeira digressão panorâmica sobre a acção das divisões inglesas, que juntamente com as tropas portuguesas tomaram parte nos combates do dia 9, voltemos agora à nossa 2.<sup>a</sup> Divisão que no centro da batalha suportou a maior força do ataque e foi a principal vítima dêste memoravel e trágico dia.

---

### 3.º — A 2.ª Divisão portuguesa.

Havia grande azáfama nessa noite de 8/9 de Abril no Q. G. 2, em Lestrem<sup>(1)</sup>, por motivo da próxima rendição da Divisão, que se devia realizar a partir do dia 9. Vimos já que a brigada de reserva (3.ª B. I.) devia marchar para a retaguarda ainda nessa mesma manhã de 9; as brigadas em 1.ª linha seriam rendidas nas noites de 9/10 e 10/11 e o Q. G. da 2.ª Divisão seria substituído pelo Q. G. da 50.ª Divisão inglesa às 10 horas da manhã de 10.

Era, pois necessário começar a fazer rapidamente a triagem e preparação dos documentos relativos á defesa do sector que deviam ser entregues ao Estado Maior da 50.ª Div. e ir dispondo os nossos próprios arquivos para partir. Nesta tarefa se esteve trabalhando até tarde.

O legítimo desejo de um bem merecido descanso e a lembrança dos trabalhos que se tinham passado, sobretudo durante o tormentoso mês de Março, eram a causa da natural alegria e bôa disposição, com que todos trabalhavamos na preparação da rendição.

Quem poderia então prever o drama que momentos depois se ía desenrolar?

Já tarde, depois das 3 horas, o Sr. General Gomes da Costa e com êle a maior parte dos oficiais do Q.

---

(1) Com a reorganização da frente portuguesa o Q. G. da 2.ª Divisão tinha sido transferido de La Gorgue para Lestrem. O Comando, as Repartições do Estado Maior e a Missão Britânica de ligação ficaram instalados no «château», antiga e sumptuosa habitação senhorial, sendo a povoação exclusivamente destinada à instalação dos vários serviços do Q. G. e ao alojamento do respectivo pessoal.

G. retirara das Repartições. E, justamente quando acabava de se dactilografar a ordem para a rendição da divisão, pelas 4 horas e 15 minutos, rompeu, e desde logo com enorme e impressionante intensidade, o fogo inimigo.

O mês de Março tinha-nos habituado aos bombardeamentos, aos *harassing fires* freqüentes e intensos também e assim, a primeira impressão foi de que o alemão executava uma simples operação de artilharia que terminaria, como habitualmente, uma ou duas horas depois sem conseqüências de maior.

As ligações telefónicas, porém, começaram logo a falhar-nos, o que nunca nos tinha sucedido.

Pouco tempo depois de começar o fogo, ás 4 horas e 20 minutos, já não nos foi possível comunicar com o Comando do sector de FAUQUISSART, nem com o de FERME DU BOIS.

Do Comando da 6.<sup>a</sup> B. I. (NEUVE CHAPELLE) ainda ouvimos distintamente a voz do ajudante, capitão Henriques Nogueira, dizer-nos que ainda não tinha informações das linhas; mas não disse mais nada, uma qualquer granada, cortando o fio em qualquer ponto, tirou-lhe a palavra.

Ás 4 horas e 30 minutos todas as nossas ligações telefónicas estavam interrompidas até mesmo com a brigada de reserva (3.<sup>a</sup> B. I.). Apenas conservavamos a ligação com o Quartel General do C. E. P., em St. Venant, o que de resto nos era bastante inútil, visto que, tendo a 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa transitado já para o XI Corpo, de lá não podiam fazer mais nada do que ter a caridade de perguntar o que havia e participar da nossa inquietação.

O Comandante da 2.<sup>a</sup> Divisão estava assim já áquela hora desligado de todas as suas tropas.

Pelo telefone da Missão Britânica mantinhamos ainda, felizmente, as ligações com as divisões inglesas dos flancos, 40.<sup>a</sup> e 55.<sup>a</sup>, cujos sectores estavam sendo do mesmo modo intensamente bombardeados, com o Quartel General do XI Corpo, em Hinges, e com o Comando da Artilharia Pesada, em Fosse.

Em conformidade com as determinações do plano de defesa, o Sr. General Gomes da Costa mandou redigir a ordem para a ocupação da VILLAGE LINE pela brigada de reserva.

Pelo seu lado o major Glover, chefe da Missão Britânica adstricta à 2.<sup>a</sup> Div. pediu à Artilharia Pesada que começasse o fogo de «Contra-Preparação» e informou o Comando do XI Corpo da gravidade da situação e da necessidade de guarnecer a Linha do Corpo.

Pelas 5 horas o edifício do Quartel General da Divisão, em Lestrem, que vinha sendo insistentemente procurado pela artilharia inimiga, cujos projecteis caíam com abundancia em redor, era finalmente atingido no telhado por uma granada de grande calibre. Com a forte explosão as luzes apagaram-se, as salas e corredores encheram-se duma fumarada espessa e asfixiante, os tetos ficaram arrombados e os vidros das janelas estilhaçados. O projectil matára-nos apenas um homem, mas obrigou-nos a evacuar a parte do edifício atingida e a aproveitar para posto de comando o abrigo da T. S. F., construído com sacos de terra por detrás do parque do «château», junto à estrada para Paradis-N..

O nevoeiro, espesso como estava, tornava ainda maior a escuridão da noite e no caminho para o abrigo tivemos que alumiar-nos com archotes, a cuja luz, indecisa e flutuante, as covas abertas pelas granadas no terreno arrelvado do parque nos apareciam maiores e mais fundas, como crateras de grandes explosões.

Com êste bombardeamento ficou bastante desorganizado o serviço do Q. G., tornando-se difficil lançar mão de motociclistas ou estafetas a cavalo, que levassem à 3.<sup>a</sup> Brigada a ordem de guarnecer a VILLAGE LINE, vendo-se o Sr. General Gomes da Costa na necessidade de encarregar dêsse serviço o seu próprio ajudante, alferes Moura.

Por motivo desta demora eram já 5 horas e meia, quando êste official saiu de automovel para La Gorgue, voltando pouco depois com a informação de que a execução da ordem seria demorada, porque os batalhões da brigada não conheciam a VILLAGE LINE, não tendo tido tempo de proceder ao seu reconhecimento.

Efectivamente, veremos como os postos desta Linha não chegaram a ser occupados, tendo a maioria das fracções da 3.<sup>a</sup> B. I. errado os seus itinerários e ficado pela Linha do Corpo, mais à retaguarda, onde já foram encontrar fracções inglesas do XI Corpo (cavalaria e ciclistas) guarnecendo os respectivos postos.

Para comunicar com os Q. G. do XI Corpo (Hinges) e da 55.<sup>a</sup> Div. (Locon), com os quais não havia já ligações, saiu de automovel cêrca das 5 h. o cap. Robinson da Missão Britânica, afim de informar sôbre a situação.

Por seu lado o Comando da Divisão enviava à 4.<sup>a</sup> B. I. em Lavantie o cap. Quaresma, official ás ordens do Q. G..

O bombardeamento por um lado, o intensíssimo nevoeiro por outro tornavam difficil chamar e juntar o pessoal de ligação do Q. G., chauffeurs, motociclistas, ordenanças a cavalo, etc. Não se via literalmente nada. Envolvia-nos uma espessa atmosfera de chumbo, húmida e impenetravel, de um tom ligeiramente avermelhado, reflexo ténue e difuso do gigantesco incendio que lá na frente lavrava.

Não era, pois, fácil restabelecer as nossas ligações telefônicas ou constituir com pessoal, que pela primeira vez via e sentia o fogo, um serviço de comunicações regular com a frente.

Também não foi possível lançar mão da Telegrafia sem Fios, por se ter perdido o livro da cifra, o que de resto, teria sido inútil, pois, conforme se soube depois, a maior parte das estações de T. S. F. nos Comandos dos sectores haviam sido a essa hora já atingidas pelo bombardeamento.

Depois das 6 horas o bombardeamento pareceu diminuir de intensidade na zona da retaguarda. Pelo menos Lestrem estava sendo mais poupada. Era já dia e na impossibilidade de aproveitar a T. S. F. do abrigo para comunicar com a frente, regressou-se ao *château*, em cujo corpo sul, não atingido pelo bombardeamento, se encontrava já o major Glover no gabinete da Missão Britânica, procurando obter informações do XI Corpo, Artilharia Pesada e divisões dos flancos pela rede telefônica inglesa que ainda conservava algumas das suas ligações.

O desconhecimento do que se estava passando nas linhas era ainda quasi absoluto a essa hora em Lestrem.

Apenas pelo C. A. D. se soubéra logo às 4 h. 30 m. de um pedido de S. O. S. em FERME DU BOIS II, (Inf. 17). Esta comunicação fôra feita pelo Comando do 2.<sup>o</sup> G. B. A. que tinha mandado fazer fogo de S. O. S. às suas baterias. Depois mais nada. Foi esta a primeira e última noticia que se teve do Bat. de Inf. 17.

E o bombardeamento continuava... Havia intermitências na sua intensidade, ora mais fragoroso, ora menos, mas continuava sempre!...

Havia já três longas horas que começara, dura-

ção que os vulgares "*harassing fires*" nunca tinham atingido.

Que havia a gente de pensar? De que se tratava? Que se iria passar?

Ainda quando estávamos no posto da T. S. F. o excelente e optimista major Glover, dizia-nos, talvez para acalmar os nossos nervos e trazer a tranqüillidade aos nossos espíritos desassocegados, que devia tratar-se apenas de um bombardeamento passageiro, represália ou vingança do inimigo, que queria assim celebrar com um estrondoso fogo de artilharia o aniversário da batalha de Arras, na qual os ingleses se apoderaram da célebre colina de Vimy, infligindo aos alemães uma grande derrota e consideráveis perdas. (1)

Mas agora a pouco e pouco o seu optimismo se esvaía a-pezar de não deixar no entanto transparecer atravez da fleugma imperturbavel da sua psicologia de britânico a intranqüillidade nervosa que nós, portugueses, mal podíamos ocultar atravez de sorrisos e gracejos forçados.

---

(1) — No dia 9 de Abril de 1917 à tarde lançaram os ingleses uma ofensiva na frente Croisilles-Loos, no sector de Arras, de ambos os lados do Scarpa. Depois de uma curta mas extraordinariamente violenta preparação de artilharia e morteiros em uma frente de 30 quilómetros, conseguiram penetrar em toda a extensão do sector de ataque nas linhas inimigas. Algumas divisões do 6.º Exército alemão (Falkenhhausen) foram destroçadas, outras sofreram perdas tais, que tiveram de ser imediatamente retiradas mesmo antes de as reservas alemães terem chegado para contra-atacar. Em 10 os ingleses retomaram o avanço, mas a batalha inicial de conjunto scindiu-se depois numa série de acções locais, desconexas e efémeras que lhes trouxeram ganho de terreno, mas que lhes não deram a rotura desejada.

Em 11 perderam os alemães Monchy-le-Preux e na noite de 11/12 foi-lhes finalmente arrebatada a importante posição de Vimy. — Der Weltkrieg 1914 bis 1919 — *Fr. Immanuel.*



General Gomes da Costa, Comandante da 2.<sup>a</sup> Divisão  
na batalha do Lys.

Intranquillo e receoso, êle também, pelas 6 horas e meia enviava um oficial de Missão Britânica a Vieille Chapelle com o fim de obter ligação com a Cavalaria do XI Corpo e certificar-se se esta tinha já chegado à Linha do Corpo. Êste oficial voltou mais tarde, informando que efectivamente cavalaria e ciclistas do XI Corpo estavam já ocupando os grandes reductos de LACOUTURE e HUIT MAISONS POST.

Só depois das 7 h. é que começaram a chegar a Lestrem as primeiras informações das brigadas de 1.<sup>a</sup> Linha, trazidas por estafetas a pé.

Pelas 7 h. e 15 m. recebia-se do Sector I—FERME DU BOIS (5.<sup>a</sup> B. I.)— a seguinte comunicação sem indicação da hora de emissão :

«Cêrca das 5 horas começou um intenso bombardeamento sobre o Comando da brigada, posições das baterias e terrenos próximos com granadas de varios calibres, explosivas e de gás.

«Comunicações completamente interrompidas.

«As estafetas enviadas aos batalhões, pedindo informações, ainda não regressaram. Foi ordenado aos batalhões de apoio e reserva que reforçassem as guarnições dos subsectores» (1)

Logo a sêguir, às 7 e 20 m., chegava identica comunicação do sector II NEUVE (CHAPELLE) também sem indicação da hora de emissão:

«Intenso bombardeamento sobre a sêde do Comando, todas as comunicações cortadas, carência de informações sobre a frente, tendo-se enviado ciclistas que não regressaram».

---

(1) — Veremos como estas ordens ao Apoio (Inf. 4) e Reserva (Inf. 13) não chegaram aos seus destinos, não tendo por isso aquelles batalhões desempenhado as suas funções.

Do sector III (FAUQUISSART) em nota emitida pelo Comando da 4.<sup>a</sup> B. I. logo às 4 h. e 30 m., mas que demorou bastante até chegar a Lestrem, noticiava-se também o início do bombardeamento e igualmente a interrupção das ligações telefónicas.

Todas estas comunicações saíram cedo, pelas 4 horas e meia ou 5 horas, dos Comandos dos sectores, demorando as estafetas cêrca de duas horas nesta transmissão, o que se não pode extranhar, se se atender à escuridão da noite e à intensidade do fogo com que o inimigo varria as principais estradas e nós de comunicações.

De Lavantie estava de volta pouco depois, às 7 h. e 30 m., o capitão Quaresma com as seguintes informações que pouco adiantavam sobre as que acabavam de ser recebidas do mesmo sector:

1 — FAUQUISSART II tinha pedido S. O. S. logo às 4. h. 35 m.

2 — Os batalhões de apoio e reserva tinham recebido logo ordem de reforçar a frente, às 4 h. e 35 m.

3 — O Comando da Brigada, com as ligações telefónicas cortadas, mantinha-se em ligação com a frente (RED HOUSE) por estafetas a pé e ciclistas pela estrada de Picantin.

4 — Às 6 h. e 40 m. ainda nada tinha ocorrido de anormal no centro e na esquerda, faltando ainda notícias da direita do sector (FAUQUISSART I).

5 — A estrada de La Bassée era fortemente bombardeada, estando quasi intransitável para viaturas.

6 — Na secretaria do posto de comando todo o serviço corria com regularidade a-pesar do intenso bombardeamento sobre a povoação. O sentir geral dos officiais áquela hora era concorde em julgar que se tratava apenas de uma simples operação de represália.

Às 8 horas receberam-se em Lestrem duas notas de Inf. 10 (FERME DU BOIS I), remetidas pelo Comando

do sector (5.<sup>a</sup> B. I.) ao Q. G. da Divisão. Na primeira informava que o respectivo posto de comando estava sendo fortemente bombardeado e pedia S. O. S.; na segunda queixava-se de que a artilharia de apoio não tinha respondido ainda ao pedido de S. O. S. e instava por êle.

Vimos já que pelas 4 horas e 30 minutos o Comando da artilharia informara que o Bat. de Inf. 17 (FERME DU BOIS II) tinha pedido S. O. S., nada mais se tendo ouvido deste batalhão.

A fim de averiguar o que se passava naquele sector, foi enviado ao Comando da 5.<sup>a</sup> B. I. o capitão Carteador Mena, do Estado Maior, que corajosamente se desempenhou da arriscada missão, não obstante a intensíssima barragem, com que a artilharia inimiga fechava a entrada em C.<sup>so</sup> du Raux. Carteador Mena teve de abandonar o automóvel na estrada da Rue du Bois e alcançar a pé, correndo por entre as explosões, a "*ferme*" meio destelhada e arruinada já, em cujo interior, como verdadeiros prisioneiros, estavam os oficiais da brigada.

Às 9 horas e 15 minutos Carteador Mena estava de volta em Lestrem. O Comando daquele sector tinha conservado as suas ligações telefónicas até às 5 horas com o sub-sector da esquerda, S. S. II (Inf. 17), e até às 6 horas e 30 minutos com o da direita, S. S. I. (Inf. 10), e até essa hora nada de normal ocorrera ainda na frente desses batalhões. Depois havia recebido um despacho de Inf. 10, comunicando que a 1.<sup>a</sup> Linha, Linha "A", tinha sido evacuada na frente daquele S. S., como o havia sido igualmente na frente dos S. S. contíguos, inglês (55.<sup>a</sup> Div.) e Inf. 17. De então em diante nada mais podia informar, por não terem ainda regressado as estafetas enviadas às linhas. Do mesmo modo

não voltara ainda a que fôra enviada à artilharia de apoio do sector (5.º G. B. A.) com o pedido de S. O. S. de Inf. 10, pelo que se ignorava se êste tinha sido satisfeito ou não.

Pelo seu lado o C. A. D. tinha mandado ao 5.º G. B. A., que protegia FERME DU BOIS, o motociclista do Comando transmitir as comunicações de Inf. 10. O Comando daquele grupo de baterias tinha realmente recebido os pedidos de S. O. S. dos dois S. S. e tinha-os satisfeito. Às 5 horas, porém, o fogo de S. O. S. fôra mandado cessar a pedido parece que do Comando do S. S. II (Inf. 17). Adiante veremos o motivo deste equívoco.

Nada mais o Comando da divisão voltou a saber deste sector.

De NEUVE CHAPELLE tinham-se recebido no entretanto duas novas comunicações, emitidas uma às 7 horas e 50 minutos, outra logo depois, que nada adiantavam contudo: — falta absoluta de ligações, carência total de informações, isolamento completo do Comando do sector.

Até às 9 horas esteve assim o Comando da divisão no desconhecimento quási total do que se estava passando nas primeiras linhas.

A essa hora o inimigo, depois dum preliminar bom bardeamento de mais de 4 horas (1), com que desorganizou o sistema de ligações, destruiu as nossas defesas e abalou profundamente o moral dos seus defensores, tinha-se já lançado ao assalto em colunas procedidas por um enxame de fortes grupos de ataque, como tentáculos dum gigantesco polvo.

---

(1) Vimos já que foi às 8 h. 45 m. precisas, que os alemães atacaram — *Kriegsberichte aus dem Grossen Hauptquartier*, Heft 31.



A's 9 h.: O batalhão da direita informa que o inimigo ocupou os postos da 1.<sup>a</sup> linha em N. 9. c. 8. 8. e N. N. 9. d. 6. 4. — 40.<sup>a</sup> Divisão."

O posto "D" ou DEE POST era um posto da Linha "C", 3.<sup>a</sup> Linha, cerca já de EATON HALL, posto de comando do batalhão da direita do sector. (1)

Nova comunicação da 119.<sup>a</sup> Brigada inglesa dava a supor que o inimigo estava atacando simultâneamente no nosso sector.

A's 9 h. 16 m.: "O Batalhão em reserva informa que soldados portugueses fogem (2) no seu flanco direito. — 119.<sup>a</sup> Brigada."

Assim, de repente, a situação apresentava-se séria, mas não parecia ainda comprometida.

Posteriormente, porém, pelas 10 horas, novas comu-

(1) Tendo o ataque sido iniciado às 8 h. 45 m., aquela comunicação, que se refere ao posto "D" não se percebe nem se liga facilmente com os telegramas seguintes, visto que o posto "D" era já bastante ao N. da Linha de Suporte.

Nesta mesma linha havia também um BEE POST. Teria havido erro na transmissão que originasse a troca de um "B" por um "D" ou a irrupção alemã teria sido assim tão fulgurante nesta parte da frente que em pouco tempo percorresse os 1800<sup>m</sup> que o DEE POST distava da linha alemã?

Forneceria então este facto um total desmentido à afirmação de Sir Douglas Haig, a que já atrás nos referimos e da qual se poderia deduzir que os alemães teriam primeiro penetrado no nosso sector de FAUQUISSART?

(2) — O texto inglês diz "*running back*". Eram apenas soldados isolados, que desorientados pela força do ataque, refluíam sobre Estaires por Le Nouveau Monde, onde estava o batalhão de reserva da 119.<sup>a</sup> Brigada. Não se trata de uma fuga colectiva; tanto mais que foi neste mesmo sector de FAUQUISSART que as nossas tropas de 1.<sup>a</sup> linha resistiram com mais eficácia, como adiante teremos ocasião de ver.

nicações telegráficas, recebidas peia Missão Britânica davam a conhecer ao nosso Comando com a maior precisão a grande envergadura do ataque, que além dum sector da 40.<sup>a</sup> Div. inglesa abraçava toda a frente não portuguesa e ainda a frente da 55.<sup>a</sup> Div. inglesa, extendendo-se até ao canal de La Bassée. Assim, era apenas dum "*raid*" ou dum ataque local de objectivos limitados que se tratava. Era, sim, uma batalha, uma grande batalha, que começara e ia já em pleno desenvolvimento.

Pelo teor destas comunicações, que já atrás tivemos ocasião de transcrever, a linha de batalha da divisão do nosso flanco direito recuava até à VILLAGE LINE, obliquando na esquerda e formando flanco defensivo voltado ao N..

No nosso flanco esquerdo a situação apresentava também já àquela hora um aspecto de inquietante gravidade. No parque do "*château*" havia se apanhado pelas 10 h. um pombo correio, que era portador duma mensagem da 119.<sup>a</sup> Brigada (direita da 40.<sup>a</sup> Divisão), informando que os portugueses estavam retirando e que o seu flanco direito ia ser deslocado para a retaguarda. Êste despacho não trazia hora de emissão. (1)

Assim, num e noutro flanco da nossa divisão a linha inglesa cedia, a 40.<sup>a</sup> Div. fazendo flanco defensivo ao S., a 55.<sup>a</sup> ao N.. Era sinal de que o nosso sector estava já sendo penetrado em toda a frente e de que qualquer que fosse a resistêcia que a nossa gente ofe-

---

(1)—10 a. m.:—About this time a copy of a pigeon message sent by the right Bde. of 40 th. Division was received, stating that Portuguese were falling back and that the British flank would have to be drawn back soon. The message was unfortunately untimed." Do relatório do Chefe da Missão Britânica, Major Glover.

recesse, ela seria inútil perante a enorme força do ataque.

As ordens do Sr. Comandante do XI Corpo, Tenente general Haking, eram porém que a divisão devia *morrer na Linha "B"*. Não havia pois que retirar, mas apenas que resistir.

Como os despachos ingleses insistiam na retirada dos nossos soldados no flanco esquerdo e para colher informes sobre a situação naquela parte da frente, o Comando da divisão enviou alí o major Passos e Sousa, do Estado Maior, que às 11 horas regressava de La Gorgue-Estaires, relatando que os alemães progrediam sobre Lavantie no sector de FAUQUISSART e que em realidade muitos soldados nossos, vindos da frente, convergiam em desordem sobre aquelas povoações, de mistura com a população civil em debandada.

No entanto, em FAUQUISSART a 4.<sup>a</sup> B. I. resistia ainda. O seu Comando continuava firme no posto de Lavantie.

A verdade é que as tropas portuguesas, colocadas no centro da ofensiva alemã, estavam suportando o maior pêso do ataque.

Às 9 horas e 45 minutos o Comando da Artilharia Pesada inglesa que se conservava em ligação por T. S. F. com as suas baterias, transmitia para Lestrem à Missão Britânica notícias sobre a força do ataque no sector português, obtidas pelos fugitivos das linhas, que passavam pelas posições das baterias. Como nas divisões inglesas contíguas à nossa, a *Linha "B"* ou 2.<sup>a</sup> Linha podia-se considerar perdida em toda a frente das 9 horas para as 9 horas e 30 minutos.

Informações precisas do centro do nosso sector divisional não as tínhamos, comtudo. O Comando da 6.<sup>a</sup> B. I. (NEUVE CHAPELLE) continuava em Les 8 Mai-

sons, mas isolado e sem informações nenhuma da frente.

Em nota remetida às 9 horas e 10 minutos, recebida em Lestrem às 10 horas, esta brigada informava com efeito que as estafetas enviadas às linhas ainda não tinham regressado. No entanto, tinha-se mandado já ordem aos batalhões de apoio e de reserva para reforçar os batalhões em 1.<sup>a</sup> linha. Les 8 Maisons tinha sido bombardeada e a *ferme* do Comando incendiada, havendo bastantes feridos, para cujo transporte se pediam dois carros.

Em vista disto, o Sr. General Gomes da Costa fez sair logo para a 6.<sup>a</sup> B. I. o capitão Carteador Mena, que pouco depois estava de volta, dando como comprometida a situação daquela brigada, cujo Comando continuava sem notícias da frente, a não ser as que lhe haviam trazido uns oficiais observadores de artilharia, vindos de CURZON POST e LANSDOWNE com a certeza do avanço inimigo.

Da situação das suas tropas não sabia nada, ignorando também se os batalhões de apoio e reserva teriam ou não seguido para a frente.

Na direita do sector divisional as coisas não iam melhor; o ataque progredia igualmente. Ali, como na esquerda, a nossa gente estava cedendo perante a pressão alemã.

Às 10 horas e 25 minutos a 55.<sup>a</sup> Divisão transmitia um despacho da 165.<sup>a</sup> Brigada (no flanco da nossa 5.<sup>a</sup> B. I.), em que o Comando do seu batalhão da esquerda informava que os portugueses estavam retirando através da Linha das Aldeias.

Com efeito, pouco depois cerca das 11 horas, o Chefe da Missão Britânica recebia uma comunicação telefónica de Les Facons (onde estava instalado o 2.<sup>o</sup>

escalão do Q. G. da 5.<sup>a</sup> B. I.) do tenente inglês Bryers, oficial de ligação no sector de FERME DU BOIS, relatando que o Batalhão de Inf. 10, (S. S. I.) tinha sido aniquilado e desorganizado e que os restos da sua gente, cêrca de 50 homens, completamente desmoralizados, iam para a retaguarda a caminho de Locon pela Rue du Bois.

E logo depois, às 11 horas e 16 minutos, no Comando da artilharia divisionária foi entregue uma nota do oficial observador no P. O. de PONT LOGY, referida às 10 horas e 15 minutos, relatando que o inimigo tinha já atingido LANSDOWNE POST, posto de comando de FERME DU BOIS II (Inf. 17).

Por todas as informações, até então recebidas, era lícito julgar que pelas 11 horas o inimigo tinha atingido já a linha Lavantie-Rouge Croix-Richebourg no sector português.

Em consequência, por intermedio do major Glover se pediu à Artilharia Pesada inglesa, que encurtasse a barragem de forma a cobrir a VILLAGE LINE. O General Comandante da Artilharia do Corpo considerou, porém, que era demasiado para um primeiro encurtamento do tiro, pelo que se resolveu que êste se encurtasse apenas de forma a cobrir a *Linha "B"*.

Do mesmo modo se ordenou ao Comando da artilharia da divisão, que mandasse retirar as bocas de fogo que fôsse possível para posições à retaguarda e puxasse a barragem em conformidade.

Contudo, depois da interrupção das ligações telefônicas já não era possível ao C. A. D. transmitir a tempo esta ordem aos Comandos dos grupos pela única motociclete de que dispunha e que andava em serviço desde as primeiras horas da manhã; nem na sua quási totalidade as baterias estavam em condições de a executar.

As que àquela hora não tinham caído ainda nas mãos do inimigo, mal lhe poderiam escapar, dado por um lado o progresso do ataque que já estava a entrar na zona das posições de artilharia e por outro a dificuldade, senão impossibilidade, de fazer vir o gado dos escalões para atrelar o material, por o bombardeamento que sobre êles tinha especialmente incidido lho ter matado ou tresmalhado.

As baterias fizeram um grande esforço, o maior que lhes foi possível, tendo muitas delas feito fogo até às últimas munições e depois procurado inutilizar as bôcas de fogo, na impossibilidade de as remuniciar ou de com elas retirar.

Veremos adiante, quando detalharmos com a possível minúcia o que se passou nos vários locais da batalha, como raras foram as baterias, que conseguiram remuniciar.

As barragens nas estradas eram tão intensas, que êsse serviço se tornou quási impossível.

Verêmos também, como a-pesar-de tudo, da falta de ligações, de informações e de remuniciamento, a nossa artilharia fez tudo quanto estava ao seu alcance, merecendo as melhores referências dos oficiais britânicos que as viram no fogo. (1)

Apenas a 2.<sup>a</sup> Bateria do 1.<sup>o</sup> Grupo, a bateria silenciosa do sector, que não chegou a fazer fogo, conseguiu salvar o seu material.

Assim, sem suficientes tropas de reserva e sem artilharia a situação da divisão apresentava-se bastante precária.

Vimos atrás, como logo cêrca das 8 horas as di-

---

(1) - V. relatório do major Glover, sôbre o ataque na frente da 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa.

visões de reserva inglesas, 50.<sup>a</sup> e 51.<sup>a</sup>, se puzeram em marcha para a frente, afim de guarnecerem a Linha do Corpo.

Para estabelecer a ligação com as brigadas destas divisões, que deviam substituir-nos na linha, o major Glover tinha enviado pelas 9 horas alguns oficiais da Missão Britânica. Estabeleceu-se assim ligação com a 152.<sup>a</sup> Brigada (51.<sup>a</sup> Div.) entre Zelobes e Croix Marmuse e com a 151.<sup>a</sup> (50.<sup>a</sup> Div.) em La Gorgue, com cujos Comandos ficaram dois oficiais, enquanto os restantes voltaram para Lestrem. Mais tarde, pelas 10 horas e 40 minutos, quando se tornou manifesto que o inimigo estava já senhor das nossas defesas de 1.<sup>a</sup> linha e por motivo da interrupção das ligações telefónicas e telegráficas com o XI Corpo e divisões dos flancos, voltaram a sair mais oficiais ingleses. O capitão Blacke dirigiu-se à 40.<sup>a</sup> Div. e à brigada da 50.<sup>a</sup> Div. na Linha do Corpo (151.<sup>a</sup> I. B.), a informar sôbre a situação, o que conseguiu, não sem dificuldade no que diz respeito ao Q. G. da 40.<sup>a</sup> Divisão, já então em mais graves apuros que a nossa, só tendo regressado a Lestrem pelas 14 horas. Do mesmo modo o capitão Nicholl foi com idêntica missão para o flanco direito, à 152.<sup>a</sup> Brigada da 51.<sup>a</sup> Div. e aos Q. G. da 55.<sup>a</sup> Div. e do XI Corpo.

As reservas inglesas estavam já a postos, prontas a receber o inimigo.

Pelas 11 horas em Lestrem não se fazia ainda uma idéa precisa da situação verdadeiramente angustiosa da nossa tropa, porque a maioria dos fugitivos não passava por ali. Retiravam logo por Locon ou Zelobes e Paradis S. sôbre Calonne os da direita do sector e por Estaires directamente sôbre Merville os da esquerda.

Contudo, em vista do progresso do inimigo, começou então a pensar-se sériamente em mudar o Q. G. da divisão de Lestrem para a retaguarda. Transmittiram-se ao Comando do XI Corpo as informações que havia sobre a situação da divisão, ao mesmo tempo que se pedia licença para transferir o Q. G. para Calonne-sur la Lys.

Procedendo assim, o Comando da divisão não pensava ainda em sair da linha da batalha.

A 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa ou o que dela restava seguiria combatendo. Primeiramente era lícito supor-se que havia ainda unidades (sobretudo da brigada de reserva) que podiam continuar a resistir. Depois a ordem terminante e fatídica do Sr. Comandante do XI Corpo — A Divisão tem que morrer na "B" Line! — impedia que se desse ordem de retirada á divisão.

A essa hora a *Linha "B"* já não existia, é certo, como linha de defesa, porque o inimigo, numeroso e bem protegido pela enorme massa da sua artilharia, no-la tinha já arrebatado, aniquilando as nossas tropas da 1.<sup>a</sup> linha; competia, no entanto, ao restante da divisão o dever de se manter em combate até ao extremo do limite das suas fôrças.

Pelas 11 h. 30 m. entrava no Q. G. de Lestrem o capitão Queiroz, de Inf. 8, que comandava em FAUQUISSART I uma companhia em 1.<sup>a</sup> linha. Roto, ferido enegrecido o rosto, respiração ofegante, completamente fóra de si, quasi enlouquecido pela batalha, êle era ali perante todos nós a demonstração clara do grau de sofrimento físico e moral em que estava a nossa gente.

Foi então que nós em Lestrem tivemos a compreensão nítida da batalha, que até ali quasi só tínhamos ouvido rugir ao longe.

Às 12 horas e 15 minutos chegava a Lestrem o Tenente-Coronel do Estado Maior, D. José de Serpa, que trazia do Comando do XI Corpo a necessária autorização para transferir para Calonne o Q. G. da Divisão.

O deslocamento começou desde logo a fazer-se.

Antes, porém, de continuarmos seguindo a acção do Comando da divisão, vamos detalhar o que durante a batalha se passou nos vários sectores da frente e nos postos da retaguarda.

A falta de ligações entre todas as unidades e escalões de combate foi o característico da batalha deste dia no que às nossas tropas diz respeito.

Combateu-se isoladamente, cada fracção no seu posto, entregue a si propria.

A falta duma verdadeira reserva nas mãos do Comando da divisão, de uma massa de tropa com que pudesse manobrar e contra-atacar, fez desta batalha um conjunto disperso e informe de combates parciais, locais, desconexos que facilitaram a tarefa ao inimigo.

A acção dos Comandos foi na maior parte dos pontos assim tornada impossível de ligar e coordenar.

Para relatar os detalhes destes combates parciais, forçoso nos é, pois, também fraccionar a narrativa da batalha na impossibilidade de fazer uma síntese, onde não houve senão dispersão e individualismo.

## CAPÍTULO VI

### Sector I — FERME DU BOIS

- 1.º — A 5.ª B. I. no sector de FERME DU BOIS.
- 2.º — A 5.ª B. I. na batalha.
- 3.º — A artilharia do sector.

Section I — FERME DU BOIS

1. — A. S. N. 1. in bois de ferme du bois.

2. — A. S. N. 2. in bois de ferme du bois.

3. — A. S. N. 3. in bois de ferme du bois.



As crateras de Mauquissart (sector de NEUVE CHAPPELLE).

1.º — A 5.ª B. I. no sector de FERME DU BOIS.

Guarnecia este sector a 5.ª Brigada de Infantaria comandada pelo coronel Diocleciano Augusto Martins, tendo como 2.º comandante o tenente-coronel João Craveiro Lopes e como ajudante o capitão Antonio José Teixeira. Em cooperação com ela defendiam ainda o sector a 5.ª B. M. L., a 2.ª B. M. M., o 5.º G. M. e o 5.º G. B. A..

Os seus batalhões, pertencentes aos regimentos de Infantaria n.ºs 4, 10, 13 e 17, eram comandados respectivamente pelos seguintes oficiais: tenente-coronel Sande Lemos, Inf. 4; major Guilherme Correia de Araujo, Inf. 10; major Gustavo de Andrade Piçarra, Inf. 13; major José Augusto Duque, Inf. 17.

Era o sector dividido pela JUNCTION ST. em dois sub-sectores, direito e esquerdo: — FERME DU BOIS I e FERME DU BOIS II.

O Batalhão de Inf. 10 guarnecia o S. S. I desde a SHETLAND ROAD até à JUNCTION ST. com duas companhias em 1.ª linha separadas pela CADBURY'S, a 1.ª na esquerda, a 3.ª na direita e duas em apoio, a 4.ª em apoio da direita e a 2.ª em apoio da esquerda. Posto de comando na Rue du Bois em RUM CORNER.

O Batalhão de Inf. 17 defendia o S. S. II desde JUNCTION ST. à OXFORD ST. também com duas companhias em 1.ª linha, a 4.ª na direita e a 1.ª na esquerda, separadas pela LANSLOWNE ST., e duas em apoio. Posto de comando em LANSLOWNE POST.

Em apoio do sector estava o Batalhão de Inf. 4, com as suas companhias escalonadas, duas à frente

(uma em cada S. S.) e duas à retaguarda na Rue des Chavattes, onde também estava instalado o posto de comando.

O Batalhão de Inf. 13 constituía a reserva do sector em Lacouture.

Tinha a 5.<sup>a</sup> Brigada os seus efectivos bastante reduzidos, em virtude do trabalho intenso a que as suas unidades tinham estado submetidas nos meses anteriores. Pode dizer-se que desde Novembro de 1917, em que foram transportadas da área de Théroutanne para a zona da frente, ainda não tinham tido um tempo de verdadeiro descanso e tranqüilidade.

Terminado o período de instrução, guarneceu de 11 a 20 de Dezembro de 1917 o sector de FLEURBAIX e logo no dia seguinte entrou no sector de CHAPIGNY, onde permaneceu até 9 de Março.

De 9 de Março a 6 de Abril esteve à retaguarda na situação de reserva da divisão. Mas já a esta data as unidades da brigada estavam bastante desfalcadas nos seus efectivos, sobretudo o Batalhão de Inf. 10, que ao sair em 9 de Março do sector de CHAPIGNY, contava com um efectivo combatente inferior já a 50 % do seu efectivo orgânico.

Como brigada de reserva podia a 5.<sup>a</sup> B. I. ter descansado um pouco das fadigas do serviço da 1.<sup>a</sup> linha, se o acaso da guerra (assim se chama à vontade desconhecida do inimigo) não tivesse perturbado naquêlê mês terrível de Março de 1918 a tranqüilidade habitual do nosso sector.

Já atrás fizemos a enumeração minuciosa dos "raids" e bombardeamentos que, tanto do nosso lado como do lado dos alemães, tiveram lugar durante esse tempo. Foi um mês de trabalho intensivo para todos, nos Quartéis Gerais da retaguarda como nas trinchei-

ras da frente, cheio de alarmes constantes, falsos uns, verdadeiros outros, mas todos fatigantes.

Nas linhas, de dia como de noite, e mais de noite que de dia, era preciso estar vigilante. Na retaguarda os alarmes vindos das linhas e as granadas de grosso calibre que a artilharia alemã intermitentemente despejava sobre os acantonamentos, quartéis gerais e postos de comando, se não impediam que o serviço se fizesse como normalmente, alcançavam no entanto o resultado bem positivo de nos enervar e impedir de descansar no contínuo receio de um ataque.

E assim, enquanto durante o dia as unidades da brigada de reserva estavam sujeitas aos perigos e sobressaltos de um intensivo bombardeamento, eram por outro lado, em virtude dos numerosos alarmes, forçadas durante noites seguidas a guarnecer os postos da *Linha das Aldeias*, que o inimigo do mesmo modo bombardeava sistematicamente.

Por isso, quando a 5.<sup>a</sup> Brigada entrou em 6 de Abril no sector de FERME DU BOIS apresentava os seus efectivos mais desfalcados ainda e mais cansados.

Os postos da 1.<sup>a</sup> linha estavam, pois, fracamente guarnecidos nos dias 6, 7 e 8 e ainda mais o ficaram na noite de 8/9 de Abril em virtude da ordem recebida em 8 de alargamento do sector para o flanco esquerdo por motivo da supressão do sector de CHAPIGNY.

O Batalhão de Inf. 10 estava reduzido a cerca de 600 homens e tinha ainda mais de 200 doentes nas ambulâncias e hospitais á data de 8 de Abril.

Por isso, o Sr. General Gomes da Costa ordenara que a 3.<sup>a</sup> B. I., em reserva da divisão, fornecesse a este batalhão, o mais desfalcado da 5.<sup>a</sup> Brigada, os necessários homens de reforço.

Já não tiveram ocasião de ir para FERME DU BOIS

as 160 praças de Inf. 12 (3.<sup>a</sup> Brigada), cuja chegada o Batalhão de Inf. 10 instantemente aguardava, e assim, foi com os seus efectivos de combate reduzidos a cêrca de 250 a 300 homens que êste batalhão teve de fazer face ao violento ataque inimigo na extrema direita do sector português.

Os outros batalhões tinham maiores efectivos; mas, descontando os doentes, a média devia ser de 500 homens aproximadamente por batalhão, podendo, pois, calcular-se em 50 % o desfalque nos efectivos da brigada.

Durante o mês de Março, o inimigo bombardeara sistematicamente todos os postos de comando.

A "ferme" de C.<sup>so</sup> du Raux pelo seu isolamento tinha sido últimamente muito visada e o Comando da 1.<sup>a</sup> B. I., então ali em guarnição, vira-se forçado a transferir a sua séde para uns abrigos mais à retaguarda, em Les Facons.

A nova instalação era apertada e bastante incômoda e um lamaçal enorme separava da estrada os abrigos do Comando. Em vista disto o Sr. General Gomes da Costa dêra ordem para que se voltasse de novo para C.<sup>so</sup> du Raux, o que a 1.<sup>a</sup> B. I. já não chegou a efectuar por motivo da saída da 1.<sup>a</sup> Divisão para a retaguarda.

Ao Comando da 1.<sup>a</sup> B. I. sucedera o da 2.<sup>a</sup> B. I., que poucas horas ali se demorou por motivo da insubordinação de parte das tropas da brigada, tendo logo sido substituída pela 5.<sup>a</sup> B. I.

Na tarde do proprio dia 6, em que o Comando da 5.<sup>a</sup> B. I. recebeu da 2.<sup>a</sup> B. I. os documentos e material de defesa do sector e fez dêle o ligeiro reconhecimento que lhe foi possível fazer, dada a precipitação da ordem de rendição, o coronel Diocleciano Martins e o 1.<sup>o</sup>

adjunto da brigada, tenente Adelino Delduque, foram a C.<sup>se</sup> du Raux afim de mudar de novo para lá o posto de comando.

Recebeu-os amavelmente a locatária da "ferme", mas indicou-lhes que a artilharia inimiga continuava a bombardear a casa sempre que notava algum movimento. Era provável, pois, que o bombardeamento recrudescesse pela mudança para alí do posto de comando, impossível como era ocultar à observação inimiga o inevitável aumento de movimento.

No dia seguinte de manhã, no final da conferência havida em Lestrem entre os Comandantes de brigada, da divisão e do XI Corpo, o coronel Martins expôs ao Sr. General Gomes da Costa a sua opinião sôbre quanto era inconveniente a transferência para C.<sup>se</sup> du Raux, ponto já conhecido e referenciado pelo inimigo, do posto do comando do sector, que nos abrigos de Les Facons estava em condições incômodas, é certo, mas capaz de funcionar, sem que a artilharia inimiga o embaraçasse.

Insistiu porém o Sr. Comandante da divisão em termos de não querer ouvir mais razões. A mudança tinha de ser feita e ainda naquele dia 7.

Além do fogo da artilharia inimiga, havia ainda uma razão forte que contra-indicava esta mudança.

A central dos telefones da brigada estava em Les Facons e apenas uma linha a ligava com a "ferme" de C.<sup>se</sup> du Raux.

Não foi mais feliz o tenente-coronel Craveiro Lopes, amigo pessoal do Sr. General Gomes da Costa, que, tendo pedido uma audiência pelo telefone, foi a Lestrem expôr-lhe mais uma vez a situação.

A decisão era irrevogavel e nesse mesmo dia 7 à noite o Comando da brigada instalava-se em C.<sup>se</sup>

du Raux apenas com o pessoal responsável pelo serviço das operações. O pessoal administrativo ficou em Les Facons junto da central telefónica do sector.

O inconveniente desta mudança notou-o logo o Comando da divisão no dia imediato, em 8, de madrugada, quando quiz saber pelo telefone se se passava alguma coisa nas linhas de FERME DU BOIS, pois se ouvia em Lestrem um grande bombardeamento no flanco direito.

Horas depois, às 10 da manhã, o Sr. General Gomes da Costa estava em C.<sup>so</sup> du Raux. "Era preciso averiguar a responsabilidade da demora das comunicações da noite... Assim não podia ser."

E, ao despedir-se, determinou que à noite estivessem montadas as necessárias comunicações de C.<sup>so</sup> du Raux para os batalhões e para a retaguarda.

Com efeito, assim não podia ser. Mas se a penúria de material telefónico no C. E. P. era tal que mesmo quando as duas divisões estavam em 1.<sup>a</sup> linha o próprio Q. G. do C. E. P. não tinha senão uma única linha telefónica para comunicar com a frente, como seria possível em tão poucas horas à 5.<sup>a</sup> B. I. montar com os seus próprios recursos as linhas necessárias ou mudar de Les Facons para C.<sup>so</sup> du Raux todo o sistema de comunicações.

Assim, na manhã seguinte, em 9 de Abril, tudo estava na mesma e a breve trecho pouco depois do início do bombardeamento o Comando da 5.<sup>a</sup> B. I. estava sem comunicações com as suas unidades.

Vimos que, em virtude dos desfalques nos efectivos da 2.<sup>a</sup> Divisão, o Comando inglês, reconhecendo que, mesmo a-pezar-de reforçada com mais uma brigada, não podia a divisão garantir a segurança de tão extensa frente, quiz reduzi-la, atribuindo à 55.<sup>a</sup> Divisão bri-

tânica, no nosso flanco direito, parte do sector de FERME DU BOIS (o S. S. I).

Esta medida, já prevista desde a segunda quinzena de Março, tinha sido demorada primeiro pelos acontecimentos do Somme, depois pelas remodelações porque estava passando o sector português.

Agora que estas alterações estavam terminadas, ia essa medida ser realizada e para êsse fim em 8 de Abril, apareceram no Comando da 5.<sup>a</sup> B. I. alguns oficiais britânicos da 55.<sup>a</sup> Divisão, encarregados de fazer o reconhecimento e estudo da parte do sector que ia ser confiada a tropas inglesas.

Mas logo depois, o Chefe da Missão inglesa junto do Comando da 2.<sup>a</sup> Divisão, major Glover, acompanhado de um oficial do Estado Major, chegavam a C.<sup>se</sup> du Raux e convidavam o coronel Diocleciano Martins para uma conferência com o Comandante da 166.<sup>a</sup> Brigada inglesa (55.<sup>a</sup> Divisão).

Tratava-se não já da cedência do sub-sector direito, mas da rendição total da 2.<sup>a</sup> Divisão; os batalhões da 5.<sup>a</sup> B. I. deviam começar a ser rendidos na noite imediata de 8/9 de Abril. Em vista do quê a ordem de prevenção para a rendição foi logo expedida às unidades da brigada.

Eram 11 horas da noite.

Todo esse dia 8 e a noite de 8/9, que antecedeu a batalha, se passou, pois, no Q. G. da brigada e nos comandos das unidades a pôr em ordem os documentos concernentes á defesa do sector e preparar a rendição.

---

2.<sup>a</sup> — A 5.<sup>a</sup> B. I. na batalha.

Como na véspera, em 8, das 2 h. ás 2 h. e 15 m. da tarde a nossa artilharia tinha feito um curto, mas intenso bombardeamento sobre as defesas alemãs do Bois du Biez em frente deste sector, quando o bombardeamento começou, às 4 h. e 15 m., todos os defensores de FERME DU BOIS julgaram que se tratava de uma represália. (1)

No entanto, por hábito e por prudencia, porque era ainda noite escura, algumas fracções de 1.<sup>a</sup> linha pediram logo S. O. S..

Veremos adiante como a artilharia deste sector rompeu imediatamente fogo, ripostando ao inimigo por sua própria iniciativa, ainda antes de receber das linhas os pedidos de S. O. S., demorados pela interrupção das ligações telefónicas e pelo cerrado nevoeiro que não deixava ver os sinais luminosos feitos das trincheiras.

Mas, como o inimigo não desenhasse ataque algum de infantaria e até por vezes houvesse intermitências de intensidade no bombardeamento, mais as nossas tropas se convenceram de que se tratava apenas de um fogo de represália, como tinha havido tantos nos últimos dias, e por isso algumas companhias da frente, como a 3.<sup>a</sup> de Infantaria 10 e as duas companhias de 1.<sup>a</sup> linha de Infantaria 17 mandaram cessar o fogo de S. O. S., na

---

(1) — Todos os detalhes do ataque nos vários pontos da frente portuguesa, que expomos neste capítulo e nos três immediatos, constam dos relatórios de combate dos officiaes das unidades que tomaram parte na batalha.

certeza de que, como de costume, o bombardeamento inimigo terminaria pouco depois sem conseqüências de maior, não valendo, pois, a pena fazer gastar munições inutilmente ás nossas baterias.

Na esquerda do S. S. I (1.<sup>a</sup> comp.) parece não ter sido pedido S. O. S. logo de princípio, como na direita, (3.<sup>a</sup> comp.); pelo menos este pedido chegou só pelas 6 horas ao Comando do S. S. I, transmitido por um soldado da 2.<sup>a</sup> companhia (apoio da esquerda).

O bombardeamento inutilizára e interrompera logo quási desde o início as ligações telefónicas, pelo que na impossibilidade de comunicar com o 5.<sup>o</sup> G. B. A., que defendia o sector, o oficial de artilharia em ligação junto do batalhão enviou uma ordenança com o pedido de S. O. S..

Como, porém, a ordenança não voltasse ao Comando dêste S. S. I e na convicção de que a artilharia não tinha recebido o pedido de S. O. S. e continuava ainda calada, o oficial inglês de ligação com o sector britânico do flanco tentou fazer por êste a desejada ligação com a artilharia do sector.

Lançaram-se ainda os foguetões de côr, expediente de problemático resultado pelo intenso nevoeiro que fazia.

A todos parecia que a nossa artilharia não respondia.

O Comando de Infantaria 10 enviou então uma nova ordenança ao Q. G. da brigada com o duplo fim de estabelecer com êle a ligação interrompida e pedir a transmissão do pedido de S. O. S. para a artilharia.

Esta ordenança também não regressou ao batalhão. Atingida na Rue du Bois por um estilhaço de granada, não chegou mesmo ao Comando da brigada.

Tudo parecia, pois, baldado. A artilharia portu-

guesa continuava, ao que parecia, estranhamente silenciosa.

Seria possível?

Só quem fez a guerra no papel glorioso, mas modesto e duro do infante ou como artilheiro, estreitamente ligado a êle, pode fazer ideia exata da acção desmoralizadora do fogo da artilharia inimiga, quando o da nossa é suplantado ou se cala, sufocado pela potencia do fogo contrario.

Como adiante veremos, parte das baterias de FERME DU BOIS não deixou, em verdade, de fazer fogo até ao próprio momento, em que os primeiros grupos inimigos, irrompendo do nevoeiro, apareceram em frente das suas posições. Mas no meio daquele infernal trovejar das numerosissimas baterias inimigas não admira que a infantaria portuguesa nem desse sequer pelo fogo das nossas e começasse a desanimar, impotente contra aquele contínuo vomitar de projecteis, que já excedia em fúria e em duração os "*harassing fires*" habituais.

Nos Comandos dos sub-sectores a falta de ligações, a ausência de informações (as primeiras ordenanças enviadas à frente não tinham ainda voltado), o consequente desconhecimento da situação originavam a aflicção e o nervosismo que a opacidade pardacenta do nevoeiro, através do qual nada se via, aumentava naturalmente.

Do posto de comando de S. S. I foi enviado às companhias em 1.<sup>a</sup> linha o oficial observador do batalhão com algumas praças para ligação.

Como as primeiras estafetas, foram, mas não voltaram.

Do mesmo modo não chegou ao seu destino uma nota dêste S. S. I ao batalhão de apoio, pedindo o reforço de uma companhia.

Mais tarde, depois das 8 horas, a 3.<sup>a</sup> companhia de Inf. 10 fez novo e instante pedido de S.O.S., que a companhia de apoio (4.<sup>a</sup>) repetiu por foguetões.

Era provavelmente o momento crítico do assalto inimigo.

Por virtude do denso nevoeiro e da falta de ligações nem nos próprios Comandos dos sub-sectoros se teve a exacta noção e o conhecimento real do que se estava passando na 1.<sup>a</sup> linha.

As ultimas horas do bombardeamento haviam decorrido numa suprema angústia, esmagados os ânimos dos mais corajosos pela contínua trovoadade de metralha e pela incerteza do que iria suceder ou estava já sucedendo. Por detrás daquele impenetravel nevoeiro sentia-se uma fusilaria intensa, cuja vibração rápida e crepitante se fazia ouvir bem através do troar da artilharia.

Passava já um pouco das 9 horas quando uma das estafetas ultimamente enviadas á frente pelo Comando do S. S. I voltou cheia de aflição, informando que não tinha podido chegar ás companhias de 1.<sup>a</sup> linha. Não só o fogo de barragem era naquela ocasião violentissimo, como encontrara praças vindas das linhas que lhe haviam dito que os alemães estavam já na 2.<sup>a</sup> Linha!

Efectivamente pelo posto de comando deste sub-sector, colocado como estava na Rue du Bois, na principal via de comunicação do sector, começaram logo depois das 9 h. a passar fugitivos das trincheiras de rosto enegrecido, olhos apavorados, sujo o uniforme da lama dos drenos e da terra revolvida.

Por êles, a situação se esclareceu assim de repente nesta extrema direita da linha portuguesa, apresentando-se logo de uma forma brutal e inequívoca, o mais allitiva e desesperada que podia ser.

Um dos fugitivos, vindo da esquerda, declara ao ajudante do Batalhão de Inf. 10 que os alemães tinham assaltado já a 1.<sup>a</sup> Linha na frente da sua companhia (1.<sup>a</sup>) e que na fuga os vira já também junto à 2.<sup>a</sup> Linha.

Um outro, vindo da direita, informa que os ingleses eram também atacados e igualmente retiravam da 1.<sup>a</sup> Linha e que pela HERODES TRENCH vinham avançando numerosos grupos de alemães que tinham penetrado pela direita do sector.

Logo a seguir aparecia na Rue du Bois o alferes Cicouro da 2.<sup>a</sup> companhia (apoio da esquerda do S. S. I) que confirma a gravidade da situação.

Era pois certo. Os alemães tinham atacado e as suas colunas estavam já no interior das defesas de FERME DU BOIS.

A onda dos inimigos em ordem de grupos dispersos, metralhadoras à frente, precedendo as suas colunas de ataque, começara a invadir implacavelmente o sector.

Uma coluna inimiga parece ter penetrado no flanco direito, pela SHETLAND, em direcção à Rue de Cailoux, separando ingleses de portugueses e envolvendo a 3.<sup>a</sup> companhia de Inf. 10 (extrema direita do sector) pela recente trincheira HERODES, que a companhia de apoio (4.<sup>a</sup>) não pôde já fazer ocupar pelo seu 2.<sup>o</sup> pelotão que a devia defender.

A 3.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 10, que guarnecia o flanco direito do S. S. I entre a CADBURY'S e a SHETLAND, pediu nervosamente, aflitivamente, S. O. S. ao ver na sua frente os grupos de assalto alemães, pedido êste que na companhia de apoio (4.<sup>a</sup>) foi repetido, como vimos, por foguetões inutilmente. O nevoeiro obstava a qualquer comunicação óptica.

Numerosas praças da 1.<sup>a</sup> Linha, inglesas e portuguesas à mistura, começavam a retirar pela SHETLAND, acossadas pelo inimigo.

Infelizmente a maior parte das metralhadoras pesadas que defendiam êste sub-sector nas posições RAG'S, FRY'S e PIPE estavam já a essa hora inutilizadas pela artilharia alemã, de forma que o inimigo pôde penetrar livremente.

Silmultâneamente outros grupos, entrando pela JUNCTION, subiram a CADBURY'S para alcançar a RUE DU BOIS.

Depois de uma breve mas corajosa resistência a 3.<sup>a</sup> companhia (capitão Adriano Pires) foi envolvida e quasi totalmente aniquilada, o mesmo tendo sucedido à companhia da esquerda, 1.<sup>a</sup> (tenente Cesar Rodrigues).

Nas companhias de apoio 4.<sup>a</sup> (tenente Estima) e 2.<sup>a</sup> (tenente Carvalho), a resistência também não foi prolongada. Os seus fracos efectivos, àquela hora já desmoralizados, não podiam em verdade opôr-se por muito tempo ao avanço das fracções inimigas.

Cêrca das 9 h. a 1.<sup>a</sup> Linha estava tomada e as vagas da infantaria alemã assaltavam já a 2.<sup>a</sup> Linha. Logo depois a sua artilharia alongava o tiro, fixando a baragem sôbre a linha PRINCE'S ROAD-RUE DU BOIS-FORRESTER'S LANE.

Perante os numerosos grupos inimigos que subiam as trincheiras HERODES e ROPE o alferes Estima retirou com o que lhe restava da sua 4.<sup>a</sup> companhia cêrca de 20 homens.

Da 2.<sup>a</sup> companhia, em apoio da esquerda, pôde salvar-se apenas o alferes Cicouro também com um pequeno número de praças.

Cêrca das 9 h. e 30 m. os alemães atingiam já a PRINCE'S ROAD e a RUE DU BOIS. O Bat. de Inf.

10 deixava nas mãos do inimigo metade do seu efectivo com a maior parte dos oficiais.

O Bat. de Inf. 17 pela especial disposição do seu sub-sector, com o posto de comando longe do Q. G. da brigada, esteve sempre isolado, não se tendo recebido de lá qualquer comunicação, a não ser a que já referimos e que foi ainda pelo telefone transmitida às 6 h. ao 1.º G. B. A. pelo agente de ligação da artilharia, alferes Carrusca, para que cessasse o fogo de S. O. S., visto não haver ataque nenhum do inimigo.

As suas companhias foram assim surpreendidas à hora do assalto, tendo-se salvado pouco mais de uma centena de praças que estavam à retaguarda e dos oficiais apenas o tenente médico Viana Correia, que estava no posto de St. Vaast.

Em LANSDOWNE POST o Comando do batalhão ainda tentou inutilmente resistir com as metralhadoras de que dispunha. Do mesmo modo a 3.ª companhia, alferes Esteves, surpreendida em EDWARD POST.

O batalhão em apoio do sector (Infantaria 4), do comando do tenente-coronel Sande Lemos, tinha, como atrás vimos, as suas companhias muito dispersas para que pudesse exercer qualquer acção útil de conjunto, apoiando eficazmente as guarnições dos sub-sectores.

Cortadas quasi desde o começo as ligações telefónicas e sem ver regressar qualquer das estafetas enviadas a C.<sup>se</sup> du Raux ou aos batalhões da frente, o Comando de Infantaria 4 esteve sem informações algumas até bastante tarde.

Eram já cerca de 10 horas quando soube por alguns fugitivos de Inf. 10 do ataque inimigo.

O tenente-coronel Lemos, que tinha apenas, como tropas á sua imediata disposição, as praças do Comando,

preparou-se ainda para oferecer resistência; mas foi já inútil.

Surpreendido, o Batalhão de Infantaria 4 caiu quasi inteiro com todos os oficiais que estavam nas linhas nas mãos dos alemães, sem ter podido desempenhar o seu papel de apoio do sector, tendo-se escapado apenas 144 praças.

Como reserva do sector havia ainda em Lacouture o Batalhão de Infantaria 13. Também por falta de ligações e de ordens, desconhecendo completamente a situação, as companhias do 13 não puderam socorrer as tropas dos sectores, nem guarnecer os postos da retaguarda que lhe cumpria ocupar em conformidade com a sua missão.

Ficaram em Lacouture, onde mais tarde, pelo dia adiante, suportaram com heroismo o choque do inimigo em circunstâncias excepcionais, isoladas e completamente cercadas.

Voltaremos mais tarde ao estudo da sua acção que se passou numa zona, cuja defesa não estava já a cargo do Comando de FERME DU BOIS.

Na "ferme" de C.<sup>se</sup> du Raux em completa imobilidade, isolado pela falta de comunicações e pela sistematica barragem que sôbre ela fez incidir o inimigo, o Comando da 5.<sup>a</sup> B. I. esperava o desenlace no total desconhecimento do que nas linhas se estava passando, absolutamente disposto a obedecer estrictamente ao que lhe tinha sido determinado pelo Comando da divisão: todos saberiam morrer em C.<sup>se</sup> du Raux, no posto de combate de sempre, sem receio do bombardeamento inimigo.

Desde o início do bombardeamento a casaria da "ferme" começou a ser furiosamente batida.

Interrompido logo o telefone, foram por estafetas

expedidas as ordens aos batalhões de apoio e de reserva, para reforçar os batalhões em 1.<sup>a</sup> linha e actuar em harmonia com as determinações do plano de defesa. Uma outra estafeta foi enviada ao Comando da Artilharia, transmitindo um pedido de S. O. S. do S. S. I (Inf. 10).

Nenhuma delas regressou, nem chegou, como vimos, a cumprir a sua missão. O Comando da brigada esteve assim até final sem noticia alguma, tendo sido para ele uma surpresa o aparecimento dos soldados alemães que o aprisionaram.

Um dos officiaes do Comando da 5.<sup>a</sup> B. I. (1) descreve-nos assim as suas impressões :

“...Uma tempestade de metralha acoisa-nos por todos os lados.

Os primeiros tiros estilhaçam-nos os vidros, balouçam a casa e arrancam o telhado. Em poucos minutos encontramos-nos todos reunidos na estação telefónica, onde de balde procuramos obter ligações.

A unica linha existente fôra cortada e por consequência estavamos isolados. De momento a momento uma estremeção mais forte e é mais um pouco de telhado que vai pelos ares.

Vidros já não ha.

Por vezes temos a impressão de que o bombardeamento vai diminuir mas não tarda que reconhecamos o engano.

As ordenanças que saem não voltam.

Pelas 9 h. e 30 m. appareceu-nos o capitão Mena do Estado Maior da divisão, que vinha saber noticias. Só a muito custo ele pôde chegar até ao nosso Quartel General e por ele soubemos que os abrigos de Les Facons não haviam sido ainda batidos.

(1) O então tenente Delduque da Costa numa interessante monografia — *«Os últimos momentos da 5.<sup>a</sup> Brigada»* — que conserva ainda em manuscrito e donde com a devida vênica fazemos esta transcrição.



Trecho das 1.<sup>as</sup> Linhas e Terra de Ninguem.  
A' esquerda, ao meio, vê-se o *Duck's Bill*, apontando para a Linha alemã.

Encontrára na estrada, ferido, um estafeta com vários despachos dos batalhões. Eram bombardeados como nós e pediam o auxilio da nossa artilharia já calada havia muito tempo. Foi tudo quanto pôde saber. Dali a pouco retirou-se.

O bombardeamento recrudescer de violencia. As horas passam arrastadas e por certo nunca as tivemos mais longas. A artilharia inimiga tem momentos que parecem de desespero. O nosso Quartel General continua a ser batido com intensidade e pela diversidade dos rebentamentos desta macabra orquestração que o inimigo teima em executar em tôrno de nós, percebemos que são várias as peças que nos procuram. . . .”

Segundo o capitão Carteadado Mena nos contou em Lestrem de volta da sua arriscada expedição, o fogo inimigo em tôrno de C.<sup>so</sup> du Raux era de uma extraordinária violência e tornava quasi proibitivo o acesso à *ferme*. A casaria, meio desmoronada e destelhada já, dava cá de fóra a impressão de que ninguem poderia suportar dentro daqueles escombros o incessante trovejar da artilharia inimiga. No largo portão da entrada não havia a sentinela do costume, porque os numerosos projecteis que caíam em volta tornavam impossível que ali permanecesse alguém.

Para chegar alí, tinha-se visto forçado a sair da estrada e correr em zig-zag através do campo, saltando drenos, abrigando-se nas crateras das granadas, adivinhando e evitando os projecteis de toda a espécie que choviam em volta. Encontrára gravemente ferida uma praça do 10 que se dirigia para o Quartel General da brigada com a comunicação de que o inimigo atacava já e a 1.<sup>a</sup> linha fôra evacuada. Lá dentro o cheiro característico do gaz de granada obrigava todos ao uso da máscara. Mas havia confiança e reinava o bom humor.

E, quando o capitão Mena se dispoz a sair do Comando a caminho de Lestrem, ainda o tenente-coronel Craveiro Lopes o quiz reter até que o bombardeamen-

to diminuisse. Perante a sua obstinada recusa despediu-o, dizendo-lhe: —... «e diga lá ao nosso General que agente cá está, como ele mandou.»

E lá ficaram, com efeito, até final no meio do feroz bombardeamento. Assim nos conta Delduque da Costa os últimos momentos da sua brigada:

«— O cantinho, onde todos nos abrigamos, qualquer coisa que só a estilhaços podia resistir e que nem por sombras tem a configuração de um abrigo, é felizmente poupado. É Deus que nos protege, Deus, que nestas horas de prolongada agonia, lúcida e consciente não deixou por certo de ser por todos religiosamente invocado.

Depois do meio dia começaram a ouvir-se alguns tiros de metralhadoras e dali a pouco uma ordenança vem dizer-nos que são os nossos soldados que retiram. O coronel Martins determina que nos armemos e vamos ao seu encontro. Eram de facto soldados, a côr do uniforme é quasi a nossa, mas avançam em vez de retirar e as vozes e palavras que começam a perceber os nossos ouvidos não têm a sonoridade das que a nossa pátria fala.

Era o inimigo que chegava e que depois de nove horas de bombardeamento nos fazia prisioneiros.

O grupo de alemães que entrou em C.<sup>se</sup> du Raux era uma patrulha de flanco de uma coluna de ataque que avançava pela Rue de Bois; comandava-a um sargento. Eram 13 horas.

Assim foram feitos prisioneiros os seguintes oficiais do Comando da 5.<sup>a</sup> B. I.: coronel Diocleciano Augusto Martins, Comandante, tenente-coronel, João Carlos Craiveiro Lopes, 2.<sup>o</sup> Comandante, capitães Antonio José Teixeira, ajudante, e Jaime Pires Cansado, 1.<sup>o</sup> adjunto, tenente Delduque da Costa, 2.<sup>o</sup> adjunto, e os alferes Prior Coutinho, oficial de sinaleiros, e Jesus Pires.

Os oficiais do Q. G. da brigada que, pertencendo ao 2.<sup>o</sup> escalão, estavam á retaguarda no posto de comando de Les Facons salvaram-se de cair nas mãos do inimigo.

3.º — A artilharia do sector.

Guarnecia êste sector o 5.º G. B. A., (tenente-coronel José Pacheco) que tinha o seu posto de comando junto ao cruzamento de caminhos, cêrca de 500 m. a N. de Les Facons, a E. do canal da Lawe.

As suas quatro batarias estavam assim dispostas da direita para a esquerda :

4.ª Bateria — era a bateria de obuzes, do comando do capitão Henrique Pereira do Vale; em posição ao S. da Rue du Bois, cêrca de 600 m. à frente da *ferme* de C.<sup>se</sup> du Raux.

1.ª Bateria — do comando do capitão Braz de Oliveira; em posição 400 m. à retaguarda de CHAVATTES POST e ao S. do Comando do batalhão de apoio. Protegia o S. S. I (Inf. 10).

2.ª Bateria — do comando do capitão Luciano Monteiro Pacheco. Tinha duas bôcas de fogo em posição na Rue des Chavattes, cêrca do Comando do batalhão de apoio; com elas protegia o S. S. I. As outras quatro bôcas de fogo estavam em posição 500 m. mais ao N., junto da K. GEORGE'S ROAD, e com elas protegia o S. S. II (Inf. 17).

3.ª Bateria — do comando do capitão Faria Leal. Era a bateria silenciosa, reserya de fogo do sector, que não podia fazer fogo sem ordem expressa do Comando do grupo. Ocupava uma posição recuada junto à K. GEORGE'S ROAD e à frente de Lacouture.

Além da 2.<sup>a</sup> Bateria dêste grupo a 3.<sup>a</sup> Bateria do 1.<sup>o</sup> G. B. A. protegia também o S. S. II de FERME DU BOIS. Mas estava em posição já dentro do sector de NEUVE CHAPELLE, junto a OXFORD ROAD, 200 m. aó N. do cruzamento de Croix Barbée. Comandava-a o tenente Barros Rodrigues.

Vimos como as tropas de infantaria em 1.<sup>a</sup> linha se queixavam do fraco fogo da artilharia do sector.

De uma maneira geral esta queixa foi comum a todas as unidades de infantaria em 1.<sup>a</sup> linha nos três sectores da nossa frente divisional e em verdade ela é menos justa, porque também de um modo geral a artilharia da divisão fez o que pôde sob o fogo violento e concentrado de uma artilharia numerosissima, muitissimo superior, tendo tido actos de verdadeiro heroismo.

Podia, é certo, a sua acção ser mais metódica, concentrada e oportuna, mas as faltas havidas devem-se a causas independentes da sua acção, como o violento bombardeamento inimigo, dificuldade de ligações, falta de ordens e informações e conseqüente desconhecimento da situação.

Os estafetas dos batalhões de infantaria em 1.<sup>a</sup> linha não puderam na sua maior parte irromper através das barragens com que a artilharia adversa interceptava os caminhos e assim chegaram tarde ou mesmo não chegaram os pedidos de S. O. S. às respectivas baterias de artilharia.

Neste sector de FERME DU BOIS contribuiu ainda para êste efeito uma razão especial: foram as ordens de "Alto Fogo" que as guarnições de ambos os sub-sectores deram para as respectivas baterias de apoio, quando viram que o inimigo não pronunciava ataque algum, e se convenceram de que apenas se tratava de uma operação demonstrativa, como o bombardeamento

que ainda em 7 à noite os alemães tinham também executado contra a nossa frente. Veremos, no entanto, como a-pesar-de todas estas dificuldades a artilharia de FERME DU BOIS cumpriu na medida do possível, heroicamente mesmo, a sua missão.

A estação telefónica avançada, por meio da qual o Comando do 5.º G. B. A. ligava com as suas batarias, logo no início do bombardeamento começou a ser batida por tal forma que minutos depois a interrupção das ligações era total.

Assim ficou o Comando dêste grupo sem poder comunicar com as batarias, conservando apenas por outras linhas a ligação com o 1.º G. B. A. e o Comando da artilharia da divisão.

Na impossibilidade de restabelecer rapidamente as ligações enviou por estafetas ordem às batarias para que procurassem ligar-se directamente com os batalhões da frente, procedendo com iniciativa de harmonia com a situação. E, conforme determinação do C. A. D., enviou igualmente ordenanças de ligação para o Comando do grupo de batarias inglês à direita (sector da 165.ª Brigada — 55.ª Divisão) e para os batalhões de infantaria em 1.ª linha. Estas praças não chegaram a realizar a sua missão de ligação.

Foi por intermédio do 1.º G. B. A. que recebeu pelas 6 h. a comunicação de "Alto Fogo" de FERME DU BOIS II, transmitida ao 1.º G. B. A. pelo oficial de artilharia alí em ligação, alferes Carrusca.

Esta comunicação, que lhe pareceu singular, foi-lhe porém confirmada pelo Comando daquele grupo, tendo-a depois comunicado à 2.ª Bateria, mas com reserva: — que procurasse primeiro obter informações seguras, actuando depois em conformidade.

Não voltou êste Comando a receber mais informa-

ções até que uns soldados, vindos da frente já em retirada, o informaram que os alemães estavam atacando e avançavam, estando já cêrca dos postos da VILLAGE LINE.

Não julgou o tenente-coronel Pacheco dever dar crédito a tão exagerada informação, não tendo porêem conseguido obter desde logo notícias precisas sôbre o que na frente ao certo se passava.

Aproximadamente às 11 horas um oficial observador inglês chegou à séde dêste Comando com a informação de que algum tempo antes, cêrca das 10 h., a infantaria inimiga estava já na linha PRINCE'S ROAD-WINDY CORNER.

Recusou-se ainda a crer tão inesperada notícia, tanto mais que o oficial inglês, instado, não a garantiu absolutamente; mas depois era-lhe ela confirmada por soldados e civis, que da frente vinham fugindo.

Segundo estes informavam, o inimigo áquela hora devia estar já em frente de Le Touret.

Julgando exagerados estes informes, resolveu ficar ainda, limitando-se a comunica-los para Lestrem, até que das suas batarias ou dos Comandos das unidades de infantaria lhe viessem comunicações dignas de crédito.

Cêrca das 12 horas, porêem, a situação no posto de comando tornou-se insustentável em virtude do bombardeamento que então alí começou a insistir, o que obrigou o Comando a transferir-se para o escalão da 1.<sup>a</sup> Bateria; por pouco tempo, porque a artilharia alemã, como que perseguindo-o, começou logo a bombardear este escalão. Pouco depois os oficiais e mais pessoal deste Comando retiraram para Locon, na margem O. da Lawe, onde às 16 horas receberam ordem do C. A. D. para seguir para Calonne sur-La Lys.

Todas as baterias deste grupo, excepto a silenciosa, romperam o fogo normal de S. O. S. pouco depois do inimigo ter começado o seu bombardeamento; a 1.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> Baterias, porque receberam êsse pedido e a 2.<sup>a</sup>, porque assim o julgou necessário.

A 1.<sup>a</sup> Bateria, que por felicidade se encontrava na ocasião com uma grande dotação de munições, dupla da normal, executou um fogo nutridissimo e contínuo até cêrca das 8 h. e 30 m. ou 8 h. e 45 m., em que parece ter sido recebido do S. S. I. uma comunicação de "Alto fogo" equivalente á transmitida pelo S. S. II ao Comando do grupo por intermédio do 1.<sup>o</sup> G. B. A.

Por isso e porque fôsse necessário dar um descanso às bôcas de fogo, que estavam sôbre-aquecidas e que foi preciso refrescar a baldes de agua fria, o capitão Braz de Oliveira interrompeu o fogo durante algum tempo, que êle aproveitou em visitar os abrigos e inspecionar as peças.

A essa hora o bombardeamento sôbre a posição da bateria parecia ter-se tornado mais intenso.

Era a hora a que na frente a infantaria alemã se lançava ao assalto das nossas trincheiras.

O capitão Braz de Oliveira, desligado de tudo e de todos, esteve até tarde sem informação nenhuma sôbre o ataque.

Cêrca das 10 h., porém, o alferes Gonçalves Costa, oficial de ligação da bateria junto do Comando do S. S. I., chegava á posição e confirmava as noticias terroristas que momentos antes algumas praças que vinham da frente lhe tinham comunicado.

O inimigo devia estar já proximo dos postos da VILLAGE LINE.

Braz de Oliveira então manda recommear o fogo, encurtando o tiro, para cobrir esta linha. O fogo recommea-

çou assim com intensidade igual à do princípio, devendo ter causado bastantes estragos nas fileiras inimigas, pois que Braz de Oliveira não perdia tempo nem poupava munições, que tinha a sorte de possuir em abundância.

A grande dotação inicial da bateria ia já quasi gasta, mas através de todas as dificuldades o pessoal do escalão fazia o necessário remuniamento.

Infelizmente duas bocas de fogo foram inutilizadas, uma porque rebentou, farta de vomitar projecteis, outra porque uma granada de grosso calibre lhe caiu em cima do abrigo, desfazendo tudo. Com as quatro peças restantes a bateria continuou o fogo, impertubavelmente, não obstante as muitas baixas já sofridas, até que a infantaria alemã se precipitou sobre a posição.

Esgotados os ultimos projecteis o pessoal sobrevivente das guarnições defendeu-se ainda a tiro de pistola.

Cairam prisioneiros o Comandante da bateria e os alferes Costa Cabral, Almeida Sacadura e Gonçalves Costa.

O remuniamento foi tentado pelo escalão com 6 carros de munições, dos quais apenas três chegaram á posição, onde o trasbordo se fez entre mil dificuldades sob a chuva dos projecteis inimigos e com um pessoal já tão reduzido, que os próprios officiais tiveram que o ajudar. O capitão Braz de Oliveira e o alferes Manuel da Costa Cabral davam o exemplo, fazendo eles mesmos o transporte das granadas.

Dos restantes carros, um não pôde passar da Rue des Chavattes e os outros dois não chegaram mesmo aqui. Tiveram de retrogradar na Rue du Bois por motivo da barragem inimiga, retrocedendo até à Lawe, onde, não podendo passar por a ponte estar destruída, os

condutores abandonaram os carros, matando todas as muares.

Na 2.<sup>a</sup> Bateria o capitão Luciano Monteiro Pacheco tinha já rompido o fogo de S. O. S. para os dois subsectores, quando recebeu do S. S. I, que protegia com duas bocas de fogo, o respectivo pedido.

Do S. S. II, que defendia com as restantes quatro, não chegou a receber pedido de S. O. S.. Fez no entanto fogo para lá, até que cêrca das 7 horas teve do Comando do grupo a comunicação de "Alto fogo".

Extranhou o Comandante da bateria esta singular comunicação e quiz informar-se, enviando ordenanças à frente.

Não regressando, porém, estas praças, o capitão Pacheco resolveu proseguir o fogo, que continuou até cêrca das 9 h. A esta hora foi gravemente ferido e logo conduzido para o posto de socorros da bateria, donde se requisitou à Ambulância N.º 7 um carro automovel para o transportar.

Foram também feridos depois os alferes Joaquim Marques e Sacramento Monteiro.

O alferes Carvalho, a quem o Comandante da bateria logo de princípio previdentemente tinha encarregado de fazer a ligação com o escalão e de dirigir o remuniciamento, não pôde remunciar, a-pesar dos esforços empregados, por virtude do fogo sôbre as estradas que conduziam à posição e sôbre o próprio escalão.

Em virtude das noticias que lhe davam os soldados que das linhas retiravam, passando pela posição da bateria, o alferes Carvalho resolveu mandar um 1.º cabo ao escalão com ordem para que os armões viessem, a fim de engatar o material e retirar.

Como demorassem, êle próprio se dirigiu ao esca-

lão, onde viu quasi todo o gado morto e o respectivo Comandante o informou de que do pessoal e viaturas que tinha mandado à posição fazer o remuniamento só haviam regressado com o carro respectivo três praças pensando que os restantes tivessem, depois de efectuado o remuniamento, ido da posição reabastecer-se directamente ao depósito.

Em realidade nem mesmo chegaram à posição da bateria.

Com os poucos solípedes, que restavam vivos, o pessoal do escalão retirou para o escalão de reserva, onde recebeu ordem do Comando do grupo para retirar sobre Calonne.

Na posição, quasi todo o pessoal das guarnições com os alferes Joaquim Marques e Sacramento Monteiro e aspirante a official Parente Junior caiu, assim como todo o material de fogo, nas mãos do inimigo.

A 3.<sup>a</sup> Bateria, reserva de fogo do sector, que tinha por missão apoiar as tropas da reserva divisionária na defesa da VILLAGE LINE e que não podia, para se não denunciar, abrir fogo sem ordens superiores, não tendo tido conhecimento da determinação enviada pelo Comando do grupo ás baterias, para que cada uma procedesse por iniciativa própria, não chegou a fazer fogo.

A artilharia inimiga bateu também com violência a posição desta bateria, tendo as guarnições das secções de se refugiar nas pequenas trincheiras que havia junto dos abrigos das bôcas de fogo.

Em boa verdade, esta bateria podia fazer o fogo que quizesse. A observação inimiga tinha-a já perfectamente referenciado.

Pelas 7 horas o bombardeamento incidiu mais violentamente sobre a posição. Ás 8 horas uma gra-

nada matava-lhe três homens e feria um outro da 4.<sup>a</sup> secção.

Inutilmente procurou o capitão Leal informar-se junto da 2.<sup>a</sup> Bateria, ali também nada sabiam ainda.

Só bastante depois das 10 horas teve as primeiras informações da frente por soldados que retiravam e que davam os alemães como senhores já da 2.<sup>a</sup> Linha.

Perante tão inesperada notícia, mais embaraçado ficou ainda o capitão Leal sem saber se conviria ou não abrir fogo já sobre esta linha.

E por um lado no receio de atirar ainda sobre tropas portuguesas e por outro no propósito de obter informações seguras resolveu ir, êle próprio, ao Comando do grupo.

Partiu, pois, para a retaguarda acompanhado de alguns dos seus oficiais, deixando a bateria entregue ao oficial de dia. Já não poderam voltar à posição.

Entretanto êste oficial, a quem o Comandante, ao partir, dêra ordem terminante para não fazer fogo sem autorização ía recebendo, sem nada poder fazer, informações cada vez mais angustiosas sobre o avanço alemão pelos fugitivos das linhas que por ali passavam.

E quando um dêles, que se disse telefonista da 2.<sup>a</sup> Bateria, informou de que na sua bateria havia sido dada ordem para retirar, por os alemães estarem já próximos, mandou inutilizar o material e retirar.

A 4.<sup>a</sup> Bateria (obuzes) fez fogo continuamente desde as 4 h. e 30 m., hora a que o aspirante Duarte, que estava de dia à posição, fez começar o fogo de S. O. S. normal, até às 9 h. e 30 m. aproximadamente.

Foi talvez de todas as baterias do grupo a que mais sofreu com o fogo da artilharia alemã. Projecteis de todos os calibres e entre eles abundantíssimas granadas de gaz

caíram sobre a posição, tendo posto fora de combate a maior parte do pessoal. O próprio Comandante, tenente Henrique Pereira do Vale, e com ele todos os oficiais, alferes Felgueiras, alferes Souza e aspirante Duarte, tiveram por isso de cooperar no serviço das bocas de fogo.

Já depois de ter terminado o fogo, um projectil caiu sobre o abrigo da 1.<sup>a</sup> secção, inutilizando a peça respectiva.

Cêrca das 10 h. quási todo o pessoal estava no posto de socorros, ferido ou gazeado.

Perante a impossibilidade de continuar o fogo por falta de serventes, o tenente Pereira do Vale enviou pelas 10 h. 30 m. um ciclista ao escalão com ordens para que o respectivo Comandante mandasse soldados serventes para o serviço das peças e fizesse aparelhar, ficando pronto a partir.

Pelas 11 h., porém, a infantaria alemã atingia o cruzamento da Rue du Bois com a Rue des Chavattes e apoderava-se do material desta bateria.

Deixamos para o capítulo seguinte, que trata do sucedido no sector de NEUVE CHAPELLE, a acção da 3.<sup>a</sup> Bateria do 1.<sup>o</sup> G. B. A., que protegia ainda o S. S. II de FERME DU BOIS, mas que estava em posição naquele sector.

Veremos então, em complemento da acção da artilharia de FERME DU BOIS, que também aquela bateria se portou com igual bravura, tendo sido a última das baterias de NEUVE CHAPELLE a cessar o fogo e a retirar.

## CAPÍTULO VII

### Sector II — NEUVE CHAPELLE

- 1.º — O ataque na frente da 6.ª B. I.
- 2.º — Acção da Reserva do sector.
- 3.º — No posto de comando de Les 8 Maisons.
- 4.º — A artilharia do sector.

PLATE VII

SECTOR II - NEIVE CHAPELLE

1. The site of the chapel is situated on a hillside overlooking the village of Neive. The chapel is a simple rectangular building with a gabled roof. The walls are made of rough-hewn stone. The entrance is on the west side. The interior is a single nave with a simple altar at the east end. The floor is made of stone. The chapel is surrounded by a low stone wall. The site is well preserved and is a fine example of a simple stone chapel.

---

1.º—O ataque na frente da 6.ª B. I.

Guarnecia êste sector a 6.ª B. I. (coronel Alves Pedrosa) com a 6.ª B. M. L., a 6.ª B. M. M., o 3.º G. M., o 2.º G. B. A. e três batarias (1.ª, 2.ª e 4.ª) do 1.º G. B. A..

O sector era dividido em dois sub-sectores, separados pelo DUCK'S BILL.

Em primeira linha estavam: na direita, no S. S. I, o Bat. de Inf. 1, major Barros Rodrigues, com três companhias em 1.ª linha (a 3.ª na direita, a 4.ª no centro, a 1.ª na esquerda) e uma, a 2.ª, em apoio; e na esquerda, no S. S. II, o Bat. de Inf. 2, major Nepomuceno de Freitas, com idêntico dispositivo: a 2.ª companhia na direita, a 3.ª no centro, a 4.ª na esquerda e a 1.ª em apoio.

Como em FERME DU BOIS todos os oficiais e restantes graduados que faziam parte dos Comandos tinham passado a noite a preparar os documentos e mapas do sector para a rendição e estavam ainda nesse trabalho quando o inimigo iniciou a batalha.

Na extrema esquerda a 1.ª comp. de Inf. 1 (S. S. I) pediu imediatamente S. O. S. pelo telefone para o Comando do batalhão, em CURZON POST.

Mas aqui as ligações telefónicas tinham-se interrompido desde logo com o Comando da brigada, com os batalhões dos flancos e com a bateria de apoio, tendo sido assim impossível transmitir a este o pedido de S. O. S.. Lançaram-se ainda foguetões de sinais ao acaso. Era, com efeito, impossível que a artilharia os notasse, tão cerrado estava o nevoeiro.

Veremos, ao tratarmos da acção da artilharia, como, usando de louvavel resolução, todas as batarias rompe-

ram fogo por sua própria iniciativa, calculando pela interrupção das ligações telefônicas que das linhas teriam dificuldade em transmitir os pedidos de S. O. S..

As ligações do Comando com as companhias mantiveram-se por algum tempo ainda.

Parece que na frente da 1.<sup>a</sup> companhia (esquerda) se chegou a esboçar um ataque. Pelo menos assim o foi comunicado para a retaguarda.

Na frente das outras duas, porém, nada de anormal se passou.

Se não foi, pois, um falso alarme, bem natural de resto, devido á escuridão da noite e ao nervosismo do momento, êste facto não passou de uma simples tentativa de reconhecimento da nossa frente no intuito provavel de verificar se a 1.<sup>a</sup> Linha estava ainda guarnecida ou se havia sido evacuada.

De resto, êste facto pouca importância teve. E como o inimigo se mantivesse tranqüilo nas suas posições, as companhias em 1.<sup>a</sup> linha no S. S. I, incluindo a 1.<sup>a</sup> (esquerda), pediram a breve trecho que a nossa artilharia, cessando o fogo de S. O. S. normal, alongasse o tiro sôbre as 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Linhas inimigas como represália, pois que, telefonavam elas para o Comando do batalhão, o fogo inimigo as estava incomodando devéras.

Interrompidas como já estavam as comunicações para a retaguarda e para os flancos, o Comando do batalhão teve de lançar mão de ordenanças, para transmitir à artilharia êste pedido de alongamento de fogo. As ordenanças não regressaram, porém, e êste pedido não chegou à artilharia que, como adeante veremos, continuou a fazer fogo para as linhas de S. O. S..

Foi pena. Se, consoante êste pedido que foi igualmente feito pelo S. S. II (Infantaria 2), todas as sete baterias do sector tivessem alongado o fogo para as trin-



O Cristo de Neuve Chapelle (aguarela pelo capitão J. Supico).

cheiras inimigas até mesmo à sua 2.<sup>a</sup> Linha, em vez de fazer o tiro normal de S. O. S. em protecção à nossa 1.<sup>a</sup> Linha, teriam decerto apanhado as massas de infantaria inimiga concentradas para o ataque. E assim teriam sido mais incomodadas, do que o foram, pela desmoralização e desordem que o nosso fogo não deixaria de produzir nas suas fileiras compactas.

Cêrca das 7 horas e meia as comunicações telefónicas do Comando do S. S. I com as companhias, que até então se tinham mantido, começaram a deixar de funcionar. Das companhias do centro e da esquerda o Comando nada mais soube, não tendo também regressado a CURZON POST as ordenanças enviadas para estabelecer a ligação.

O telefone funcionava ainda para as companhias, 3.<sup>a</sup> (direita) e 2.<sup>a</sup> (apoio), quando cêrca das 8 h. uma granada demoliu o abrigo da estação telefónica. O Comando de Inf. 1 ficou assim inteiramente isolado na hora própria em que o inimigo ia atacar. Da retaguarda não lhe vinham comunicações, da frente não regressavam as sucessivas ordenanças enviadas às companhias para obter informações.

Pouco depois a onda dos inimigos assaltava as nossas linhas e espalhava-se pelo labirinto das trincheiras, matando e aprisionando os seus defensores.

Pelas 9 horas uma praça da 2.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 1, o 2.<sup>o</sup> sargento João Mendes Coelho, chegava a CURZON POST, ao Comando do batalhão, e informava que o inimigo estava atacando, tendo-se já assenhoreado da 1.<sup>a</sup> Linha e que os nossos soldados, aniquilados ou desmoralizados pelo bombardeamento, se encontravam incapazes de defender as trincheiras, quási completamente arrazadas, de resto, pela artilharia. Tinha visto dois alemães prender o capitão da sua

companhia Manuel Henriques Carreira, tendo êle conseguido escapar a custo a um grupo de inimigos que o perseguia. Nêsse momento o bombardeamento intensificava-se sôbre CURZON POST. As explosões, cada vez mais numerosas, pareciam aproximar-se e procurar os abrigos do posto de comando. Uma granada caiu sôbre a secretaria e dentro em pouco todos os abrigos eram atingidos.

Com o progredir do ataque a barragem avançava como um escudo protector, feito de ferro e fogo.

Numa pequena trincheira abandonada, que havia à retaguarda do posto de comando e onde todos se tinham refugiado, o Comandante de Infantaria 1 reuniu os seus officiaes e, depois de ter ouvido a opinião de todos, resolveu retirar. Isolados e sem meios de actuar, a sua permanência alí era já inútil. Eram 9 h. 30 m.

A essa hora o inimigo estava já senhor do sistema avançado dêste sector, onde entre as ruínas de Neuve Chapelle o legendário e inviolado Crucifixo, ainda de pé, assistia amargurado a mais êstes combates.

Dêste batalhão salvaram-se de cair nas mãos do inimigo 131 praças ao todo, a maior parte das quais pertencia ao Comando ou estava à retaguarda no parque de viaturas. Os officiaes das companhias ficaram todos prisioneiros.

Quanto aos officiaes do Comando, depois de uma noite inteiramente perdida, passada a trabalhar, e de uma manhã cheia de tão intensas comoções, a retirada precipitada através dos campos, evitando as barragens, fugindo ao inimigo, cujas metralhadoras sentiam aproximar-se, foi uma marcha fatigante, a que alguns não resistiram. Vencidos pela fadiga e pelo desânimo ficaram para trás e dentro em pouco eram aprisionados. Escaparam apenas cinco.

No Batalhão de Infantaria 2 (S. S. II) aconteceu o mesmo ou peor ainda.

Quando seis dias depois, no final da retirada da divisão, já na área de Samer, perguntámos pelos restos dêste batalhão na aldeiasinha de Niembourg, que lhe tinha sido distribuída para acantonamento, mostraram-nos uma pequena formatura de cêrca de 70 praças, à frente da qual o alferes veterinário fazia no meio do silêncio de todos a chamada, enquanto ia riscando numa lista os que lá tinham ficado.

Aqueles restos que alí estavam eram ainda na sua maior parte as praças que guardavam à retaguarda das linhas as viaturas e o gado do batalhão. Apenas dois ou três tinham pertencido á guarnição do NEUVE CHAPELLE II e estavam nas trincheiras na ocasião da batalha.

Porque o Comando da divisão queria saber o que havia acontecido neste sub-sector de NEUVE CHAPELLE, interrogámo-los; mas, ou porque tivessem fugido ainda antes do ataque, ou porque a intensidade do drama, pela primeira vez visto e sentido, lhes tivesse embotado o conhecimento, nenhuma informação pudemos obter.

Apenas então se soube o que em ligeiras referências dizia a respeito da acção deste batalhão no seu relatório o alferes Oliveira Saraiva da 6.<sup>a</sup> B. M. L., que tinha estado até ás 7 h. no abrigo do Comando do S. S. II. Todos alí estavam tranqüilos na persuasão, de que tantos foram igualmente victimas, de que o inimigo não atacaria e se tratava apenas de um fogo de represália, como muitos outros que nos últimos tempos se tinham feito.

Das linhas havia-se pedido inicialmente S. O. S.; mas cêrca das 7 h., como o inimigo não atacasse, pe-

diu-se, como no S. S. I., à artilharia que parasse o S. O. S. normal e alongasse o tiro, "porque estava batendo a nossa linha", dizia a comunicação que um 1.º cabo levou, e que parece não ter chegado ao seu destino, porque nenhuma bateria a recebeu.

Disto podemos concluir que nesta parte da frente se conservou até à hora do ataque a *Linha Avançada*, excepto talvez na companhia da esquerda, onde às 5 h. 30 m. a *Linha "A"* parece ter sido evacuada, segundo foi referido por oficiais da 2.ª companhia de Inf. 20, que ocupava no flanco esquerdo daquela companhia a extrema direita de FAUQUISSART.

As tropas dêste batalhão desapareceram quasi em absoluto com todos os seus oficiais nas mãos do inimigo. Cêrca das 10 h. 15 m. o Comando era surpreendido e aprisionado em WINCHESTER POST.

Em apoio do sector estava o Bat. de Inf. n.º 11, que o capitão Manuel Dias comandava interinamente, com as suas companhias assim distribuidas: a 1.ª, tenente Pereira Gonçalves, e a 2.ª, tenente Crisóstomo, na *Linha "B"*, a 3.ª, alferes Carryngton, nos postos de St. VAAST e EUSTON e a 4.ª, alferes Rodrigues Corvo, à retaguarda em Pont du Hem. Posto de comando em LORETTO ROAD.

Das duas companhias que estavam na *Linha "B"*, a 1.ª guarnecia juntamente com a 2.ª companhia de Inf. 1 a *Linha "B"* do S. S. I desde COVERED WAY à BALLUCHI ROAD. A 2.ª defendia mais á retaguarda o segundo ramo desta mesma *Linha "B"*, no S. S. II, desde a BALLUCHI, que fazia a ligação dos dois ramos da *Linha "B"*, aqui interrompida, até ao limite do sector, cêrca da TILLELOY SOUTH.

Estas companhias estavam, pois, fora da acção do Comando do batalhão e na situação de apoio ime-

diato ás tropas em 1.<sup>a</sup> linha; e, assim, com elas combateram e desapareceram, aprisionadas pelo inimigo.

Interrompidas desde as 5 h. as comunicações, o Comando do batalhão não chegou mesmo a ter conhecimento da sua acção, não tendo regressado as ordenanças enviadas a estas companhias e aos batalhões em 1.<sup>a</sup> linha.

Outras ordenanças foram depois mandadas com ordem de prevenção ás companhias. Por motivo decerto da intensa barragem que incidia sobre as estradas LORETTO e EDWARD, só uma, a 3.<sup>a</sup>, que se encontrava perto, a recebeu mas já um pouco tarde, pelas 9 h.

Tinha esta companhia dois pelotões em St. VAAST POST, guarnecendo com o outro pelotão EUSTON POST. O alferes Carryngton, que a comandava, dispôs tudo de modo a poder resistir no posto de St. VAAST conforme as instruções enviadas, mas nisto a barragem inimiga incide em cheio sôbre o posto, destruindo os alojamentos do pessoal, matando e ferindo bastantes praças e soterrando grande parte do armamento e municciamento, incluindo três metralhadoras ligeiras.

Desastre irreparavel. Esta companhia não pôde por isso oferecer resistência aos grupos de infantaria inimiga, quando pelas 10 h. e 30 m. se apresentaram em frente de St. VAAST POST.

O alferes Carryngton foi aqui feito prisioneiro juntamente com o alferes Costa Oliveira do 21 e muitas praças da sua companhia. Os que puderam, retiraram com o alferes Cunha sôbre HUIT MAISONS POST. A falta que alí havia de munições impediu-os de se juntar às praças de Infantaria 14 que estavam guarnecendo já então aquelo reduto.

O pelotão em EUSTON POST caiu inteiramente em poder do inimigo.

No Comando de Infantaria 11, em LORETTO ROAD, só às 9 h. e 30 m., não pelas ordenanças enviadas à frente, das quais nenhuma regressou, mas por duas praças de Infantaria 1 que, espavoridas, fugiam das linhas se soube do ataque. O inimigo estava, segundo elas informavam, de posse de toda a 1.<sup>a</sup> Linha e tinha penetrado já nalguns pontos da 2.<sup>a</sup>

Novas ordenanças saíram para obter ligação com as companhias da frente e trazer informes precisos, pois que o estado de profunda depressão moral e de nervosismo daquelas praças não deixava que se depositasse confiança no que diziam.

Mas as informações não chegaram a vir, porque também aqueles novos agentes de ligação não regressaram mais.

Cêrca das 11 h. ou 11 e 30 m. a barragem inimiga, que se sentia avançar implacavelmente, começou a incidir em cheio sôbre LORETTO ROAD. A casa, onde estava instalado o posto de comando abateu, soterrando tudo com o pessoal que naquele momento lá estava.

Á retaguarda da casa havia uns abrigos de uma antiga posição de artilharia. Por medida de prevenção e para evitar surpresas, pois que junto do posto de comando não havia fracção nenhuma do batalhão, o capitão Daniel Dias tinha feito colocar alí quatro metralhadoras ligeiras. Êstes abrigos foram igualmente destruidos e as metralhadoras inutilizadas pelo bombardeamento.

Pouco depois foram vistos emergir, de repente, por entre farrapos de nevoeiro grupos de alemães, fazendo fogo com metralhadoras. Não houve tempo para mais, do que para todos fugirem em desordem através dos campos, acossados pelo inimigo.

Dos oficiais do Comando escaparam apenas além do Comandante o tenente Serra e o alferes Sampaio. Todos os mais com cêrca de metade das praças caíram prisioneiros.

O batalhão de apoio não pôde assim desempenhar a missão, que lhe competia pelo plano de defesa por motivo da grande disseminação das suas companhias, das quais nem um único pelotão estava junto do Comando sob a sua acção directa e immediata.

Igual coisa vimos já que sucedeu com o apoio do sector de FERME DU BOIS. Em casos como êste, em que o bombardeamento por um lado, o nevoeiro por outro impediam ou dificultavam as ligações e o exacto conhecimento da situação, que podiam fazer pequenas fracções isoladas? que podia fazer um Comando com as suas tropas assim dispersas e afastadas, não possuindo no momento do ataque um grupo, uma fracção com que possa combater e demorar o inimigo?

Com a 4.<sup>a</sup> companhia deste batalhão sucedeu o que sucedera já com as outras. Das ordenanças enviadas pelo Comando a esta companhia, nenhuma chegou ao seu destino. E assim, sem ordens, nem outras informações mais que os boatos espalhados pelos soldados que fúgiam das linhas, no meio do bombardeamento feroz, com que o inimigo varria toda a estrada de La Bassée, e que lhe tinha já causado bastantes baixas, o alferes Corvo, sentindo-se definitivamente isolado do seu batalhão, resolveu às 10 h. e 30 m. apresentar-se ao Comandante do Batalhão de Infantaria 5. De então em diante acompanhou no tumulto dêste dia as fracções de Infantaria 5, cuja acção passamos a analisar.

Do Bat. de Inf. 11, que tinha cêrca de 710 homens de efectivo, salvaram-se 320.

---

2.º — Acção da Reserva do sector.

O Batalhão de Infantaria 5 (major Mario Oom do Vale) tinha uma companhia em Riez Bailleul, a 2.ª (alferes Doria), e as outras três acantonadas ao longo da estrada de La Bassée, a partir de Pont du Hem, onde era a séde do Comando; a 4.ª companhia (alferes Gomes) à frente, seguindo-se-lhe depois a 1.ª (alferes Daniel Pinto de Barros) e a 3.ª (capitão Ciríaco Junior). Fazia ainda parte do batalhão um destacamento de metralhadoras Lewis (alferes J. J. de Brito) a 3 secções com um efectivo de 20 praças. (1)

Estava êste batalhão situado no centro, por assim dizer, do sector português e sôbre a principal via de comunicação que o atravessava. Convergindo naturalmente sôbre a estrada de La Bassée a maioria dos fugitivos das trincheiras, as suas tropas foram assim submetidas a uma intensa prova moral.

Aquele bombardeamento ininterrupto de extraordinaria intensidade que precedeu o ataque produziu no geral das nossas tropas, inexperientes e impressionáveis, um estado de grande nervosismo e de profunda depressão moral, a que não escaparam as que à retaguarda ocupavam situações de apoio e reserva. E, quando mais tarde os fugitivos da frente começaram a passar, espalhando as más noticias, aterrados, desmoralizados e fóra de si, desarmados, rotos, enegrecidos

---

(1) O Bat. de Inf. 5 contava apenas 16 officiaes e 658 praças, onde sómente havia cêrca de 400 combatentes, estando muitas na situação de doentes ou convalescentes. As companhias tinham apenas dois officiaes cada uma; sargentos também havia poucos.

e fatigados pelas sensações da batalha, houve unidades que não puderam resistir a mais esta prova. Desagregaram-se, debandando umas, enfraquecendo-se noutras a vontade de resistir.

Foi o que sucedeu na estrada de La Bassée tanto com êste batalhão do 5 como com as fracções da brigada de reserva, que para aqui vieram.

Cortadas desde comêço as comunicações telefónicas com o Comando da brigada, não tendo regressado os quatro estafetas que ali fôram enviados para receber ordens, e não tendo os ciclistas, que depois receberam igual missão, podido atravessar a intensa barragem sobre ETON ROAD, o Batalhão de Infantaria 5 teria assim permanecido isolado até final, se não fôsse o aparecimento providencial do bravo capelão da 6.<sup>a</sup> B. I., P. Manuel Caetano, que, a-pezar do intenso fogo em volta de Les Huit Maisons se ofereceu ao Comandante da brigada para levar a Pont du Hem a ordem para o Batalhão de Infantaria 5 fazer avançar duas companhias para os dois sub-sectores e chamar para Pont du Hem a companhia que estava em Riez Bailleul.

Quando recebeu esta ordem o major Vale tinha acabado de determinar à 1.<sup>a</sup> companhia que marchasse a reforçar o S. S. II e á 3.<sup>a</sup> que reforçasse o S. S. I.

Era já tarde. Os alemães tinham penetrado nas nossas linhas em toda a frente do sector. Das trincheiras vinham retirando pela estrada de La Bassée muitos soldados, fugindo ao inimigo. Na sua maior parte sem armas, inteiramente desmoralizados, contavam horrores do que lá em baixo nas trincheiras se passava, dizendo que a maior parte das companhias tinham sido aniquiladas.

Quando o Padre Manuel Caetano chegava cêrca

das 9 h. e 30 m. a Pont du Hem, encontrou vários soldados desarmados, fugidos das linhas, que lhe disseram que nas trincheiras fôra dada ordem de "salve-se quem puder".

Indignado, o valente capelão intimou-os a que se apresentassem no Comando de Infantaria 5, dizendo-lhes que, se o não fizessem, podiam ser fuzilados.

Soubes depois que elles se tinham apresentado, mas no posto de socorros de Infantaria 5, alegando que vinham gazeados!

A 1.<sup>a</sup> companhia encetou a marcha estrada de La Bassée abaixo, com o fim de ir ocupar em Rouge Croix posições para cobrir a estrada e ao mesmo tempo proteger uma metralhadora pesada alí em posição cujo Comandante tinha vindo a Pont du Hem pedir apoio.

Não passou porém do cruzamento de estradas de Pont du Hem, onde se encontrou com a guarnição da dita metralhadora pesada que retirava já, informando que os alemães vinham no seu encalço.

Resolveu então sustar a marcha e alí aguardar os acontecimentos junto da 4.<sup>a</sup> companhia, esperando que a situação se esclarecesse ou o inimigo apparecesse.

Assim, a 1.<sup>a</sup> companhia já não pôde chegar a Rouge Croix e, como ella, a 3.<sup>a</sup> não chegou também a tomar o caminho do S. S. II, para onde tinha sido enviada.

Naquella altura não restava já outro recurso ao Comandante do Batalhão de Infantaria 5 senão tomar posição alí mesmo, ocupando os redutos de PONT DU HEM e CHARTER HOUSE, onde esperaria o desenrolar dos acontecimentos e o aparecimento do inimigo.

Com a 4.<sup>a</sup> companhia do 11 e a 2.<sup>a</sup> companhia do 5, que viria ainda de Riez Baillieu juntar-se a estes efectivos, podia na realidade resistir algum tempo ainda.

Eram estas decerto as suas intenções. Não pôde po-

rêm realiza-las, não só pelo bombardeamento que incidia sobre o CHARTER HOUSE, como e sobretudo pelo estado moral das tropas que tinha ao seu dispôr.

Sendo informado de que o Comando de Inf. 1 tinha retirado já e de que grupos inimigos avançavam no seu flanco esquerdo pela FAUQUISSART ROAD sobre La Flinque, mandou marchar a 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> companhias para Estaires-La Gorgue, dando ordem ao destacamento de metralhadoras, que apoiasse a retirada, tomando posição no posto de PONT DU HEM e à formação do Comando que se estabelecesse numas trincheiras 200 m. a N. da séde do Comando.

A desmoralização trazida pelos que da frente vinham fugindo e espalhando boatos terroristas, comunicou-se porém a pouco e pouco a todas as praças do batalhão que acabou por se desagregar, retirando as várias fracções pela estrada de La Bassée sobre La Gorgue-Estaires.

Seriam 11 h. ou 11 h. e 30 m. As metralhadoras inimigas sentiam-se já distintamente e os alemães dentro em pouco alcançavam Pont du Hem.

A 2.<sup>a</sup> companhia recebeu em Riez Bailleul pelas 10 h. a ordem de avançar para Pont du Hem. Não excedia 30 homens o seu efectivo de combate (menos de metade do efectivo normal de um pelotão) e ainda por infelicidade logo no começo do bombardeamento um projectil de grande calibre, caindo na casa, de arrecadação do material, inutilizou-lhe cêrca de metade do armamento.

O acantonamento de Riez Bailleul, que sempre tinha estado sujeito à acção da artilharia alemã por motivo de dois obuzes ingleses da artilharia do XI Corpo que estavam em posição alí perto, foi neste dia ainda mais violentamente batido.

Depois de um enorme trabalho para reunir as praças dispersas, o alferes Doria, comandante da companhia, apenas conseguiu reunir um pequeno grupo de dez soldados, com os quais, para não perder mais tempo, se pôs em marcha para Pont du Hem em obediência à ordem recebida, deixando no acantonamento os alferes Armando Ribeiro e Areosa Feio, encarregados de congregar as restantes praças da companhia com as quais se lhe deviam reunir depois á frente.

Quando chegou à estrada de La Bassée o movimento para a retaguarda tanto dos fugitivos dos batalhões da frente como das outras companhias do 5 era já a essa hora grande e a vista dêste espectáculo desmoralizador, acrescido aos boatos de que os alemães vinham já perto e que havia ordem para retirar, desagregou e reduziu ainda mais o já pequeno grupo de tal modo, que em breve não restava ao alferes Dória mais que um insignificante número de praças. O resto escapára-se-lhe de volta com os fugitivos das linhas.

Não tendo encontrado no meio daquele tumulto e desagregação de unidades o Comando do batalhão, com êles se foi juntar a um destacamento de cêrca de 20 ciclistas ingleses, estabelecido em CARTER'S POST, onde já estava também um pequeno efectivo da reserva da divisão, pertencente ao Regimento de Infantaria 12.

No acantonamento de Riez Bailleul os alferes Ribeiro e Feio foram também impotentes para reunir os elementos dispersos da companhia, não tendo conseguido congregar em volta de si mais que um reduzido núcleo de praças.

Quanto à 4.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 11, cujo comandante, alferes Corvo, vendo-se isolado do seu batalhão, se apresentou às 10 h. e 30 m. ao Comando de

Infantaria 5, foi-lhe por êste ordenado, que fôsse tomar posição em CARTER'S POST.

Alí se juntaram, pois, ao destacamento de ciclistas ingleses e à pequena força de Infantaria 12 da 3.<sup>a</sup> B. I., que já lá estavam, a 4.<sup>a</sup> companhia do 11, o alferes Dória com algumas praças do 5 e ainda depois o destacamento de metralhadoras do alferes Brito.

Quando o alferes Corvo alí chegou, o comandante do destacamento inglês recusou receber mais soldados, porque havia poucas munições no posto e êste era pequeno, apenas requisitando uma metralhadora Lewis que a companhia trazia e que o alferes Corvo deixou com a guarnição, ficando êle também com os alferes Correia e Saraivá. O resto da 4.<sup>a</sup> companhia seguiu em direcção a Estaires na onda dos fugitivos.

Pouco depois, pelas 12 h, e 30 m., os ciclistas ingleses abandonavam êste posto e os nossos tomavam o caminho de La Gorgue.

Grupos inimigos, parecendo vir de Lavantie, faziam já fogo de metralhadoras sôbre Belle Croix. Veremos adiante que realmente a essa hora o inimigo estava já senhor de Lavantie.

O Bat. de Inf. 5 retirou com 400 praças, deixando cêrca de 260 nas mãos do inimigo com o alferes Daniel Pinto de Barros (1.<sup>a</sup> companhia) e o tenente médico Joaquim de Sousa Correia.

---

3.º — No posto de comando de Les 8 Maisons  
(Q. G. da 6.ª B. I.)

O inimigo fez incidir sobre Les 8 Maisons um pesado bombardeamento de granadas de calibres vários á mistura com muitas granadas de gaz que desorganizou desde logo bastante o serviço do Quartel General da 6.ª Brigada.

Desde as primeiras horas começou a haver feridos e gazeados em tal proporção que houve necessidade de transformar a secretaria do Comando em posto de socorros, onde o medico Dr. Adelino Fernandes, secundado pelo capelão P. Manuel Caetano e pelo veterinario capitão Sousa, não teve mãos a medir para acudir aos muitos feridos que começaram a acorrer.

Ás 6 h. e 30 m. uma granada explosiva originou um começo de incendio que felizmente se conseguiu extinguir meia hora depois.

No parque de gado da brigada uma granada matou alguns animais, espantando e dispersando os restantes.

Tendo sido interrompidas desde o principio as ligações telefónicas, foram mandados ás unidades da frente os ciclistas do Comando para obter informações. Ás 7 horas e 30 m. ainda não tinham regressado.

Como elas se demorassem e se estranhasse a longa duração do bombardeamento, o coronel Alves Pedrosa, resolveu enviar aos batalhões de apoio e reserva as ordens previstas no plano de defesa do sector. Á pressa o ajudante da brigada redigiu estas ordens, breves, lacónicas, e expediu-as por ciclistas para os Batalhões de Infantaria 11 e 5.

Os primeiros ciclistas, encarregados de fazer a ligação com os batalhões da frente, voltaram ao Comando sem ter cumprido a sua missão, dizendo que não tinham podido atravessar as barragens. Os portadores destas ordens para os dois batalhões do 11 e do 5 regressaram também dali a pouco, declarando te-las perdido.

O Sr. coronel Alves Pedrosa, indignado, ameaçou os que se negavam a cumprir o seu dever e, mandando redigir novas ordens, encarregou o motociclista do Comando de as fazer chegar ao seu destino; mas pouco tempo depois êste voltou, alegando não ter podido continuar por a motociclete ter caído numa cova e se ter inutilizado.

Era em verdade intenso o bombardeamento sôbre as estradas que decerto estavam em muitos pontos intransitaveis, forçando os agentes de ligação, ciclistas e estafetas a pé, a escolher caminho por entre os intervalos das explosões dos projecteis. Fosse porem como fosse, o Comandante da brigada só viu que as suas ordens não eram cumpridas e a natural indignação levá-lo-ia certamente a qualquer acto de desespero, se o oferecimento de dois verdadeiros bravos não o calmassem naquele angustioso momento, em que êle supunha os seus soldados nas linhas sob a iminência de um ataque sem saber como lhes poderia valer.

Vendo que os verdadeiros agentes de ligação se recusavam a cumprir o seu dever, o 1.º cabo ferrador, Alípio Esteves, ofereceu-se para ir aos batalhões da frente colher informações. O capelão da brigada, P. Manuel Caetano, ofereceu-se igualmente, tendo sido encarregado de levar os despachos destinados ao Q. G. da divisão e ao batalhão de Inf. 5.

O cabo ferrador não pôde chegar ao seu destino, voltando pouco depois, ferido por um estilhaço de

granada. Mas o valente capelão cumpriu inteiramente a sua missão, como atrás vimos, ao mesmo tempo que no carro automovel da brigada transportou à ambulância o desgraçado alferes Vidigal, gravemente ferido e já moribundo.

Foram estes os motivos, porque não receberam instruções nenhuma nem os batalhões em 1.<sup>a</sup> linha, nem o batalhão de apoio (Inf. 11), e chegou já a uma hora tardia, 9 horas e meia, ao batalhão em reserva (Inf. 5) a ordem de reforçar os sub-sectores. A essa hora o ataque estava já em pleno desenvolvimento e as guarnições dos sub-sectores aniquiladas ou aprisionadas.

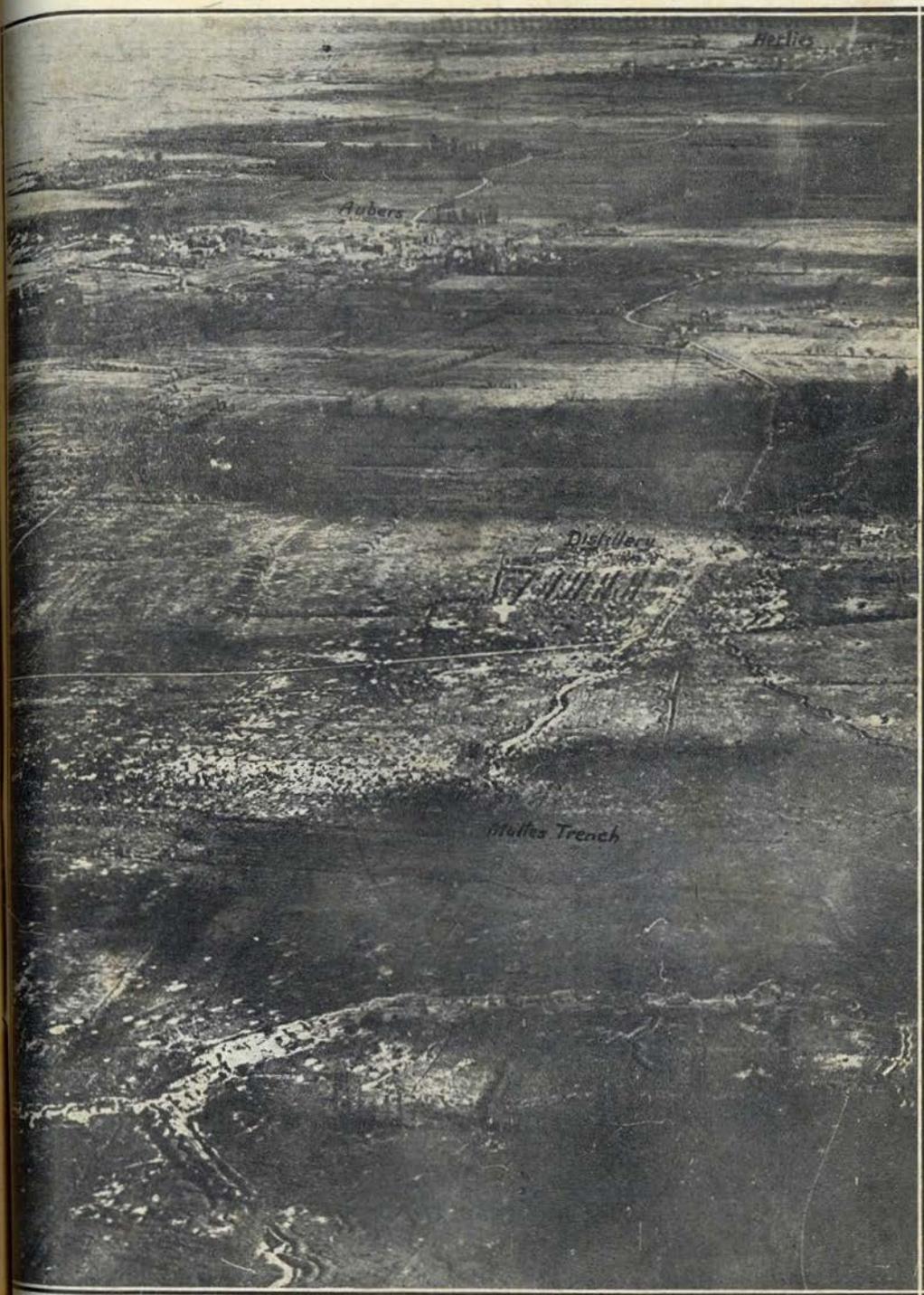
Com efeito, pelas 10 h. chegava ao Q. G. da 6.<sup>a</sup> B. I. o alferes de artilharia Carvalhosa que afirmava ter o inimigo já chegado a LANSDOWNE HOUSE (posto de comando de FERME DU BOIS II).

Às 10 h. e 20 m. uma praça de Inf. 1 contou que o inimigo se apoderara já da 2.<sup>a</sup> Linha, tendo êle a custo podido escapar-se.

Isto mesmo foi confirmado depois pelo ajudante de Inf. 1, alferes Lourenço, que cêrca das 12 horas apareceu no Q. G. da brigada, acompanhado do tenente inglês Cassels, destacado naquele batalhão.

Perante tão aterroradoras notícias pode imaginar-se o desespero do Comandante da brigada, que, nada podendo fazer pelos seus soldados, se via na contingencia ou de fugir ao inimigo ou de esperar resignadamente a morte ou o aprisionamento.

Naquele isolamento de Les 8 Maisons, sem ter ao pé unidade alguma, era em boa verdade impossível pensar em resistir. Mas abandonar assim o seu posto de combate, sem que para tal recebesse ordens superiores parecia-lhe uma falta grave. Afigurou-se-lhe que o dever consistia em ali ficar e morrer no mesmo pos-



Linhas alemãs em frente de CHAPIGNY.

to de honra em que tantos dos seus soldados tinham já áquella hora cumprido a sua missão. Preferiu ficar não só por motivo de uma possível vinda de reforços, a quem seria necessário receber e dar instrucções<sup>(1)</sup>, mas também e principalmente por motivo da ordem terminante do Tenente General Haking na conferência de 7 em Lestrem: — *As brigadas teem de morrer na defesa da "B Line"*.

Ainda na véspera o Sr. General Gomes da Costa ordenára ao Sr. coronel Alves Pedrosa que instrucções fossem dadas aos batalhões para que, em caso de ataque a ninguem fosse permitido retirar-se do seu posto, que a 2.<sup>a</sup> Linha seria a linha de resistência suprema, onde se vencia ou se morria. Estas ordens formais e peremptórias que tinham sido confidencialmente transmitidas aos batalhões em nome do Comandante da brigada pelo respectivo ajudante, capitão Henriques Nogueira, levaram estes dois officiaes a repelir com energia as várias propostas por diferentes vezes apresentadas por outros officiaes para retirar.

Pelas 12 h. e 15 m. começaram a fazer-se ouvir dos lados de Croix Barbée as metralhadoras alemãs. Ao mesmo tempo o bombardeamento parecia tornar-se mais intenso sobre a linha de defesa CROIX BARBÉE-ROUGE CROIX; era a barragem móvel, que protegia o ataque. Sentia-se que o inimigo se aproximava; o som inconfundível das suas metralhadoras acusava bem o seu avanço.

Pelas 13 h. e 30 m. atingia WELLINGTON ROAD e começava o ataque contra HUIT MAISONS POST.

Quando três dias depois da batalha, já no acanto-

---

(1) — Tenente Coronel Alexandre Malheiro — Da Flandres ao Hannover e Mecklenburg (notas de um prisioneiro), pag. 89.

namento de Cormon (área de Samer), encontramos o capitão inglês Rosckrow, oficial da missão britânica adido ao Comando da 6.<sup>a</sup> B. I., contou-nos que nos últimos momentos instára com o coronel Alves Pedrosa e tenente-coronel Malheiro, para que abandonassem Les 8 Maisons e retirassem, visto a resistência ser impossível e o sacrifício inútil.

O Comandante, porém, terminantemente declarou que não retirava sem ordens, que estando já velho se lhe não importava de morrer, que saíssem os que quizessem e pudessem. Ele ficaria até final.

Dos oficiais retiraram apenas o capitão inglês Rosckrow, o Chefe dos serviços administrativos e o oficial veterinário. Sairam também para a retaguarda quasi todas as praças do Comando.

Com os restantes o coronel Pedrosa ficou esperando resignadamente o inimigo, exposto a todas as contingências.

Êste, de resto, não tardou a aparecer.

Pelas 13 h. e 45 m. cessava de repente o bombardeamento sobre Les 8 Maisons. E logo atrás da barragem que se alongára, cêrca das 14 h., apareciam grupos de alemães que cercaram a casaria.

Assim foi aprisionado o Comando da 6.<sup>a</sup> B. I.. Esperando o inimigo, os oficiais estavam reunidos com o seu coronel na sala da secretaría. Alí os foi prender uma forte patrulha inimiga, comandada por um oficial que de pistola em punho lhes gritou: "*Aus!*" (Vamos, embora!). (1)

---

(1) — Alexandre Malheiros, obra cit., pag. 91.

#### 4.º — A artilharia do sector.

Os quatro grupos de artilharia que havia em 1.ª linha correspondiam à anterior divisão da frente portuguesa nos quatro sectores de FAUQUISSART, CHAPIGNY, guarnecidos pela 2.ª Divisão, e NEUVE CHAPELLE, FERME DU BOIS, defendidos pela 1.ª.

Com a reorganização da frente em três sectores (pela supressão da sector CHAPIGNY e alargamento conseqüente dos restantes) os grupos do centro, 1.º G. B. A. e 2.º G. B. A., ficaram protegendo não só o sector central de NEUVE CHAPELLE, como ainda os sub-sectores contíguos dos sectores laterais.

##### A) — As baterias do 1.º G. B. A.

Este grupo, do comando do tenente-coronel Neves e Castro, tinha o seu posto de comando cêrca de Vieille Chapelle junto do cruzamento de caminhos em VIEILLE CHAPELLE POST, o escalão na *ferme* de LE MARAIS W. POST e as suas baterias assim dispostas da direita para esquerda:

3.ª *Bateria* — tenente Barros Rodrigues; em posição 300 m. ao N. de Croix Barbée. Protegia o antigo NEUVE CHAPELLE I e agora FERME DU BOIS II. Escalão em Les Lobes na estrada Lestrem-Locon.

1.ª *Bateria* — tenente Mendonça e Pinho; em posição junto a HARROW ROAD, cêrca do cruzamento com a Oxford Road. Protegia a frente do antigo sub-sector de NEUVE CHAPELLE II. Escalão na *ferme* de LE MARAIS W. POST junto com o do Comando do grupo.

4.<sup>a</sup> *Bateria* — bateria de obuzes, capitão Anacleto dos Santos; em posição cêrca de 600 m. a E. de Les 8 Maisons na WELLINGTON ROAD. Escalão em Les Lobes junto com o da 3.<sup>a</sup> Bateria.

2.<sup>a</sup> *Bateria* — Era a bateria silenciosa ou de reserva do grupo — capitão Beleza dos Santos; em posição junto ao cruzamento de estradas a O. de BOUT DEVILLE POST, onde tinha quatro bôcas de fogo, estando uma em reparação e a outra, aspirante Amado, ocupando como peça anti-tank uma posição avançada 200 m. a S. O. de LORETTO POST. Escalão junto ao cruzamento de estradas a N. de Pont Rochon.

Tendo-se interrompido logo de comêço as comunicações telefônicas, as baterias ficaram totalmente e até final isoladas e entregues a si próprias.

Das suas ligações com a frente o Comando do grupo apenas manteve a que tinha com LANSDOWNE, antigo posto de comando de NEUVE CHAPELLE I e nesta data de FERME DU BOIS II, que era feita por um cabo enterrado, e por meio da qual recebeu no comêço do bombardeamento o pedido de S. O. S. FERME DU BOIS II, pedido que transmitiu ao 5.<sup>o</sup> G. B. A.

Em vista do intenso bombardeamento e da interrupção das ligações, as baterias tomaram a feliz iniciativa de executar o fogo de S. O. S. normal.

Pelas 6 h. e 50 m. de LANSDOWNE pediram *Atto-Fogo*. O Comandante do grupo estranhou, mas o oficial de artilharia ali em ligação, alfêres Carrusca, da 1.<sup>a</sup> Bateria, insistiu naquele pedido, que logo foi transmitido ao 5.<sup>o</sup> G. B. A., como atrás vimos. Felizmente as baterias do 1.<sup>o</sup> G. B. A., desligadas do Comando, continuaram o fogo.

Durante toda a acção o Comando dêste grupo es-

teve sempre sem comunicação com as suas baterias, tendo retirado às 14 horas para Calonne-sur la Lys.

Na 1.<sup>a</sup> Bateria, silenciosos desde o início os telefones, não deixando o nevoeiro ver os sinais luminosos, que das trincheiras se fizessem, o tenente Mendonça e Pinho ordenou prontamente ao oficial de serviço na posição, alferes Lemos, que fizesse fogo normal de S. O. S. Os oficiais da bateria reuniram-se no abrigo dos telefonistas; mas depois, quando soldados de Infantaria 1 que retiravam da frente começaram a passar junto à posição, espalhando notícias terroristas, Mendonça e Pinho resolveu ir para junto das peças com os seus oficiais, afim de com o exemplo animar as guarnições, um pouco abaladas.

Infelizmente, logo à saída do abrigo dos telefonistas o tenente Pinho foi atingido por uma granada e o seu corpo inanimado, esfacelado, caiu a escorrer sangue, pesadamente, sôbre a passadeira.

Morreu assim em plena glória o tenente Mendonça e Pinho, bravo entre os bravos, cujas nobres qualidades de character os seus amigos lembrarão sempre com saudade. É difficil encontrar exemplo melhor de rectidão, de lealdade, de coragem serena, consciente e modesta. Era estimadíssimo pelos seus soldados e assim, logo que nos abrigos das peças o sargento Batista, enfermeiro da bateria, fez saber tão infausta nova, as guarnições, bem longe de desanimar, aumentaram a velocidade do tiro no desejo legítimo de vingar a morte do seu querido Comandante. Mas logo os oficiais as chamaram à realidade, restabelecendo-se prontamente a regularidade do fogo, para não desperdiçar munições.

Até às 11 h. e 15 m. o fogo foi pode dizer-se ininterrupto e sempre feito para as linhas de S. O. S. nor-

mal. Nenhuma ordem ou informação digna de crédito foi recebida que levasse a variar a alça ou bater outros objectivos. Tinham sido até àquela hora feitos 3000 tiros e estava já esgotada a dotação da bateria.

O remuniamento foi impossível. Atravessando corajosamente as barragens, o 1.º c. c. n.º 581, José Fernandes, foi à bateria comunicar que o inimigo estava bombardeando intensamente o escalão, onde as perdas abundavam entre os homens e o gado.

Não obstante os boatos desmoralizadores espalhados pelos fugitivos das linhas, as guarnições desta bateria sob o exemplo dos seus oficiais mantiveram-se sempre de moral levantado até ao último tiro. Depois, esgotadas as munições e informados de que os alemães se encontravam já perto de Croix Barbée, os oficiais resolveram unanimemente inutilizar o material e retirar com o pessoal para a posição da 2.ª Bateria (silenciosa), onde os seus serviços podiam, julgavam êles, ser ainda aproveitados.

Eram 12 h. As metralhadoras inimigas sentiam-se já crepitar para os lados de Croix Barbée, enquanto a sua artilharia, levantando o tiro, alongava a barragem.

Na retirada foram ainda feridos dois oficiais da bateria, o tenente Ribeiro e o alferes Lemos.

A 2.ª Bateria, a *silenciosa*, como a de FERME DU BOIS, também não foi poupada pela artilharia inimiga.

Devido ao seu minucioso trabalho de preparação, não ignoravam os alemães as posições da nossa artilharia, logo desde o começo todas elas violentamente batidas. Cêrca das 6 h. e 30 m. uma granada atingiu o abrigo das munições desta bateria e produziu as primeiras baixas no seu pessoal.

Vendo o bombardeamento prolongar-se além do natural, o capitão Beleza dos Santos, interrompidas as

ligações telefónicas, procurou obter ordens do Comando do grupo por um ciclista que ali enviou. Pouco depois esta praça regressava sem ter cumprido a sua missão, declarando não ter encontrado já ninguém na casa do Comando, quando na verdade todos os oficiais estavam reunidos no abrigo dos telefonistas, onde se não lembrou de os procurar. Podem imaginar-se as críticas circunstâncias, em que por motivo desta errada informação se viu o capitão Beleza dos Santos.

Tentou ainda obter instruções do C. A. D. mas a ordenança enviada a Lestrem não regressou à posição. Eram já cêrca de 11 h. quando em vista dos informes que lhe davam os fugitivos, decidiu romper o fogo, tomando desde logo por objectivo a *Linha das Aldeias* desde Richebourg St. Vaast à estrada de La Bassée.

Depois de 40 minutos de fogo, informado de que os alemães estavam já próximo retirou, para evitar que as bôcas de fogo caissem nas mãos do inimigo.

Foi a única bateria de toda a artilharia da divisão que se salvou com o material.

A peça anti-tank do comando do aspirante Amado, perto da LORETTO ROAD, cêrca do Comando de Infantaria 11, parece não ter chegado a fazer fogo. A sua guarnição foi surpreendida pelos alemães, por volta das 10 horas, caindo toda prisioneira, à excepção do 1.º cabo Abilio Pereira n.º 372, apontador da secção.

A posição da 3.ª Bateria foi do mesmo modo severamente batida desde o começo, sendo logo atingido o abrigo dos telefonistas por uma granada que causou bastantes baixas.

Supôs de princípio o seu Comandante, tenente Barros Rodrigues, tratar-se de uma represália do inimigo. No entanto, logo que teve conhecimento de que a 1.ª

Bateria estava fazendo o tiro de S. O. S. normal, rompeu também o fogo, sôbre a 1.<sup>a</sup> Linha inimiga com uma moderada velocidade de tiro, prevendo que em virtude da sua situação avançada e da intensidade do fogo inimigo o remuniamento seria difícil, tornando-se necessário por isso poupar munições.

Tentou o tenente Barros Rodrigues estabelecer com ordenanças ligação com o Comando do S. S. I, que protegia, mas foi inútil.

Só mais tarde, quando começaram a aparecer os primeiros fugitivos e com eles o 1.<sup>o</sup> cabo apontador da peça anti-tank, a que acima fizemos referência, soube do ataque e do avanço que já traziam os alemães.

Barros Rodrigues mandou então encurtar o tiro e aumentar a sua velocidade.

Cêrca das 11 h., porém, os chefes de secção avisaram-o de que as munições se tinham acabado.

Na impossibilidade de remuniciar o tenente Rodrigues mandou tirar os goniometros e as culatras ao material, para que o inimigo não pudesse voltar contra nós as nossas próprias bocas de fogo, enquanto procedia, antes de dar ordem para retirar, a uma rápida inspecção aos paioes. Restavam ainda algumas, poucas, granadas; e no legítimo desejo de as despejar todas sôbre o inimigo voltou a mandar pôr os goniometros e restituir as culatras às peças.

O perigo aumentava. No meio do ruido geral da batalha as metralhadoras inimigas sentiam-se já perto. A guarnição da bateria serena, disciplinadamente volta no entanto ao serviço das peças. E o fogo recomeça; e uma a uma as granadas que restavam foram lançadas até à última. E é quando mais tiros não havia para fazer que esta bateria retira pela Oxford Road, depois de inutilizar o material, em boa ordem, os serven-

tes armados com a espingarda e uns vinte cartuchos por praça, transportando ainda na maca um telefonista ferido. Ao passar pelas posições da 1.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> Bafarias já as viram igualmente abandonadas. Foi esta a última bateria a retirar da posição a-pezar-de ser a mais avançada. Eram 11 h. e 30 m. O inimigo estava já em Croix Barbée.

Comandava o escalão o 2.<sup>o</sup> sargento n.º 375, Manuel Gomes de Carvalho, que os seus superiores tinham como praça desembaraçada e corajosa, do que bem deu provas nesta ocasião. Mandou aparelhar e engatar logo no comêço do bombardeamento, afim de prontamente satisfazer qualquer ordem de remuniciar que recebesse.

Como o tempo passasse sem que viessem ordens e a intensidade e a duração do fogo inimigo o levassem a supôr que as comunicações por parte da bateria deviam ser difíceis, procurou êle fazer a ligação, enviando ordenanças à posição que ficava bastante distante, cêrca de 3 quilómetros, que era preciso atravessar sôb um fogo violento.

Perante as hesitações e indecisões de parte dos cabos do escalão resolveu êle próprio dar o exemplo e partir para a posição. Alí recebeu a ordem de remuniciar, mas ao voltar a Les Lobes não encontrou o gado nem o pessoal. Tinham retirado para Paradis S., para fugir ao bombardeamento.

Uma vez lá mandou avançar alguns carros sob o comando do 2.<sup>o</sup> sargento Raul dos Santos que não pôde chegar à bateria. Segundo êste depois informou, uma sentinela inglesa embargou-lhes a passagem na ponte de Vieille Chapelle, não os deixando seguir *por falta de "passe"*! A bateria não pôde por isso remuniciar.

Creemos no entanto que mesmo que tivessem podido aqui passar, o remuniamento seria ainda improvável, dada a distância que havia ainda de Vieille Chapelle à posição. A Wellington Road e a Oxford Road eram batidíssimas, sobretudo nos cruzamentos; a passagem dos peões era já difícil, sendo portanto arriscada e de êxito muito problemático a marcha por elas de uma coluna de viaturas. Só por mero acaso poderia chegar à posição. Não quiz porém o regulamentar "*policemen*," britânico que a Providência fôsse tentada por êste acto de temeridade!

Como a 1.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup>, a 4.<sup>a</sup> Bateria portou-se com igual heroísmo. O 1.<sup>o</sup> G. B. A. ficou bem honrado nêste dia pela forma como todas as suas baterias se comportaram. Os seus Comandantes, capitães Beleza dos Santos, Anacleto dos Santos e tenentes Mendonça e Pinho e Barros Rodrigues nêste dia tumultuoso e difícil bem souberam honrar a arma de artilharia e o exército português.

Logo que de comêço o capitão Anacleto dos Santos notou que todas as comunicações estavam cortadas e que por motivo do nevoeiro lhe seria impossível ver quaisquer sinais feitos das linhas, tomou a iniciativa de executar o fogo de S. O. S. normal, ao mesmo tempo que enviava o aspirante Braulio Pires à 6.<sup>a</sup> Brigada, alí cêrca, pedir esclarecimentos e ordens, que lhe não puderam dar pelo absoluto desconhecimento que igualmente tinham da situação, pedindo apenas que continuasse o fogo de S. O. S.

A posição desta bateria foi desde a primeira hora como as das outras alvo do fogo inimigo. Uma granada feriu os alferes Vilas e Olavo, quando estavam a receber instruções do seu capitão que por acaso ficou ileso.

Não perdeu Anacleto dos Santos o sangue frio com êste contra-tempo que assim logo no comêço da acção lhe punha fora de combate dois dos seus officiaes. Ele próprio se dirigiu sem perda de tempo aos abrigos das peças a dar às guarnições as necessárias ordens. Às 4 h. e 30 a bateria rompeu o fogo de S. O. S., que serenamente foi executando no meio do impiedoso bombardeamento que incidia sôbre a posição. Constantemente entravam dentro dos abrigos os estilhaços das inúmeras granadas que em frente, junto da canhoneira, ou atrás, á entrada, continuamente rebentavam.

Foi assim que um estilhaço de granada atingiu na cabeça o aspirante Braulio Pires, que veio a morrer pouco depois. Além desta havia também já numerosas baixas entre as praças das guarnições.

A ignorância do que se passava, a falta absoluta de ordens e informações, o pesado fogo inimigo sôbre a posição, nada fez desanimar o pessoal da 4.<sup>a</sup> Bateria, que o exemplo do seu Comandante animava e encorajava. Anacleto dos Santos corria de um para outro abrigo com uma energia que nunca desfaleceu, forçado a pensar em tudo e a tudo dirigir directamente.

Manteve constante por ordenanças a ligação com a 6.<sup>a</sup> Brigada e procurou estabelecê-la, mas inutilmente, com o Comando do grupo por praças que não mais regressaram.

A artilharia inimiga batia com fúria, cada vez com mais fúria, esta bateria. Cêrca das 9 h. e 30 m. uma granada caiu no abrigo do 3.<sup>o</sup> obuz, derruindo-o em parte e ferindo toda a guarnição. Por felicidade a boca de fogo ficou intacta, ordenando o Comandante que continuasse a ser utilizada e mandando-a servir por nova guarnição tirada das guarnições dos outros obuzes.

Como as munições começavam escasseando, pelas

9 h. e 35 m. o capitão Anacleto dos Santos enviou ao escalão um ciclista com ordem para se fazer o remuniciamento que, como na 3.<sup>a</sup> Bateria, se não pôde efectuar. De resto, a única estrada que servia a posição, a Wellington Road, estava sendo batidíssima e de tal modo que nalguns pontos se achava intransitável, de tão cortada e esburacada.

De princípio o capitão Anacleto dos Santos não quiz ligar credito ao que os fugitivos lhe contavam á cêrca do ataque. Mas teve de se render à evidência quando o seu subalterno, alferes Carvalhosa, que estava de serviço no observatório de LANSDOWNE, junto do Batalhão de Infantaria 17, chegou à bateria. Exausto pelo intenso esforço feito em atravessar as barragens, atacado de gases, apanhados nessa perigosa travessia, êste oficial ainda teve forças para se arrastar depois até ao Q. G. da 6.<sup>a</sup> B. I. a comunicar que o inimigo tinha penetrado no sector e avançava.

Anacleto dos Santos mandou encurtar o tiro, mas apenas um pouco, com receio de bater ainda quaisquer fracções da nossa infantaria, cuja situação não havia possibilidade de saber com precisão.

Pouco tempo mais, contudo, durou o fogo. Às 11 h. e 30 m., depois de 1300 tiros feitos, a 4.<sup>a</sup> Bateria calava-se, não por extenuamento ou fadiga, a-pesar-de sete horas contínuas de um serviço por demais violento, mas como as outras baterias por falta de munições.

Nos paioes não restava um tiro. Tendo armado os serventes com espingardas e distribuido por êles o respectivo cartuchame, Anacleto dos Santos foi apresentar-se em Les 8 Maisons no Q. G. da 6.<sup>a</sup> B. I., cujo Comandante o aconselhou a marchar com a sua gente para a retaguarda.

*B) — As baterias do 2.º G. B. A.*

Este grupo que protegera o antigo sector de CHAPIGNY estava agora defendendo uma frente que participava dos dois novos sectores de FAUQUISSART e NEUVE CHAPELLE. Comandava-o o major Macedo que tinha o seu posto de comando numa pequena casa na estrada de P.<sup>te</sup> Marais a Riez Bailleul, 300 m. a N. E. de CLIFTON N. POST.

As suas baterias estavam assim situadas da direita para a esquerda:

2.<sup>a</sup> *Bateria* — tenente Martins; em posição 200 m. a N. de HARROW POST. Protegia a frente do antigo CHAPIGNY I.

4.<sup>a</sup> *Bateria* — Bateria de obuzes — capitão Roquette; em posição junto a Pont du Hem, a E. da estrada de La Bassée.

1.<sup>a</sup> *Bateria* — capitão Brandão; em posição imediatamente à retaguarda de LA FLINQUE POST. Protegia a frente do antigo CHAPIGNY II, hoje FAUQUISSART I pouco mais ou menos.

3.<sup>a</sup> *Bateria* — capitão Almiro de Vasconcelos; era a bateria silenciosa. Estava em posição um pouco à retaguarda destas, 400 m. a N. O. de Pont du Hem e junto da estrada de La Bassée.

Da mesma forma que no 1.º G. B. A. as baterias dêste grupo logo que notaram o corte de comunicações telefónicas procederam com igual iniciativa, rompendo dêste a primeira hora o fogo de S. O. S. normal, na certeza de que a infantaria na frente, isolada pelo nevoeiro e pelo silêncio dos telefones, havia de agradecer êste auxílio pronto e animador.

No Comando do grupo as ligações interrompe-

ram-se desde o comêço, excepto com a 4.<sup>a</sup> Bateria, com a qual se mantiveram algum tempo ainda.

No meio do medonho trovejar da artilharia inimiga difficilmente poderia o Comando saber se as suas baterias estavam ou não tambem em acção. Era de supôr que sim. Em circunstâncias muito menos difficéis se habituara a nossa infantaria a recorrer directamente ao auxílio da arma sua irmã, quanto mais agora que tudo parecia vir abaixo sob uma chuva de metralha!

Efectivamente pouco depois das 6 horas recebeu por ordenanças communicações das suas baterias. Todas tinham começado logo o fogo para as linhas de S. O. S. Em resposta o Comando do grupo, aprovando a iniciativa assim tomada, ordena-lhes que continuem o fogo, mas moderando a velocidade de tiro para poupar munições.

Que de facto era de bom senso esta prudente economia de munições, temo-lo visto nos detalhes já dados da acção da artilharia nos dois sectores de FERME DU BOIS e NEUVE CHAPELLE e vê-lo-hemos ainda no sector de FAUQUISSART. A muitas baterias foi impossível remunciar, tendo retirado por falta de munições, quando ainda poderiam continuar eficazmente a fazer fogo.

Durante a noite de 8/9 de Abril fôra a 1.<sup>a</sup> Bateria bastante incomodada pelo inimigo que desde as 20 h. e 35 m. de 8 a começou a castigar com rajadas intermitentes de quarto em quarto de hora. Êste fogo terminou à 1 h. de 9. E, quando todos julgavam emfim poder entregar-se a um repouso bem ganho, eis que de novo, mas mais intensa, às 4 h. 15 m. a trovoadá recommença.

Meia hora esteve esta bateria à espera de ordens

ou comunicações. Como não viessem, às 4 h. e 45 m. começou o fogo de S. O. S. que depois foi contínuo.

Cêrca das 9 h. principiaram a passar pela posição os primeiros fugitivos vindos da frente. Por eles soube o capitão Brandão do forte ataque que o inimigo estava desenvolvendo. Um alferes de infantaria 2 do S. S. II de NEUVÉ CHAPELLE pede-lhe fogo de S. O. S. De ha muito que a bateria o estava executando, mas perante a situação aflitiva da infantaria, o capitão Brandão resolveu acelerar o tiro, dando-lhe a máxíma velocidade.

Perto das 10 h. passava pela posição desta bateria o capitão Queiroz, de Infantaria 20 (S. S. I de FAUQUISSART), a caminho de Lestrem.

Por êle conheceu o capitão Brandão a força e a intensidade do ataque. O inimigo penetrara em FAUQUISSART, aniquilando ou aprisionando as guarnições das trincheiras. A sua frente de ataque ultrapassava já a *Linha "B"*; em breve chegaria à posição da bateria. Em vista disto resolveu encurtar o tiro não sôbre a VILLAGE LINE, como o capitão Queiroz lhe indicara, mas sôbre a 2.<sup>a</sup> Linha. Por pouco tempo mais pôde continuar o fogo. Às 10 h. e 45 m., julgando insustentável a sua posição e não podendo por falta de atrelagem retirar o material, mandou inutilizar as bôcas de fogo, retirando depois com o pessoal.

Esta bateria conseguiu remunciar às 8 h. e 15 m.

A 2.<sup>a</sup> Bateria rompeu o fogo de S. O. S. logo às 4 h. e 55 m. Conseguiu remunciar às 8 h., continuando ininterruptamente o fogo até ás 11 h. e 45 m.

As várias praças que ao retirar das linhas passavam pela posição tinham-lhe dado as primeiras más notícias sôbre o avanço inimigo, a que não ligara crédito, mas a esta hora começavam a sentir-se perto já da posição as metralhadoras alemãs.

Na 3.<sup>a</sup> Bateria (silenciosa) o capitão Almiro abriu fogo de S. O. S. normal sob a sua responsabilidade às 4. e 30 m, aproximadamente, depois de se certificar que lhe era impossível obter do C. A. D. ou do Comando do grupo a necessária autorização por motivo da interrupção das ligações que se deu logo no princípio do bombardeamento. Apenas subsistiram ainda durante algum tempo as ligações com a 2.<sup>a</sup> Bateria do 2.<sup>o</sup> G. B. A. e com a 1.<sup>a</sup> do 6.<sup>o</sup> G. B. A., o que nada adiantava, porque pelo seu lado estas baterias estavam também isoladas.

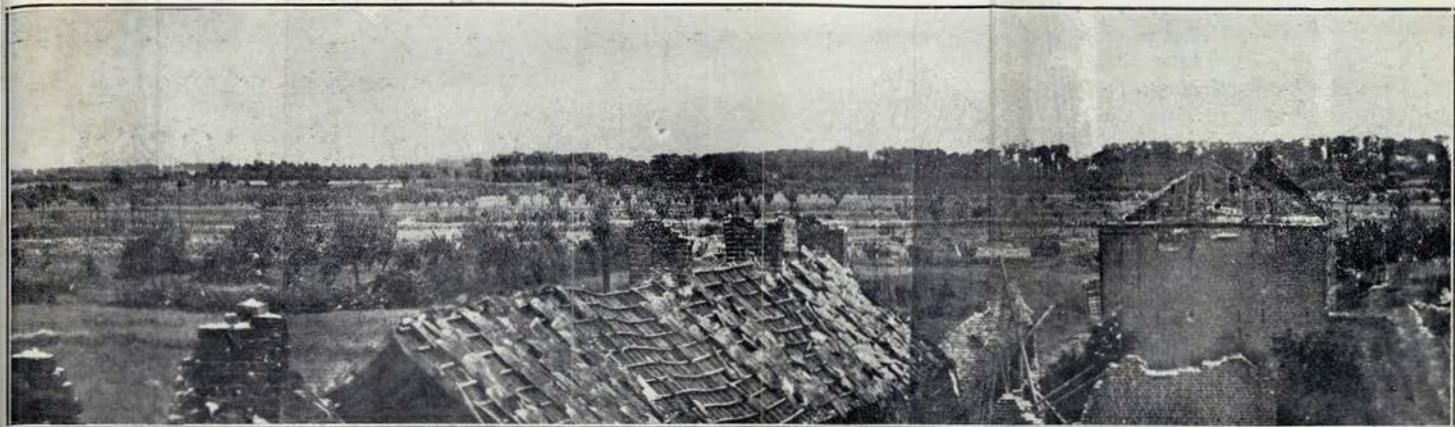
A 3.<sup>a</sup> Bateria foi muito batida pelo fogo inimigo. A sua posição era um campo raso sem abrigos blindados a proteger as peças, onde as guarnições faziam fogo inteiramente a descoberto. Não obstante, todos trabalharam com serenidade e coragem até final.

Pelas 8 h. e 30 m. uma ordenança saiu para o Comando do grupo com uma nota, comunicando a situação da bateria; outra foi ao escalão levar a ordem para se fazer o remuniciamento. Na posição havia munições apenas para uma hora e meia.

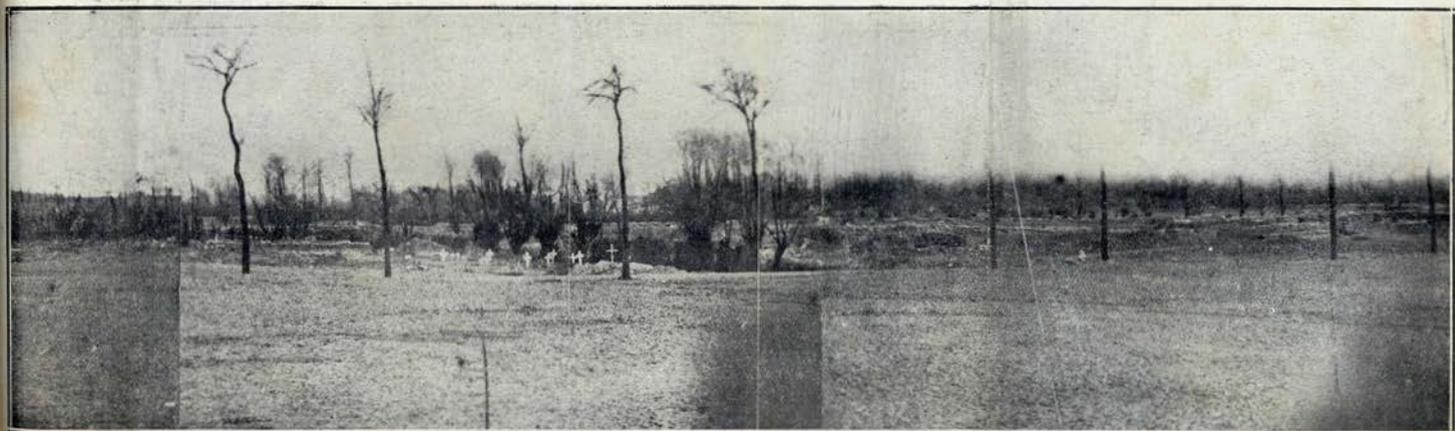
Depois das 9 h. Almiro começou a notar enfraquecimento no fogo da nossa artilharia. Ali ao pé uma bateria de artilharia pesada inglesa depois de um numero insignificante de tiros tinha-se calado já. As nossas pareciam igualmente ter sido reduzidas ao silêncio.

Pelas 9 h. e meia apareceram os carros de remuniciamento, comandados pelo sargento Gonçalves, que com dificuldade tinha conseguido chegar à posição. Dos oito carros que tinham vindo do escalão, um havia ficado pelo caminho, atingido por uma granada.

O trasbordo das munições foi feito com uma regularidade modelar a-pesar do intenso bombardea-



Um trecho das 1.<sup>as</sup> Linhas de FAUQUISSART.



Um trecho das 1.<sup>as</sup> Linhas em NEUVE CHAPELLE.

mento, que vitimou nesta ocasião dois soldados e um 1.º cabo conductor.

Assim remuniciada, a bateria continuou o fogo como anteriormente. Só pelas 10 h, lhe chegou a comunicação do Comando do grupo, em que lhe mandava que fizesse o tiro com velocidade reduzida.

Logo depois, começaram a ouvir-se tiros de espingarda isolados e rajadas intermitentes de metralhadoras que se sentiam aproximar a pouco e pouco.

O alferes Araujo partiu cêrca das 11 h. para o Comando do grupo com a indicação de que a situação da bateria era já insustentavel e pedindo ordens.

Assim ficou o capitão Almiro apenas com o outro subalerno que lhe restava.<sup>(1)</sup>

Já passava das 11 horas, quando uma granada alemã, caindo perto, atingiu o Comandante da bateria com um estilhaço na coxa esquerda que lhe produziu um ferimento de gravidade. A situação era já então muito difícil e o capitão Almiro vendo-se inutilizado e sem oficiais, deu ordem às guarnições para inutilizar o material e retirar.

Foi a tempo. Sairam da posição já sob o fogo do inimigo que tinha assestado duas metralhadoras, uma na estrada junto à casa do *mess*, outra em cima do abrigo dos telefonistas, não tendo felizmente havido baixas nesta arriscada retirada.

O grave ferimento que recebera impedia Almiro de Vasconcelos de marchar. Foi-lhe precisa muita energia e força de vontade, para assim se arrastar a pé durante

---

(1) — A bateria devia ter sete subalternos além do seu capitão; mas nesta ocasião só tinha quatro: — dois na posição, os alferes Menezes Torres e Ferreira de Araujo, um em serviço de ligação com a Infantaria, o tenente Alvarenga, e o outro no observatório.

horas até encontrar a primeira ambulância, que o recolheu.

Na 4.<sup>a</sup> Bateria (obuzes) logo pelas 4. h. e 30. m. o bombardeamento inimigo inutilizou uma bôca de fogo. A-pesar dêste contratempo continuou o fogo de S. O. S. com os restantes obuzes até às 10 h..

A essa hora, tendo-se-lhe acabado as munições e não tendo conseguido fazer o remuniamento da bateria, mandou retirar.

## CAPÍTULO VIII

### Sector III — FAUQUISSART

- 1.º — A 4.ª B. I. no sector de FAUQUISSART.
- 2.º — O ataque no S. S. I.
- 3.º — O ataque no S. S. II.
- 4.º — A acção do Apoio e da Reserva do sector.
- 5.º — A resistência na RED HOUSE.
- 6.º — Em Lavantie. No Q. G. da Brigada.
- 7.º — A última resistência.
- 8.º — A artilharia do sector.

Section III - FUNDING

1. The first source of funding is...
2. The second source of funding is...
3. The third source of funding is...
4. The fourth source of funding is...
5. The fifth source of funding is...
6. The sixth source of funding is...
7. The seventh source of funding is...
8. The eighth source of funding is...

---

1.º — A 4.ª B. I. no sector de FAUQUISSART.

Desde 7 de Fevereiro de 1918 estava guarnecendo este sector a 4.ª Brigada de Infantaria, correntemente chamada a "Brigada do Minho," (todos os seus batalhões eram da provincia do Minho), cooperando com ela na defesa o 6.º G. B. A., o 4.º G. M. e a 4.ª B. M. M.

Comandava então esta brigada o tenente-coronel Eugénio Carlos Mardel Ferreira, no impedimento do coronel Adolfo de Almeida Barbosa, que estava interinamente comandando a 1.ª Divisão.

Os seus batalhões eram assim distribuidos:

*Bat. de Inf. n.º 20* — Comandante: capitão Montenegro Carneiro; posto de comando em TEMPLE BAR; guarnecia o S. S. I desde CHA-PIGNY FARM a Rue Masselot, com três companhias em 1.ª linha e uma em apoio.

*Bat. de Inf. n.º 8* — Comandante: major Anibal de Montalvão; posto de comando em HYDE PARK; guarnecia o S. S. II desde Rue Masselot a BOND STREET, igualmente com três companhias em 1.ª linha e uma em apoio.

*Bat. de Inf. n.º 29* — Comandante: major Xavier da Costa; posto de comando em RED HOUSE; era o apoio do sector, tendo as suas companhias distribuidas pelos postos da *Linha "C"*: — ROAD BEND, WANGERIE, LONELY, MASSELOT, HOUGOMONT e PICANTIN.

*Bat. de Inf. n.º 3* — Comandante: capitão Augusto do Vale; posto de comando em Lavantie; era a reserva do sector

Os parques das unidades da brigada achavam-se concentrados em Pont Riqueul, bastante à retaguarda. Quartel General da Brigada em Lavantie.

De todas as brigadas da 2.<sup>a</sup> Divisão era a 4.<sup>a</sup> B. I. a que mais exausta e cansada se encontrava pela longa permanência nas trincheiras.

Seguira para a frente em 21 de Julho de 1917 para instrução em sectores ingleses, guarnecera o sector de FERME DU BOIS com responsabilidade de defesa em 22 de Setembro, ainda antes da 2.<sup>a</sup> Divisão entrar em linha, e desde 7 de Fevereiro que guarnecia FAUQUISSART.

Vimos atrás como o agitado mês de Março a tinha deixado completamente esgotada, a ponto de o Sr. Tenente-General Haking, Comandante do XI Corpo, declarar na conferência de Lestrem do dia 7 que seria a primeira brigada a ser rendida.

A insubordinação da 2.<sup>a</sup> Brigada tinha porêem impedido, como vimos, a sua rendição e, devido à remodelação da frente portuguesa, recebera ainda ordem de estender na noite de 6/7 de Abril a frente do seu sector mais cêrca de 500 m. para a direita pela supressão do sector de CHAPIGNY.

O Comandante do XI Corpo, pedindo-lhe mais um pouco de sacrifício, prometera no entanto manda-la desde já reforçar em oficiais e em 300 praças por batalhão. Efectivamente era grande a deficiência de efectivos nesta brigada, onde faltavam à data de 9 de Abril cêrca de 51 oficiais, 1300 praças e 85 solípedes. Como efectivos de combate as companhias tinham uma média de 70 a 80 espingardas. No Batalhão de Infantaria n.º 20, a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> companhias contavam 68 espingardas cada uma, a 3.<sup>a</sup> apenas 66, a 4.<sup>a</sup> 83. Ao todo 285!

Com os efectivos assim reduzidos para um tão grande desenvolvimento de frente (cêrca de 3.200 metros) e por motivo dos constantes alarmes do mês de Março, era costume reforçar, especialmente de noite, desde o "*a postos*," da tarde ao da manhã as companhias em primeira linha por companhias do Apoio e da Reserva.

A reserva do sector que normalmente era constituída por um batalhão e mais uma companhia ficava de facto reduzida por êsse motivo a duas companhias apenas.

Foi pois nestas condições morais e materiais que a 4.<sup>a</sup> B. I., a heroica "*Brigada do Minho*," teve que suportar o choque das massas de ataque.

Veremos no decorrer da acção nêste sector como o bom soldado do Minho soube ainda ir buscar ao seu patriotismo as últimas reservas de vigor e energia que lhe foram pedidas.

As outras brigadas de 1.<sup>a</sup> linha da divisão entregaram-se resignadamente ao sacrifício. Esta, não obstante a maior fadiga e depauperamento teve ainda forças para resistir como unidade de batalha em acção de conjunto.

---

2.º — O ataque no S. S. I.

O dispositivo das companhias que guarneciam êste S. S. I era o seguinte:

*Linha "A" — Na direita* — 2.ª companhia (alferes miliciano Augusto Alves), de CHAPIGNY FARM a ELGIN STREET.

*No centro* — 4.ª companhia (alferes Vieira de Andrade), de ELGIN STREET a WANGERIE, organizada em dois pelotões e uma secção, destinada a reforçar durante a noite os postos de reconhecimento. Além das suas três metralhadoras esta companhia tinha mais uma e a respectiva guarnição pertencente à formação do Comando do batalhão.

*Na esquerda* — 1.ª companhia (capitão Cerqueira de Queiroz), de WANGERIE a HAN-GMAN'S AV., que tinha os seus pelotões assim distribuídos: o 2.º na direita, o 3.º na esquerda, o 1.º em apoio imediato com um pequeno refôrço vindo da companhia de apoio, destinado aos dois postos de MASSELOT STREET.

*Linha "B" — em apoio imediato à guarnição da 1.ª linha* — a 3.ª companhia (alferes Januario de Souza reforçada com a 2.ª companhia de Infantaria 29, vinda em 8 à noite (alferes José Pereira): o 1.º pelotão desde Rue Masselot a MASSELOT STREET, o 3.º pelotão desde aqui a FAUQUISSART ROAD e o 2.º pelotão desde a ERITH a ELGIN STREET.

Contra o determinado no plano de defesa, FAU-QUISSART POST não estava guarnecido por falta de pessoal.

Os abrigos do Comando da companhia da direita (2.<sup>a</sup>) foram logo às 4 h. e 15 m. atingidos pelo bombardeamento, tendo caído um morteiro pesado no próprio abrigo do telefone, aniquilando todo o pessoal que lá estava e destruindo as ligações e depois um outro no abrigo que servia de secretaria que ficou totalmente destruído, havendo feridos e mortos. As praças do Comando refugiaram-se no ERITH POST.

Uma hora depois na companhia do centro (4.<sup>a</sup>) sucedia o mesmo. Os abrigos do Comando, cozinhas e estação telefónica já cêrca das 5 h. e 15 m. não eram mais que montões de terra revolvida.

As companhias de 1.<sup>a</sup> linha pediram S. O. S., a 4.<sup>a</sup> e a 1.<sup>a</sup> pelo telefone, a 2.<sup>a</sup> por foguetões.

O capitão Montenegro Carneiro pôs logo o ajudante da brigada, capitão Narchial Franco, ao corrente da situação, rogando-lhe que fizesse chegar urgentemente à artilharia o pedido de S. O. S., visto que estava já interrompida a ligação telefónica do batalhão com a bateria de protecção.

Por seu lado mandou lançar 25 foguetões iluminantes em dois pontos diferentes, no posto de Comando e na Rue du Bacquerot, tentando ainda o emprego da lanterna de sinais. Mas o cerrado nevoeiro parecia tornar inúteis essas tentativas. As companhias em 1.<sup>a</sup> linha começavam já a desesperar; instavam pelo fogo de S. O. S.

Foi cêrca das 5 horas que a infantaria começou a sentir o fogo da artilharia portuguesa, parecendo-lhe porém, tão fraco e inoperante que o capitão Montenegro de novo pelo telefone comunicava para Lavantie

que as companhias se queixavam dolorosamente do fraco apoio da nossa artilharia e que convinha que o S. O. S. fôsse mais enérgico, para lhes dar mais confiança e que seria vantajoso que a artilharia pesada fizesse também fogo.

Pouco depois, às 6 horas, a ligação telefónica com a Brigada estava também interrompida.

Por felicidade tinha sido aumentado no dia anterior o número de ciclistas do Comando, podendo assim o capitão Montenegro manter as suas ligações com a Brigada e Batalhão de Apoio até final.

Compreendendo como era difícil a situação das fracções da *Linha "A"* sôb um fogo tão violento, sujeitas ao risco de ficarem submergidas por qualquer ataque, deficientes como eram os seus efectivos e difíceis as ligações, o Comando do batalhão deu instruções às companhias para que evacuassem a 1.<sup>a</sup> linha, logo que alí se não podessem sustentar, lembrando-lhes que havia ordem formal de não retirar da *"Linha B"*, devendo alí resistir a todo o transe e reocupar a *"Linha A"*, se abrandasse o bombardeamento.

Cêrca das 5 horas e 30 estava evacuada a *Linha "A"* pela companhia do centro (4.<sup>a</sup>). O Comandante da companhia da direita (2.<sup>a</sup>) tinha retirado já um pouco antes para a *Linha "B"*, forçado pelo fogo preciso da artilharia inimiga, com todas as praças que havia podido congregiar e com as quais se foi juntar ao reduzido pelotão da 2.<sup>a</sup> companhia do 29 que guarnecia a *Linha "B"* entre a ERITH e a ELGIN STREET.

Ao contrario da 4.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup> companhias, a companhia da esquerda (1.<sup>a</sup>) manteve-se na *Linha "A"* até bastante mais tarde. Esta companhia conservou até final a sua frente, guardando heroicamente os parapeitos desmantelados, a-pesar-de saber que na direita tinha sido

evacuada a *Linha Avançada* e não obstante as praças que, sôbre ela, dos flancos convergiam, desorientadas, perdidas, dizendo umas, as da direita, que as tinham mandado retirar, as da esquerda que lhes haviam dito que a nossa artilharia ía começar a bater a 1.<sup>a</sup> Linha.

Submetidas assim a um bombardeamento furioso, isoladas, sentindo-se fracamente apoiadas pela artilharia, as fracções de 1.<sup>a</sup> linha desta companhia, assim como os elementos da 2.<sup>a</sup>, que já não puderam retirar com o seu Comandante para a *Linha "B"*, lá ficaram, e ali foram depois preza do inimigo os que não ficaram enterrados nas covas profundas que as gránadas e morteiros abriam no solo revolvido, covas, que se tornavam assim sepulturas, logo cobertas pela terra projetada por outras granadas que ao lado caíam, desaparecendo os cadáveres sôb a terra em revolução.

Sôb tal chuva de projéteis as ligações por estafetas tornavam-se difíceis.

De seis que da 4.<sup>a</sup> companhia saíram para TEMPLE BAR em serviço de ligação apenas dois regressaram. Os restantes foram mortos pelo caminho.

As metralhadoras desta companhia foram todas inutilizadas pelo fogo inimigo, morrendo onze praças das suas guarnições, entre elas o 2.<sup>o</sup> sargento Francisco Mendes.

Às 6 h. e 30 m. estavam também já feridos o alferes Serafim Rodrigues, comandante de um pelotão da 1.<sup>a</sup> companhia, e o aspirante a oficial Marinho Pinto da 2.<sup>a</sup> companhia que veio a morrer depois.

Cêrca das 7 h. a barragem tornava-se especialmente insistente sôbre a *Linha "B"*.

Uma granada inimiga rebentando no parapeito da

trincheira deixa quasi soterrado o Comandante da companhia de apoio (3.<sup>a</sup>), alferes Januário Lopes de Sousa, valendo-lhe uma praça, que o ajudou a safar-se.

Acocoradas nas banquetas, as praças que guardavam esta linha esperavam que a barragem passasse, para de novo voltarem ao parapeito. Bastantes ali tiveram morte e sepultura immediata sob a terra que as granadas arrancavam dos parapeitos demolidos.

Às 7 h. ainda nenhuma tentativa de ataque se tinha pronunciado da parte do inimigo. No entanto o comandante da 4.<sup>a</sup> companhia, prevendo qualquer ataque enviou a TEMPLE BAR um despacho em duplicado pelo 2.<sup>o</sup> sargento Ramos Pinheiro e pelo soldado n.<sup>o</sup> 573, António Pinto, pedindo immediatos reforços.

Por seu lado o capitão Montenegro Carneiro já tinha mandado seguir para os flancos do sub-sector a 2.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 29 e a 3.<sup>a</sup> de Infantaria 3, pertencentes às tropas do Apoio, ordens que foram depois confirmadas pelo Comandante dêste, major Xavier da Costa.

Estas companhias não chegaram porém à *Linha "B"* pela impossibilidade de atravessar a barragem intensíssima que caía sobre as trincheiras de comunicação. Da 1.<sup>a</sup> apenas alguns soldados se apresentaram na *Linha "B"*, tendo sido mortos quasi todos os seus officiais e dispersas as praças ao entrar na MASSELOT STREET, como adeante veremos.

Os primeiros alvares da madrugada começavam já a querer romper através do nevoeiro, mas êste continuava ainda suficientemente denso para limitar a visão a poucos passos de distancia, quando tanta necessidade havia de ver o que se passava por detrás daquela

cortina de um pardacento irritante, ao mesmo tempo impalpável como o ar e pesada e inamovível como uma massa de chumbo.

Com excepção das fracções avançadas da 1.<sup>a</sup> companhia e dos elementos da 2.<sup>a</sup>, que não tinham podido retirar para a *Linha "B"* com o seu Comandante, todas as mais tropas de Infantaria 20 guarneciam já esta linha de mistura com as fracções, que tinham vindo do Apoio.

Na direita, desde a ERITH à ELGIN, estava um pelotão da 2.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 29, desde a ELGIN à Fauquissart Road a 3.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 20, e daqui até Rue Masselot os restantes dois pelotões da 2.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 29, aos quais se tinham juntado elementos da 4.<sup>a</sup> companhia, que haviam evacuado a *Linha "A"*.

Cêrca das 7 h. e 30 m. teve o Comando do 20 um primeiro alarme de ataque por uma comunicação do major Xavier da Costa na qual lhe dizia que os alemães haviam penetrado já no sub-sector da esquerda, que guarnecia Infantaria 8. Das linhas, porém, o Comandante da 1.<sup>a</sup> companhia, capitão Queiroz, informava-o pelo telefone que a companhia da direita do S. S. II sómente evacuara a 1.<sup>a</sup> Linha vindo para a *Linha "B"*. Eram esses os informes que lhe davam as praças do 8 que, fugindo ao bombardeamento, convergiam sobre a companhia.

Os relatórios dos oficiais em 1.<sup>a</sup> linha são bastante divergentes quanto à hora exacta do ataque. Sabemos hoje que foi já bastante depois das 8 h. que os alemães atacaram.

O nevoeiro intenso não deixava avaliar bem as massas de ataque; mas o ruído das suas metralhadoras e a barragem que se levantava, para se fixar mais adiante,

deixava perceber perfeitamente aos nossos que o inimigo atacava e progredia.

A 1.<sup>a</sup> companhia tinha o 2.<sup>o</sup> pelotão na direita, o 3.<sup>o</sup> na esquerda e o 1.<sup>o</sup> em apoio imediato. O alferes Rodrigues do 2.<sup>o</sup> pelotão achava-se nessa ocasião gravemente ferido e tinha seguido já para a retaguarda para a Rue du Bacquerot.

O Comandante da companhia, atingido também no pescoço por um estilhaço de granada, foi também a caminho de TEMPLE BAR.

Ao ataque responderam os pelotões da 1.<sup>a</sup> companhia, como puderam, com fogo de metralhadoras Lewis e de espingarda. Esta fuzilaria chegou a atingir uma certa intensidade, mas pouco tempo durou, de tal modo estavam reduzidos os nossos pequenos postos de 1.<sup>a</sup> linha.

Segundo nos informou depois um sargento desta companhia, os alemães faziam sobretudo fogo de metralhadoras, devendo trazer muitas nos seus grupos avançados. Com contínuas rajadas de metralhadora razavam os parapeitos, impedindo que os nossos levantassem a cabeça. O alferes Rangel do 3.<sup>o</sup> pelotão conseguiu ainda retirar sobre a *Linha "B"* com 12 homens apenas, sob a proteção da metralhadora única que lhe restava e que pouco depois foi igualmente perdida por terem sido mortos os dois serventes que a conduziam.

Emquanto isto se passava na frente, na *Linha "A"*, as forças que guarneciam a *Linha "B"*, apesar de submetidas a um intenso bombardeamento, faziam fogo com determinação, mas às cegas, para o terreno em frente, onde as metralhadoras alemãs se sentiam, sem que o nevoeiro deixasse ainda descortinar e precisar bem a força do ataque.

Pouco tempo ali se puderam sustentar.

A barragem poderosa, o nevoeiro irritante, a desmoralização natural destes momentos, o reduzido efectivo das fracções que defendiam esta linha, a falta de reforços, que não chegavam a vir, ordenanças que se mandavam à retaguarda e que não voltavam, a retirada da 1.<sup>a</sup> linha de soldados que fugiam ao inimigo, tudo contribuía para que a resistência nesta 2.<sup>a</sup> linha fôsse de curta duração.

Ao flanco direito chegam soldados, fugindo da frente que dizem que o inimigo estava já da posse do ERITH POST. O alferes Alves da 2.<sup>a</sup> companhia retira, julgando inútil resistir mais.

No flanco esquerdo, quando os restos do 3.<sup>o</sup> pelotão da 1.<sup>a</sup> companhia, que retiram da *Linha "A"* agrupados em volta do alferes Francisco de Rangel, chegam à *Linha "B"* junto à Rue Masselot, já os fogos das metralhadoras alemãs a enfiavam da esquerda.

Cêrca das 9 h. a artilharia inimiga que até então insistira sobre a *Linha "B"* alonga o tiro, levantando a barragem. E, logo depois, grupos de alemães assaltam os entrenchamentos desta Linha, aprisionando a maioria das tropas de Infantaria 20 e também toda a 4.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 29, cujo comandante, alferes José Pereira, ali encontrou a morte. O pelotão do alferes Rangel conseguiu ainda escapar-se ao longo da Rue Masselot. FAUQUISSART I caiu assim em poder do inimigo.

Vimos como, bastante cedo, vendo a situação complicar-se, o capitão Montenegro Carneiro tomou a iniciativa de dar directamente ordem de avançar à 1.<sup>a</sup> companhia de Inf. 29, que guarnecia os postos da *Linha "C"*, ROAD BEND, LONELY, WANGERIE, o que logo comunicou para RED HOUSE, pedindo ainda ao major Xavier da Costa que lhe mandasse avançar mais

uma companhia para o centro do sub-sector, pedido que êste despachou, mandando seguir dois pelotões da 3.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 3, que na *Linha "C"* guardava os postos MASSELOT e HOUGOMONT.

O Comandante do 20 teve bastante cedo a noção da gravidade da situação, porque logo depois daquelle primeiro pedido de reforços expediu esta nova nota:

“URGENTE”

Ao Batalhão de Infantaria 29

Peço mande avançar dois pelotões para a *Linha "B"* deste S. S. (para a direita) pela ELGIN.

I. N. F.

M. Carneiro, capitão.

Montenegro, que nas ocasiões mais críticas sabia conservar sempre o seu bom humor, escrevia no mesmo papel, em que fazia o pedido, esta nota joco-séria em estilo familiar:

N. B. — Continua a *feita* e não tenho informações, além de ter já pedido que mandasses uma companhia. Chegaste a manda-la?”

A *feita* continuava com efeito e uma *feita* bem rija, onde não faltava espécie nenhuma de instrumental desde o pequeno projectil sibilante da espingarda vulgar à granada monstra, que caía lá para a retaguarda, destinada aos Quartéis Gerais, passando pelos projecteis médios que revolviam os entrincheiramentos e achatavam os abrigos ou acabavam de fazer ir ao chão a casaria semi-destruída, onde encontravam abrigo as tropas de artilharia e as reservas de infantaria.

A *feita* continuava e o peor era não haver informações, porque do lado de lá os *festeiros* um tanto brutalmente impedião que do lado de cá, os nossos, os



Linhas alemãs em frente de FAUQUISSART.

*festejados*, comunicassem facilmente uns aos outros as impressões da *festa*, matando-lhes os estafetas pelos campos e interceptando os caminhos com aquelas infernais barragens. E o fogo violento, insistente, interminável, parecia não ter fim.

Eram 6 h., bastante tempo ainda antes da hora do ataque, quando o major Xavier da Costa satisfez este último pedido de reforço, enviando o restante pelotão da 1.<sup>a</sup> e o 2.<sup>o</sup> da 4.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 29.

As barragens inimigas impediram que chegasse às linhas uma quantidade apreciável destes reforços.

Veremos ao tratar do batalhão de apoio, como foi inútil e contraproducente o envio sucessivo das fracções do Apoio para a *Linha "B"*, onde, misturando-se com os elementos das companhias da frente, ficaram desde logo sujeitas à desmoralização de que eram já vítimas as tropas de 1.<sup>a</sup> Linha.

O reforçamento intermitente das guarnições dos sub-sectores pelos pelotões das companhias de apoio e de reserva em breve redundou em mistura inorgânica. Estas fracções de reforço inutilizaram-se, dissolvidas no amálgama geral, e, com excepção do núcleo de resistência que se formou na RED HOUSE, o inimigo veio encontrar o campo livre para cá da *Linha "B"* até aos postos da *Linha do Corpo*, onde se foi chocar já com tropas inglesas.

Cêrca das 8 h. e 15 m. chegava à Rue du Bacquet, junto a TEMPLE BAR, um pelotão de Infantaria 8, que tinha retirado da 1.<sup>a</sup> Linha e que o capitão Montenegro fez seguir para o posto MASSELOT com bastante dificuldade, porque naquela ocasião estava o fogo inimigo incidindo com violência sôbre esta zona e os soldados vinham bastante desmoralizados.

Às 8 h. 45 m. aparecia em TEMPLE BAR, ferido,

o Comandante da 1.<sup>a</sup> companhia, informando que os alemães se haviam já apoderado das primeiras linhas, invadindo o sector e tendo aniquilado as nossas guarnições. Estando a *Linha "C"* desguarnecida, os alemães depressa chegariam a TEMPLE BAR.

A-pesar disto não quiz o capitão Montenegro retirar, sem para isso receber ordem e com êle concordaram unânimeamente todos os oficiais do Comando cujas opiniões ouviu, reunindo-os no abrigo que servia de secretaria.

Expediu logo para Lavantie para o Q. G. da brigada uma nota com as informações recebidas, escrevendo no fim "*espero ordens*". Ao mesmo tempo fazia seguir o oficial ferido para a retaguarda e mandava destruir os papeis e mais documentação confidencial pertencente ao Comando.

Os alemães tinham no entretanto acabado de varrer as guarnições da *Linha "B"* e dos postos da Linha de Reserva. As suas metralhadoras começavam a sentir-se perto.

O Comandante do 20 mandou ainda pôr em posição a única metralhadora de que alí dispunha. Era porém já tarde e não chegou a fazer um único tiro.

Um clamor de vozes se levantou, de que estavam cercados. E estavam.

Soldados alemães de baioneta calada apareceram à entrada dos abrigos. "*Heraus! Heraus! Prisonnier!*"

Eram cêrca de 9 h. e 30 m.

---

3.º — O ataque no S. S. II

Guarnecia êste sub-sector o Batalhão de Infantaria 8, que, contando apenas cêrca de 500 espingardas na linha, tinha sido, como o batalhão do S. S. I, reforçado às 21 horas da véspera com uma companhia de Infantaria 29.

As suas companhias estavam assim distribuidas:

*Linha "A" — Na direita* — 1.ª companhia (capitão Viriato Garcia) desde Rue Masselot a ROTTEN ROW com dois pelotões na frente e um em apoio, êste na força apenas de 30 homens, guarnecendo a ROTTEN ROW.

*No centro* — 4.ª companhia (alferes Nunes de Carvalho) desde a ROTTEN ROW a SUTHERLAND AV. com dois pelotões na frente e um em apoio à direita do "decauville".

*Na esquerda* — 3.ª companhia (capitão Villa-Chã Rodrigues) desde a SUTHERLAND AV. à BOND ST. com dois pelotões na frente e um em apoio, em A. I. POST e FLANK POST.

*Linha "B"* — Em apoio das companhias de 1.ª linha: — a 2.ª companhia (alferes Loureiro) à direita do "decauville", um pelotão desde Rue Masselot a ROTTEN ROW, um pelotão desde RIFLEMAN'S a SUTHERLAND AV., o outro pelotão desde PICANTIN AV. a BOND STREET; e como refôrço no flanco direito do sub-sector a 3.ª companhia de Infantaria 29 (capitão Costa e Almeida).

Logo de princípio o Comando dêste batalhão (em HYDE PARK), ficou isolado do Comando da brigada e viu também interrompidas as suas comunicações com a esquerda do sub-sector (3.<sup>a</sup> companhia).

Do centro (4.<sup>a</sup> companhia) anunciaram patrulhas inimigas em frente da 1.<sup>a</sup> Linha e pediram S. O. S., que a bateria de apoio satisfizesse imediatamente.

Foi a tempo ainda, porque logo depois o telefone deixava de funcionar para a artilharia.

Houve que lançar mão de estafetas para levar comunicações aos Comandos da artilharia e da brigada, visto que não se podia crer que da retaguarda fôsem percebidos os sinais luminosos através do cerrado nevoeiro. Só um dos estafetas enviados foi e voltou a custo, tendo-se servido dos drenos cheios de água como trincheiras de comunicação.

Às 6 horas e meia e sob a pressão do bombardeamento a 1.<sup>a</sup> companhia evacuou a *Linha "A"*, tendo parte dela ido para o flanco direito, parte para o esquerdo da *Linha de Suporte*. A companhia do centro executou depois o mesmo movimento. Era em verdade insustentável a situação na *Linha Avançada*.

O Comandante do batalhão deu pelo telefone a necessária autorização, determinando simultaneamente, que os morteiros e metralhadoras pesadas abrissem fogo sobre a nossa 1.<sup>a</sup> Linha, abandonada.

O bombardeamento, que tinha abrandado um tanto, recrudescceu depois das 8 h. com uma violência estranha. Aproximava-se a hora do assalto, que o inimigo fazia preceder com a necessária barragem, para interceptar a entrada nas linhas a quaisquer tropas de reforço.

HYDE PARK e os abrigos do posto de Comando eram especialmente visados. O cheiro característico do

gaz de granada começou a desenvolver-se, obrigando todos a fazer uso da mascara.

Em vista da situação e como a nossa artilharia parece ter afrouxado pediu-se por meio do oficial inglês de ligação o apoio da artilharia e metralhadoras do sector inglês visinho.

Cêrca das 8 h. e 30 m. chegava de refôrço a HYDE PARK o 1.º pelotão da 4.ª companhia do 3, que foi mandado apresentar ao Comandante da 3.ª companhia (esquerda). Desta companhia nada se sabia em HYDE PARK; mas alí como nas outras companhias foi também, se bem que mais tarde, evacuada a 1.ª Linha.

Até então as companhias de 1.ª linha ainda não tinham dado sinal da aproximação do inimigo.

Pouco mais ou menos a essa hora chegava alí o alferes Malheiro da 3.ª companhia que tinha sido ferido e gazeado, quando retirava da 1.ª Linha e se dirigia para o A. I. POST na extrema esquerda do sector.

As ligações com a companhia da direita, que se tinham mantido até alí, foram então interrompidas e o capitão Viriato Garcia tentou restabelecer a ligação, enviando duas ordenanças ao Comando do batalhão.

Estas ordenanças voltaram um quarto de hora depois, dizendo ser impossível passar na Rue Tilleloy por o inimigo a estar batendo com tiros de metralhadora, afirmando mesmo terem visto soldados alemães em direcção de HYDE PARK.

Sugestão? Confusão com soldados nossos que fugissem, cujos fardamentos cinzentos naquela manhã de nevoeiro eram terrivelmente semelhantes aos "*Feldgrau*" dos nossos inimigos? Impossível sabe-lo.

Afirmam alguns ter visto avançar os alemães do flanco esquerdo (sector inglês) sôbre as nossas linhas.

O que parece mais provável é ter uma coluna pe-

netrado pelo sector inglês junto à ligação com o nosso e descaído depois sôbre Picantin Road em direcção a Lavantie. Os alemães vistos em TEMPLE BAR pertenceriam a outra coluna de ataque que, simultâneamente, tivesse penetrado mais à direita pela 1.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 20 (S. S. 1), tomando como eixo de marcha a estrada Masselot. Encerradas entre estas colunas as companhias do 8 teriam ficado á mercê dos grupos alemães que batiam o terreno intermédio, fazendo sair dos abrigos os nossos soldados e aprisionando-os. (1)

A 1.<sup>a</sup> companhia retirou para a *Linha "B"*, cêrca de 500 metros à retaguarda, onde estavam os elementos de Infantaria 29, que em 8 à noite para alí tinham ido de refôrço. Da 2.<sup>a</sup> Linha começou então através do nevoeiro um intenso fogo de fuzilaria, tão intenso que a breve trecho uma metralhadora Lewis teve de ser posta de parte com o cano sôbreaquecido.

Quando as munições começaram escasseando, o capitão Viriato Garcia tentou reabastecer a sua companhia; mas é ferido e obrigado a recolher ao posto de socorros junto à RED HOUSE.

Tem-se a impressão que depois, com a saída do seu Comandante, estas tropas se desmoralizaram e dissociaram, retirando para um e outro lado, tendo umas ido ter, como atrás vimos, a TEMPLE BAR, onde o capitão Montenegro Carneiro inutilmente as procurou deter e fazer voltar à frente, e outras à RED HOUSE, onde o ma-

---

(1) Vinham em grupos de dez a doze, disseram-nos depois praças sobreviventes dêste batalhão, precedidos por dois homens de espingarda em guarda de baioneta calada. Os primeiros traziam metralhadoras ligeiras e por detrás dêles os alemães deitavam foguetes luminosos (very lights) para que a sua artilharia fôsse regulando a barragem de protecção.

por Xavier da Costa, mais feliz, as fez de novo entrar brilhantemente em combate, como adeante veremos.

Por volta das 9 h. e 20 m, o tenente de cavalaria Alfredo Guimarães, que comandava um pelotão da 3.<sup>a</sup> companhia do 29, na *Linha "B"*, chega a HYDE PARK, exaltadíssimo, acompanhado apenas de um sargento e queixa-se ao major Montalvão de que os soldados por motivo do bombardeamento haviam desamparado a linha, não os tendo podido congrega a-pezar-de ter feito fogo de pistola sôbre os que fugiam.

Emquanto isto se passava no flanco direito da *Linha "B"*, no flanco esquerdo eram os nossos atacados por grupos alemães que pareciam vir já do sector inglês; e alí sustentou rude luta contra êles o pelotão da companhia de apoio (2.<sup>a</sup>) que sob o comando do alferes Domingues guarnecia a extrema esquerda da *Linha "B"* neste sector.

A guarnição de metralhadora do A. I. POST fôra aniquilada pela artilharia inimiga e na 2.<sup>a</sup> Linha inglesa enxameavam já os alemães, segundo comunicação de um sargento ao Comandante da companhia de apoio, alferes Loureiro.

Dentro em pouco é o próprio alferes Domingues que vê grupos inimigos enfiando a nossa *Linha "B"* com fogo de metralhadoras, pelo que mandou dispôr o seu pelotão na PICANTIN AV. em flanco defensivo, frente ao N., contra aquela ameaça de envolvimento.

Esgotadas as munições e lembrando-se de que na SUTHERLAND AV., à direita, havia uns paiois, para lá fez seguir aquele punhado de soldados, juntando-os aos do outro pelotão da companhia que alí guarnecia a *Linha "B"*. Infelizmente êsses paiois tinham sido destruidos, pelo que êstes dois pelotões, já então bastante reduzidos, retiraram pela GREAT NORTH ROAD para

RED HOUSE, onde os veremos ainda voltar a combater.

O flanco esquerdo da nossa 1.<sup>a</sup> Linha (3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> companhias), tomado assim de revés, veio a cair totalmente nas mãos do inimigo.

A essa hora, pouco mais ou menos, 9. h., ainda o excelente major Montalvão, gordo e pesado mas sempre desembaraçado e já afeito aos riscos e perigos da guerra, procurava sereno e tranqüilo restabelecer as ligações com a frente, interrompidas desde as 7 h. e 25 m. com a 2.<sup>a</sup> companhia, desde as 8 h. com a 1.<sup>a</sup> e logo depois com a companhia de apoio. Para êsse fim os soldados da secção de sinaleiros do batalhão, a-pezar do bombardeamento ser áquela hora violentissimo, ainda avançaram heroicamente até à 2.<sup>a</sup> Linha com carreteis de fio de ligação. Tentou ainda com o alferes Machado fazer o reabastecimento das companhias, enviando cunhetes de munições para as linhas.

Mas nessa ocasião a artilharia inimiga alongou o tiro e logo a seguir começaram a chover em tórno de HYDE PARK rajadas intensissimas de metralhadoras.

De RED HOUSE comunicaram-lhe ainda que se encontravam alí refugiadas do fogo várias praças do 8. Estava o major Montalvão dando ordens para que o alferes Machado fosse busca-las, afim de as fazer voltar às linhas, quando soldados alemães, de baioneta calada uns e com granadas de mão outros, apareceram, vindos da esquerda, do lado dos ingleses, e da frente pela Rue Tilleloy.

Foram assim aprisionados todos os officiais de HYDE PARK. Eram 9 h. e 30 m..

---

4.º— A acção do Apoio e da Reserva do sector.

Segundo o plano de defesa do sector de FAU-QUISSART, organizado e distribuído à 4.ª Brigada em 7 de Abril, já de harmonia com a recente modificação da frente da divisão, as companhias do batalhão de apoio (Infantaria 29) eram assim distribuídas ao longo dos postos da Linha Intermédia ou *Linha "C"* :

- a) *Comando* (major Xavier da Costa)—RED HOUSE.
- b) *Companhia da direita* — (1.ª), capitão Serrão Machado.
  - Comando e um pelotão. ROAD BEND POST
  - Um pelotão..... LONELY POST
  - Um pelotão..... WANGERIE POST
- c) *Companhia do centro* — (2.ª), alferes José Pereira.
  - Comando e um pelotão. MASSELOT POST
  - Dois pelotões..... HOUGOMONT POST
- d) *Companhia da esquerda* — (3.ª) capitão Costa e Almeida.
  - Comando e dois pelotões DEAD END POST
  - Um pelotão.... PICANTIN POST
- e) *Companhia de apoio* — (4.ª), alferes Garcia Ribeiro.
  - Comando e um pelotão. RED HOUSE
  - Um pelotão..... ROAD BEND POST
  - Um pelotão..... PICANTIN POST

Segundo a doutrina do plano de defesa era partindo destas posições, que se devia realizar o reforçamento do sistema frontal no caso do inimigo nêle penetrar, repelindo-o por meio de contra-ataques.

Em virtude, porém, dos importantes desfalques que

havia nos efectivos dos batalhões em 1.<sup>a</sup> linha (1), de suspeitas sobre as intenções ofensivas do inimigo, originadas nos estranhos movimentos observados nas suas trincheiras nos dias anteriores e ainda pelo motivo de no sector inglês à esquerda se dever realizar naquela mesma noite um "raid", foram os sub-sectores reforçados na *Linha "B"* ao "a postos" da tarde do dia 8, cada um com uma companhia de Infantaria 29 (a 2.<sup>a</sup> para o S. S. I, a 3.<sup>a</sup> para o S. S. II), tendo ainda um pelotão, o 1.<sup>o</sup> da 4.<sup>a</sup> companhia, ido reforçar em 1.<sup>a</sup> linha a 3.<sup>a</sup> companhia de Inf. 8 (esquerda do S. S. II).

Para substituir a 2.<sup>a</sup> companhia do 29 veio de Lavantie pelas 18 h. do dia 8 a 3.<sup>a</sup> companhia do 3, que foi para os postos da *Linha "C"* que aquela ocupava.

Às 23 h. e 30 m. tocou à 4.<sup>a</sup> de Inf. 3 a vez de seguir para RED HOUSE em substituição da 3.<sup>a</sup> do 29. Foi guarnecer o posto PICANTIN.

Estranhando a intensidade e o prolongamento do bombardeamento e sem confiança nos desfalcados e cansados efectivos das suas companhias, os Comandos dos sub-sectores desde o início do bombardeamento foram fazendo ao Apoio sucessivos pedidos de reforços, que por êste lhes foram enviados, como segue :

Às 4 h. e 30 m. — A 4.<sup>a</sup> companhia de Inf. 29 vae reforçar a companhia da direita do S. S. II (1.<sup>a</sup> de Infantaria 8) com os dois pelotões que lhe restam. (2)

Às 4 h. 35 m. — O capitão Montenegro Carneiro

---

(1) Os efectivos do Batalhão de Infantaria 29 também não eram elevados, apenas de 524 praças e 21 oficiais, sensivelmente metade dos efectivos de mobilização.

(2) Vimos que um pelotão tinha sido já na vespera enviado a reforçar a 3.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 8 (esquerda do sector).

de Inf. 20 (S. S. I) pede directamente á 1.<sup>a</sup> companhia de Inf. 29 dois pelotões de reforço, pedindo depois para RED HOUSE a confirmação da ordem e ainda que lhe fosse enviada mais uma companhia para o centro do sub-sector.

Às 5 h. 30 m. — Êste pedido é satisfeito, mandando o major Xavier da Costa avançar dois pelotões da 3.<sup>a</sup> companhia de Inf. 3 para as linhas do S. S. I, ficando o outro na *Linha "C"*.

Às 6 h. — O Comandante do S. S. I. pede que se façam avançar mais dois pelotões pela ELGIN ST. para a *Linha "B"*, direita do sub-sector. É dada ordem com esse destino aos restantes pelotões da 1.<sup>a</sup> de Inf. 29 e da 3.<sup>a</sup> de Inf. 3.

Depois desta hora o Comando do apoio do sector ficou apenas com uma companhia à sua disposição, a 4.<sup>a</sup> de Infantaria 3; por isso pediu reforços ao Q. G. da brigada. Os efectivos da reserva do sector já então se compunham sómente de duas companhias.

Às 7 h. 30 m. — A 1.<sup>a</sup> companhia de Inf. 3 recebe ordem para se apresentar em RED HOUSE à disposição do Comando do Apoio. É mandada guarnecer DEAD END POST.

Às 8 h. — A 4.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 3, no posto PICANTIN, segue para a esquerda do S. S. II. Esta companhia chega cêrca das 8 h. e 30 m. a HYDE PARK, onde é mandada apresentar ao Comandante da 3.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 8 (extrema esquerda do sector), sendo-lhe fornecida uma ordenança para a guiar até ao seu destino.

Cêrca das 9 h. — O Comandante da 2.<sup>a</sup> companhia de Inf. 3, em Lavantie, recebe também ordem

para seguir por seu turno para RED HOUSE. (Veremos adiante que o tenente Durão, Comandante desta companhia, não pôde dar cumprimento à ordem; praticamente a companhia já não existia àquela hora).

As 8 horas, portanto, ao começar realmente o combate, o major Xavier da Costa, tinha já feito intercalar nas guarnições dos batalhões de 1.<sup>a</sup> linha todas as companhias de Infantaria 29 e duas de Infantaria 3 e não tinha ao seu dispôr senão uma companhia, a 1.<sup>a</sup> de Infantaria 3, em DEAD END POST junto á RED HOUSE.

Disseminados assim por toda a frente do sector os efectivos de apoio e de reserva, não podia Xavier da Costa imprimir à resistência o aspecto activo de contra-ataque, que no plano de defesa se indicava como a principal missão das tropas de 2.<sup>a</sup> linha.

As companhias estavam pulverizadas e o bombardeamento violento que incidia ao longo de Rue du Bacquerot na zona dos postos da *Linha "C"* dificultava enormemente as ligações entre os vários elementos, para que se pudesse realizar uma acção de conjunto.

A ordem do capitão Montenegro Carneiro à 1.<sup>a</sup> companhia de Inf. 29 para que lhe mandasse dois pelotões (1), não chegou às mãos do Comandante desta, capitão Serrão Machado, no ROAD BEND POST. A ordenança ou desistiu de percorrer a Rue du Bacquerot,

---

(1) O Comando de Inf. 20 dava assim directamente ordens às companhias do 29 por combinação entre os dois Comandos e com o assentimento do Comando da brigada. Também como medida preventiva pernoitavam em TEMPLE BAR ordenanças das companhias do Apoio, para assegurar melhor a rapidez e exactidão na transmissão dos despachos.

que levava de TEMPLE BAR a êste posto, ou por lá ficou no cumprimento do terrível dever.

Por seu lado o capitão Serrão Machado, vendo que se demorava a ordem, que já esperava, de reforçar o S. S. I, decidiu mandar perguntar ao Comando de Inf. 20, se necessitava do seu apoio e, para aproveitar o tempo, mandou concentrar em ROAD BEND POST os outros dois pelotões, dispersos pelo LONELY e WANGERIE POST.

O alferes Freitas de Barros conseguiu sair do LONELY com o seu pelotão, aos grupos e em fila indiana. A barragem era intensa naquele momento em Fauquisart Road e os soldados hesitaram, ao desembocar da trincheira de comunicação na estrada. A energia do Comandante arrastou-os. Ao chegar a ROAD BEND POST soube que o capitão Serrão Machado fôra morto junto à trincheira de comunicação, esmagado por uma granada, mortos também o tenente Eduardo Guerreiro, alguns sargentos e bastantes soldados. Os restantes tinham-se dispersado, tendo ainda alguns dêles chegado a apresentar-se nas trincheiras ao Comandante da 4.<sup>a</sup> companhia de Inf. 20 (centro do S. S. I), então já na *Linha "B"*.

O alferes Freitas de Barros com um pequeno grupo de soldados continuou a marchar para a frente.

Nisto uma ordenança, vinda de RED HOUSE, que pôde atravessar incólume aquele intenso fogo de barragem, apresentou-se-lhe com uma ordem do Comando do Apoio para seguir para a direita da *Linha "B"* pela ELGIN.

Era a conseqüência do segundo pedido de refôrço, feito pelo capitão Carneiro, e que o major Xavier da Costa satisfez às 6 horas, fazendo avançar mais o restante pelotão da 1.<sup>a</sup> de Inf. 29 e o outro da 3.<sup>a</sup> de Inf. 3.

Em cumprimento desta ordem o pelotão do alferes Barros seguiu do ROAD BEND POST pela ELGIN STREET até à *Linha "B"*, tomando posição ao longo desta trincheira, que, já sem forma definida e com as defesas danificadas pelo bombardeamento, mais parecia terreno revolvido pelas granadas que obra construída pela mão do homem. O fogo inimigo continuava a batê-la e ao longo dela alguns soldados foram caindo, atingidos pelos estilhaços dos projéteis.

Um sargento é ferido, outro quasi endoidece e os soldados, dispersos pela trincheira, afastados do seu Comandante, sem graduados ao pé, já desmoralizados com o contínuo bombardeamento, com as baixas sofridas, à vista dos soldados que da frente fugiam, cheios de terror, dizendo que os alemães vinham já perto, a pouco e pouco vão desaparecendo de mistura com os fúgitivos e dispersando.

No centro da *Linha "C"* estava ocupando os postos HOUGOMONT e MASSELOT a 3.<sup>a</sup> companhia de Inf. 3, que para ali tinha vindo de véspera em substituição da 2.<sup>a</sup> de Inf. 29.

O alferes Martins de Lima que a comandava e que tinha passado a noite junto do Comando do Apoio recebeu às 5 h. e 30 m. ordem para fazer seguir dois pelotões para o S. S. I em refôrço das duas companhias extremas, a 2.<sup>a</sup> e a 1.<sup>a</sup>, de Inf. 20.

Essa ordem foi comunicada aos pelotões do alferes Joaquim Correia e do 2.<sup>o</sup> sargento Santos. Pouco depois ao restante pelotão, do comando do alferes Mário de Almeida, é dada idêntica ordem, para seguir para a direita do S. S. I.

Não sabemos se a primeira ordem de refôrço chegou ao conhecimento dos dois primeiros pelotões. A segunda é que de facto não chegou às mãos do alferes Má-

rio de Almeida, que permaneceu no HOUGOMONT POST até cêrca das 10 horas sem ordens nem informações. Das quatro ordenanças que sucessivamente mandou a RED HOUSE, para se ligar com o Comandante da companhia, nenhuma voltou, tendo desaparecido duas, morta uma e ferida a outra.

A essa hora começavam já a sentir-se ali perto as metralhadoras alemãs, que varriam com o seu fogo os terrenos em tórno do posto HOUGOMONT.

Assim isolado, sob a influência das informações terroristas que lhe davam os fugitivos da frente, êste pelotão retira para se juntar a outras unidades que mais à retaguarda estivessem estabelecidas para resistir. Vê-lo-hemos em realidade entrar em combate, cooperando com outras fracções portuguezas e inglesas a N. O. de Lavantie.

A 1.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 3, que à 1 h. e 30 m. da noite tinha vindo de Lavantie para PICANTIN, viu-se também sujeita neste posto a um grande bombardeamento, que lhe causou varias baixas e entre elas a do seu Comandante, gravemente ferido.

Cêrca das 8 h. o alferes Garcia Ribeiro do 29 transmitiu-lhe a ordem de marchar para a esquerda do S. S. II, reforçando ali a 3.<sup>a</sup> companhia de Inf. 8.

A companhia sob o comando do alferes Gonçalves Rapazote conseguiu chegar às linhas, mas com os efectivos já tão reduzidos, que, ao passar em HYDE PARK, o major Montalvão julgava ser apenas um pelotão.

Assim foram submergidas pelas ondas do inimigo nas primeiras linhas de FAUQUISSART as quatro companhias do 29 e a 3.<sup>a</sup> e a 4.<sup>a</sup> de Inf. 3, aniquilados, dispersos ou aprisionados os seus elementos.

Combateram e resistiram como puderam, mas a acção das unidades de apoio e reserva, como a pre-

via o plano de defesa do sector, exercendo-se por meio de contra-ataques conjugados, partindo dos postos da *Linha "C"*, falhou por falta de efectivos.

A necessidade de reforçar os efectivos das companhias em 1.<sup>a</sup> linha dispersou e inutilizou todos os elementos para qualquer acção de conjunto. A mistura nas trincheiras de companhias de diferentes batalhões e até de pelotões de diversas companhias não era de molde a favorecer a necessária coesão que já de per si o nevoeiro e o bombardeamento tornavam bem difícil e problemática.

O reforçamento das companhias de 1.<sup>a</sup> Linha foi mesmo prejudicial sob certos aspectos. Os soldados, que retiravam da frente em desordem e completamente desmoralizados, afirmando uns que os seus Comandantes tinham dado a ordem de "*salve-se quem puder*", dizendo outros que o inimigo se tinha apoderado das trincheiras e "*vinha já ali*", arrastavam consigo os elementos das fracções de refôrço, que assim se fundiam e desorganizavam na marcha para as trincheiras. Não se podiam evitar os efeitos desmoralizadores destas scenas.

Havia a impressão de que a nossa artilharia não fazia fogo, faltando assim o indispensável meio de manter forte nestas ocasiões o moral vacilante dos elementos da Infantaria.

Alguns corajosos oficiais do 29 e do 3 conseguiram ainda congregar os menos deprimidos e vamos vêr como, juntando ao que restava de Inf. 3 (1.<sup>a</sup> companhia) alguns fugitivos das trincheiras, ainda se conseguiu oferecer aos alemães uma resistência enérgica e decidida.



A Red House.

---

## 5.º — A resistência na RED HOUSE.

Em toda a frente do sector de FAUQUISSART cêrca das 9 h. 30 m. a *Linha "A"* e é provável que a quasi totalidade ainda da *Linha "B"* tinham caído já nas mãos do inimigo e êste havia aprisionado a maior parte dos efectivos do 8, 20, 29 e das 3.ª 4.ª companhias de Inf. 3.

Desguarnecida, como se encontrava, toda a direita da *Linha "C"*, o caminho estava livre deante dêle, para avançar pela zona das posições de artilharia. As baterias, completamente desapoizadas, não tardaram a cair.

O avanço da linha de ataque, contudo, não era rápido. Prudentes e cautelosos, os alemães não avançavam senão sob a protecção das suas barragens, à cautela não apparecesse por um ou outro lado qualquer força de contra-ataque.

Cêrca das 10 h. a frente inimiga tinha atingido a Rue du Bacquerot, mas alí os seus progressos foram demorados pela resistência que foi encontrar em volta de RED HOUSE.

RED HOUSE era uma "*ferme*" quadrangular do tipo de toda a casaria daquela região, que se encontrava no caminho de Lavantie para as trincheiras, ao desembocar da Harlech Road na Rue du Bacquerot.

Alí estava o Comandante do 29, major Xavier da Costa, com a função teórica de Comandante do Apoio do sector, na realidade não dispondo desde as 8 h. senão de uma centena de homens: — praças do Comando e 1.ª companhia de Inf. 3 que se lhe tinha apresentado já com os efectivos muito reduzidos.

Pelas 9 h., chegava a RED HOUSE, vindo das trincheiras, o tenente de cavalaria em serviço na 3.ª com-

panhia de Infantaria 29, Alfredo Guimarães, que levou a Xavier da Costa a primeira concreta e aterradora informação sobre o estado de desorganização das unidades da frente, que o inimigo sob a formidável pressão moral e material de um feroz bombardeamento tinha conseguido desarticular e desmoralizar, chegando êle a vêr-se sem soldados.

A essa mesma hora começaram por alí a aparecer fugitivos das trincheiras, que afirmavam ter já a Infantaria inimiga entrado nas nossas linhas. Congregando estas praças, pertencentes aos Batalhões do 8, 29 e 3, formou o major Xavier da Costa com elas um novo pelotão, com que o mesmo tenente Guimarães voltou a internar-se no nevoeiro em direcção á 2.<sup>a</sup> Linha do S. S. II.

Composta de elementos já desmoralizados, não podia decerto esta pequena fracção reforçar bastantemente a 2.<sup>a</sup> Linha, nem realizar pela sua insuficiência a missão de contra-atacar. Desfez-se, fundiu-se pelo caminho, tendo o tenente Guimarães ficado apenas com um sargento, com quem se apresentou pelas 9 h. e 20 m. ao Comando do S. S. II, que o mandou recolher ao posto PICANTIN.

Era em realidade tempo de contra-atacar; ¿mas com que elementos, se o Comando do Apoio empenhára já todas as suas fôrças durante o período do bombardeamento? O major Xavier da Costa nada podia já em boa verdade fazer, para conter ou demorar o inimigo.

Das trincheiras continuavam a vir fugitivos, afirmando que os alemães se encontravam já na 2.<sup>a</sup> Linha. O posto de socorros ao-pé da RED HOUSE enchia-se de feridos, oficiais e praças, tendo chegado a juntar-se alí cêrca de 60, sem que houvesse meio de os evacuar.

Cortadas desde a madrugada as ligações com o Q.

G. da brigada, Xavier da Costa recorrera ao serviço de estafetas para transmitir os pedidos de S. O. S. que das linhas lhe faziam. Nenhuma das praças enviadas a Lavantie neste serviço de ligação regressou, tendo também funcionado inutilmente por motivo de nevoeiro a lâmpada eléctrica de sinais que havia na RED HOUSE.

Cheio de impaciência, Xavier da Costa confiou então ao seu ajudante, alferes Herminio Barbosa, a missão de efectuar a ligação com o Comando da brigada, a quem havia que informar do estado de desorganização das unidades nas trincheiras e do avanço inimigo.

Entretanto ia dispondo tudo para uma última resistência, em vista das noticias aterradoras, que os fugitivos, que da frente chegavam, desnorreados, diziam ou deixavam facilmente adivinhar.

Ao Comandante da 1.<sup>a</sup> companhia do 3, que guardava DEAD END POST, mandou que dispuzesse ao longo da Rue du Bacquerot os efectivos da sua companhia, retendo as praças que viessem retirando.

Com fugitivos da frente e praças do Comando organizou uma pequena força de 30 homens, que entregou ao alferes F. Garcia Ribeiro do 29, para que com ela seguisse para PICANTIN POST, onde estava já o tenente Guimarães com um pequeno grupo de soldados, com o fim de garantir como posto avançado a defesa da RED HOUSE. A barragem que logo incidiu sobre aquele posto fez refluir de novo estes elementos sobre RED HOUSE.

O inimigo aproximava-se. As suas metralhadoras sentiam-se já mais proximas e desde as 9 h. e meia que HYDE PARK não respondia, o que deixava adivinhar que o inimigo já ali estivesse.

Por ordem do major Xavier da Costa as praças confiadas ao alferes Garcia Ribeiro estabeleceram-se

em atiradores na valeta da estrada á direita da casa do Comando. A elas se foram juntando os elementos que das linhas retiravam, apossados pelos alemães, e entre êles os dois pelotões ou restos da 2.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 29 (apoio do S. S. II) que nós vimos combater já na *Linha "B"* e que chegaram à RED HOUSE mais ou menos organizados com os seus officiaes e os poucos soldados que lhes restavam.

O alferes Anjos Pires foi encarregado de destruir papeis do Comando, cartas, telefones, tudo emfim que o inimigo pudesse aproveitar. Eram 9 h. e 45 m. ou 10 h. As balas das metralhadoras alemãs começaram picando o terreno em volta e a barragem da sua artilharia levantou, para se ir fixar mais á retaguarda.

Grupos de alemães apareceram logo depois em frente do posto DEAD END. Parte da 1.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 3, que não chegara a tomar posição, onde Xavier da Costa indicara, alí sucumbiu e foi aprisionada.

Dalí começaram então atacando os defensores da RED HOUSE, enquanto outros, atravessando a Rue du Bacquerot, se dispuzeram a envolve-los por O..

De princípio, através da densa cortina do nevoeiro, o major Xavier da Costa julgou que os vultos pardacentos que via atravessar a Rue du Bacquerot fossem praças do 8 que fugissem e começou com os seus officiaes a chama-los para que se lhes reunissem.

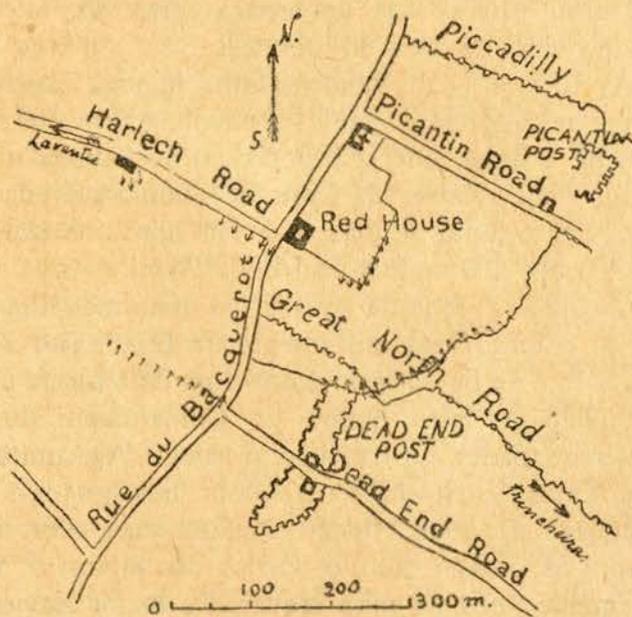
Depressa reconheceu o engano, ao reparar que traziam mochilas e logo que, tendo ultrapassado a estrada, os viu colocar metralhadoras numa antiga posição de artilharia no prolongamento da Dead End Road e começar a fazer fogo sôbre RED HOUSE.

Xavier da Costa dispôs rapidamente a defesa.

O alferes granadeiro Pedro de Matos, reunindo alguns soldados, foi-se estabelecer num dreno em frente

da RED HOUSE, face a S. e a S. E.; outras praças foram dispostas na valeta da Harlech Road, face a S. O.

Na estrada, junto á casa do Comando, o major Xavier da Costa a todos animava e encorajava com o seu exemplo. Com ele cooperaram os seguintes oficiais: — capitão Silva Matos, alferes Pedro de Matos, Cabeças, Pires, Correia Ribeiro, todos do 29, alferes Lage, Santos e Pereira Ribeiro de Inf. 3, alferes Cruz, Domingues e Loureiro de Inf. 8.



Tinha-se conseguido ainda reunir com fugitivos das linhas e praças do Comando uns 80 a 100 homens. Este grupo, tão reduzido em relação ao numero de inimigos que a cada instante engrossava, bateu-se valentemente durante o pouco tempo que durou aquele memorável episódio.

As munições não abundavam. No posto da RED

HOUSE não havia depósito algum. Mas encontrou-se ainda um cunhete intacto, que ali devia ter ficado esquecido. Com estes cartuchos e as dotações individuais das praças fez-se o fogo que se pôde.

Na linha de atiradores, junto á Harlech Road, uma metralhadora ligeira, a única que havia, fez bom serviço. Os seus tambores foram literalmente esgotados. E, quando as munições começaram a faltar, foram-se buscar aos bolsos dos mortos e feridos.

Durou isto apenas um espaço curto, mas intensamente vivido, de 20 a 30 minutos.

Às 10 h. e 30 m., vendo a linha inimiga engrossar e apertar progressivamente o envolvimento da RED HOUSE e antes que se esgotassem de todo as munições, o major Xavier da Costa ordenou a retirada por grupos para junto de uma casa em ruínas na Harlech Road a uns 200 metros da RED HOUSE.

Quando a retirada se iniciava, uma metralhadora alemã, colocada no cruzamento da Dead End Road com a Rue du Bacquerot, matou com uma rajada única o capitão A. Silva Matos, 2.º Comandante do 29, o alferes sapador do batalhão, o valente Alexandre de Jesus Cabeças, cujo inalterável bom humor não se desmanchava nas mais críticas circunstancias, cumprindo sempre as ordens com o sorriso nos lábios, e feriu seriamente ainda na mão esquerda o major Xavier da Costa, quando fazia fogo com a pistola.

A maior parte dos defensores da RED HOUSE conseguiu ainda atingir a nova posição junto à casa em ruínas. Mas já ali uma granada, rebentando cêrca, dizimou alguns e feriu de novo o major Xavier da Costa, mas desta vez tão gravemente que por todos foi dado por morto. Os restantes recuaram sôbre Lavantie, onde já nem todos puderam chegar. No flanco oposto os

alemães, tendo-se apoderado da bateria da Rue Verte (2.<sup>a</sup> Bateria do 6.<sup>o</sup> G. B. A.) cêrca das 10 h. e 30 m., varriam já com as suas metralhadoras Harlech Road junto ao LAVANTIE EAST POST. A maior parte foi aprisionada, tendo apenas escapado um pequeno grupo com o tenente de cavalaria Guimarães e os alferes Loureiro, Cruz e Domingues.

No outro lado da RED HOUSE ficou isolado o grupo de soldados do alferes Matos, que não chegou a receber ordem de retirar; ali foi aprisionado.

O major Xavier da Costa com o rebentamento da granada que o feriu, sofreu uma grande comoção cerebral e lá teria ficado, dado por morto, se dois soldados de Inf. 3, Eduardo Morais da Cunha e José de Azevedo Pintas, que depois de prisioneiros o reconheceram entre os cadáveres, quási despojado do vestuário, o não tivessem caridosamente transportado para o posto de socorros junto à RED HOUSE. Só ali recuperou os sentidos. Tão desesperado era o seu estado que o official médico alemão disse, ao vê-lo, não valer a pena já tratar dele, tendo-o mandado colocar debaixo de uma árvore, onde esteve largo tempo sem ser pensado.

Entre os heróis dêste momento conta-se ainda o 2.<sup>o</sup> sargento de Inf. 8, Manuel de Souza Guedes, que, apesar de ferido, teve ainda fôrças para subir ao telhado da RED HOUSE, donde continuou a metralhar os alemães até cair prisioneiro. Foi morrer á Alemanha.

O Batalhão de Inf. 29, que já tinha dado as suas provas no "raid" alemão de 23/24 de Agosto de 1917 no sector de FLEURBAIX e mais tarde, em 22 de Novembro, no de FERME DU BOIS, alcançou aqui graças à energia de Xavier da Costa mais um dia de glória. Teve 8 officiais e 30 soldados mortos. Relativamente aos seus efectivos, foi o batalhão que sofreu mais baixas.

---

6.º — Em Lavantie. No Q. G. da Brigada.

Estavam nesta povoação além do Quartel General da Brigada e do Comando do 6.º G. B. A. o Batalhão de Inf. 3 — reserva do sector — e ainda duas companhias de sapadores (a 3.ª e a 2.ª).

Vimos já que, devendo a reserva ser normalmente constituída por um batalhão e uma companhia, na noite de 8/9 não contava senão duas companhias a 1.ª, do alferes Ribeiro da Lage, e a 2.ª, do tenente Gouveia Durão. Não indo muito além de 550 espingardas o efectivo útil do batalhão, pode, pois, calcular-se em metade, o efectivo total da reserva do sector em 9 de Abril.

As companhias de sapadores não tomaram, como já atrás ficou dito, parte efectiva na batalha, não tendo chegado á ser utilizadas.

Servia de posto de comando da 4.ª Brigada um pequeno abrigo ainda em construcção entre a casaria semi-arruinada da Rue de la Gare.

Tendo sido destruido pela artilharia inimiga o abrigo, que dias antes havia sido construido no campo à retaguarda do antigo Quartel General, a construcção dêste, cuja ossatura de chapa de ferro estava sendo então coberta de béton, era agora feita com todas as precauções.

Alí estavam na noite de 8/9 o Comandante interino da Brigada, tenente-coronel Mardel Ferreira, o ajudante capitão Narchial Franco, o official granadeiro, tenente Agnelo Moreira, e o official da secção de telegrafistas, tenente Branco. Não os sobresaltou o bombardeamento, habituados a vêr a artilharia alemã assanhada contra

Lavantie. No entanto, dispuzeram-se a tomar as necessárias precauções. Os restantes oficiais do Comando acorreram logo a apresentar-se, como de costume.

Os batalhões em 1.<sup>a</sup> linha e apoio, 8, 20 e 29, puderam ainda responder ao chamamento telefónico e fazer o pedido de S. O. S. que logo foi transmitido ao Comando do 6.<sup>o</sup> G. B. A. e a seguir renovado porque da frente a Infantaria se queixava da pouca intensidade do fogo da nossa artilharia.

Pouco depois, e quasi simultâneamente, as ligações telefónicas com os batalhões, brigadas dos flancos, Comando da divisão e Comando da artilharia foram interrompidas (1), tendo de se lançar mão subsidiariamente de estafetas para assegurar estas ligações.

Foi logo despachado um para Lestrem, que devia passar pelo Comando do 6.<sup>o</sup> G. B. A., onde renovaria o pedido de fogo mais intenso de S. O. S. e solicitaria as informações, que tivessem sido obtidas das baterias. Veremos como nêste Comando também as ligações telefónicas estavam desde o comêço interrompidas, não tendo podido fornecer por isso informação alguma.

A pedido do Comando do Apoio, que dizia ter distribuído já de reforços aos sub-sectores as suas últimas tropas, determinou-se que as restantes companhias da reserva seguissem para as linhas, uma para cada S. S..

Esta ordem, que cêrca das 5 h. foi expedida do Q. G. da Brigada pelo próprio oficial de ligação de Inf. 3 e que aproximadamente às 5 h. e 15 m. foi pelo Comando dêste batalhão transmitida às companhias,

---

(1) Nunca tinha sucedido isto em bombardeamentos anteriores. Os cabos telefónicos deste sector estavam enterrados em quasi toda a sua extensão, custando pois a crer que o fogo inimigo os cortasse com esta simultâneidade. Os combatentes de Lavantie por largo tempo atribuíram êste facto a um acto de espionagem.

tardou cêrca de duas horas a ser executada pela 1.<sup>a</sup> companhia e não pôde já ser cumprida pela 2.<sup>a</sup>.

Pelas 2 h. da madrugada havia o Comando de Inf. 3 recebido ordem para mandar apresentar na estação de La Gorgue na manhã de 9 uma força de 150 praças para descarga de vagon.

Coube à 2.<sup>a</sup> companhia fornecer êste contingente. Mas como, logo pelas 4 h. e 30 m., o alojamento das praças desta companhia na Rue de l'Enfer, na saída leste de Lavantie, fosse batido violentamente e incendiado, as praças dispersaram-se, tendo saído bastantes para La Gorgue no receio do bombardeamento, por um lado, e na previsão do serviço para que tinham sido nomeadas, por outro. Assim, a ordem para seguir para RED HOUSE já não pôde ser cumprida.

O bombardeamento sôbre Lavantie adquirira desde os primeiros momentos intensidade nunca vista até então. A artilharia germânica encarniçava-se sôbre a amargurada povoação, já tão mutilada, lançando sôbre ela projecteis de todos os calibres e espécies, incendiários explosivos e de gazes. Umas após outras, as últimas casas caíam com ruido, escancarando os seus interiores ao compasso das explosões. Devia ser em verdade difícil no meio da escuridão da noite e na desordem, que o bombardeamento provocou nas ruas da povoação, conseguir reunir os soldados dispersos.

O alferes Lage foi mais feliz, tendo conseguido, ainda que com algum trabalho, congregar na medida do possível a sua companhia, com a qual partiu de Lavantie cêrca das 7 h. para RED HOUSE, onde já vimos como operou.

Em Lavantie o bombardeamento não afrouxou nunca, antes se intensificou cada vez mais até final.

A Rue de La Gare, onde estava o Quartel Ge-

neral, quasi sempre poupada nos bombardeamentos anteriores, era agora objecto de uma insistencia estranha por parte da artilharia inimiga.

As precauções, com que se procedera à construção do abrigo do posto de comando da brigada, não impediram que o inimigo o referenciasse com notável precisão, para o bater neste dia com artilharia de grande calibre, cujos projecteis choviam em volta, derruindo os últimos edificios, até que uma granada mais certa, caíndo sobre uma casa contígua, a fez desabar sobre o abrigo, que foi abalado e deslocado pela violência da explosão. Todos os que nele se encontravam foram lançados ao chão, tendo ficado ferido o tenente Rebelo Branco da secção de telegrafistas, que pelo próprio Comandante da brigada e pelo tenente Alpedrinha foi conduzido logo ao posto de socorros. Depois de pensado, foi evacuado no automóvel do Comando. Os carros e auto-ambulâncias que tinham levado os primeiros feridos não voltaram mais.

Junto ao posto de socorros era a casa da Missão Britânica, onde existia uma cave que oferecia uma segurança relativa, em comparação com o fraco abrigo que a artilharia inimiga acabava de dismantelar.

A convite do capitão Dartford, official inglês de ligação no Comando da 4.<sup>a</sup> B. I., para lá mudou o tenente-coronel Mardel o seu posto de comando, com a vantagem de se concentrar num só local o Comando português daquele sector e a missão de ligação com as forças inglesas do flanco esquerdo.

Entretanto iam chegando mais informações das linhas, trazidas por estafetas. Mais feliz que os Comandantes de NEUVE CHAPELLE ou de FERME DU BOIS, o tenente-coronel Mardel conseguiu ir sendo informado sobre o que no seu sector ia ocorrendo.

Primeiro viera uma comunicação de TEMPLE BAR, dizendo que as companhias de primeira linha se mantinham com excepção da direita, de que ainda não se haviam recebido noticias.

Seguidamente RED HOUSE informava do apoio prestado aos sub-sectores e pedia reforços. Já se havia dado ordem para as restantes companhias de reserva seguirem e não havia mais tropas a fornecer.

Depois de instalado no edificio da Missão Britânica recebeu nova comunicação do 20 que o informava da violência do combate e do estado de ruína a que o bombardeamento reduzira as trincheiras. O inimigo, no entanto, ainda não tinha atacado. Estas informações foram mandadas para o Q. G. da 2.<sup>a</sup> Divisão e também para a brigada de reserva da 40.<sup>a</sup> Div. inglesa, em Le N.<sup>o</sup> Monde, por intermédio de um capitão inglês que fazia a ligação entre as duas brigadas.

Depois começaram a chegar os ecos do início e progressos do ataque:—do Batalhão de Infantaria 29 (RED HOUSE), informando que os alemães, tendo penetrado também no sector inglês contíguo (119.<sup>a</sup> Brigada inglesa), haviam atacado o 8 (S. S. II) pela frente e flanco esquerdo, tendo-o aniquilado, do Batalhão de Infantaria 20 (TEMPLE BAR), comunicando que as suas tropas lutavam com os alemães já na *Linha "B"*, que o fogo era violentissimo e que as metralhadoras inimigas batiam já as proximidades do Comando.

Pelas 9 horas um soldado do 29, roto e ferido, chegava a Lavantie e informava o Comando da brigada que o inimigo estava já em RED HOUSE e que muitos soldados vinham retirando aos grupos, sem oficiais, porque êstes estavam "todos mortos, feridos ou prisioneiros".

O exagêro da informação, devido à excitação e

nervosismo natural do momento, refletia no entanto a rudeza do combate e a gravidade da situação.

O ataque sentia-se aproximar a pouco e pouco, mas de um modo contínuo e fatal.

Pelas 10 horas os fugitivos das linhas começaram a aumentar; para os deter, determinou-se que a guarda de policia do Comando se postasse no cruzamento de ruas junto ao antigo edificio do Quartel General.

No posto de socorros os feridos amontoavam-se, aumentando a cada momento pela falta de viaturas para os evacuar. O bombardeamento de Lavantie causara só por si muitas vítimas.

Nas linhas o drama continuava. Pelas 9 h. 30 m. recebeu-se do Comando de Infantaria 20 a seguinte comunicação, redigida á pressa:

“Batalhão de Infantaria 20

“Chegou capitão Queiroz que diz inimigo deve ter ocupado 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Linhas nossas; praças que ali resistiram devem estar prisioneiras; o 8 retirou; todas as trincheiras desmornadas e ha muitos mortos; não tenho mais informações. Espero ordens.”

O Comandante,

Montenegro Carneiro, capitão.

Inf. 8 não retirava, mas as suas companhias estavam sendo, como as do 20, dizimadas, dispersas ou aprisionadas. E o mesmo estava sucedendo às tropas de reforços, Inf. 29 e 3. Já não havia mais tropas.

Assim o deixava enlrever a seguinte comunicação que o Comando do Apoio enviava ás 9 horas e 15 minutos, redigida num pequeno pedaço de papel:

“Já fiz todo o meu papel de major. Agora é o de homem e simples oficial, que procura reunir fugitivos.”

A seguir, uma outra comunicação do major Xavier da Costa (a última que o Comando da Brigada rece-

beu das linhas) informava, às 10 horas e 15 m., que o inimigo havia já ultrapassado a Rue du Bacquerot, atacando RED HOUSE pela retaguarda, e que ia resistir.

Assim o disse e melhor o cumpriu.<sup>(1)</sup>

Vimos como das 10 h. às 10 e 30 pouco mais ou menos, o inimigo esteve detido deante de Lavantie por aquele punhado de soldados, mistura de diferentes companhias, que a energia do major Xavier da Costa soube deter em torno da RED HOUSE numa resistência curta, mas heroica.

A onda avançava. Às 10 h. e 30 m. o inimigo atingia no nosso flanco esquerdo a Rue Verte, onde tomava a 2.<sup>a</sup> Bateria do 6.<sup>o</sup> G. B. A.

Agora era a vez de Lavantie. As metralhadoras e peças ligeira do inimigo varriam já os terrenos em volta.

Tomadas as linhas de defesa, aniquilados ou aprisionados os seus batalhões, a 4.<sup>a</sup> Brigada via assim terminada a sua missão de defender um sector, àquela hora já irremediavelmente perdido.

Ao Comando restavam poucos instantes para escolher uma das duas únicas decisões a tomar: — ou retirar para poder ser útil ainda, ou ficar para morrer com as suas tropas.

Sem pretender de forma alguma criticar o que em igualdade de circunstâncias outros Comandos fizeram, julgamos que o Comando desta brigada, depois de ter cumprido a sua missão, lutando e dirigindo até final a defesa do sector, tanto quanto lho facultavam as circunstâncias difíceis dêste dia, as regras fixas do plano de defesa e a ordem terminante do Comandante do

---

(1) O Comando da Brigada ordenou aos Batalhões do 20 e 29 que resistissem, reunindo todos os homens que pudessem e ligando os seus esforços. Mas é duvidoso que os estafetas, encarregados de transmitir esta ordem, tivessem chegado ao seu destino.

XI Corpo, procedeu sensatamente, tentando retirar de Lavantie na intenção de fugir ao cativo e poupar energias para combates futuros.

Pouco passava das 10 h. quando o alferes Peixoto de Infantaria 29 se apresentou no Comando da Brigada, horrivelmente gazeado, falando com dificuldade, informando que os alemães avançavam rapidamente sobre Lavantie e que tinha conseguido ainda escapar, quando já não tinha soldado nenhum consigo.

Perante esta notícia resolveu o tenente Coronel Mardel sair de Lavantie e transferir o Comando da brigada para Le N.<sup>o</sup> Monde, onde por intermédio da brigada de reserva da 40.<sup>a</sup> Divisão poderia comunicar com o Comando da divisão e pedir ordens.

A todos os oficiais do Comando foi ordenado que se encaminhassem para alí por grupos de dois ou três, acompanhados das ordenanças e pessoal do estado menor. Inutilizados os documentos que não podiam ser transportados, a retirada iniciou-se logo.

Distava Le Nouveau Monde apenas um quilometro, mas era batidissima esta pequena zona de terreno e tornava-se difficil atravessa-la sob a chuva de ferro e fogo que sobre ella caía. O infeliz capitão Gonzaga Ribeiro, 1.<sup>o</sup> adjunto da brigada, alí foi gravemente ferido, indo morrer depois a Le Nouveau Monde. Espirito de eleição, cheio de bondade e dedicação, trabalhador infatigável, a sua morte comoveu todos os que o conheciam e estimavam, que para tal bastava conhece-lo.

O Comandante da Brigada tinha-se reservado para o fim com o ajudante e o official inglês de ligação.

Mas, quando os tenentes Alpedrinha e Moreira iam a sair da casa, uma fortissima barragem começou a incidir justamente na rua em frente. O tenente Moreira cora-

josa e dedicadamente voltou atrás a avisar o seu Comandante de que não saísse por ali, mas aproveitasse a outra saída da casa. . . Já não pôde acabar de falar.

Uma granada de grande calibre, batendo em cheio no edifício, deruiu-o completamente até à propria cave.

O capitão Narchial Franco foi gravemente ferido. Valeu-lhe a sua ordenança, que, carregando com êle, o arrastou heroicamente através das ruas batidas até fóra da povoação, sendo depois recolhido por uma ambulância inglêsa.

O capitão Dartford, da missão britânica conseguiu escapar incólume. Encontrámo-lo horas depois, pelas 3 h. da tarde, na estrada de Calonne-sur la Lys, já na retirada, onde nos relatou, ainda emocionado, os detalhes daquele terrível momento.

O Comandante tenente-coronel Mardel, mais gravemente atingido, assim como o tenente Agnelo Moreira, caíram com os sentidos perdidos.

Quando voltaram a si, já eram os alemães os soldados que os socorriam e alemão era tambem o posto de socorros, para onde os tinham levado, instalado no antigo edificio do Q. G. da Brigada. (1)

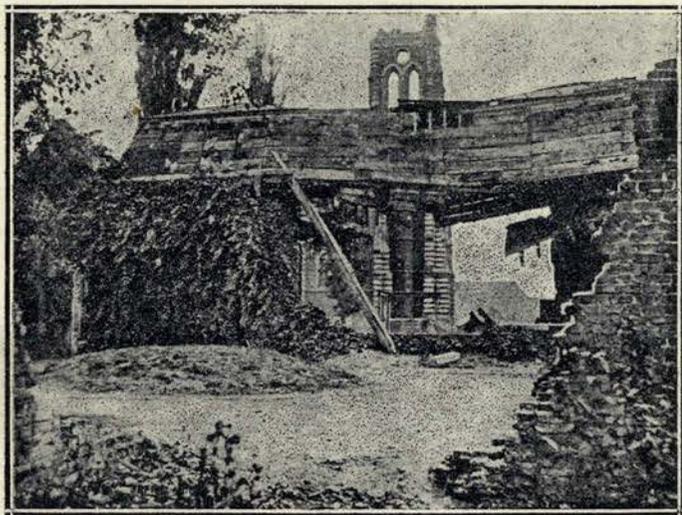
Cêrca das 11 h. os alemães estavam em Lavantie.

---

(1) — Êste edificio que desde os bombardeamentos do mês de Março se tinha abandonado, foi por um capricho do acaso sempre poupado pela artilharia alemã, enquanto os abrigos sucessivamente utilizados para postos de comando foram batidos e demolidos.



Lavantie antes da batalha — R. de la Gare.



Lavantie — Um canto de ruínas; ao fundo a torre da Igreja.



O núcleo que Almeida Graça, Mário de Almeida e Guimarães tinham conseguido reunir permaneceu ali até receber o choque do inimigo.

Como os nossos não tinham munições, o tenente inglês que ali comandava, forneceu ao alferes Graça um cunhete com uns 400 cartuchos, dizendo não poder dispensar mais, indicando contudo uma casa 200 metros à frente, onde poderiam ainda ser encontrados alguns. O alferes Mário de Almeida ali achou efectivamente ainda uns quatro cunhetes, que logo foram distribuídos.

Pouco depois os alemães, já senhores de Lavantie, começaram a bater esta trincheira e o posto de LE DRUMEZ com artilharia e metralhadoras que pareciam estar instaladas nas janelas das casas de Lavantie.

O alferes Mário de Almeida foi ali ferido na mão direita, quando procedia à abertura de um cunhete, cêrca das 12 horas, tendo retirado por isso da linha de combate, onde ficaram ainda o alferes Graça e o tenente Guimarães até cêrca das 4 horas, combatendo contra os grupos inimigos que de Lavantie avançavam, rastejando pelo campo aberto sob a protecção de uma forte barragem de artilharia e metralhadoras. Era sobretudo insistente o fogo de uma metralhadora que, colocada numa casa em frente, varria com rajadas violentas o parapeito da trincheira.

Tendo conseguido abrir caminho para Le Nouveau Monde, o inimigo apoderou-se dos elementos de trincheira ao N. da estrada Lavantie-B.<sup>1</sup> Croix. Almeida Graça quiz retirar, mas não o pôde já fazer. Dois grupos de alemães de uns 50 homens cada, cuja marcha tinha sido ocultada por uma sébe, apareceram-lhe de repente pelo flanco e cortando-lhe a retirada, forçaram o pequeno grupo dos nossos a depôr as armas.

Nesta acção perdeu a vida o heroico tenente de cavalaria Alfredo Guimarães.

Tudo estava agora terminado no sector de FAU-QUISSART. O alemão só se deterá já neste dia no canal de La Lys e junto á casaria de Estaires-La Gorgue.

Se todas as brigadas de 1.<sup>a</sup> linha cumpriram o seu dever até ao fim, é de justiça dizer-se que a 4.<sup>a</sup> Brigada ofereceu ao inimigo a melhor resistência, que só pela grande deficiência de efectivos não pôde tornar-se activa.

Cortadas as ligações telefónicas, mantiveram-se na medida do possível as comunicações por estafetas, tendo sido reforçadas as linhas à medida que de lá pediam auxílio e até que se esgotaram as reservas.

Foi, assim, a única brigada, que teve uma acção de conjunto, e que pôde manobrar na medida do que lhe era possível dentro do prescrito no plano de defesa, apoios e reservas acoorendo à *Linha principal de resistência*.

"*Blessé et prisonnier avec beaucoup d'honneur!*" — foi assim que o general alemão, Comandante da divisão de ataque que operou naquele sector, saudou o Comandante da 4.<sup>a</sup> Brigada, quando êste jazia ferido no posto de socorros alemão de Lavantie. (1)

Era a opinião do inimigo. A nossa devemos formal-la, considerando que esta brigada foi de todas a que mais baixas sofreu.

A 5.<sup>a</sup> B. I. teve 1 oficial morto e 3 feridos, a 6.<sup>a</sup> B. I. também 1 oficial morto e 3 feridos, a 4.<sup>a</sup> Brigada porém viu as suas baixas elevarem-se ao número considerável de 15 oficiais mortos e 27 feridos.

---

(1) "A Brigada do Minho na Flandres", coronel Eugénio Mardel, pag. 104.

Esgotada, cançada, desfalcada nos seus efectivos, como estava à data da batalha, não se lhe podia em boa verdade exigir mais. (1)

Segundo as próprias palavras do ajudante da brigada, capitão Narchial Franco, "*mais não se podia fazer*„ (2)

(1) — É esta a relação total das baixas, segundo o coronel Eugénio Mardel :

	Mortos		Feridos		Desaparecidos	
	Oficiais	Praças	Oficiais	Praças	Oficiais	Praças
Comando .	1	—	8	—	—	—
Inf. 3.....	4	37	5	21	—	5
Inf. 8.....	1	53	4	25	—	10
Inf. 20....	1	30	5	26	—	13
Inf. 29....	8	30	4	16	—	13
4. <sup>a</sup> B. M. L.	—	—	1	—	—	—
	15	150	27	88	—	41

Este número de feridos refere-se aos que foram tratados nos hospitais ingleses e não inclui os prisioneiros.

As tropas de metralhadoras e de morteiros dêste sector deram também um grande contingente de mortos, prova certa da sua resistência: Só em oficiais o 4.<sup>o</sup> G. M. teve quatro mortos (os capitães Madeira Montez, Andorinho Falcato, Silva Frias e o tenente Bento de Souza), a 4.<sup>a</sup> B. M. M. dois (os alferes Veiga Pestana e Sousa Flores).

(2) *The London Times* de 11 de Abril frizava a «acção dêstes pequenos grupos que continuaram a bater-se desesperadamente nos arredores de Fauquissart a-pezar-de rôtos e rodeados por forças consideráveis» citado por David Magno, *Livro da Guerra*, vol. II, pag. 171.

---

## 8.º — A artilharia do sector.

Por várias vezes vimos no decorrer da análise da acção da infantaria neste sector de FAUQUISSART referência à fraca actividade da nossa artilharia. Aqui como no sector do flanco direito—FERME DU BOIS— as causas foram fundamentalmente as mesmas:— interrupção de ligações telefónicas, dificuldade de comunicações e de remuniamento e ainda pedidos de “alto fogo”, de algumas fracções de 1.ª linha, convencidas de que se tratava de um simples bombardeamento.

Defendia este sector o 6.º Grupo (6.º G. B. A.), comandante tenente-coronel Teotónio Sarmiento, que tendo logo desde comêço ficado completamente isolado sem ligações telefónicas com as suas baterias, Comando da brigada e Comando da artilharia da divisão, não pôde exercer acção nenhuma na regulação do fogo.

O pedido de S. O. S. para o S. S. I chegou ao Comando do grupo com um atrazo de mais de uma hora. Em vista disto o Comandante do grupo ordenou que os batalhões nas linhas e as baterias se ligassem directa e imediatamente. Assim ficaram pois desde o início as baterias entregues a si próprias por falta de ligações umas, por ordem do Comando do grupo outras.

A 1.ª Bateria era a *silenciosa*. Estava estabelecida em uma posição recuada junto à estrada de La Bassée, cêrca de 1000 metros a N. do cruzamento de Pont Hem. Tinha apenas quatro bôcas de fogo; das outras duas, uma estava em concêrto e a outra ocupava uma posição avançada como peça anti-tank.

Esta bateria foi, pode dizer-se, asfiziada por gazes. Na posição que, a-pesar-de estar “camuflada”, o inimi-

go tinha referenciado muito bem, as granadas de gaz choviam com abundância. O Comandante, tenente Joaquim Vidal Pinheiro, ferido por um estilhaço e mortalmente gazeado, foi morrer pouco depois numa ambulância inglesa, para onde o transportaram. O alferes Carrazedo de Andrade, também gazeado, lá ficou morto na posição.

Assim, sob tão intensivo bombardeamento, sem Comandante, o seu imediato morto, que poderia o restante pessoal fazer? Quem tomaria a iniciativa de fazer fogo?

Procurar receber ordens? Mas mais de dois quilómetros separavam a posição da bateria do Comando do grupo. Era preciso atravessa-los sob aquela trovoadade de projecteis e temos visto como neste dia de batalha era contingente a ligação por estafetas.

O oficial que restava, alferes Gastão da Rocha Rego, tentou nos últimos momentos meter armões para retirar o material, mas não o conseguiu. No escalão da bateria, atingido também pelo bombardeamento, o gado tinha sido aniquilado e as viaturas destruídas. Este oficial caiu com o pessoal da bateria prisioneiro do inimigo que pouco depois irrompia na posição.

A-pezar-de terem maior liberdade de acção, pouco mais felizes foram no entanto as 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> Baterias. Estavam em posição cêrca de 1 quilómetro à frente da 1.<sup>a</sup> Bateria, ao longo da Fauquissart Road, a 3.<sup>a</sup> na frente e a 4.<sup>a</sup> (obuzes) na retaguarda da Halleybury Road, tendo ambas algumas bôcas de fogo na esquerda, já em sector inglês, a 3.<sup>a</sup> duas peças 700 metros à frente da estação do caminho de ferro de Lavantie e a 4.<sup>a</sup> um obuz junto da Rue Verte.

Esta dispersão certamente contribuiu para que as baterias não pudessem empregar integralmente toda a sua potência de fogo.

A 3.<sup>a</sup> Bateria, que o tenente Bernardo Gabriel Cardoso comandava e que directamente apoiava o S. S. I, teve a comunicação telefónica com o Comando d'este sub-sector interrompida quasi logo de comêço, tendo depois disso recebido d'ele apenas uma comunicação em que se lhe dizia nada haver na frente a não ser o bombardeamento. Teria, em verdade, sido preferível não ter recebido comunicação alguma e ficar desde o início entregue à sua própria iniciativa. Talvez assim tivesse como outras baterias feito fogo de S. O. S. pelo próprio facto de não se ter podido ligar com a Infantaria e não saber o que na frente se passava. Assim, com aquella tranqüilizadora comunicação, ficou esperando novas informações para romper o fogo.

Entretanto o bombardeamento prolongava-se e a dúvida e a inquietação causadas pela sua duração, que já passava além da habitual nos casos de simples *harassing fire*, foram proporcionalmente aumentando também até que às 8 h. e 30 m. o tenente Cardoso se decidiu a mandar um oficial pedir ordens ao Comando do grupo. Este official não pôde já voltar.

A bateria esteve assim sem fazer fogo até que o capitão Queiroz do 20, ao passar pela posição pelas 10 h. 15 m. lhe deu conhecimento de que os alemães tinham penetrado nas nossas linhas, dizendo-lhe que podia abrir já fogo com segurança sôbre a linha da Rue du Bacquerot.

Pode facilmente imaginar-se a consternação que tal comunicação veio causar nesta bateria, pondo o seu Comandante perante uma situação de tanta responsabilidade.

É evidente que poucos comandantes de bateria se atreveriam a encurtar tanto o tiro sob a fé de uma informação que podia bem ser exagerada e portanto

com o risco de bater tropas nossas que estivessem ainda para a frente da Rue du Bacquerot.

Como estava esperando a todo o instante que viessem ordens do Comando do grupo, não cedeu por isso o Comandante desta bateria às instâncias do capitão Queiroz, que lhe declarou ainda, ao retirar, que a sua inércia o entregaria ao inimigo dentro de 15 minutos.

Por informações posteriores soube-se que esta bateria chegou na realidade a fazer fogo no final, já tarde, quando na sua frente não havia, pode dizer-se, linhas de defesa, mas apenas soldados que retiravam, perseguidos pelo inimigo.

A irrupção dos primeiros grupos alemães junto da bateria, se não se fez dentro dos quinze minutos que o capitão Queiroz predisse, não demorou decerto um tempo superior a trinta.

Efectivamente, como já vimos atrás a proposito da 1.<sup>a</sup> Bateria do 2.<sup>o</sup> G. B. A. do capitão Brandão, os alemães entraram na zona destas baterias cêrca das 10 horas e 45 minutos.

“Agora faz-se fogo até ao fim,,”, respondeu o tenente Cardoso cheio de despêro, quando um sargento lhe foi em grande exaltação comunicar que as metralhadoras inimigas se sentiam já perto. E foi assim em plena acção com todo o pessoal nos seus postos de combate que esta bateria caíu em poder do inimigo.

400 a 500 metros à retaguarda da 3.<sup>a</sup> estavam os 3 obuzes da 4.<sup>a</sup> Bateria do comando do capitão Férin Coutinho, que, vendo as suas ligações interrompidas desde o início do bombardeamento e afim de manter o moral das suas guarnições, mandou abrir fogo lento, fazendo cada obuz fogo de 5 em 5 minutos, enquanto não chegavam ordens e informações.

Porêem, como estas demorassem e a situação con-

tinuasse indefinida, o Comandante, perante a pequena dotação que tinha (280 tiros por obuz) e prevendo a dificuldade de fazer o remuniamento, mandou cêrca das 7 h. e 15 m., depois de 100 tiros feitos, interromper o fogo.

A artilharia inimiga bateu muito a posição, caíndo uma granada de grosso calibre sôbre um abrigo, inutilizando o respectivo obuz.

Durante êste intervalo de fogo receberam-se na bateria as primeiras informações, dadas por um soldado que das linhas vinha fugindo em completo desalinho e desarmado.

As suas informações pareceram exageradas ao tenente Fonseca que comandava o fogo na posição.

Contudo mandou recommear o fogo e agora rápido (um tiro por minuto cada obuz) com as duas bôcas de fogo que restavam.

Cêrca das 9 horas, em vista de novas informações que os fugitivos davam, o Comandante da bateria resolveu comunica-las ao Comando do grupo, pedindo ordens com toda a urgência. Na posição só restavam 90 tiros. De novo se fez "alto fogo", guardando cuidadosamente êstes tiros como última reserva, enquanto não vinham ordens e se não fazia o remuniamento.

Em vão se esperou. O estafeta que foi ao Comando do grupo não regressou e o que foi mandado ao escalão, para que viessem os carros de remuniamento nem mesmo alí conseguiu chegar.

Entretanto os fugitivos das linhas iam aumentando. E as informações de cada um que passava mais crítica tornavam a situação da bateria. O inimigo, segundo êles, não tardaria a chegar alí. Férin Coutinho resolveu-se então a consumir os últimos cartuchos. Um

por um os 90 tiros que restavam foram lançados e às 10 h. e 45 m. a posição era abandonada.

Na outra extremidade do sector a 2.<sup>a</sup> Bateria, que apoiava directamente o S. S. II, também fez fogo até à sua última granada.

As seis peças desta bateria estavam dispostas de um e outro lado da Rue Verte, escondidas as suas posições pela "camuflage", natural que ofereciam as árvores que ali havia em grande número.

No entanto uma delas logo ao começar o bombardeamento foi destruída e aniquilada a sua guarnição com excepção do 2.<sup>o</sup> sargento, chefe da peça; de forma que só com as cinco bôcas de fogo restantes e já debaixo da impressão moral que devia ter causado aquele desastre o alferes Portugal da Silveira, que comandava a bateria, iniciou o fogo de S. O. S. pedido pelo Comando do S. S. II, pouco depois de ter rompido o fogo inimigo.

Às 7 h. e 30 m. um estafeta entregava uma nota do alferes Francisco Ignez, em serviço de ligação em HYDE PARK junto do Comando do S. S. II, na qual se pedia para que cessasse o fogo.

O alferes Silveira extranhou com razão o facto, pois o bombardeamento continuava por toda a frente, mais ou menos violento com intermitências de intensidade por vezes, mas sempre contínuo.

Que havia de fazer? Repugnava-lhe cessar o fogo, quando a artilharia inimiga continuava o seu troar triunfal. Mas por outro lado teria o direito de continuar a consumir munições em vão?

O alferes Silveira adotou uma atitude média, fazendo um fogo moderado com duas peças apenas. Porém, logo meia hora depois, cêrca das 8 h., chegava nova comunicação, pedindo novamente "*alto fogo*" e

rogando ainda que se comunicasse à artilharia inglesa o mesmo pedido, porque nas linhas nada havia de anormal!... O alferes Silveira obedeceu resignado e cessou o fogo.

Vimos que noutros sectores e com outras baterias sucedeu o mesmo em determinada altura do bombardeamento.

O mês de Março habituara-nos de tal modo aos bombardeamentos, "*harassing fire*", que muitos dos nossos Comandos julgaram até à hora do ataque que todo aquele barulho de artilharia terminaria como os anteriores, por ficar tudo como dantes.

Esta comunicação partiu de HYDE PARK já cêrca das 7 h. e 45 m. e pouco depois o inimigo lançava a sua infantaria sôbre as nossas tropas.

HYDE PARK não teve tempo para mandar contra-ordem, surpreendido como foi pelos grupos de inimigos, que o atacaram.

Entretanto e enquanto o ataque continuava e progredia nas nossas linhas, na bateria o alferes Silveira esperava que o mistério se esclarecesse, à medida que o nevoeiro se fôsse levantando.

O sector de fogo desta bateria abrangia ainda parte do sector de FLEURBAIX.

Apoiava pois também o batalhão da direita da Brigada 119.<sup>a</sup> (40.<sup>a</sup> Divisão inglesa) imediatamente à esquerda a nossa 4.<sup>a</sup> Brigada.

Às 9 h. e 20 m. appareceu na posição um official inglês da 119.<sup>a</sup> Brigada, pedindo o apoio da bateria. O alferes Silveira reabriu imediatamente o fogo e enviou o alferes miliciano José Joaquim Lourenço para fazer a ligação com esta brigada, ligação que êste official não chegou a efectuar por ter ido encontrar as tropas inglesas da 40.<sup>a</sup> Div. já em plena retirada sôbre Sailly-

sur-la Lys pelas 10 h. e 30 m.. Já não pôde voltar à sua bateria.

Os primeiros grupos inimigos alcançavam a essa hora a Rue Verte e irrompiam na posição com um fogo nutrido de metralhadoras, exactamente quando a bateria estava despejando as últimas granadas. Os seus tiros derradeiros foram ainda lançados com espoleta no zero, à maneira de lanternetas, sôbre os grupos de alemães que atacavam a posição.

Poucos desta bateria conseguiram escapar ao inimigo, fugindo, logo que os alemães assomaram por entre as arvores. A maior parte, não querendo abandonar os seus oficiais lá ficou em poder do inimigo com o alferes Silveira e o alferes Maximino Marques do 2.º G. B. A., que dias antes tinha sido transferido para esta bateria por falta de oficiais.

## CAPÍTULO IX

### A acção da Reserva Divisionária.

1.º — A marcha dos batalhões da 3.ª B. I. para os postos da VIL-LAGE LINE.

*a)* — O Batalhão de Inf. 15.

*b)* — O Batalhão de Inf. 14.

*c)* — O Batalhão de Inf. 12.

*d)* — O Batalhão de Inf. 9.

2.º — Núcleos de resistência á retaguarda.

*a)* — Na estrada de La Bassée.

*b)* — Em Riez Bailleul.

*c)* — Em Bout Deville.

*d)* — Em Le Marais.

*e)* — No reduto de Les Huit Maisons e em Fosse.

*f)* — Em RICHEBOURG POST.

*g)* — O 13 de Infantaria em Lacouture.

*h)* — A resistência do 13 e do 15 no reduto de Lacouture.

*i)* — Na Lawe.

*j)* — Na Rue du Bois.

3.º — Síntese da acção da Brigada de Reserva.

A Report of the Reserve Division

The Reserve Division has been organized to provide a reserve force of trained personnel to be available for service in the event of a national emergency. The division is composed of several units, each of which is responsible for the training and maintenance of its personnel. The units are organized as follows:

- 1. The first unit is responsible for the training and maintenance of personnel in the field of...
- 2. The second unit is responsible for the training and maintenance of personnel in the field of...
- 3. The third unit is responsible for the training and maintenance of personnel in the field of...
- 4. The fourth unit is responsible for the training and maintenance of personnel in the field of...
- 5. The fifth unit is responsible for the training and maintenance of personnel in the field of...
- 6. The sixth unit is responsible for the training and maintenance of personnel in the field of...
- 7. The seventh unit is responsible for the training and maintenance of personnel in the field of...
- 8. The eighth unit is responsible for the training and maintenance of personnel in the field of...
- 9. The ninth unit is responsible for the training and maintenance of personnel in the field of...
- 10. The tenth unit is responsible for the training and maintenance of personnel in the field of...

The Reserve Division is currently in the process of recruiting and training personnel. It is expected that the division will be fully operational by the end of the year.

---

1.º — A marcha dos batalhões da 3.ª B. I.  
para os postos da VILLAGE LINE.

Havia apenas dois dias, na noite de 6/7, que a 3.ª B. I. saíra do sector de NEUVE CHAPELLE onde estivera durante três meses como brigada da 1.ª Divisão, passando desde então para a 2.ª, como sua brigada de reserva.

Os seus batalhões foram assim distribuídos :

Q. G. da Brigada )	
Bat. Inf. 12..... )	La Gorgue
Bat. Inf. 9.....	Riez Bailleul
Bat. Inf. 14.....	Pont Riqueul
Bat. Inf. 15.....	Croix Marmuse.

Desde as 10 horas de 8 tinha à sua responsabilidade para efeitos de manutenção, guarda e conservação a VILLAGE LINE ou *Linha Intermédia*. Ainda nesse dia ordens foram expedidas aos batalhões, para se efectuarem os reconhecimentos aos postos da referida linha; mas às 21 h. 30 m. era-lhe notificada a ordem de prevenção para marchar em 9 de manhã para a retaguarda, onde voltaria a encorporar-se na 1.ª Divisão. O ataque alemão veio pois surpreender estas tropas em preparativos de marcha, desconhecendo ainda os graduados a situação e o papel defensivo dos postos da *Linha Intermédia*, cujo reconhecimento não chegaram a efectuar. Algumas unidades tinham até chegado a encaixotar as suas metralhadoras.

Interrompida a linha telefónica da divisão com esta Brigada desde o início do bombardeamento, um dos

ajudantes do Comando da divisão (cap. V) levou a La Gorgue a ordem para a ocupação dos postos da *Linha Intermédia*, cuja distribuição foi assim feita :

*Postos da direita* — Batalhão de Infantaria 15 —  
EPINETTE W., EPINETTE E., EPINETTE N., CHAVATTES, SCOTT, HUNTER, RICHEBOURG, RAGS, BONES, ANGLE, GROTTO, e ST. VAAST.  
Reserva (tropas que sobrassem da ocupação) em LACOUTURE.

*Postos do centro* — Batalhão de Infantaria 14 —  
CROIX BARBÉE, RUE DU PUIITS, ROUGE CROIX E., ROUGE CROIX W., HARROW, ETON e CHARTER HOUSE.  
Reserva em BOUT DEVILLE.

*Postos da esquerda* — Batalhão de Infantaria 12 —  
PONT DU HEM, LA FLINQUE e ESQUIN com duas companhias.  
Reserva em LE DRUMÉZ, duas companhias.

Como *Reserva Geral* — O Batalhão de Infantaria 9 no seu acantonamento de Riez Bailleul, pronto a partir.

Á excepção do ETON, CHARTER HOUSE e RICHEBOURG nenhum outro posto da VILLAGE LINE chegou a ser ocupado pelas tropas desta brigada.

A situação dos estacionamentos dos batalhões, tão afastados em relação á linha dos postos sob a sua responsabilidade, não basta para explicar êste insucesso.

O batalhão que mais longe estava de La Gorgue (Inf. 15), que era também o que distava mais da *Linha Intermédia*, recebeu a ordem para a ocupação desta Linha ás 6 h. e 30 m. e uma das suas fracções chegou ainda a ocupar RICHEBOURG POST.

Mas, à excepção desta pequena fracção do 15 e de parte do 14, nenhuma outra unidade atingiu a VILLAGE LINE. A demora na saída dos acantonamentos, mas sobretudo o desconhecimento dos itinerários motivaram êste atrazo. Além disso o fogo da artilharia inimiga sobre as estradas e o intenso nevoeiro desorganizaram as colunas de marcha, fazendo perder as ligações.

Nem por isso, no entanto, muitas das fracções que se perderam, deixaram de remediar a sua falta, opondo ao inimigo no local, onde tinham ido parar, a resistência de que foram capazes, como veremos que sucedeu.

*a) — O Batalhão de Infantaria 15.*

A-pesar do seu Comandante, major Raul Peres, ter mandado às companhias ordem de prevenção, ainda antes de recebida a ordem da Brigada, só pelas 8 h. foi possível partir.

As 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> companhias foram destinadas à ocupação dos postos da VILLAGE LINE ao S. da Rue du Bois. As 2.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> deviam guarnecer os postos ao N. até St. VAAST. Em Lacouture ficaria o Comando com metralhadoras do batalhão e meio pelotão da 4.<sup>a</sup> companhia, constituindo um posto de ligação.

A 2.<sup>a</sup> companhia, do comando do tenente Figueiredo, foi a primeira a partir de Croix Marmuse, tendo conseguido chegar com dois pelotões, o 1.<sup>o</sup>, do alferes Miranda Andrade, e o 2.<sup>o</sup>, do sargento Santos, a RICHEBOURG POST. A marcha foi difícil por aquelas estradas fustigadas pelo inimigo e teve de ser executada por fracções.

À frente do primeiro destes pequenos grupos entrou pelas 9 h. e 30 m. em RICHEBOURG POST o tenente Gustavo de Figueiredo. O terceiro pelotão, al-

feres Pereira da Costa, perdeu-se e foi ter a Lacouture, em cuja defesa cooperou.

As 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> companhias, formando uma só coluna de marcha sob o comando do tenente Tribolet, da 1.<sup>a</sup>, tomaram em Zelobes pela estrada de Locon, descaído por Mesplaux e Les Facons sôbre a Rue du Bois, onde na linha dos postos LOISNE W. e N. encontraram forças inglesas da 165.<sup>a</sup> Brigada (55.<sup>a</sup> Div.), que informaram os nossos de que o inimigo tinha já avançado muito e que por isso era preferível tomar ali posição, prolongando o seu flanco esquerdo.

Oficiais de Inf. 10, vindos da frente, confirmaram estas informações. Os alemães já estavam àquela hora senhores das defesas de 1.<sup>a</sup> linha. O tenente Tribolet resolveu então não avançar mais e ficar com as forças inglesas, mandando a Lacouture uma ordenança a pedir instruções ao Comandante do batalhão em conformidade com esta situação.

Durante a marcha um pelotão da 3.<sup>a</sup> companhia, 1.<sup>o</sup> sargento Bugalho, perdeu-se dos restantes e, tomando por Vieille Chapelle, foi encontrar-se com elementos do 13 que retiravam de Lacouture, com êles combatendo depois junto ao canal da Lawe.

A 4.<sup>a</sup> companhia, que devia seguir por Vieille Chapelle e Queen Mary's Road até aos postos, cuja defesa lhe competia, errou o seu itinerário.

O 1.<sup>o</sup> pelotão, tenente Conceição Fontes, e o 3.<sup>o</sup>, alferes Alves de Sousa, cuja marcha foi em grande parte feita através dos campos por pequenas fracções, para evitar a estrada de Vieille Chapelle, extremamente batida, descaíram sôbre a esquerda e foram ter pelas 10 h., 30 m. a HUIT MAISONS POST, onde já encontraram ingleses. Ali ficaram e ali receberam o choque do inimigo pelas 14 horas. A artilharia inimiga batia

com insistência o reduto e os nossos logo ao entrar na trincheira tiveram um cabo e um soldado mortos.

O 2.<sup>o</sup> pelotão, alferes Padre Lopes Pereira, que devia fornecer metade do seu efectivo para estabelecer junto do Comando um posto de ligação, enquanto o restante iria guarnecer CHAVATTES POST, atingiu com o Comandante da companhia, capitão Brito, a aldeia de Lacouture, não conseguindo romper para a frente pela K. George's Road. Assim, o pelotão ficou todo em Lacouture, onde também já estava o 3.<sup>o</sup> pelotão da 2.<sup>a</sup> companhia, alferes Costa.

Com esta força seguiu igualmente o destacamento de metralhadoras, alferes Antunes, e o Comandante do batalhão, que estabeleceu o seu posto de comando na estação telegráfica. Eram 10 horas aproximadamente.

Assim, logo que por cada fracção foi conhecida a posição a ocupar, os elementos d'este batalhão desligaram-se ao sair de Croix Marmuse, tendo marchado e combatido depois isoladamente. Não teria tal facto tido conseqüências de maior, se as fracções tivessem seguido os devidos itinerários em direcção aos postos indicados. Mas o pior foi que assim não succedeu, tendo resultado uma inconveniente dispersão de forças e a impossibilidade para o Comando de estabelecer durante a batalha as necessárias ligações.

#### *b) — O Batalhão de Infantaria 14.*

Estacionando mais perto de La Gorgue que o Batalhão de Inf. 15, esta unidade recebeu mais cedo a ordem e pôz-se logo às 7 h. em marcha.

Segundo a distribuição estabelecida pelo Comandante, major Vale de Andrade, a 1.<sup>a</sup> companhia, capitão Manoel de Oliveira, devia guarnecer a linha CROIX

BARBÉE-ROUGE CROIX, com um pelotão em St. VAAST POST; à 2.<sup>a</sup>, tenente Perestrelo da Silva, competia a defesa dos postos HARROW, ETON e CHARTER HOUSE. A 3.<sup>a</sup>, tenente Anibal de Azevedo, e a 4.<sup>a</sup>, alferes Adriano Branco, ficariam em reserva, escalonadas, a 3.<sup>a</sup> em Bout Deville e a 4.<sup>a</sup> em Le Marais.

Por desconhecimento do itinerário a 1.<sup>a</sup> companhia, em vez de seguir por P.<sup>it</sup> Marais-Bout Deville directamente sobre Croix Barbée, tomou por Lestrem, Fosse e Vieille Chapelle, onde, reconhecendo o seu erro, voltou para o N., indo ter a BOUT DEVILLE POST já guarnecido por ingleses.

O 2.<sup>o</sup> pelotão desta companhia, que tinha por missão ocupar St. VAAST POST, desligou-se desde o começo dos restantes pelotões, tomando o verdadeiro itinerário por P.<sup>it</sup> Marais; mas também não conseguiu chegar a Bout Deville, retirando através dos campos para FOSSE POST, depois de congregar as praças que o fogo inimigo fizera dispersar. Neste posto havia do mesmo modo já uma guarnição inglesa.

A 2.<sup>a</sup> companhia conseguiu atingir plenamente o seu objectivo, não obstante o fogo inimigo sobre Oxford Road, ocupando cedo, logo pelas 3 h., com dois pelotões o ETON POST, e com o restante o CHARTER HOUSE a-pesar-de intensamente batidos, sendo-lhe impossível porém fazer ocupar HARROW POST, tão forte incidia sobre elle o fogo da artilharia alemã.

As companhias de reserva estabeleceram-se como lhes tinha sido ordenado. A 4.<sup>a</sup> ficou em LE MARAIS E. POST, onde depois das 9 h. se estabeleceram igualmente duas secções de metralhadoras inglesas, a 3.<sup>a</sup> com o Comandante do batalhão junto do cruzamento de estradas em Bout Deville.

*c) — O Batalhão de Infantaria 12.*

Este batalhão acantonava em La Gorgue, tendo recebido a ordem de guarnecer a VILLAGE LINE, logo às 6 h. e 15 m. No entanto, o denso nevoeiro e o bombardeamento que incidia sobre a povoação, dificultaram a concentração dos efectivos. (1)

O Comandante, capitão Mário Teixeira Diniz, distribuiu assim as suas companhias:

- 3.<sup>a</sup> companhia (11.<sup>a</sup>), alferes Horácio de Assis Gonçalves, para PONT DU HEM POST.
- 2.<sup>a</sup> companhia (10.<sup>a</sup>), alferes Joaquim José da Costa, dois pelotões para LA FLINQUE POST, um pelotão para ESQUIN POST.
- 1.<sup>a</sup> companhia (9.<sup>a</sup>), tenente Elbling Leal, e 4.<sup>a</sup> (12.<sup>a</sup>), alferes Julio Lopes Custódio, para LE DRUMEZ POST, como reserva.

Algumas granadas que caíram sobre o próprio local de concentração do batalhão, fizeram dispersar as praças que procuraram abrigar-se, umas numas velhas trincheiras rudimentares, que ali havia, outras junto às casas. Só passados três quartos de hora, cerca das 8, as companhias se puderam de novo reformar. Algumas praças foram feridas.

A 3.<sup>a</sup> companhia, alferes Horácio de Assis Gonçalves, foi a primeira a partir, marchando fracionada em pequenos grupos, para melhor atravessar as barragens.

Devido à falta de oficiais dois pelotões iam comandados por sargentos, o 2.<sup>o</sup>, pelo 2.<sup>o</sup> sargento Oliveira Franco que ia na frente, e o 3.<sup>o</sup> pelo 2.<sup>o</sup> sargento Manuel Monteiro que seguia na retaguarda.

---

(1) V. *Na Ceplândia*, pelo alferes Assis Gonçalves.

No centro marchava o 1.º pelotão, alferes Narciso dos Santos; com êle ía o Comandante da companhia. (1)

O itinerário foi errado desde o comêço, tendo esta companhia tomado a estrada de Lestreme seguido por Pont Riqueul, quando devia marchar em sentido opposto, tomando em B.<sup>1º</sup> Croix a estrada de La Bassée que conduzia directamente a Pont du Hem.

O desconhecimento dos caminhos, o nevoeiro e as barragens sôbre as estradas desorganizaram bastante esta unidade, tendo-se perdido alguns grupos, que seguiram para o S. pela estrada de Locon. Para os congregar seguiu de Pont Riqueul para Fosse o alferes Santos com ordem de se vir juntar depois em Pont du Hem ao resto da companhia.

Também em Pont Riqueul ou ainda antes, o alferes Gonçalves perdeu a ligação com o pelotão testa, o 2.º, do 2.º sargento Franco, que, possivelmente voltou á esquerda pela estrada Pont Riqueul-B.<sup>1º</sup> Croix, enquanto Assis Gonçalves voltando á direita, atravessou a Lawe, tomando pela estrada de Fosse. Reconhecendo depois que marchava demasiadamente para o S., tomou através dos campos para a esquerda, atravessando de novo e a vau o canal da Lawe junto a Lock de La Roul, indo assim ter á grande "*ferme*," fortificada de LE MARAIS W. POST, já occupada por um grupo de ciclistas ingleses do XI Corpo.

Tendo lóbrigado na estrada, á direita, junto a Le

---

(1) Os quadros dêste batalhão estavam imensamente desfalcados. Nenhuma companhia era comandada por um capitão e havia uma que tinha por junto um único official. Deviam ser 36, mas havia então apenas 11, dos quais 4 estavam no Comando e 7 nas companhias. Dêstes só dois eram officiais do quadro permanente; os outros eram milicianos. Estavam, pois, fóra do batalhão 21 officiais.

Marais F.<sup>me</sup>, um soldado português, o alferes Gonçalves, julgando haver ali alguma unidade, para lá seguiu. Era apenas uma praça de metralhadoras pesadas que vinha retirando das linhas, desarmada e alucinada, dizendo que "os alemães vinham já ali... tudo prisioneiro e morto... êle tinha escapado a custo...". Para que não desmoralizasse os seus homens, mandou-o seguir para a retaguarda e, vendo que em volta da casa havia uma boa trincheira, onde já estava um pequeno grupo de ingleses, resolveu esperar ali o inimigo na impossibilidade de atingir já PONT DU HEM POST.

Com o alferes Gonçalves estava apenas uma pequena fracção da companhia. O pelotão que saiu de La Gorgue na frente da coluna com o 2.º sargento Franco parece ter acertado com o itinerário de Pont du Hem, tomando a estrada de La Bassée, onde se misturou com os efectivos de Inf. 5, retirando com êles. Os que se perderam tomando o caminho de Fosse, foram ali reunidos pelo alferes Narciso dos Santos, que com êles atingiu ainda Bout Deville, onde colaborou com o 14.

Por motivo do bombardeamento que incidiu no local de concentração, as praças da 2.ª companhia tremalharam-se, conseguindo a custo o seu comandante, alferes Joaquim José da Costa, reunir ainda nos campos a S. de La Gorgue um efectivo de cêrca de 50 homens que dividiu em dois pelotões.

Com êles seguiu, fazendo um inútil rodeio por Pont Riqueul e B.<sup>le</sup> Croix em direcção a Lavantie, desistindo depois pelas informações vindas da frente de ir ocupar os postos de LA FLINQUE e ESQUIN, que lhe estavam designados, estabelecendo-se por isso num qualquer elemento de trincheiras indeterminado que encontrou a O. de Lavantie e que presumimos

ter sido algum dos entrancheiramentos de LE DRUMEZ POST.

Esta unidade, de resto, pouco se demorou ali, tendo retirado sobre La Gorgue por motivo de más informações recebidas de Lavantie, sem se ter podido ligar com qualquer outra força inglesa ou portuguesa.

O Comando do batalhão com as duas companhias que deviam ficar em reserva no posto de LE DRUMEZ, a 1.<sup>a</sup>, do tenente Elbling Leal, e a 4.<sup>a</sup>, do alferes Julio Lopes Custódio, seguiram o verdadeiro itinerário, tomando em B.<sup>10</sup> Croix a estrada de La Bassée.

Mas a pouco e pouco a coluna de marcha desagregou-se. O grupo da frente do comando do alferes Veloso, parece ter sido o único a atingir LE DRUMEZ.

Dos restantes, alguns foram ter ao CARTER'S com o tenente Elbling Leal e o 2.<sup>o</sup> Comandante do batalhão, capitão Pereira do Carmo. Outros nem chegaram a tomar posição, tendo retirado, arrastados pelos fugitivos da frente.

*d) — O Batalhão de Infantaria 9.*

Segundo a repartição de tropas feita pelo Comando da brigada, êste batalhão devia constituir no seu acantonamento de Riez Bailleul a reserva da brigada, tendo recebido a ordem de prevenção às 6 h. e 45 m..

O Comandante interino do 9, capitão Arnaldo Douwens, mandou logo ordem às companhias para formar. O batalhão assim permaneceu de armas ensarilhadas, equipado e pronto, até que o bombardeamento tornou insustentável a sua situação em Riez Bailleul.

---

## 2.º — Núcleos de resistência à retaguarda.

### a) — *Na estrada de La Bassée.*

Esta estrada era a principal, o verdadeiro eixo do nosso sector. Os fugitivos das linhas convergiram naturalmente sobre ela, levando a desmoralização às unidades em reserva. Por isso o Batalhão do 5 se desagregou em Pont du Hem, o mesmo tendo depois sucedido a Infantaria 12 mais à retaguarda.

Nem mesmo no CARTER'S POST onde se juntaram fracções das mais variadas procedências, elementos diversos de Infantaria 5, 4.ª companhia de Infantaria 11, grupos das 2.ª e 4.ª companhias de Infantaria 12 e ainda uma pequena força de ciclistas ingleses, se chegou a efectivar resistência. Eram elementos de fraco valor, tanto pelos seus reduzidos efectivos, como pela sua diversidade, falta de ligação e real desmoralização em que estavam. O posto foi abandonado, logo que se percebeu pelo avançar da barragem da artilharia e pelos fogos de metralhadoras que o inimigo estava perto. Pelas 12 h. e 30 m. ou 13 h. o pequeno grupo de ciclistas ingleses que o guarnecia saíu para ir tomar posição noutra posição.

Os nossos retiraram sobre Estaires de roldão com os fugitivos pela estrada de La Bassée, de todos se tendo apoderado a ideia fatal de que era impossível e inútil resistir. Com isto os alemães tinham inteiramente livre e franqueado ao seu avanço todo o terreno até à linha do Lys e à casaria de La Gorgue e Estaires, onde forças de reserva da 50.ª Divisão lhe apresentaram ao entardecer uma mais séria resistência.

*b) -- Em Riez Bailleul.*

Esta povoação, onde havia um posto da *Linha do Corpo* e uma posição de artilharia pesada inglesa, foi por isso bastante batida pela artilharia inimiga desde as primeiras horas da manhã.

Pelas 10 h. 30 m. o bombardeamento recrudesciu, começando a fazer as primeiras vítimas entre os soldados ingleses do XI Corpo, que tinham vindo guarnecer o posto. Êste facto, acrescido ao desbarato que vinha da frente, determinou o capitão Arnaldo Douwens a fazer retirar da povoação a sua gente, para a subtrair à acção desmoralizadora do fogo inimigo e evitar a dispersão; enviou uma nota ao Comando da brigada, expondo a situação insustentável do batalhão e o receio de não poder conter as praças, se ali continuasse.

Esta nota parece não ter chegado ao seu destino. Em todo o caso êste batalhão não recebeu ordem de avanço, nem outra qualquer determinação.

Às 11 h., o capitão Douwens mandou retirar as companhias por pequenos grupos para Pont Riqueul. Ao sair de Riez Bailleul e durante a marcha os efectivos do 9, desmoralizados pelo bombardeamento e contaminados pelo pânico propagado pelos fugitivos das linhas, dispersaram-se em parte. A concentração em Pont Riqueul foi por isso demorada e difícil. Os oficiais ainda conseguiram reunir uns cem homens, com os quais o capitão Douwens guarneceu PONT RIQUEUL POST, onde já havia uma fracção inglesa.

Em Riez Bailleul tinha o batalhão apenas a 1.<sup>a</sup>, parte da 3.<sup>a</sup> e a 4.<sup>a</sup> companhias. A 2.<sup>a</sup> e o restante da 3.<sup>a</sup> encontravam-se em Fosse, onde tinham ido buscar os seus equipamentos por motivo da ordem de rendição, não se tendo podido já reunir ao batalhão. A 1.<sup>a</sup> com-

panhia não chegou a receber a ordem para sair de Riez Bailleul, não obstante terem-lhe sido mandadas sucessivamente três ordenanças, que não regressaram.

Uma granada que caiu no local de formatura desta companhia, matando um homem, fez dispersar as praças em todas as direcções.

Em Pont Riqueul ainda se juntou ao capitão Douwens o alferes Brito de Inf. 5 com a sua secção de metralhadoras. Pouco tempo ali permaneceram. Os ingleses evacuaram o posto, logo que o atingiu a barragem inimiga, e os nossos, retiraram também para nova posição, junto ao cemitério de Lestrem, onde souberam que a divisão estava já em retirada sobre Calonne.

*c) — Em Bout Deville.*

Infantaria 14, embora não tivesse já podido atingir totalmente os postos que lhe tinham sido indicados, veio a apresentar ao inimigo a primeira resistencia séria, que êle encontrou nesta parte da frente.

Tendo-se estabelecido no ETON e no CHARTER HOUSE POST, a 2.<sup>a</sup> companhia manteve o seu moral levantado, não obstante os boatos desmoralizadores espalhados pelos fugitivos que por ali passavam.

No ETON POST o Comandante da companhia, tenente Perestrelo da Silva, julgou perceber cêrca das 11 h. tiros de metralhadoras alemãs no flanco esquerdo e receando que o inimigo tivesse já ultrapassado Pont du Hem, mandou ordem ao pelotão em CHARTER HOUSE para retirar para Bout Deville.

Aquela ordem não foi porém recebida. Nesta altura a barragem estava incidindo com mais intensidade; o estafeta que levava a ordem foi ferido e já não foi possível estabelecer a ligação com aquele posto.

O alferes Lemos, também ali enviado, alcançou o CHARTER HOUSE; mas já não conseguiu sair de lá, tão forte era o bombardeamento em volta.

Cêrca das 11 h. e 45 m. Perestrelo da Silva começou a sentir distintamente fogo na frente e na direita do ETON e, suspeitando que o inimigo avançava no seu flanco direito pela Oxford Road, abandonou o pôsto e mandou estender os dois pelotões, que ali tinha, em atiradores junto da Oxford.

Já para ali tinha vindo também, a 3.<sup>a</sup> companhia, do tenente Anibal de Azevedo. A 4.<sup>a</sup> que o major Vale de Andrade mandára ficar em reserva e que se estabelecera nos postos de LE MARAIS E. e CLIFTON S., foi mandada igualmente avançar logo que se teve conhecimento da aproximação do inimigo.

Apenas parte da 4.<sup>a</sup> companhia, talvez a que estava no CLIFTON S., recebeu esta ordem, indo efectivamente sob o comando dos alferes Branco e Pires tomar posição ao lado dos efectivos da 2.<sup>a</sup> e da 3.<sup>a</sup>; o restante da 4.<sup>a</sup> ficou em LE MARAIS E. POST.

Às 9 h. e 10 m. o Comandante do batalhão, major Andrade, tinha sido ferido junto ao cruzamento de Bout Devile, tendo por isso retirado. Na sua auzência e na do capitão Manuel de Oliveira, que não tinha podido chegar ali com a sua companhia (a 1.<sup>a</sup>), era o tenente Perestrelo da Silva, quem estava realmente comandando o batalhão, tendo conseguido congregar ainda cêrca de 200 espingardas na Oxford com o que veio a fazer face ao inimigo.

O pelotão isolado em CHARTER HOUSE, foi o primeiro a ser atacado. Pelas 12 h. irromperam da neblina na Eton Road os primeiros vultos inimigos em frente e à esquerda do posto, vindos de Pont du Hem, que executaram a curta distancia um fogo vivo de metralhado-

ras, a que os nossos responderam logo com energia e decisão.

Por felicidade, um pouco antes das 10 h. viera refugiar-se no posto uma guarnição de metralhadora pesada que tinha conseguido retirar da sua posição com a metralhadora. Foi um precioso auxílio. O seu fogo causou baixas no inimigo, que hesitou e parou um pouco para estender para um e outro lado, formando arco em volta do posto. As suas fileiras cresciam a olhos vistos e minutos depois lançavam-se ao assalto resolutamente. O alferes Santos Rosa teve apenas o tempo preciso para escapar com alguns soldados.

Entretanto na Oxford Road Perestrelo da Silva e Anibal de Azevedo eram igual e violentamente atacados.

Resistiram por algum tempo corajosamente. Mas, perante a crescente superioridade do inimigo, cujas fileiras cada vez mais densas cresciam sobre os flancos dos bravos soldados do 14 de um e outro lado da estrada, ameaçando envolvê-los num círculo de fogo, Perestrelo da Silva resolveu retirar para ir de novo tomar posição em CLIFTON S., onde estava já uma secção de metralhadoras inglesas, vinda pouco antes.

Alí contava resistir até que chegassem os reforços que pedira em nota que o tenente Rogério levara ao Comando da brigada; mas vendo o inimigo recommençar aqui a sua manobra de envolvimento, retirou, e com êle a secção inglesa de metralhadoras, sobre LE MARAIS E. POST, onde já não encontrou a 4.<sup>a</sup> companhia. Uma praça informou-o de que um soldado trouxera ordem para retirar. Esta ordem, recebida primeiro em LE MARAIS E. POST, pela parte da 4.<sup>a</sup> companhia que alí tinha ficado e que logo retirou, não chegou a ser comunicada às restantes forças que lá adiante, em Bout Deville, estavam resistindo ao inimigo.

Perestrelo da Silva e Aníbal de Azevedo abandonaram então a linha de batalha, levando os seus soldados debaixo de forma, como se viessem de um simples exercício, pela estrada de Calonne, àquela hora tão cheia já do tumulto dos fugitivos em desordem.

*d) — Em Le Marais.*

Antes de atingir a curva saliente da Lawe, junto a Pont Riqueul, o inimigo teve ainda de se defrontar com a fracção da 3.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 12, estabelecida com uma fracção inglesa em LE MARAIS S. POST sob o comando do alferes Assis Gonçalves. Assis Gonçalves de acordo com o alferes que comandava os ingleses dispôs uma metralhadora no flanco direito com o 2.<sup>o</sup> sargento Grancho, outra no flanco esquerdo com o 2.<sup>o</sup> sargento Domingos e as outras praças ao parapeito.

Pouco depois de um grupo de oficiais ingleses que passavam em inspecção às posições da linha de batalha, destacou-se um que ali ficou com o comando do posto: — o capitão Holdswuth, 8 Durham L. S., (1)

Enquanto a vaga inimiga não chegava, deu-se balanço às munições. Os nossos possuíam apenas as dotações individuais; as metralhadoras tinham os depósitos vazios. Todo o municamento do batalhão tinha ficado em La Gorgue na arrecadação, onde tudo tinha sido de véspera disposto para seguir para a retaguarda. O bombardeamento e a pressa de avançar tinham impedido que as companhias se remuniciassem convenientemente. De resto, haviam-lhe dito que nos

---

(1) V. *Na Ceplândia* de Assis Gonçalves, pag. 190.

paioes dos postos se encontraria o municamento necessario. Mas neste posto, como em outros, nem um cartucho foi encontrado. Com as munições de todos, Ingleses e portuguezes, se arranjaram ainda 40 depositos de 45 cartuchos cada para as duas metralhadoras.

Para avisar da aproximação do inimigo foram estabelecidas algumas praças em observação na frente e nos flancos do posto.

Soldados portuguezes que retiravam começaram a passar em grande número, vindos dos lados de Bout Deville e de Riez Bailleul. O capitão Holdswuth e o alferes Gonçalves, saltando fora do reduto, chamaram-os, tentando reuni-los para os fazer voltar ao combate; mas inutilmente.

A certa altura o posto de observação do flanco esquerdo comunicou que Infantaria 14 retirava.

Foi, procurando obter ligação com estas forças que se escoavam para Pont Riqueul, que o alferes Assis Gonçalves conseguiu que se lhe juntassem os soldados da sua companhia que durante a marcha se tinham perdido. O alferes Narciso dos Santos tinha-os congregado em Fosse e com êles havia ido ter a Bout Deville, onde se reunira a Infantaria 14. Trazia o 2.º sargento Serrano gravemente ferido com um estilhaço de granada que lhe esfacelára uma perna, pelo que foi evacuado para o posto de socorros de Fosse, onde foi depois feito prisioneiro.

Também vieram aqui parar algumas praças da 4.ª companhia (12ª.), que vinham, perdidas e desorientadas, da estrada de La Bassée, onde a maior parte dos efectivos do 12 se tinham diluido ao contacto com os que da frente retiravam. Por estas praças soube que o 2.º sargento Franco tinha estado por lá com o seu pelotão, tendo retirado com todos os outros.

A-pesar das atterradoras notícias que os fugitivos da frente lhe traziam, a-pesar-de saber que o Comando da brigada tinha dado ordem já ao 14 para retirar e que êste retirava com efeito, não quiz o alferes Gonçalves abandonar a linha de batalha, deixando aquele posto entregue só à pequena força de ingleses que estava com êle; preferiu ficar.

Cêrca das 13 horas a artilharia inimiga interrompendo o bombardeamento sôbre aquela região de Le Marais, alongava a barragem para O. da Lawe.

Um aeroplano appareceu, ave agoirenta, abutre procurando vitimas. Inutilmente Assis Gonçalves o mandou visar com uma das metralhadoras. O aeroplano continuou voando baixo, esquadrinhando a terra. Mas o fogo daquela metralhadora parece ter denunciado os nossos, porque de repente, eram 13 h. e 30 m. ou 14 h. uma série de tiros caíu sôbre aquela zona de Le Marais. Felizmente aquele pequeno reduto de forma retangular, com o lado menor de cêrca de 60 m. apresentava um alvo bastante reduzido e nele caíu apenas uma granaada que não fez vitimas.

Logo depois appareceram ao longe, tão longe quanto a neblina ainda deixava descortinar, os primeiros grupos inimigos.

Do parapeito o alferes Gonçalves e o capitão Holdswuth seguiram com o binóculo o desenvolvimento daquela massa pardacenta de vultos indistintos que se moviam por entre os últimos farrapos da nevoa que se desfazia.

Indecisos de começo sôbre se seriam realmente alemães ou soldados nossos em retirada, os dois officiais deixaram que aqueles vultos se aproximassem mais. Mas em breve se lhes dissiparam as dúvidas. Nos campos em frente do reduto desenhou-se como uma

linha de atiradores que, sucessivamente aumentando, avançava resolutamente. No flanco esquerdo, pela estrada de Bout Deville, era uma coluna interminável que marchava sôbre Le Marais.

O alferes Gonçalves não esperou mais e mandou fazer fogo às suas metralhadoras sobre a massa parda dos inimigos a cêrca de 500 m. .

Esta rajada inesperada surpreendeu os alemães e toda a linha de ataque, suspendendo a marcha, pareceu caír de bruços, desaparecendo os vultos por entre a verdura e as ondulações do campo.

Na esquerda a guarnição inglesa de LE MARAIS W. POST, cujo comandante tinha pouco antes pedido ao alferes Gonçalves algumas praças portuguesas para servir uma metralhadora, abriu também fogo. E o tiroteio pegou.

No reduto havia um grande numero de praças que por falta de municiamento eram inúteis. Sensatamente o alferes Gonçalves tinha-as mandado retirar com o alferes Narciso dos Santos, a-pesar-de todas se terem oferecido para ficar. Ficaram apenas as necessárias para o serviço das duas metralhadoras e duas ordenanças, os numeros 10 e 11 da companhia. O capitão Holdswuth tinha mandado também alguns soldados para o reduto maior de LE MARAIS W. POST, ficando com apenas 13, dos quais 10 foram mandados guarnecer a face esquerda do reduto. Junto da metralhadora da direita postou-se o alferes Gonçalves. Holdswuth ficou junto do apontador da metralhadora da esquerda.

E o tiroteio continuava. Era um entusiasmo, um desafio como numa carreira de tiro. As metralhadoras aproveitavam bem as munições com rajadas intermitentes, cada vez que aparecia alvo digno de atenção.

O capitão Holdswuth, entusiasmado, é o primeiro a

elogiar a serenidade e sangue frio, valentia e precisão com que os nossos apontadores fazem fogo e ceifam nas fileiras do inimigo.

Do lado dêste o fogo é contínuo, mas incerto e ineficaz. As balas esfolam a terra dos parapeitos e razam as cabeças dos defensores do posto, mas não os atingem, respeitando involuntariamente o heroísmo daquele punhado de valentes.

Às 16 h. e 20 m., depois de cêrca de duas horas de fogo, as metralhadoras queimavam os últimos cartuchos.

Em LE MARAIS W. POST o fogo tinha terminado também já e assim o inimigo, retomando o avanço, pôde alcançar a estrada, ameaçando a esquerda dos defensores de Le Marais F.<sup>m</sup>. O capitão Holdswuth e o alferes Gonçalves resolveram retirar então, para fugir ao amplexo mortal que aquele movimento desenhava. Mandaram sair as praças em direcção a Fosse.

Tendo-se ainda encontrado cartuchos para encher um tambor de metralhadoras, o bravo sargento Domingues quiz aproveitá-los e com esses tiros deteve um pouco os grupos dos assaltantes, protegendo a evacuação do reduto.

Por último saíram os dois oficiais. Era mais que tempo. O sargento Domingues, entretido a fazer fogo com a metralhadora, não pôde já escapar-se. Lá ficou ferido nas mãos do inimigo.

Numa retirada difícil e perigosa, sempre perseguidos pelo fogo dos alemães, os nossos seguiram na retaguarda dos ingleses do capitão Holdswuth até Fosse, onde atravessaram o canal.

Áquela hora os defensores de HUIT MAISONS POST, cuja acção passamos a descrever, tinham já retirado também para O. da Lawe, onde as reservas inglesas estavam organizando uma nova linha de resistência.

*e) — No reduto de Les Huit Maisons e em Fosse.*

Vimos, como por êrro de itinerário foram parar aos entrancheiramentos de HUIT MAISONS restos da 1.<sup>a</sup> companhia de Inf. 14 com o alferes Alves Carneiro (o 2.<sup>o</sup> pelotão tinha seguido para Fosse e dali para Lestrem) e dois pelotões (o 1.<sup>o</sup>, tenente Fontes, e o 3.<sup>o</sup>, alferes Alves de Sousa) da 4.<sup>a</sup> companhia de Inf. 15.

O reduto era grande e quando os nossos ali tomaram posição já lá havia um importante núcleo de forças inglesas do XI Corpo. A companhia do 14 estava também já estabelecida no flanco esquerdo do reduto quando chegaram os pelotões do 15.

O major inglês que ali comandava dividiu os dois pelotões do 15 (80 a 90 homens) em grupos que estabeleceu em determinados pontos da trincheira no flanco direito do reduto, assim como as duas metralhadoras ligeiras que com êles levavam.

Aproximadamente ás 14 h. e simultâneamente com o ataque a Le Marais, apareceram os primeiros inimigos. Portugueses e ingleses romperam fogo vivamente logo que os viram.

O fogo dos nossos, a princípio precipitado e impulsivo, foi-se tornando mais certo e regular, à medida que o inimigo se aproximava, acercando-se até menos de 200 m. do parapeito. A tão curta distância o tiro da defesa era, como bem se pode avaliar, de uma grande eficácia, o que mais entusiasmava os nossos soldados. As metralhadoras do 15 prestaram ali bom serviço.

Os alemães preenchiam rapidamente os vazios abertos na sua linha de ataque; mas a intensidade do fogo do reduto deteve-os durante duas horas aproximadamente, até que, vendo a dificuldade do ataque frontal, começaram a desenhar o envolvimento pelo N., parecendo

aos nossos oficiais que as suas vagas desfilavam para N. e N. O.. Em verdade êste movimento envolvente vinha já de mais ao N. e era feito sôbre a esquerda dos postos de Le Marais.

O major inglês deu então a ordem de retirada por pequenos grupos independentes que deviam voltar a concentrar-se em Fosse.

Os efectivos alemães, que atacaram este reduto, assim como os postos de Le Marais, deviam ser grandes, pois que davam aos nossos a aparência de que as suas vagas se sucediam em ordem unida.

A julgar pelo relato dos defensores de HUIT MAISONS, os alemães parece terem empregado aqui morteiros ou pequenas peças de tiro curvo, com que a infantaria de 1.<sup>a</sup> linha se fazia acompanhar no ataque.

Eram 16 horas quando HUIT MAISONS POST foi evacuado, meia hora antes que o posto de Le Marais F.<sup>me</sup>, Como neste último, as munições escassearam aqui também e igualmente se notou o aeroplano inimigo, voando a pequena altura e fazendo sinais para a regulação do fogo da artilharia, cujo tiro se tornou depois mais intenso e eficaz, tendo causado algumas baixas nos ingleses, nas praças de Inf. 14 e nas de Inf. 15, que nesta ultima fase do combate tiveram seis mortos, tendo a guarnição de uma metralhadora sido aniquilada por um morteiro ou outro projétil de grosso calibre.

A retirada foi difícil e feita em contacto imediato com o inimigo, que pela frente e pela esquerda fazia um intenso fogo de metralhadora sôbre os grupos que dispersadamente e através dos campos se dirigiam para Fosse. Naquele terreno chato e liso apenas os drenos cheios de água lhes ofereciam um momentâneo abrigo.

Nesta retirada os sôldados ingleses portaram-se heroicamente, fazendo parar de quando em quando a perseguição do inimigo e demorando-o com resistências sucessivas. Sofreram bastantes baixas.

Combatendo sempre, os luso-ingleses de HUIT MAISONS vieram estabelecer-se junto à ponte de Fosse, onde já havia forças da 51.<sup>a</sup> Div..

Logo depois de terem passado os soldados do capitão Holdswuth e do alferes Gonçalves, o Comando inglês em Fosse fez saltar a ponte.

O inimigo deteve alí a sua perseguição. Cansado, precisando de refazer-se ou de substituir as suas unidades, não esboçou na tarde dêste dia nem durante a noite ataque algum.

Do nosso lado a fadiga, e a situação de estrita defensiva a que se via reduzido o ténue cordão de tropas, que àquela hora guarnecia toda a linha da Lawe desde La Gorgue, impuzeram também o silêncio.

Foi pois relativamente tranqüila a noite de 9/10 junto à ponte de Fosse. Apenas os observadores de infantaria trocavam de vez em quando tiros isolados por sôbre as águas esverdinhas do canal.

Na madrugada de 10, logo ás 4 e meia ou 5 horas, a artilharia inimiga iniciou o bombardeamento destas novas posições. Nesta ocasião o tenente Fontes, que alí comandava os dois pelotões do 15, foi ferido e evacuado, sendo substituído pelo alferes Lopes.

Durante êste bombardeamento e nas primeiras horas da manhã a linha da infantaria alemã tinha-se aproximado mais e cêrca das 10 horas achava-se fortemente estabelecida sôbre a margem direita da Lawe, apenas separada dos nossos e dos ingleses pela estreita faixa daquela linha de agua.

Os soldados portuguezes estavam sem munições e

sobretudo cheios de fome. Durante todo o dia 9 não tinham comido mais que um ligeiríssimo caldo que à noite, em Fosse já, os ingleses lhes tinham distribuído e que nem chegou para todos.

Mas nem por isso lhes falecia a coragem, nem se lhes apagava o desejo de continuar a resistência a-pesar-de se verem isolados das restantes tropas portuguesas, cujo destino ignoravam. Tendo porém os nossos oficiais perdido munições e viveres, o tenente coronel inglês que ali comandava, declarando que nada lhes podia dar, aconselhou-os a retirar.

Saíram da linha de batalha quando já para lá de St. Venant convergia sobre Aire-sur la Lys em longas filas de tropas desorganizadas, desmoralizadas, a maior parte dos efectivos da divisão.

*f) — Em RICHEBOURG POST.*

Vimos como pelas 9 h., 30 m. o tenente Gustavo de Figueiredo tinha ocupado com dois pelotões da 2.<sup>a</sup> companhia do 15 um posto junto á arruinada povoação de Richebourg St. Vaast, o próprio RICHEBOURG POST. Foi a única fracção do 15 que chegou à VILLAGE LINE.

As tentativas feitas para obter ligação com outras unidades foram inúteis. Nos postos ao lado não havia tropas e as três ordenanças enviadas a Lacouture, onde devia estar o major Peres, não regressaram. Assim, esta fracção do 15, ponta mais avançada das unidades da Reserva Divisionária, estava completamente isolada e entregue à sua sorte.

Os primeiros inimigos apareceram ali pelas 10 h. e 30 m., recebendo-os o tenente Figueiredo com rajadas de metralhadora. Estacando na sua marcha, esta-

beleceram-se em atiradores em frente dos nossos, tão longe quanto o nevoeiro, que estava então a levantar, o permitia.

Sem ligação com quaisquer tropas, sem receber ordens do Comando do batalhão, a quem ainda enviara inutilmente um sargento expôr a situação, o tenente Gustavo de Figueiredo, determinou evacuar o posto e retirar na iminência em que se via de em breve ficar cercado, o número de inimigos aumentando cada vez mais em face dos escassos 30 homens que ali tinha. Sentia-se a sua linha de atiradores tornar-se mais densa e prolongar-se nas alas em arco envolvente.

A retirada, que devia efectuar-se por grupos sôbre Lacouture, não chegou a fazer-se porê, porque o inimigo naquele instante preciso começou a atacar com violência. Era perto do meio dia.

O tenente Figueiredo foi logo ferido no ombro; mas continuou a comandar deitado na trincheira, recusando ser evacuado. O tiroteio tornou-se maior; e quando o inimigo sentiu a pequena guarnição enfraquecida e o fogo da defesa quási extinto pela falta de munições, o inimigo lançou-se ao assalto, invadindo a trincheira e caindo sôbre os nossos á granada de mão.

Alê, do tenente Gustavo de Figueiredo foram feitos prisioneiros o alferes Miranda de Andrade, ferido numa perna, e o sargento Silva, com uns vinte soldados que não puderam escapar-se.

*g) — O 13 de Infantaria em Lacouture.*

Vimos, ao tratar do ataque no sector de FERME DU BOIS, que o Batalhão de Inf. 13, em Lacouture, não tinha chegado a desempenhar o seu papel de reserva do sector.

A ordenança encarregada de lhe levar a ordem de reforçar a frente, em vez de se dirigir para o N., para Lacouture, tomou para O. e foi aparecer as 10 h. 30 m. em Mesplaux a caminho de Locon.

Como consequência disto o Batalhão de Inf. 13 ficou em Lacouture, onde, veio depois a oferecer ao inimigo uma longa resistência juntamente com fracções do 15 e elementos britânicos até completo esgotamento de munições. A heroica defesa de Lacouture, cujos defensores, completamente isolados e por último cercados num *block-house*, sustentaram vinte horas de fogo renhido, constituiu um brilhantissimo episódio dêste dia de batalha, que um pequeno grupo de soldados do 13 e do 15 pôde ainda prolongar, combatendo nas margens da Lawe com tropas inglesas nos dias 10 e 11.

O Comando, a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> companhias do batalhão estavam alojados em Senechal Farm um pouco à frente do núcleo da casaria de Lacouture, numa curva da Loisne; a 3.<sup>a</sup> também à frente, na *ferme* Bourel junto à King George's Road. Na própria povoação, na sua extremidade O. acantonava a 4.<sup>a</sup> companhia.

Com as comunicações interrompidas desde as 5 horas o Comandante do 13 tentou ligar-se com o Batalhão de apoio e obter instruções da Brigada, despachando para a Rue des Chavattes e C.<sup>so</sup> du Raux sucessivas ordenanças que não cumpriram a sua missão, nem voltaram, e por último um oficial, o alferes sapador do batalhão, que, tendo tomado através dos campos, se perdeu e retirou, sem ter conseguido chegar a C.<sup>so</sup> du Raux, nem podido já regressar a Lacouture.

Pelas 9 h. 30 m. um violento fogo de barragem começou a incidir sobre Lacouture. Sobretudo a Senechal Farm e a "*ferme*" Bourel eram insistentemente batidas.

Foi por esta hora que o Comandante do 13 teve as primeiras informações do ataque. Duas praças, do 10 e do 17, vindas da frente espavoridas, uma delas ferida, passam pela 3.<sup>a</sup> companhia na King George's Road, espalhando notícias terroristas. Repreendidas pelo capitão David Magno, comandante da companhia, por assim andarem a provocar o pânico com as suas lamentações, foram por êle mandadas seguir para a Senechal, afim de se apresentarem ao Comandante do batalhão. O major Gustava Pissarra decidiu-se então na falta de ordens da Brigada a tomar as suas disposições.

Ignorando absolutamente como o ataque estava correndo, resolveu lançar para a frente as 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> companhias, para procurar contacto com o inimigo, ou para se ligarem com as unidades de 1.<sup>a</sup> linha. A 4.<sup>a</sup> ficaria em Lacouture como reserva do batalhão.

A 2.<sup>a</sup> companhia, tenente Alcídio de Almeida, saiu logo pela Queen Mary's Road em dois pelotões com os alferes Pires da Silva e Dias, indo estabelecer-se na esquerda da linha de trincheiras de PENIN MARIAGE SWITCH cêrca de Cour St. Vaast.

Para a direita saíram depois dois pelotões da 1.<sup>a</sup> companhia, comandados por dois 2.<sup>os</sup> sargentos, enquanto os oficiais procuravam congregar as restantes praças da companhia, que o bombardeamento fizera dispersar. A *ferme* estava sendo batidíssima e tornava-se impossível a permanência ali. (1)

Por isso, o Comando foi estabelecer-se no reduto, junto à Igreja, para onde mandou também seguir a formação com o tenente Trancoso e o que restava da

---

(1) — Com os muitos bombardeamentos, que durante o mês de Março tinha havido, as praças tinham-se habituado a sair para fóra das casas, para fugir aos desabamentos.

1.<sup>a</sup> companhia. Adeante tinha sido mandado o capitão Bento Roma, 2.<sup>o</sup> Comandante interino do batalhão, com o encargo de tratar de munições, de que havia bastante falta.

No reduto havia já a essa hora um núcleo de tropas inglesas do XI Corpo (ciclistas) sob o comando de um major e justamente nessa ocasião davam entrada em Lacouture os primeiros elementos do 15, destacamento de metralhadoras, alferes Antunes, e o Comando do batalhão, major Peres, que estabeleceu o seu posto de comando na estação telegráfica.

Quanto á 3.<sup>a</sup> companhia, afastada e isolada do Comando, estava áquela hora sendo fustigada por um intenso bombardeamento que a desagregou. A maior parte dos soldados saíu da *ferme* Bourel e foi procurar refugio nos entrincheiramentos de Lacouture.

Dois terços dos efectivos da companhia dispersaram-se assim. O capitão Magno nada pôde fazer contra êste natural e inevitável desbarato, se bem que não cessasse de percorrer os alojamentos e os pátios da *ferme*, recomendando serenidade, enquanto as granadas continuavam a cair e os feridos eram levados ao posto de socorros. Eram as primeiras perdas do 13.

Depois de mandar que os soldados se refugassem na *cave*, acabou por ficar êle à porta da *ferme*, não só para evitar maior dispersão e dar exemplo de serenidade, como para mais depressa poder receber a ordem que esperava para a companhia avançar. Entretanto mandou a Lacouture graduados para juntar as praças dispersas e faze-las voltar à companhia. É nesta ocasião, em que a companhia se encontrava desbaratada e sem graduados, que David Magno recebe ordem para se apresentar com a sua força no Comando do batalhão.

De facto a 3.<sup>a</sup> companhia já não existia como tal.

O que havia era um pelotão de menos de 60 homens, tendo como oficiais o capitão Magno e o alferes Graça. Continuaremos contudo a chamar-lhe *companhia*.

A 3.<sup>a</sup> companhia, pois, formou e saiu em direcção à Senechal em cumprimento da ordem recebida. Uma verdadeira tempestade de fogo incidia então na King George's Road. As granadas choviam em tórno, os estilhaços voavam em todos os sentidos; mas estes bravos soldados, alguns já feridos e com o rosto em sangue, marchavam firmes, unidos, debaixo de forma. E, como se se tratasse de uma parada ou de um exercício, o capitão mandava parar e alinhar sob a metralha. (1) Foi já próximo à Senechal que David Magno soube pelo ajudante do batalhão que o Comando estava no reduto da Igreja e que devia retroceder para ali com a companhia. Pelas 10 h., pois, a 3.<sup>a</sup> companhia, reduzida, estabelecia-se no reduto de Lacouture.

De facto o Batalhão do 13, como reserva do sector de FERME, DU BOIS nada tinha que ver com o posto de Lacouture. A sua missão chamava-o mesmo para a frente da VILLAGE LINE, competindo-lhe reforçar os batalhões em 1.<sup>a</sup> linha e ir *morrer* com eles à *Linha "B"*.

Por não ter recebido ordem do Comando da Brigada, conservou-se em Lacouture; de então em diante ficou tacticamente pertencendo às tropas de 2.<sup>a</sup> linha. Em vez de uma morte ignorada na *Linha "B"*, onde teria logo sido inutilizado, como sucedeu com todas as unidades de 1.<sup>a</sup> linha, reservou-lhe assim o destino a missão de escrever a pagina gloriosa de Lacouture.

Das 10 h. para as 10 h. e 30 m. os efectivos do 13 achavam-se nesta situação:

---

(1) V. David Magno — O Livro da Guerra de Portugal na Flandres, vol I.

— a 2.<sup>a</sup> companhia à frente, junto a Cour St. Vaast;

— a 1.<sup>a</sup> tinha destacado dois pelotões para a frente, logo atrás da 2.<sup>a</sup>; mas, não tendo ido com comando suficiente, dispersaram pouco depois, voltando para a retaguarda; poucos acompanharam o sargento Cacheira na resolução de se juntar à 2.<sup>a</sup> companhia;

— a 3.<sup>a</sup>, que, como vimos, estava de facto reduzida a um pelotão, foi mandada guarnecer na face N. do reduto um elemento de trincheira junto ao *block-house*;

— a 4.<sup>a</sup> encontrava-se espalhada pela povoação, abrindo-se do bombardeamento nas casas próximas do *Chateau* à retaguarda da Igreja.

Havia ainda as praças do estado menor do Comando (Formação) que tinham recolhido a Lacouture com o tenente Trancoso e que na sua maior parte andavam misturadas nas trincheiras do reduto com as praças da 3.<sup>a</sup> companhia.

Não havia munições no posto e não as tendo trazido em quantidade suficiente as tropas do 15, teve o capitão Bento Roma (aqui como em Huit Maisons e em todos os postos da retaguarda) de recorrer aos ingleses, cujo comandante lhe forneceu 3000 cartuchos.

Tentou ainda Bento Roma estabelecer com a 4.<sup>a</sup> companhia, capitão Maçãs Fernandes, um serviço da remuniamento entre Lacouture e Vielle Chapelle, onde havia um depósito de munições, mas a barragem inimiga na Church Road impediu que este desígnio se realizasse.

Trinta a quarenta minutos depois da 3.<sup>a</sup> companhia se ter instalado no reduto por determinação do Comando, recebeu do capitão Bento Roma ordem para sair e ir ocupar à frente de Lacouture a linha de trincheiras para onde já Alcídio tinha partido.

Estas ordens e contra-ordens acabaram de desorga-

nizar a pobre 3.<sup>a</sup> companhia, que já tinha sido tão castigada pelo bombardeamento.

Devemos no entanto frizar que, excepção feita da 2.<sup>a</sup> companhia, todos os outros elementos do 13 estavam no mesmo estado de dispersão e desorganização. Encurralados numa localidade, cujas defesas labirínticas não tinham sido reconhecidas (visto que lhes não competia a sua defesa), fustigadas por tão intenso bombardeamento, as fracções do batalhão tinham-se misturado e fundido umas nas outras, sendo impossível já àquella hora destrinçar e separar os elementos das várias companhias.

Obedecendo à ordem de Bento Roma, o capitão Magno mandou sair o alferes Graça com as praças que pudesse levar por um lado, enquanto êle, atravessando o *block-house* iria por outro para congregar o maior número possível, devendo encontrar-se depois nas trincheiras junto do tenente Alcídio.

O alferes Graça, ajudado pelo 2.<sup>o</sup> sargento Almeida Correia, começou a reunir os soldados que allí havia. David Magno, porém, ao passar pelo *block-house*, desorientou-se (1) e, desnorteadado, desconhecendo a topografia da localidade, tomou com o grupo de soldados

---

(1) O Major Bento Esteves Roma no seu folheto : Os portuguezes nas trincheiras da Grande Guerra, a pag. 35, critica severamente o comandante da 3.<sup>a</sup> companhia.

As razões apontadas já e a natural confusão daquela hora, testemunhada por todos os que em Lacouture estiveram, desvanecem qualquer suspeita menos honrosa para a dignidade do capitão David Magno, aliás absolvido em Conselho de Guerra, que proclamou os revelantes serviços por êste official prestados á Patria na Flandres e nesta mesma batalha.

Ha males que vêm por bem e este erro involuntário de David Magno foi dêsses, porque teve como consequência o prolongamento da acção de Lacouture, como adiante veremos.

que se lhe reuniu, para a retaguarda, para Vieille Chapelle, em direcção contrária àquela para onde devia ir e para onde de princípio tinha avançado resolutamente com a sua reduzida companhia.

A meio caminho entre Lacouture e Vieille Chapelle, do lado N. da Church Road, havia um antigo campo de instrução, onde existiam ainda uns parapeitos de sacos de terra. Ali foi o capitão Magno encontrar a 1.<sup>a</sup> companhia de Infantaria 14, do capitão Manuel de Oliveira, que como atrás vimos, se perdera no caminho para os postos da VILLAGE LINE, que lhe haviam sido designados.

Ao abrigo daqueles simples parapeitos, se refugiaram por momentos estas duas companhias errantes do 14 e do 13, no mesmo estado de desabarato e sofrimento. Pouco depois uma granada, batendo em cheio num parapeito fazia ir pelos ares os sacos de terra e dispersar estas fracções.

Tendo reconhecido o engano, o capitão Manuel de Oliveira volta para trás para Vieille Chapelle; o comandante da 3.<sup>a</sup> do 13 já não consegue porêr regressar a Lacouture com os seus homens, que lhe saem da mão envolvidos com os da 1.<sup>a</sup> companhia do 14, só os conseguindo congregar já junto a Vieille Chapelle, onde as tropas da 51.<sup>a</sup> Div. estavam então tomando posição ao longo do canal da Lawe.

A 3.<sup>a</sup> companhia do 13 não tinha ali mais do que o seu capitão, duas duzias de soldados e uma metralhadora. Deixemos, porêr, para depois a continuação da interessante acção, que estes reduzidos elementos vão agora desenvolver, e voltemos a Lacouture, onde o alferes Graça se encontrava a braços com a difícil tarefa de fazer sair para fóra das trincheiras os soldados dispersos desta mesma companhia.

De volta da Church Road, onde fôra dar ordens à 4.<sup>a</sup> companhia e conferenciar com o Comando do 15, o major Bento Roma reiterou a Graça a sua ordem de despejo, na execução da qual, de resto, não fora posta menos obediência; simplesmente, não era cousa fácil arrancar daquelas trincheiras e fazer sair para o ar livre, onde choviam as granadas, uma companhia que de facto já não existia organizada.

Obedecendo, o alferes Graça saiu para a frente, levando apenas uma duzia de soldados com o sargento Janeiro Sobrinho e um cabo, e foi ter à mesma trincheira, onde estava já há uma hora o tenente Alcídio.

Nêste momento o Batalhão do 13 encontrava-se bastante disperso e desagregado. Mas a chegada de elementos do 15 fez o milagre de unificar e agregar aquela massa de gente.

Pelas 11 h. 30 m. chegava a Lacouture o capitão Brito, comandante da 4.<sup>a</sup> companhia do 15, com o 2.<sup>o</sup> pelotão, alferes Padre Lopes Ferreira, que, não tendo podido avançar pela Rue des Chavattes por motivo do fogo inimigo, se foi instalar no reduto à esquerda do tenente Gonçalves da 1.<sup>o</sup> companhia do 13, que ainda tinha consigo um pelotão.

Do mesmo modo alí se estabeleceram, na direita, uma secção de metralhadoras da 3.<sup>a</sup> companhia do 15 que se tinha perdido da companhia, o 3.<sup>o</sup> pelotão, da 2.<sup>a</sup> companhia alferes Pereira da Costa, que também tinha ido dar a Lacouture, e o alferes metralhador do batalhão com duas Lewis.

Nesta ocasião a pedido do tenente Alcídio, o major Pissarra determinou que saísse para a frente o que restava da 1.<sup>a</sup> companhia do 13.

Esta ordem causou uma certa hesitação nos soldados, que já se julgavam alí definitivamente instalados.

Mas o tenente Gonçalves sobe ao parapeito e com uma entusiástica alocução anima e arrasta os seus soldados, que simultâneamente se lançam para a frente com uma decisão impressionante (1).

Uma fracção com o alferes Sá Vieira e o sargento Joaquim Alves perdeu a ligação com o resto da força e foi ter à Senechal Farm, onde se sentiu bruscamente batido pelo fogo inimigo. Sá Vieira foi ali ferido no peito por um estilhaço e a sua gente desorganizou-se, recolhendo ao reduto com o sargento Alves, enquanto Sá Vieira era transportado nos braços dos seus soldados.

Por seu turno o tenente Gonçalves acompanhado do alferes Armindo Martins, não pôde reunir-se a Alcídio e foi dar com a sua gente, a uma trincheira em frente, onde veio a ser aprisionado. (2)

Da frente o tenente Alcídio continuava a pedir reforços e munições. Os alemães aproximavam-se.

Além da última fracção da 1.<sup>a</sup> companhia, Gustavo Pissarra mandou ordem à 4.<sup>a</sup> para fazer avançar 30 praças com o municiação que tivesse podido arranjar. Porém esta ordem não teve resposta e outras ordenanças depois enviadas voltaram, dizendo que não encontraram a companhia.

Por motivo do bombardeamento o capitão Maçãs Fernandes tinha colocado a sua gente ao abrigo do parapeito onde já tinham estado também as fracções do capitão Magno do 13 e do capitão Oliveira do 14.

---

(1) Alguns escritores tem feito a narração d'este episódio, colorindo-o com uma carga à baioneta, que de facto não teve lugar. Os alemães ainda não tinham chegado então a Lacouture.

(2) Provavelmente nos elementos de trincheira ao S. da Loisle, entre esta e a K. George's Road.



Linha de trincheiras à frente de Lacouture, onde combateram a 2.<sup>a</sup> e parte das 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> companhias de Inf. 13

Conseguira ainda estabelecer dois postos de remuni-  
ciamento; mas o fogo ferira-lhe um sargento, não o  
deixando continuar na sua missão.

Das 12 h. 30 m. para as 13 h. uma patrulha alemã de  
comando de oficial, surpreendeu e aprisionou à saída  
de Lacouture o comandante da 4.<sup>a</sup>, o seu subalterno,  
alferes Moura, e algumas praças. A maior parte disper-  
saram, fugindo umas para Vieille Chapelle, recolhendo  
outras ao reduto.

*h) — A resistência do 13 e do 15 em Lacouture.*

Patrulhas inimigas actuavam já pois a essa hora nos  
flancos de Lacouture. Mas o reduto ainda não estava  
sendo atacado. A essa hora ainda Alcídio resistia em  
Cour St. Vaast.

Logo que teve notícia da aproximação do inimigo,  
pelas 10 h. e 30 m., mandara sair para a frente uma  
patrulha de reconhecimento com o sargento Belisário  
que caiu despedaçado por uma granada logo ao sair  
da trincheira. Saiu então o 2.<sup>o</sup> sargento Américo Au-  
gusto Pelotas com outra patrulha de quatro homens,  
que veio a ser completamente dizimada numa resistên-  
cia heroica. O bravo sargento, depois de vêr cair os  
seus companheiros, atirou-se aos alemães, matou três e  
corria ainda sôbre o quarto, quando pelas costas uma  
bala o prostrou para sempre.

A posição que o tenente Alcídio ocupava era uma  
simples trincheira de fraco perfil, que mal abrigava, e  
onde não se podia resistir por muito tempo. Pedira  
instruções, mas recebera ordem de não retirar e de se  
manter. Assim fez.

Cêrca das 12 h. uns vultos duvidosos surgiram por  
detrás de umas sebes, mal occultos pela bruma que en-

tão se estava já desfazendo. Branquejavam entre êles duas bandeiras com que faziam sinais, provavelmente para a sua artilharia regular a barragem. Alguns vi-nham estradã fóra por uma forma irregular e aparentemente despreocupada. Da trincheira, onde se abriga-vam, os soldados de Alcídio hesitaram. Seriam portu-gueses, seriam inimigos?

A côr dos seus uniformes, apenas mais escura que a dos nossos, originou em outros pontos da batalha a mesma perplexidade; vimo-lo já na Red House. A fu-zilaria rompeu por isso fraca e incerta.

Dois soldados da 2.<sup>a</sup> companhia, o 415, José de Sousa, e o 361, Paulino Mourão, ofereceram-se para os ir reconhecer. O inimigo deixou-os aproximar, jul-gando talvez que iam parlamentar ou entregar-se. Mas os nossos dois esclarecedores, vendo-lhes os capacetes, gritaram que eram alemães, voltando logo em correria para a trincheira por entre a saraivada de tiros, que de um e outro lado começaram logo a silvar.

De então em diante o fogo tornou-se contínuo e cada vez mais intenso da parte dos alemães. Desemba-raçados já àquela hora da resistência que o tenente Fi-gueiredo, do 15, lhe opuzera em RICHEBOURG POST os grupos inimigos aumentavam continuamente.

Em Lacouture o capitão Brito do 15 tinha con-seguido encontrar no reduto alguns cunhetes com que se pôde acudir aos intantes pedidos do tenente Alcídio. Animado com as munições que lhe enviaram e com a notícia de que tropas do 15 tinham chegado em re-fôrço, resistiu enquanto teve cartuchos que queimar, no cumprimento da ordem que o Comando lhe dera.

O inimigo não o assaltou, nem procurou a aliás fá-cil vitória de esmagar com a sua superioridade a pe-quena linha de espingardas que da trincheira vomitava

fogo nervosamente, continuamente. Esperou que se lhe esgotassem as munições.

Pelas 13 h. e 30 m. pouco mais ou menos, o tenente Alcídio era feito prisioneiro com todos os que guarneciam aquela trincheira.

Entretanto, na ânsia de chegar á Lawe antes das reservas inglesas, o inimigo continuava a avançar, deixando para trás as resistências locais que ia encontrando.

Assim é que, rodeando o núcleo de Alcídio, as suas patrulhas, infiltrando-se na retaguarda dêste, surpreenderam e aprisionaram o grupo do tenente Gonçalves, prenderam também os oficiais da companhia de pioneiros e elementos dispersos do 13, que estavam nas proximidades da povoação e vão pelos flancos do reduto até à retaguarda de Lacouture, onde fazem dispersar completamente a 4.<sup>a</sup> companhia do 13, capturando os seus oficiais e ainda o tenente medico Guimarães do 15, que estabelecera ali o posto de socorros.

Pelas 12 h. e 30 m. trocavam-se já os primeiros tiros em Lacouture com as patrulhas alemãs. Mas os grupos inimigos continuavam a avançar para a Lawe, escoando-se pelos flancos do reduto não obstante o fogo dos nossos, e dentro em pouco os oficiais do 15, que estavam na saída O. de Lacouture, ouviam distintamente começar a fuzilaria para os lados de Vieille Chapelle.

Era já o contacto na linha da Lawe entre os primeiros grupos inimigos e as reservas inglesas nas quais veremos que estava encorporada ainda uma fracção do 13 e outra do 15, cêrca de 50 homens ao todo, sob o comando do capitão Magno.

Em Lacouture o tiroteio ía-se generalizando à medida que na frente e nos flancos os grupos inimigos aumentavam, mas só depois das 13 h. 30 m. ou 14 h. o investimento se pode dizer total. A essa hora o Coman-

dante do 15, major Raul Peres, e o 2.º Comandante, capitão Zaid da Fonseca, que à saída de Lacouture procuravam congregar e reformar os soldados dispersos que tentavam escapar-se para Vieille Chapelle, sentindo que a sua presença ali se tornava inútil e perigosa, recolheram também ao reduto.

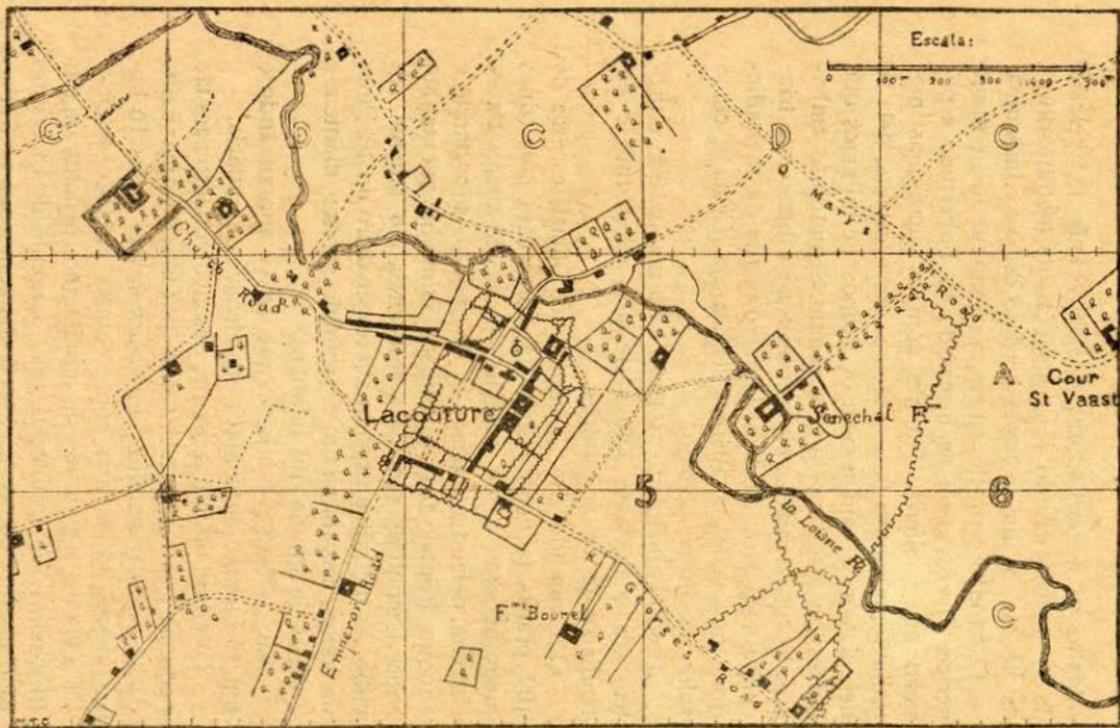
LACOUTURE POST era um reduto quadrangular de fortes entricheiramentos que envolvia a casaria da povoação, fechado por uma rêde de arame, tendo junto à Igreja, no vertice N. E., um "*block-house*" ou casa fortificada, que era como a cidadela do reduto.

A essa casa haviam-se acolhido durante o bombardeamento alguns soldados (cêrca de 80) de pioneiros, desarmados e sem oficiais, e tinha sido pela manhã adeante guarnecida pela força inglesa (70 ciclistas do XI Corpo) de que já atrás fizemos menção.

Com a vinda do 13 para o reduto e depois com a chegada dos elementos de Inf. 15 (Comando, destacamento de metralhadoras, dois pelotões, um da 2.ª e outro da 4.ª companhia, e uma secção de metralhadoras da 3.ª companhia) ficou Lacouture ocupada pelas forças mais diversas e desconexas que se pode calcular.

Emquanto os ingleses e os soldados dispersos de pioneiros guarneciam na frente N. o "*block-house*" e trincheiras em volta do cemitério, a face E. do quadrilátero do reduto era ocupada a partir do "*block-house*" pelos vários elementos de Inf. 13, que ali se juntaram em torno do Comandante, e prolongada para a direita pelo 2.º pelotão da 4.ª companhia do 15, do alferes Padre Ferreira.

Para defender Lacouture pelo S. o alferes Antunes do 15 instalou-se numa trincheira a S. O. da Igreja com o destacamento de metralhadoras do batalhão, tendo à sua direita o alferes Alberto Pereira da Costa com os



Carta de Lacouture

soldados e metralhadoras do seu pelotão (3.º pelotão da 2.ª companhia do 15) e a secção de metralhadoras da 3.ª do 15, que se havia perdido da sua companhia.

O capitão Brito foi quem com sangue frio e muita perícia dispôs assim as forças do 15. Sobretudo a posição que o alferes Antunes com as suas duas metralhadoras ocupava na face S. era excelente; dela se descobriam e batiam bem os grupos de inimigos que quizessem tornejar pelo S. o reduto. Sentindo-se embaraçados os alemães começaram logo a bater esta trincheira com forte tiroteio. Uma só rajada de metralhadora matou ali o alferes Pereira da Costa e cinco soldados do seu pelotão.

Tendo principiado às 12 h. e 30 m., às 13 h. o tiroteio era já bastante vivo neste lado do reduto e estendia-se depois aos outros.

O Comando do 13 com cinco oficiais e cêrca de 100 praças (a maior parte da Formação) com duas metralhadoras e um pelotão do 15, do alferes Padre Ferreira, defendiam a face E. do reduto, suportando o choque frontal dos numerosos inimigos, que caíram sobre Lacouture, vencida a resistência do tenente Alcídio. As metralhadoras do alferes sinaleiro do 13, Pinto da Veiga, fizeram ali um esplendido serviço, mantendo a distância a onda dos inimigos.

Não obstante sentia-se que se ia aproximando o fim. O inimigo aumentava em efectivos e audácia.

O reduto tinha um grande desenvolvimento para tão pequena guarnição, resolvendo por isso o Comandante do 13 mandar recolher ao "*block-house*" pelas 16 horas, depois já de duas horas e meia de fogo intenso. Os alemães, seguindo êste movimento, penetraram nas trincheiras. Valeu a todos, o 2.º sargento do 13, Gomes de Carvalho, que cobriu a retirada com a sua metralha-

dora conseguindo deter os inimigos e sendo o último a recolher ao "*block-house*".

Na mesma ocasião recolheram também os elementos do 15 que guarneciam a face S, e que a tempo se puderam escapar. O sargento Raul Pereira que já tinha tido uma metralhadora destruída, tendo logo depois lançado mão de outra, foi ali feito prisioneiro com outras praças. Êstes elementos do 15 prestaram ali um excelente serviço. Impedindo que os alemães tomassem o reduto de revés, permitiram assim o prolongamento da resistência. Tiveram oito mortos além dos feridos e prisioneiros. O alferes Ernesto Antunes conseguiu escapar-se, mas apenas com dois dos seu soldados.

Os defensores de Lacouture estavam agora todos no "*block-house*". Era êste constituído por uma casa arruinada da povoação, organizada fortemente, com dois andares de fogos, possuindo um bom abrigo de béton com câmara de rebentamento, onde o major inglês instalara o seu posto de comando.

A situação tornara-se bastante angustiada.

No entanto o Comandante britânico ainda não desesperara de se vêr livre do apertado cêrco, confiado em que de um para o outro momento teria lugar um contra-ataque que as tropas britânicas de reserva não deixariam de efectuar, e das suas próprias munições cedeu ainda cinco mil cartuchos, que fôram distribuídos pelos nossos soldados. Assim municidados, foram dispostos juntamente com os ingleses de forma a não perderem um só dos poucos cartuchos que tinham.

Do "*block-house*" os luso-britânicos, ali encerrados, não deixavam de saudar a tiro as fracções que passavam ao seu alcance. Quási ao fim da tarde romperam fogo sôbre uma coluna que vinha pela Emperor Road.

Ao findar o dia, a artilharia inglesa fez incidir sobre Lacouture, para impedir ou embaraçar a passagem de tropas inimigas, um violento bombardeamento que ameaçou esmagar os defensores do "block-house" sob as próprias granadas inglesas. Felizmente apenas estilhaços atingiram as paredes que os abrigavam. O duelo de artilharias, interrompido ou bastante enfraquecido depois do meio dia, voltou então a generalizar-se em toda frente de batalha até ao anoitecer com intensidade igual á da manhã.

A jornada terminava assim como havia começado.

Por entre as ruínas de Lacouture, dispersos pelas trincheiras ou acaçapados nas crateras das granadas, grupos de alemães cingiam por todos os lados o punhado de homens que desde manhã lhes resistia.

Das seteiras daquela espécie de fortim os anglo-lusos espreitavam por seu lado atentamente os movimentos do inimigo. A fuzilaria era assim intermitente, até que as trevas tudo envolveram.

Á noitinha fez-se a chamada. De 110 praças de Inf. 15 que tinham chegado a Lacouture pela manhã, apenas responderam cerca de 30; do 13 só 46 praças.

Estabeleceu-se o serviço de vigilância. O alferes sapador Santos Donato do 15, ofereceu-se para explorar a trincheira, encontrando inimigos próximo.

Entre os nossos o cansaço era grande. Havia 24 horas que não tinham tomado alimento algum; mas ninguem dormiu aquela noite. E quem poderia dormir naquella situação! O desejo de cumprir o Dever até final era o que sustentava ainda aqueles homens.

Mais optimista, ainda esperançado, o major inglês tentou fazer sinais para a retaguarda com uma lanterna, mas inutilmente. Nenhuma outra luz lhe respondeu. Assim se passou a noite.

Pelas 4 h. o inimigo recomeçou o bombardeamento, que continuou até às 7 horas. A fuzilaria, interrompida durante a noite, recomeçou também, intensificando-se à medida que a madrugada ia clareando.

Para obter esclarecimentos sôbre o inimigo resolveu-se a saída de duas putrulhas, de cinco homens cada, uma fornecida pelos ingleses, outra pelos portugueses. Esta era toda constituída de praças que voluntariamente se ofereceram. Comandava-a o 1.º cabo António Dias de Macedo do 13. Descoberta e recebida a tiro pouco depois de sair do "*block-house*", teve de recolher logo. O cêrco era absoluto.

Pelas 9 horas o tiroteio era geral entré sitiados e sitiados e tão intenso como na véspera.

Os alemães dispunham-se a acabar de vez com aquele núcleo de resistência, o único que lhes tinha ficado para trás, e que lhes embaraçava as comunicações com a frente de Vieille Chapelle.

Pelo seu lado os sitiados viam as munições prestes a esgotar-se. O Comando inglês deu ainda aos nossos 2.000 cartuchos do pouco municiação que já tinha. A resistência ia terminar por falta de munições.

Pelas 10 h. o fogo alemão aumentou repentinamente sôbre a face N. do reduto, guarnecida pelos ingleses que pelas 10 h. 30 m. tiveram de se render.

Então os alemães servindo-se de dois prisioneiros, um inglês e um português, intimaram os defensores do "*block-house*" a que se rendessem imediatamente sob pena de immediato bombardeamento e assalto.

Esgotado o último cartucho, os três Comandantes, o inglês, o do 13 e o do 15, resolveram render-se, saindo a tratar da rendição com o Comandante das forças inimigas. Eram 11 h. e 45 m.

Os alemães fizeram ficar de refens o major Pissarra

e um capitão que acompanhava o Comandante inglês. Êste e o major Peres voltaram, para desarmar as tropas e efectuar a entrega, como o Comandante alemão tinha estipulado.

Desalentados, os olhos humedecidos pelas lágrimas, sob a intensa comoção daquele solene momento, os defensores de Lacouture foram saindo debaixo de forma, ingleses à frente, os nossos atrás; na retaguarda de todos o capitão Rôma e um capitão inglês.

Nem tudo porém estava terminado. Mal saídos para fóra do seu ninho fortificado, alguns soldados alemães despejaram as suas espingardas sôbre aqueles pobres soldados, indefesos, desarmados, herois abatidos pela desgraça. Espavoridos, todos fugiram de roldão a abrigar-se de novo no reduto.

Dos ingleses caíu morto um sargento e ferido o capitão que seguia na retaguarda ao lado de Bento Roma. Dos nossos foi ferido o sargento Lopes do 15.

O Comandante inglês e o do 15 saíram logo para protestar contra aquele atentado, enquanto cá fóra dois officiais alemães perguntavam a dois sargentos do 15 quem tinha feito fogo de metralhadora da torre da Igreja, o que, sendo contrário às convenções, era motivo para ser fuzilado.

Ao meio dia terminava a rendição. Ficaram prisioneiros os seguintes:

	Inglezes	Inf. 13	Inf. 15	Pioneiros	Total
Officiaes . . .	4	5	7	—	16
Praças . . . .	70	47	31	78	226
	74	52	38	78	242

Mortos propriamente no reduto de Lacouture houve 18, dos quais 12 couberam aos dois pelotões do

15 e 3 às tropas do 13<sup>(1)</sup>. Os soldados do 15 foram os mais castigados por motivo da intensidade do combate sustentado na frente S. do reduto.

Assim terminou com cêrca de vinte horas de fogo a resistência de Lacouture. Referindo-se a este glorioso episódio, o *Times* do dia 11 dizia:—“os restos de um batalhão portugûes que defendia Lacouture, bateram-se com um valor extraordinário.”

*i) — Na Lawé.*

Vimos no capítulo V que o Comando inglês tinha ás 8 h. mandado guarnecer a linha da Lawé pela 51.<sup>a</sup> Div., reserva do XI Corpo.

Cêrca do meio dia uma brigada desta divisão (Morayshire) estava-se já estabelecendo detrás do canal ao S. de Vieille Chapelle, quando o grupo do capitão David Magno ali passava vindo de Lacouture.

Não obstante o seu Comandante, tenente coronel Samuel Macdonald, apenas querer a metralhadora que os nossos levavam, David Magno insistiu em ficar também com os seus soldados, aos quais se juntou um pelotão da 3.<sup>a</sup> do 15, do 1.<sup>o</sup> sargento Matos Bugalho, que justamente ali andava transviado da sua companhia, a essa mesma hora estabelecida 3 kms. mais ao S. na Rue du Bois. Ao todo cêrca de 60 homens.

A esplêndida acção de Lacouture ramificou-se assim para o canal da Lawé, onde esta pequena fracção

---

(1) — Os mortos do 13 em Lacouture foram : O 2.<sup>o</sup> sargento Joaquim da Costa Pinheiro da 3.<sup>a</sup> companhia, morto por um estilhaço quando fazia sair as praças do reduto, o 1.<sup>o</sup> cabo da mesma companhia, Antonio Teixeira Gondar, na mesma ocasião e o soldado José Manuel, da 4.<sup>a</sup>, desaparecido, considerado oficialmente como morto em Lacouture.

de portugueses do 13 e do 15, batalhões que a sorte ligou nesta batalha desde Richebourg a Vieille Chapelle, combateu ainda até ao dia 11, graças ao gesto do comandante da 3.<sup>a</sup> do 13, que reagindo contra a corrente do desbarato, soube, como o alferes Assis Gonçalves em Le Marais, ter a força moral de ficar na linha de batalha, quando já nada o obrigava a esse sacrifício.

Deixando Lacouture para trás, breve começaram a aparecer do outro lado do canal os primeiros alemães.

O terreno, absolutamente liso e chato, não oferecia protecção possível, e assim as baixas começaram a fazer-se sentir, principalmente entre os ingleses. Houve que mudar de posição.

O comandante escocês mandou retirar sobre Les Lobes, onde os soldados do capitão Magno se estenderam em atiradores cêrca de 100 m. à frente do cruzamento da estrada de Paradis com a estrada de Bethune.

Alí passaram os nossos o resto da tarde, protegendo com o seu fogo os contra-ataques dos escoceses.

A noite veiu encontra-los ainda sobre a relva húmida, apenas abrigados por uma dobra de terreno, que lhes servia de parapeito contra o contínuo fogo das metralhadoras alemãs.

Da mesma maneira se passou o dia 10. Talvez porque as primeiras forças de ataque se tivessem esgotado no esforço do dia 9, o inimigo nada fez nesta parte da frente para continuar o avanço para O. da Lawe, limitando-se a sustentar as suas posições com um fogo mais intenso.

Na madrugada de 11 a linha inimiga, reforçada e renovada, entrou de avançar de novo como na manhã de 9. Tendo de noite lançado pontões sobre o canal, os alemães surgiram por entre o nevoeiro da madrugada em linha compacta, marchando ousadamente.

Os nossos não viram de comêço senão uma massa negra; mas já perto distinguiram perfeitamente os vultos pardacentos, encimados pelos capacetes característicos. E o fogo, irrompendo de surpresa na bruma daquela madrugada, fez deter o inimigo que suspendendo a sua marcha a descoberto, se lançou por terra, procurando abrigo nas dobras do terreno.

De um e outro lado o tiroteio recomeçou intensissimo. Os alemães continuavam no entanto a avançar, rastejando; as baixas eram logo preenchidas e o seu número, longe de diminuir, parecia aumentar.

O grupo de escoceses e portugueses, ali reunidos e irmanados no mesmo perigo, não devia ser superior a 70 espingardas (metade delas portuguesas) com quatro metralhadoras Lewis; portugueses na direita, escoceses na esquerda.

Para um e outro lado a frente inglesa era igualmente constituída por idênticos núcleos de resistência.

Em dado momento a única metralhadora que os soldados portugueses possuíam, inutilizou-se.

Ao mesmo tempo o inimigo, cansado de tirotear inutilmente com as suas metralhadoras, começou a fazer um intenso fogo de granadas e morteiros, que tornavam impossível a permanência ali.

Os escoceses receberam ordem de retirar. Á retaguarda, por detrás de Les Lobes, cortando a estrada para Merville, o Comando inglês tinha já feito cavar e guarnecer umas trincheiras-abrigos de perfil ligeiro, sob cuja proteção se efectuou a retirada.

Foi então que o capitão Magno saiu da linha com o pequeno grupo dos seus soldados, em que havia já bem poucos dos cincoenta, que a êle se tinham juntado.

Alguns ali ficaram caídos para sempre, entre êles o valente sargento Alvaro da Costa de Infantaria 15;

bastantes feridos tinham sido evacuados para a retaguarda durante êstes dias de combate e outros tinham retirado com os feridos mais graves para os conduzirem até às ambulâncias. Ao todo houve seis mortos e 24 feridos. (1)

Restavam apenas as seguintes praças, cuja relação é dada por David Magno (2): sargentos Bugalho, Simões e Pompeu, soldados Manuel Cardoso de Matos, Antonio Lucas, Clemente António, Joaquim Mendes, Silva Sarmiento, Laurindo dos Santos e Pinto Lagariça. A um e um, rastejando, aproximaram-se do fosso da velha Lawe, que os separava da estrada de Lestrem. Atravessaram-o debruçados sobre a única prancha que lhes dava passagem. Retiraram depois do campo de batalha, marchando a encorporar-se divisão.

Tinham cinquenta e seis horas de combate.

*j) — Na Rue du Bois.*

As duas companhias (a 1.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> menos um pelotão) de Infantaria 15, que sob o Comando do tenente Tribolet foram ter á Rue du Bois, <sup>(a)</sup> errando o itinerário, tomaram posição ao lado de tropas da 55.<sup>a</sup> Divisão (165.<sup>a</sup> Brigada) entre LOISNE N. POST e a estrada.

Juntara-se-lhe ainda, como vimos, um pelotão da 2.<sup>a</sup> companhia, que se perdera dos restantes pelotões.

(1) Mortos na Lawe: da 3.<sup>a</sup> companhia do 13:—2.<sup>o</sup> sarg. Alvaro da Costa, soldados José da Mota e Sousa, Antonio Lopes, Augusto Martins, Manuel Joaquim; da 4.<sup>a</sup> companhia:—o soldado Miguel Marta, que foi o último dos nossos soldados morto em combate na Flandres (Ordem do Corpo n.<sup>o</sup> 147 de 31 de Maio de 1918).

Os mortos do 13 na batalha foram ao todo 21 (5 da 1.<sup>a</sup> companhia, 6 da 2.<sup>a</sup>, 8 da 3.<sup>a</sup> e 2 da 4.<sup>a</sup>) e prisioneiros 370 num efectivo de 791 h., que tinha o batalhão.

(2)—Obra cit., vol. I.

(a) Sarmiento  
10-5-S.

As informações dadas pelos fugitivos de Infantaria 10 e o facto de tropas inglesas ali estarem já em posição á espera do inimigo, fizeram com que o tenente Tribolet não continuasse para diante, mandando uma ordenança a Lacouture levar estas informações e saber as determinações do Comando do batalhão. Depois de três horas de espera, supondo que o estafeta se tivesse perdido, resolveu estabelecer-se ali, prolongando o flanco esquerdo dos ingleses.

Portugueses e ingleses mudaram depois de posição, indo colocar-se junto do canal, à frente da povoação de Le Hamel, onde tiveram ordem de resistir até ao último extremo. Efectivamente ali estiveram durante os dias 9, 10, até que pelas 11 horas e meia de 11, o Comandante da 165.<sup>a</sup> Brigada inglesa lhes deu ordem para retirar.

As duas companhias estavam então já reduzidas a um pequeno grupo de 73 homens.

Esta redução de efectivos foi devida mais à fome e fraqueza, de que os nossos soldados foram vítimas, do que propriamente ao combate, que se limitou ao bombardeamento e tiroteio de um e outro lado do canal. Devido à resistência da 51.<sup>a</sup> Divisão na linha da Lawe, ao S. de Vieille Chapelle e ainda ao heroismo das tropas da 55.<sup>a</sup> Divisão na frente LOISNE-FESTUBERT, os alemães não puderam romper logo a linha da Lawe para cair sôbre Béthune, como era o seu plano.

---

#### 4.º — Síntese da acção da Brigada de Reserva.

Acabamos de ver com o possível detalhe a acção que na batalha tiveram as unidades da 3.ª B. I.

De uma maneira geral pode dizer-se que a Brigada não actuou como unidade de batalha; de tal forma os seus elementos estavam dispersos que difícil, senão impossível, se tornava ao Comando receber informações, dar ordens e regular a batalha. Limitou-se a sua acção a dar a ordem inicial para a ocupação dos postos da VILLAGE LINE. De então em diante os batalhões saíram por completo fóra da sua direcção, tanto por êrro de itinerário da maior parte dos elementos, como por ser impossível transmitir ordens a unidades disseminadas por todo o sector.

O bombardeamento sôbre La Gorgue tornara-se em certa altura tão intenso que levou o Sr. Coronel Reis e Silva a tomar a resolução de sair daquela povoação, transferindo cêrca das 9 h. e 30 m. o Comando para a retaguarda, para junto da ferme Beaupré, próximo do campo de aviação e cêrca da bifurcação da estrada de Merville para Lestrem e La Gorgue.

Alí foi ter o tenente Rogerio do 14 com a comunicação que atrás vimos do Comando do seu batalhão, em Bout Deville, em vista da qual se lhe mandou por um soldado ordem para refirar, ordem que só uma companhia, a 4.ª, recebeu.

Pelo meio dia o Sr. Coronel Reis e Silva foi a Lestrem, onde teve conhecimento de que o Q. G. da divisão se ía deslocar para Calonne. A divisão continuava porém na linha devendo a 3.ª B. I. procurar sustentar-se na VILLAGE LINE, enquanto fôsse possível,



O reduto de Lacouture.

O Comandante da 3.<sup>a</sup> B. I. redigiu e mandou expedir aos batalhões da brigada a seguinte ordem circular:

N.º 236-A

Aos Srs. Comandantes dos Batalhões de Infantaria N.ºs 9, 12, 14, 15.

Devem procurar sustentar-se na Linha das Aldeias e, tornando-se esta insustentável, retirar para a Linha do Corpo, onde procuram demorar o mais possível o avanço inimigo até que cheguem reforços.

Se os postos da Linha do Corpo já estiverem ocupados e não fôr necessário o reforço das forças dos batalhões da Brigada, irão tomar posição à retaguarda da Linha do Corpo como reserva, comunicando a êste Q. G. a sua situação. O Q. G. está no cruzamento das estradas Pacaut-Merville e Paradis-Merville.

O Comandante,

(a) Reis e Silva, coronel.

É escusado dizer que esta ordem não chegou a ser recebida por qualquer unidade da brigada; a maior parte delas àquela hora estavam já em plena retirada e incapazes de a cumprir, mesmo que a tivessem recebido. O mesmo aconteceu a uma outra ordem, enviada a Inf. 9 para que fôsse guarnecer FOSSE POST.

Assim, a acção do Comando da brigada de reserva na batalha foi, póde dizer-se, nula como a do Comando da divisão, o que era inevitável, dada a extensa frente porque ficaram dispersas as suas fracções.

A acção das suas tropas apresentou, pois, o mesmo característico de dispersão, isolamento e individualismo que a da maior parte das unidades de 1.<sup>a</sup> linha.

Por outro lado o desconhecimento dos itinerários e dos postos da VILLAGE LINE ocasionou males irreparáveis. A dispersão de fracções que se perderam, desorientadas, a dificuldade de ligações e so-

bretudo as hesitações e demoras durante a marcha, fizeram com que a VILLAGE LINE não chegasse a ser ocupada, tendo a quasi totalidade das fracções ficando pelos postos da Linha do Corpo, onde foram já encontrar as forças inglesas, que tinham por missão cobrir nesta Linha o desenvolvimento das reservas.

No entanto, a-pesar das más circunstâncias em que se desenvolveu a sua acção, vimos como algumas fracções desta brigada, com especialidade duas companhias do 14 e todas as companhias do 15, souberam manter-se com determinação na situação em que se encontraram, nas posições onde o acaso as tinha conduzido, resistindo heroicamente. (1)

(1) Mapa da acção da 3.ª B. I. na batalha:

UNIDADES	Mortos			Feridos			Desaparecidos			Total das baixas			TOTAL
	Officiais	Sargentos	Outras praças	Officiais	Sargentos	Outras praças	Officiais	Sargentos	Outras praças	Officiais	Sargentos	Outras praças	
Inf. 9.....	—	—	—	3	—	—	1	—	14	4	—	14	18
Inf. 12.....	—	—	2	—	—	11	—	2	16	—	2	29	31
Inf. 14.....	—	2	11	1	1	25	1	8	80	2	11	116	129
Inf. 15.....	—	2	6	—	—	14	12	9	202	12	11	222	245
Total na 3.ª B. I.	—	4	19	4	1	50	14	19	312	18	24	381	423

Estes dados foram-nos fornecidos pouco depois da batalha, em 15, pelo então capitão Utra Machado, adjunto do Comando.

## CAPÍTULO X

### A retirada.

- 1.º — De Lestrem para Calonne-sur la Lys.
- 2.º — Em Calonne-sur la Lys. As últimas tentativas.
- 3.º — Em marcha para a região de Samer.



1.º — De Lestrem para Calonne-sur la Lys.

Conforme o que deixamos dito no capítulo V e seguintes, o inimigo, tendo lançado a sua infantaria ao ataque ás 8 h. e 45 m., às 10 h. estava senhor das três linhas, "A", "B", e "C", do sistema frontal da defesa e pelas 12 h., hora a que o Comando da 2.ª Divisão portuguesa retirava de Lestrem para Calonne, ultrapassava já a VILLAGE LINE em toda a frente do nosso sector divisional e encostava ao curso do Lys no sector da 40.ª Divisão britânica.

Aniquiladas já todas as tropas de 1.ª linha, a resistência ao inimigo concentrava-se àquela hora nalguns postos da *Linha do Corpo*: LACOUTURE, HUIT MAISONS, LE MARAIS, etc, onde as tropas de cavalaria e ciclistas do XI Corpo conjuntamente com fracções portuguesas das unidades de reserva puderam deter por algumas horas o avanço alemão e cobrir o desenvolvimento das reservas do Corpo.

Era uma ligeiríssima cortina de tropas por detrás da qual e junto á Lawe a 50.ª e 51.ª Divisões tomaram posição para tapar o intervalo originado pelo aniquilamento da nossa divisão e direita da 40.ª.

A situação geral era embaraçosa, pois o Comando britânico não tinha àquela hora mais tropas disponíveis no sector atacado para reforçar a linha de batalha e contava que os restos da nossa divisão pudessem ainda, depois de reorganizados, sustentar-se na linha da Lawe entre as 50.ª e 51.ª Divisões.

Pelo que ao Comandó português respeitava, dissemos já (cap. V) que se trasladára para Calonne na convicção de poder prolongar ainda a resistência.

Supunham-se já aniquiladas as unidades de 1.<sup>a</sup> linha, mas ainda se não fazia ideia exacta da extrema gravidade da situação, ignorando-se que a Brigada de Reserva estava do mesmo modo inutilizada já. Quando o Comandante da 3.<sup>a</sup> B. I. chegou a Lestrem, à hora a que o Comando da Divisão ia retirar para Calonne, foi-lhe determinado que procurasse manter as suas tropas na VILLAGE LINE, quando, em verdade, a 3.<sup>a</sup> B. I. não tinha chegado mesmo a guarnecer aquela Linha e praticamente tinha cessado de existir como unidade de batalha, desde que os seus batalhões se perderam na marcha para os postos que lhe haviam sido assignados, e que o seu Comando se encontrava impossibilitado de se ligar com as várias fracções dispersas.

Isto evidencia no entanto que o Comando da divisão desejava que as tropas portuguesas continuassem na frente de batalha o mais tempo possível, até ao extremo limite das suas forças. A coberto da resistência das fracções da Brigada de Reserva e com a entrada em linha das 50.<sup>a</sup> e 51.<sup>a</sup> Divisões, esperava ainda, concentrando os que retiravam da frente e juntando-lhes os elementos aproveitáveis das tropas da retaguarda, poder organizar um núcleo de resistência que prolongasse o esforço da divisão portuguesa ainda que numa frente de combate mais restrita.

Para êsse efeito foram incumbidos oficiais do Q. G. da divisão de procurar deter e reagrupar, para resistir na linha Lestrem-Beaupré, os soldados portugueses que retirassem, enquanto os parques de viaturas eram encaminhados sôbre Calonne para fóra da zona de batalha.

Esta operação era difficil, pois que juntamente com as viaturas se escapavam muitos fugitivos. Mas era essencial fazer-se esta separação, para diminuir a con-

fusão que já começava a notar-se, para reorganizar núcleos de tropas que pudessem voltar a combater, ou pelo menos para evitar a debandada.

No desempenho desta missão fizeram os maiores esforços alguns oficiais da Missão Britânica e o tenente-coronel de Infantaria António Maria Baptista e major do Estado Maior da divisão Cesário Viana, que à saída de Lestrem para Calonne perderam o seu tempo a congregar e reanimar os fugitivos, para os fazer voltar ao combate.

Foi de todo em todo impossível a uns e outros conseguir alguma coisa. A nossa gente retirava completamente desmoralizada e contaminada pelo terror. Para a grande maioria era a primeira vez que tinham verdadeiramente entrado em combate. Nunca tinham visto nem sonhado a guerra assim. Ao pé daquilo os "*raids*" e combates de patrulhas dos outros tempos deviam-lhes parecer brincadeiras de creanças. Aqueles mesmos, que o terror não contaminára, dominava-os o sentimento da nossa fraqueza e inferioridade no meio daquela furiosa tempestade—como pigmeus, que se tivessem entremetido em luta de gigantes.

Para cúmulo de pouca sorte e por efeito da surpresa do ataque, não se tinha mandado proceder com a antecedência conveniente à evacuação dos habitantes civis. E a retirada dêstes, com a urgencia que as circunstâncias impunham, imprimiu em plena batalha um aspecto de desordem e debandada que mais contribuiu para aumentar a desmoralização dos nossos soldados que pela primeira vez presenciavam aquele estranho e deprimente espectáculo — longos formigueiros humanos seguindo para a retaguarda pelas estradas pejadas de viaturas, como rebanhos açoutados pelo vendaval.

E a tempestade aproximava-se. O bombardeamento

tinha abrandado bastante, mas o fogo de fuzilaria sentia-se cada vez mais distinto, indício certo de que a batalha progredia e o inimigo avançava seguramente.

Pelas 12 h. e 30 m. o Sr. General Gomes da Costa saía de Lestrem acompanhado do Chefe do Estado Maior, major Vitorino Godinho, recebendo os Chefes das Repartições e dos Serviços divisionários e restante pessoal do Comando ordem verbal para arranjar os arquivos e sair também para Calonne-sur-la Lys.

Ao mesmo tempo o major Glover, Chefe da Missão Britânica na 2.<sup>a</sup> Divisão, enviava o capitão Sellers ao Comando da artilharia pesada do Corpo, em Fosse, e à 152.<sup>a</sup> Brigada (da 5.<sup>a</sup> Div.), cêrca de La Gorgue para informar os respectivos Comandos da transferência do Q. G. da divisão portuguesa para Calonne.

Esta transferência do Comando não implicava a retirada das nossas tropas. *Não foi dada ordem de retirada á Divisão*, diz o Chefe do Estado Maior no seu relatório. As tropas portuguesas sacrificaram-se até à última, para que estritamente se cumprisse a ordem do Sr. Tenente General Haking. Àquela hora as brigadas de 1.<sup>a</sup> linha tinham já acabado na defesa da *Linha "B"*; mas cumpria que as tropas de 2.<sup>a</sup> linha fizessem idêntico sacrifício. Nesta ordem de ideias foi que se ordenára ao Comando da 3.<sup>a</sup> B. I. resistência até à última e se tentava agora reagrupar em Lestrem e reconduzir ao fogo os fugitivos da frente.

Vimos já como era bem praticamente impossível fazer chegar qualquer comunicação às diferentes fracções da 3.<sup>a</sup> Brigada, àquela hora já em debandada algumas, dispersas, isoladas e perdidas as restantes naquela imensa planície em que a batalha rugia.

Pelas 13 horas o major Glover, ainda em Lestrem,

recebia uma ordem do XI Corpo, para que a Divisão portuguesa defendesse a todo o custo a linha da Lawe.

A situação era em realidade gravíssima, Sobre a 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa impendia àquela hora uma responsabilidade enorme.

Detrás de nós ainda o Comando britânico não tinha tido literalmente tempo de concentrar mais divisões. Desse o inimigo um repelão mais forte, executasse com mais decisão os seus ataques, obtivesse pelos seus aeroplanos (e o dia tinha-se tornado magnífico, desfeita a bruma da manhã) um conhecimento exacto da situação e tudo estaria perdido talvez, porque veria que não tinha diante de si mais que um ligeiro cordão de tropas.

O nosso Comando teve conhecimento daquela ordem já em Calonne, sendo ali ao mesmo tempo informado da impossibilidade de reorganizar os restos da divisão na linha da Lawe.

Reconheceu-se que só numa posição mais à retaguarda essa tentativa podia ter probabilidades de êxito.

Infelizmente a divisão portuguesa, exausta e desmoralizada, não estava em condições de poder continuar na frente de batalha. Os nossos homens, que àquela hora iam a caminho de Merville e de Calonne, não constituíam já uma tropa no verdadeiro sentido do termo. Eram uma multidão desconexa, desordenada, de fugitivos isolados, de unidades sem coesão, de grupos sem comando, de mistura com as viaturas dos escalões, — elementos inúteis de uma tropa, onde desaparecera o moral e a disciplina, se perdera a energia e a força de vontade.

Com êles era impossível fazer coisa alguma; nem na linha da Lawe, como o Comando do XI Corpo ordenára, nem em outra qualquer linha à retaguarda,

como ao depois em Calonne de novo o nosso Comando tentou. A retirada começava a tomar já aspectos de debandada.

E se lá na frente de batalha, a embargar o passo ao inimigo, ainda havia a essa hora de mistura com os batalhões ingleses pequenos núcleos das nossas tropas de reserva, que pelo dia adiante prolongaram o esforço português, enobrecendo com o seu heroísmo o nome de Portugal, pode no entanto dizer-se que pelas 13 horas a 2.<sup>a</sup> Divisão, literalmente desorganizada e quasi absolutamente inutilizada, cessára praticamente de tomar parte na batalha. A honra de defender a linha da Lawe ia caber já sómente a tropas britânicas. (1)

---

(1) Se desde o começo tivéssemos tido as duas divisões do C. E. P. dispostas não linearmente, mas em profundidade com a consequente rendição periódica da divisão em primeira linha, o esforço português ter-se-ia prolongado nesta batalha durante mais que um breve meio-dia, porque a 1.<sup>a</sup> Divisão teria ido logo substituir ou apoiar a 2.<sup>a</sup>. Mas, inutilizada por uma demasiada permanência na linha, a 1.<sup>a</sup> Divisão tinha sido enviada lá para a zona da retaguarda, afim de descansar e se reorganizar. Estava áquella data lá longe, em Desvres, a algumas dezenas de quilómetros da frente, impossibilitada de socorrer a divisão irmã ou de a substituir, para que o exército português, não deixasse de continuar a ser representado na frente de batalha e não desse ao mundo a impressão de que algumas horas de fogo, apenas, tinham bastado para inutilizar todo o C. E. P.!

Foi uma falta grave, de que são responsáveis aqueles que a todo o custo quizeram, no proposito vão de que fosse maior o sector português, dispôr em primeira linha as duas únicas divisões que tínhamos em França, sem possibilidade de as reforçar ou renovar.

---

2.º — Em Calonne-sur la Lys. As últimas tentativas.

Apenas chegado a Calonne, o Comando da divisão procurou desde logo pôr alguma ordem nos grupos que allí convergiam em retirada e formar núcleos de tropas, que pudessem ser reconduzidos à batalha.

Pôde então fazer ideia justa e precisa da envergadura e violência do ataque e do estado de desmoralização da nossa gente.

Grupos de soldados chegavam a cada momento, vindos de La Gorgue, de Lestrem e dos lados de Vieille Chapelle; outros, tomando em Estaires a estrada de Merville, iam directamente sôbre St. Venant.

Palmilhámos também com êles a estrada que de Lestrem conduz a Calonne por Paradis e nunca pela vida fóra, por mais velhos que cheguemos a ser, se nos apagará da lembrança o espectáculo desolador e deprimente daqueles formigueiros de gente, que fugiam ao açoute da batalha: destroços de tropas, fragmentos dispersos de todas as unidades e formações da divisão, soldados desenquadrados, desarmados na sua maior parte, automóveis e viaturas entremeadas de carroças dos habitantes em fuga ajoujadas de trouxas e fardos, triste procissão de vencidos, vergados sob o peso da imensa dor daquele trágico dia. Velhos, mulheres e crianças, mistura informe de vítimas da guerra, supplicavam aos nossos um lugar nos carros, porque já não se podiam arrastar.

A artilharia inimiga de longo alcance, procurando com os seus projecteis as estradas da retaguarda, fustigava estas intermináveis colunas de fugitivos, marcando-lhes a sangue o itinerário. Sobretudo para os

lados de Merville, ao longo do caminho de ferro, as explosões sucediam-se com curtos intervalos.

Lá para trás a batalha continuava a rugir num rolamento continuo de sucessivas e indistintas explosões.

Os primeiros fugitivos eram na sua maior parte elementos dos trens regimentais, escalões e formações de 2.<sup>a</sup> linha.

Os escapados das primeiras linhas começaram depois a aparecer, isolados ou aos grupos. Distinguiam-se bem daquel'outros pelo seu todo desalinhado e sujo, pelo ar espavorido, pelo aspecto fatigado de quem tinha atravessado trabalhos e a custo escapado á morte.

Contavam horrores, a que tinham assistido; relatavam heroicidades dos que por lá tinham ficado. Por êles conhecemos os primeiros pormenores da tragédia: unidades completamente aniquiladas, batalhões inteiros de que nada se sabia, nomes de amigos e conhecidos que não voltariam, prostrados uns, ignorados de outros o fim que a sorte lhes havia destinado.

Encontrámos, antes de chegar a Calonne, o capitão Dartford da Missão Britânica, que fazia serviço junto do Comando da 4.<sup>a</sup> B. I., e mal o reconhecemos de tão desfigurado que vinha, a pele do rosto alterada, coberta de manchas de um tom amarelo-torrado, queimada como se tivesse atravessado a labareda de um incêndio. Por êle soubemos da intensidade do bombardeamento sôbre Lavantie, do heroismo com que as tropas da "Brigada do Minho" tinham defendido as trincheiras e do trágico fim do Quartel General.

A custo e como por milagre êle estava ali, dando com mortos, esmagados sob os escômbros, o Comandante da brigada e restantes oficiais que com êle estavam ainda, tão difficil lhe parecia o terem escapado.

Era pois com esta massa de gente, a maior parte sem armas e sem quadros, verdadeira multidão inorgânica, como que embrutecida e tornada inerte pela violência da batalha, que o Comando queria improvisar unidades, que pudessem voltar para a linha de fogo!

Na estrada, à entrada da povoação, iam-se aglomerando em desordem, como rebanho em torno do pastor, os grupos que vinham da frente. Em pouco tempo se encheu de soldados aquela rua ladeada de casinhas térreas, feitas de tijolo, por onde se entrava em Calonne, numa das quais se instalara o Comando da divisão.

As viaturas, sem disciplina, procurando tomar a dianteira umas às outras, atravancavam a estrada e embarçavam o trânsito. Querendo pôr alguma ordem naquela desordem, que ameaçava tornar-se inextricável e perigosa, o Comando fez escoar as viaturas em direcção a St. Venant, enquanto nos terrenos adjacentes à estrada se procurava organizar a massa de fugitivos, que ali convergia a cada instante. De tudo se apurou ainda um núcleo de cerca de 200 homens de infantaria, que tinham espingardas.

Trabalho baldado. Uma granada, caindo perto, fez debandar este grupo, que dispersou em várias direcções.

Em vista disto o nosso Comando resolveu continuar a retirar sobre St. Venant, enviando ao Comando do XI Corpo a seguinte comunicação:

“Não é possível reunir, das tropas que retiram, quaisquer unidades que possam utilizar-se hoje convenientemente.

“Não sendo prudente deixar acumular tantas tropas na estrada e povoação de Calonne, que estão sendo bombardeadas, tomei a deliberação de deixar esgotar a coluna na direcção de St. Venant, afim de permitir que mais à retaguarda estas tropas se reorganizem.”

Eram cêrca de 13 h. e 30 m.

Em boa verdade a artilharia inimiga não parecia visar com insistência a povoação de Calonne, mas antes o caminho de ferro que alí passava perto.

Mas, se aquele projectil tinha bastado para exaltar os nervos deprimidos e fatigados dos nossos soldados, desde madrugada sujeitos ao mais temeroso fogo que se pode imaginar, causava arrepios o pensar que a artilharia inimiga podia bem fazer incidir sôbre a própria povoação de Calonne, àquela hora regorgitando de restos de uma divisão desorganizada, um bombardeamento intenso de projecteis de grande calibre, como o estava então executando sôbre as estações de caminho de ferro e a povoação de Merville. Seria o desastre total.

Felizmente no céu, já então completamente limpo de nuvens, nem um só aeroplano inimigo aparecia a sondar a refaguada da linha de batalha e a denunciar o estado e a situação da nossa gente.

Foi logo depois de expedir aquela comunicação que o Comando recebeu a ordem telegráfica do XI Corpo, a que atrás nos referimos, expedida ainda para Lestrem, que mandava à divisão resistir na linha da Lawe. Dizia assim:

«A Divisão portuguesa deve manter-se a todo o custo. Todas as passagens da ribeira da Lawe devem ser defendidas. Reuna todos os homens que retiram a O. da Lawe, desembaraçando as estradas».

«A primeira parte da ordem», comenta o Chefe do Estado maior no seu relatório, «continuava a cumprir-se tanto quanto possível, pois se tinham dado ordens e instruções nesse sentido e não se deu ordem de retirada à divisão».

A situação da divisão era, no entanto, bem paradoxal. Teoricamente não retirava, pois que o Comando não dera ordem de retirada a ninguém; apenas transferira o seu Q. G. para a retaguarda no receio talvez de ver Lestrem cair em poder do inimigo, ou para adquirir maior liberdade de acção e poder deter e reorganizar os fugitivos. Mas, em verdade, praticamente todos tinham seguido o movimento do Q. G.; a retirada era um facto e cada vez se generalizava mais, à medida que as tropas iam tomando conhecimento da saída para Calonne do Comando da divisão. Apenas excépcionalmente ficaram na linha de batalha, até que lhes foi possível, misturadas com tropas da 51.ª Divisão as frações das unidades de reserva, a que no capítulo IX fizemos detalhada referência.

Quanto à segunda parte da ordem, tinha-se tentado executá-la já. Mas o que restava ali da 2.ª Divisão não estava em condições de ser utilizado.

A divisão, tendo tido desde o começo todas as forças empenhadas, não dispunha de reserva alguma para renovar a linha de combate e não era com elementos fugidos já do fogo, impressionados ainda pelo perigo, desmoralizados e enfraquecidos por tão intensa comoção, que se podia tentar fazer de novo e com algum êxito frente ao inimigo.

Das unidades de infantaria havia apenas destroços inorgânicos, que não podiam ser utilizados.

Da artilharia divisionária apenas a 2.ª Bateria do 2.º G. B. A. conseguira salvar o seu material.

Como obedecer pois à ordem do XI Corpo?

Como fazer o milagre de reorganizar de um momento para o outro uma divisão, senão materialmente de todo esgotada, pelo menos moralmente aniquilada?

Entretanto apareceu ali, vindo de St. Venant, o

General Ker, chefe da Missão Britânica junto do C. E. P.

Encontrámo-lo à porta da casa do "Town Major" de Calonne, olhando hirto, impassível, quasi risonho, o espectáculo triste, que àquela hora nas ruas da povoação apresentavam os restos da nossa pobre divisão.

De trás dos óculos de aro de ouro que usava, os seus olhos vivos, espertos, tinham reflexos dúbios, que com o seu indecifrável e fleugmático sorriso, tanto podiam significar ironia e desprezo, como caridade e compaixão.

Custou-nos vê-lo então, confessamos. Sempre era o *strangeiro* a presenciar-nos sob o vexame da derrota.

Na conferência, que logo ali se realisou numa das salas da casa do "Town Major," entre êle e o nosso Comando, acordou-se na maneira de cumprir a ordem do XI Corpo na medida das possibilidades.

Fazer voltar aqueles soldados para a linha da Lawe aligurou-se uma impossibilidade absoluta. Os soldados, que se pudessem congregiar, poderiam quando muito ocupar uma situação de reserva à retaguarda da Lawe.

Em harmonia com isto fomos nós encarregados, juntamente com dois officiaes britânicos, de proceder ao reconhecimento de uma posição defensiva em Le Gd. Pacaut junto à bifurcação da estrada para Calonne e Merville. Eram proxivamente 3 h. da tarde.

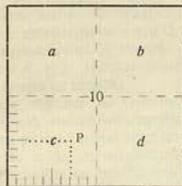
Havia ali uns elementos de trincheiras, restos de um antigo campo de instrução, que resolvemos aproveitar e onde depois de um rápido reconhecimento assentámos na linha a ocupar e nas posições a guarnecer com metralhadoras.

Por outro lado ao C. A. D. era ordenada a utilização da 2.<sup>a</sup> Bateria do 2.<sup>o</sup> G. B. A., a única que conseguira salvar o material. Nêste sentido foi mandada re-

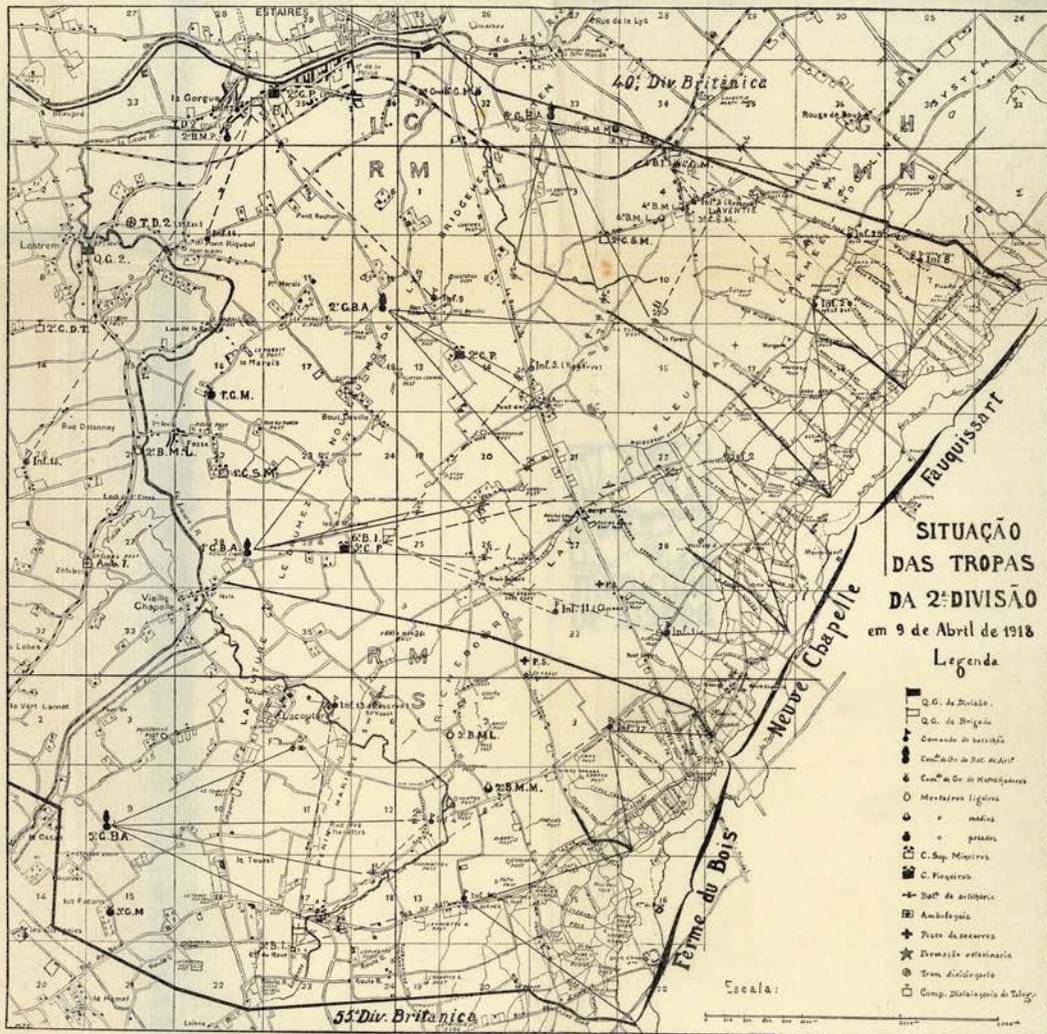
**Nota:**

Para a referencia do terreno as cartas inglesas da frente eram quadrículas. Os quadrados em que esta carta está dividida, numerados até 36 dentro de cada retângulo marcado com maiúsculas, eram por sua vez divididos em quatro quadrados designados *a, b, c, d*, que nesta carta não vão indicados para não complicar o desenho, assim como pela mesma razão também se não numeraram alguns quadrados.

A referencia de pontos do terreno faz-se por coordenadas, supondo-se os lados destes pequenos quadrados, *a, b, c, d*, divididos em 10 ou 100 partes, conforme o grau de precisão requerido, lendo-se primeiro a coordenada horizontal. Assim M.10. c. 70. 50 representaria o ponto P no quadrado M. 10. :



— No desenho faltou a Wellington Road em R. 30., M. 25. e 26., junto de Les 8 Maisons, onde era o Q. G. da 6.ª B. I.



conhecer uma posição junto a Zelobes e depois de uma outra cêrca da igreja de Paradis, por se reconhecer a impossibilidade de ocupar a primeira, visto o cruzamento de Zelobes estar sendo muito bombardeado.

Entretanto o Sr. Comandante do XI Corpo chegava êle próprio a Calonne, onde pôde verificar com os seus olhos a exactidão do comunicado que lhe fôra mandado sôbre o estado da nossa divisão.

Na conferência que teve com o Sr. General Gomes da Costa não insistiu na ordem de ocupação da linha da Lawe e antes ordenou que o Q. G. e os restos da divisão seguissem para St. Venant.

Pelas 4 h. a 2.<sup>a</sup> Divisão abandonava definitivamente o campo de batalha.

Quando voltámos do reconhecimento que nos fôra ordenado, encontrámos na estrada a caminho da frente uma pequena coluna de cêrca de umas 150 praças, quando muito, comandadas pelo capitão de morteiros Alfredo Ribeiro Ferreira, cujo brio e energia todos no C. E. P. conhecíamos.

Era o resultado de todo o esforço que se havia feito para fazer voltar o nossos soldados para a frente.

Marchavam tristes, cabisbaixos, mas firmes e decididos aqueles soldados de Portugal que íam de novo ao encontro da morte, decididos a salvar pelo seu sacrifício heroico a honra de todos os que para trás ficavam dispersos, olhando sofregamente o caminho da retaguarda.

Com os dois officiais ingleses, que nos acompanhavam, saudámos aquele heroismo silencioso e ficámos-nos um pouco na estrada, pasmados, a vê-los desfilar no andar vagaroso, mas firme, do nosso infante.

Junto de nós passou depois a correr o capitão Sellers da Missão Britânica em direcção ao pequeno grupo que seguia com o capitão Ferreira.

Desconhecíamos ainda que a 2.<sup>a</sup> Divisão tinha recebido ordem de continuar a marcha sôbre St. Venant, tendo o Q. G. partido já.

Efectivamente, ao entrarmos em Calonne, encontramos a povoação silenciosa, as ruas desertas, as casas abandonadas. Toda a multidão de tropas, que ali se tinha juntado, se havia escoado já para St. Venant em seguimento do Quartel General.

¿Mas que destino tinha então aquele grupo de soldados, que o capitão Ferreira conduzia? Decifrou-nos o enigma o mesmo capitão Sellers, que voltando para trás nos pediu que em nome do General puzessemos a nossa assinatura num pequeno papel, que desdrobou diante de nós e que era uma ordem em inglês, em que o Chefe da Missão lhe ordenava que fizesse seguir em direcção a St. Venant todos os grupos de portugueses.

O capitão Ferreira recusara-se a obedecer-lhe, teimando num acto de compreensível desespero e honroso brio em voltar com os soldados portugueses, que o quizessem seguir, para a frente de batalha. Convencido, mas triste e oprimido pela humilhação da retirada, voltou para trás a caminho de St. Venant.

Para trás de nós, lá para os lados de Lestrem e La Gorgue, a batalha continuava. Pela estrada de Calonne começavam a ver-se passar para os hospitais da retaguarda escoceses feridos. Outros soldados que não os portugueses combatiam agora naquele campo que os nossos por tanto tempo tinham defendido com o seu sangue.

Na direita do que tinha sido o sector português entrara em fogo a 51.<sup>a</sup> Divisão, guarnecendo a linha da Lawe à retaguarda de Vieille Chapelle, desde a ponte de Fosse, inclusivé, até proximo de Locon.

Cêrca do meio dia tomava já posição detrás da

Lawe a sua primeira brigada (a 152.<sup>a</sup> I. B.) e pelas 13 h. 40 m. entrava nova brigada em fogo enquanto a restante, segundo comunicava a esta mesma hora o Comando do XI Corpo à nossa divisão, se estabelecia na área ao S. de Calonne, na linha *Cornet Malot-Pacaut-Rue des Vaches*, como reserva.

Na nossa esquerda tinha entrado em linha, como atrás vimos, a 50.<sup>a</sup> Divisão. Dela se receberam já em Calonne as seguintes comunicações.

*A's 14 h. 30 m.* — "A 151.<sup>a</sup> Brigada defende e garante os postos desde BOUT DEVILLE até COCKSHY POST. Ultimamente está sendo atacada de Lavantie. A 50.<sup>a</sup> Divisão garante também as passagens do rio Lawe a N. de Fosse, exclusivé, até á ponte improvisada em G. 16. b. Considerável número de soldados portugueses dispersos estão passando por Estaires. Queira a Divisão portuguesa tomar qualquer medida a esse respeito." — 50.<sup>a</sup> Div.

*A's 14 h. 30 m.* — "Não ha informações da 150.<sup>a</sup> Brigada a E. de Estaires, mas a 151.<sup>a</sup> Brigada informa que o inimigo se está aproximando de Le Nouveu Monde e fazendo fogo para o outro lado do rio.

É provável que a 150.<sup>a</sup> Brigada não tenha podido alcançar o rio e garneça uma linha a O. dele. No caso do inimigo passar o rio, a 149.<sup>a</sup> Brigada menos um batalhão tem ordem para contra-atacar imediatamente." — 50.<sup>a</sup> Div.

Com o aniquilamento da direita do 40.<sup>a</sup> Divisão a 50.<sup>a</sup>, que a princípio dispuzera em linha apenas a 151.<sup>a</sup> Brigada para sustar o inimigo que atacava de Lavantie, e um batalhão da 149.<sup>a</sup>, garantendo a Lawe entre Pont Riqueul e Fosse, estendia assim a sua frente mais para o N. com a 150.<sup>a</sup> Brigada.

---

### 3.º — Em marcha para a região de Samer.

A 2.ª Divisão portuguesa, abandonando Calonne e saindo da zona de batalha, deixava de pertencer ao XI Corpo, para ficar directamente subordinada ao 1.º Exército em cuja zona de retaguarda ía entrar.

Começou então para ela a verdadeira retirada, aquela longa, angustiada e deprimente marcha pela comprida estrada de Desvres.

Á tardinha St. Venant encontrava-se já repleta de fugitivos, que alí convergiam pelas duas estradas de Merville e de Calonne.

Á entrada, junto à ponte, alguns oficiais do Estado Maior recebiam os que chegavam, procurando reconstituir as unidades e dando indicações.

Ficariamos alí para reorganizar a divisão?

Assim constou de princípio, tratando cada um logo de procurar onde comer. Para quási todos foi esta a primeira refeição daquele dia.

A-pesar-de estar a cêrca de 20 quilómetros da frente, St. Venant não fôra poupada pela artilharia alemã. Logo de madrugada começara a ser bombardeada e de então em diante não deixaram de cair com intervalos maiores ou menores granadas de grossa artilharia sôbre a cidade. A estação de caminho de ferro era principalmente visada.

Poucas horas, nos demorámos alí. Ao cair da tarde a divisão recebia ordem do 1.º Exército para ir estacionar na área Isbergues — Malinghem — Lambres — Guarbecques, Q. G. em Lambres. O Comando inglês chegara ao conhecimento claro de que a nossa divisão estava inutilizada e incapaz de combater.

O que foi aquela marcha feita de noite, uma noite escuríssima, com as unidades desorganizadas depois das extenuantes sensações daquele dia, só os que a viram o podem representar. Estando ainda bastante dispersos os vários elementos de cada unidade, pode imaginar-se como foi difícil indicar-lhes os estacionamentos e os itinerários a seguir numa região que desconheciam.

No dia seguinte, 10 de Abril, o Comando da divisão fez percorrer por oficiais do Quartel General a zona de estacionamento e a estrada de marcha do dia anterior, afim de encaminhar os perdidos e retardatários para os respectivos acantonamentos e reorganizar as unidades e formações da divisão.

As brigadas de infantaria, sobretudo as 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup>, estavam reduzidíssimas. Os grupos de artilharia e metralhadoras apresentavam-se também muito dizimados. No entanto não se podiam ainda calcular as perdas, porque muitos andavam ainda perdidos das suas unidades. Tinham passado a noite em qualquer parte, onde o sono os havia forçado a parar, e agora andavam errantes de povoação em povoação, procurando os seus camaradas. Aos grupos ou isolados vagueavam ao acaso, sem destino, sem outra orientação, senão a oposta ao ruído da batalha, que ainda se ouvia distintamente. Sabiam apenas que retiravam e que iam para a retaguarda, lá para trás, para longe dos perigos e dos trabalhos das trincheiras.

Quási todos lá tinham deixado tudo, desde a espingarda à saquinha de riscado, onde escondiam entre a roupa as cartas e as recordações da familia. Muitos apenas salvaram a manta em que se embrulhavam e que agora traziam ao ombro ou pendurada de um cajado, hábito da vida de campo que agora, dada a falta

da espingarda, voltava com a maior naturalidade na sensação agradável de terem já acabado a vida de soldado.

Sabia-se que eram soldados pelo uniforme que traziam. E se não fôsse o seu ar-deprimido de vencidos e o aspecto miserando do seu trajar dir-se-hia que regressavam aos seus lares já licenciados e libertos.

No dia 10 foi a divisão estacionar na área de Thérrouanne, naquela mesma região, donde meses antes tínhamos saído alegremente para as trincheiras.

Não terminou ali a nossa peregrinação. Inutilizada moral e materialmente para o combate, mandavam-na seguir para a área de Samer que tinha sido atribuída ao C. E. P. para descanso e reorganização.

Em 11 foi estacionar em volta de Le Maisnil sôbre a estrada Thérrouanne-Ouve Wirquin-Desvres. A marcha pôde já organizar-se neste dia com mais disciplina e ordem. Os retardatários e perdidos tinham-se reunido às respectivas unidades e estas, já reformadas, puderam tomar o seu lugar na coluna à hora marcada e no ponto inicial designado.

Como era triste vêr êste longo desfilar de vencidos, muitos sem armas nem equipamentos, descendo e subindo vagarosamente as rampas arredondadas da estrada, que em extensa linha quási rectilínea atravessa de Ouve-Wirquin a Desvres aquele planalto ligeiramente ondulado sob os olhares dos habitantes da região que comentavam por vezes com palavras injustas o desastre, de que tínhamos sido vítimas, mas de que nós, soldados, não tínhamos culpa afinal!

Não era nossa culpa se a 1.<sup>a</sup> Divisão estava ali em Desvres, sem ter tomado parte na batalha e infelizmente em estado moral de não poder ir tomar o lugar da 2.<sup>a</sup>, para que nunca deixasse de haver tropas portuguesas na linha e para que nunca se dísse-

se que depois de doze horas de fogo os portugueses tinham sido postos fora de combate. A responsabilidade pertence *àqueles que a todo o custo impuzeram o dispositivo linear às divisões do C. E. P.*

Quando na manhã de 12 fomos por ordem do Comando reconhecer a região de Cormon, ao S. de Samer, que tinha sido distribuída à divisão para área de estacionamento, deparamos na estrada à entrada de Desvres com um pequeno grupo de soldados, todos sujos e enlameados, mas armados e equipados, ar fatigado e humilde, mas aspecto correcto e digno, de quem sentia a consciência do Dever bem cumprido.

Interrogámo-los, admirados de os encontrar ali, ainda perdidos da sua unidade, tendo-se adiantado às tropas da divisão.

Pertenciam ao 13, comandava-os o capitão Magno e eram os que restavam daqueles que tinham saído de Lacouture, para vir depois combater junto do canal da Lawe juntamente com os escoceses da 51.<sup>a</sup> Divisão.

Tinham saído da linha apenas no dia anterior, à tardinha, depois de dois dias e duas noites de rijo combater. Um camion inglês os conduzira durante a noite até perto de Desvres, para onde se dirigiam, por saberem que estavam ali tropas portuguesas e ignorarem a situação da divisão.

Desconhecíamos ainda o que se tinha passado na batalha, mas andavam já de boca em boca as acções cheias de heroísmo de Red House e de Lacouture e contavam-se com mil variantes actos de bravura dos que lá tinham ficado e os vários episódios da batalha.

O que porêm ninguém sabia ainda, nem se podia calcular, era que núcleos, ainda que pequenos, de soldados portugueses tivessem permanecido na linha de fogo ainda depois do dia 9, todo o dia 10 e parte de 11,

saindo da linha já quando a divisão estava em plena retirada a mais de 40 quilómetros da frente!

Ao cair da tarde de 12 a divisão chegava enfim à área do seu estacionamento definitivo. O Quartel General instalou-se durante alguns dias em Cormon, tendo ao depois mudado para Frencq. As tropas foram distribuídas pelas povoações da zona demarcada.

Pôde então fazer-se o computo aproximado das perdas. De cêrca de 700 oficiais e 20000 praças, que compunham o efectivo da 2.<sup>a</sup> Divisão portuguesa reforçada com a 3.<sup>a</sup> B. I., restavam aproximadamente 400 oficiais e 13400 praças.

De entre os oficiais tinham lá ficado prisioneiros os três Comandantes das brigadas de 1.<sup>a</sup> linha.

A 2.<sup>a</sup> Divisão estava de facto aniquilada pelo menos moralmente a ponto tal que não pôde mais levantar-se. Tempo depois era transferida para a Base do C. E. P., indo acabar de dissolver-se nos areais de Ambleteuse a infeliz 2.<sup>a</sup> Divisão que havia pouco mais de um ano nascera, entre mil dificuldades já, no vale risonho de Fauquembergues.

Pela primeira vez os nossos soldados tinham entrado numa grande batalha, porventura uma das mais temerosas que depois de Verdun houve na frente ocidental pela intensidade do bombardeamento, pela massa enorme de artilharia empregada pelo inimigo.

Foi a primeira vez e a única. O fogo que batisára a infeliz pobre 2.<sup>a</sup> Divisão causára-lhe também a morte.

As causas do desastre? Deixámo-las já no decorrer destas paginas suficientemente evidenciadas, para podermos justificadamente transcrever aqui como conclusão as palavras com que o Comandante da divisão, Sr. General Gomes Costa, terminava o seu relatório:

«Não culpo por isso os Comandos, que se não mostraram à altura da sua missão, porque para ela não estavam preparados ;

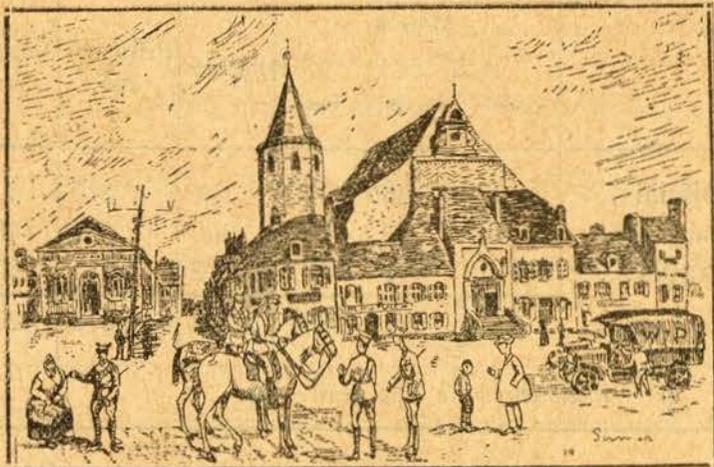
Não culpo a 3.<sup>a</sup> Brigada, por não ter ocupado a tempo a VILLAGE LINE, por isso que não tiveram tempo sequer de a reconhecer; não culpo os soldados que não tinham preparação suficiente para uma guerra desta ordem.

Se ha culpas neste desastre provêem de faltas de organização, faltas que se pagam sempre caras em tempo de guerra.

A 2.<sup>a</sup> Divisão pagou, e caro, culpas que não tinha.

A 2.<sup>a</sup> Divisão não pôde vencer, mas bateu-se no geral com bravura.

«Não se lhe deve querer mal.»



Samer

Perdas da 2.<sup>a</sup> Divisão na batalha :

	Mortos	Prisioneiros	Total
Oficiais.....	30	270	300
Sargentos.....	33	6.315	6.899
Praças.....	551		
Total.....	614	6.585	7.199

Perdas por morte na situação de pri-	} Oficiais... 7
sioneiros.....	

Mapa geral das perdas do C. E. P.

(Efectivo mobilizado — 55.165 h.)

	Mortos			Feridos	Prisionei- ros	Incapa- zes
	Combate	Doença	Total			
Oficiais....	50	28	78	256	270	439
Sargentos..	75	32	107	296	367	487
Praças.....	1.511	591	2.102	4.672	6.041	6.353
Total....	1.636	691	2.287	5.224	(a) 6.678	7.279

(a) — Prisioneiros até 9 de Abril — 93.

Estas indicações foram-nos fornecidas pela Direcção dos Serviços de Estatística do C. E. P. em 19 de Julho de 1923.

---

## Epílogo

Estivémos sempre na 2.<sup>a</sup> Divisão, desde que ela se organizou em Fauquembergues até que se desfez nos areais de Ambleteuse.

Com ela vivemos a tragédia dolorosa de 9 de Abril.

De tudo o que nêsse espaço de tempo vimos e aprendemos, uma impressão nos ficou que domina todas as outras: — vítima de misteriosas maquinações políticas, sentindo bem que aquela guerra não era a *sua guerra*, o soldado do C. E. P., atirado para França sem saber *porquê*, nem *para quê*, foi por isso mesmo, mais admirável no ignorado sacrifício a que se submeteu, mais herói em defrontrar a Morte, obedecendo e servindo em plena humildade de espírito e coração.

No régimen da Providência o sacrifício dos justos e dos humildes parece ser necessário para contrabalançar e equilibrar os crimes dos grandes.

¿Terá sido suficiente a expiação sofrida?

Ignoramo-lo. Sabemos apenas que o humilde soldado de Portugal se sacrificou sem conto nem medida, para resgatar êrros que não eram dêle.

O 9 de Abril foi uma expiação, uma dolorosa expiação.

Nêsse desastre o nosso soldado foi apenas vítima, não foi culpado.

A História saberá atribuir-lhe a glória a que tem direito, absolvendo-o de culpas que não são dele.

A História dirá que a 2.<sup>a</sup> Divisão, a pobre 2.<sup>a</sup> Divisão, cumpriu como pôde o seu dever, que, desde o seu valente General até ao simples soldado, a 2.<sup>a</sup> Divisão não teve culpas no enorme desastre.

Erros que vinham de longe e do alto o causaram.  
*Não é, pois, a ela que se deve querer mal!*





# INDICE

	Pag.
Prefácio do Sr. General F. Tamagnini.....	V
Advertência do autor.....	XIII
<b>CAPÍTULO I—O C. E. P. até 9 de Abril de 1918</b>	
1.º — Como se constituiu o C. E. P.....	3
2.º — A 1.ª Divisão entra em linha.....	10
3.º — Concentração e preparação da 2.ª Divisão....	18
4.º — O C. E. P. garante um sector de Corpo e a 2.ª Divisão entra em 1.ª linha.....	29
5.º — A Convenção de Janeiro.....	33
6.º — A 1.ª Divisão retira da linha e a 2.ª Divisão garante toda a frente portuguesa.....	38
<b>CAPÍTULO II—As condições morais e materiais da 2.ª Divisão na véspera da batalha</b>	
1.º — A ordem de batalha da 2.ª Divisão em 9 de Abril de 1918.....	49
2.º — Efectivos da Divisão.....	52
3.º — Dispositivo da Divisão.....	58
4.º — Estado moral e físico das tropas. Causas e conseqüências.....	65
<b>CAPÍTULO III—O sector português</b>	
1.º — Ideia geral da organização defensiva da frente de batalha.....	105
2.º — Organização do sector português.....	113
3.º — A missão da Divisão e o Plano de Defesa do Sector.....	122
<b>CAPÍTULO IV—A situação</b>	
1.º — A atitude do inimigo até Abril de 1918.....	131
2.º — Nas vésperas da batalha.....	137
3.º — A ordem de rendição da 2.ª Divisão.....	149
4.º — Dispositivo alemão antes da batalha.....	154

CAPÍTULO V — *A batalha*

1.º — Dispositivo e plano do ataque.....	159
2.º — Síntese do ataque do dia 9.....	170
3.º — A 2.ª Divisão portuguesa.....	187

CAPÍTULO VI — *Sector I — FERME DU BOIS*

1.º — A 5.ª B. I. no sector de FERME DU BOIS....	209
2.º — A 5.ª B. I. na batalha.....	216
3.º — A artilharia do sector.....	227

CAPÍTULO VII — *Sector II — NEUVE CHAPPELLE*

1.º — O ataque na frente da 6.ª B. I.....	239
2.º — Acção da Reserva do sector.....	248
3.º — No posto de comando de Les 8 Maisons (Q. G. da 6.ª B. I.).....	254
4.º — A artilharia do sector....	259

CAPÍTULO VIII — *Sector II — FAUQUISSART*

1.º — A 4.ª B. I. no sector de FAUQUISSART.....	277
2.º — O ataque no S. S. I.....	280
3.º — O ataque no S. S. II.....	291
4.º — A acção do Apoio e da Reserva do sector.....	297
5.º — A resistencia na RED HOUSE.....	305
6.º — Em Lavantie. No Q. G. da Brigada.....	312
7.º — A última resistência.....	321
8.º — A artilharia do sector....	325

CAPÍTULO IX — *A acção da Reserva Divisória*

1.º — A marcha dos batalhões da 3.ª B. I. para os postos da VILLAGE LINE.....	335
2.º — Núcleos de resistência à retaguarda.....	345
3.º — Síntese da acção da Brigada de Reserva.....	384

CAPÍTULO X — *A retirada*

1.º — De Lestrem para Calonne-sur la Lys.....	389
2.º — Em Calonne-sur la Lys. As últimas tentativas..	395
3.º — Em marcha para a região de Samer.....	404
Mapa das perdas.....	410
Epílogo.....	411

---

## Obras consultadas.

### Nacionais :

- General Gomes da Costa* — A Batalha do Lys.  
*Eugénio Mardel* — A Brigada do Minho na Flandres.  
*Alexandre Malheiro* — Da Flandres ao Hanover e Mecklenburgo.  
*David Magno* — Livro da Guerra de Portugal na Flandres.  
*Assis Gonçalves* — Na Ceplândia.  
*Bento Roma* — Os portugueses nas trincheiras da Grande Guerra.  
*Mário de Campos* — Portugal na Quadrela Flamenga.  
*Costa Dias* — Flandres. Notas e impressões.  
*Mateus Moreno* — Sangue de Epopeia. A artilharia portuguesa na Flandres.  
*João Ninguem* — O 9 de Abril.  
*Basilio Teles* — O episódio militar de 9 de Abril.

### Estrangeiras :

- Fr. Immanuel* — Der Weltkrieg — 1914 bis 1919.  
*Conon Doyle* — The British Campaign in France and Flanders.  
*Sir Douglas Haig* — «Despatches».  
*Ludendorff* — Meine Kriegserinnerungen, 1914-1918.  
*Kriegsberichte aus dem Grossen Hauptquartier* — Heft 31.  
*F. von Bernhardi* — Deutschland's Heldenkampf, 1914-1918.

22 37,4

22 37,4

1 — 37,2

3 — 36,4

7 — 38,6

IMPRESSÃO DE 1924

Acabou de se imprimir este livro na Tipografia  
Lusitania, na Rua do Seculo, 50, em Lisboa,  
aos 30 de Abril de 1924, para a LUSITANIA  
EDITORIA, L.<sup>DA</sup>, Arco do Limoeiro, 17, 1.<sup>o</sup>,  
Lisboa